

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Programa de Pós-Graduação em Letras



Tese de Doutorado

**Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos
torcedores da dupla Bra-Pel**

Naiara Souza da Silva

Pelotas, 2019

NAIARA SOUZA DA SILVA

**Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos
torcedores da dupla Bra-Pel**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Aracy Graça Ernst

Pelotas, 2019

Naiara Souza da Silva

**Futebol e Ideologia: a língua e a tatuagem no discurso de sujeitos torcedores da
dupla Bra-Pel**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em
Letras, Área de concentração Linguística Aplicada, do programa de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 28 de junho de 2019

Banca examinadora:



Profa. Dra. ARACY GRAÇA ERNST

Orientadora/Presidente da banca

Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. JANAÍNA CARDOSO BRUM

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. LUIZ CARLOS RIGO

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. LUIZ RODHEN

Membro da Banca

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Dedico este trabalho, com carinho,
às professoras Aracy e Ercília.

AGRADECIMENTOS

Partindo do entendimento de que a gratidão pode ser considerada uma memória do coração, gostaria de agradecer às duas professoras a quem dedico esta tese, Aracy e Ercília. Primeiramente, agradeço à professora Ercília Ana Cazarin por ter aceitado o meu projeto de tese, e mesmo sem relação com a temática que eu propunha, acolheu-me com grande estima, e com paciência estendeu-me a mão nas tantas idas e vindas, nas diversas reformulações do projeto. Em segundo, agradeço à professora Aracy Graça Ernst por dar-me alento no processo de transferência do PPGL para a UFPEL quando no seu processo de descontinuidade da UCPEL, e também por dar-me atenção, orientação, proteção e força nessa etapa de escrita.

Às duas, não tenho palavras que produzam o efeito de sentido que espero para agradecê-las, diante a representação que ambas tem na minha caminhada acadêmica, profissional e pessoal. Li em algum lugar que alguns professores contribuem para a nossa educação, mas os especiais conseguem deixar marcas que levamos para a vida inteira. Com certeza, há marcas de vocês em mim.

Gostaria de agradecer na sequência, aos colegas do Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (LEAD), hoje também vinculado à UFPEL, pelas reuniões de estudos e pelas discussões promovidas. Em especial, sou grata à professora Janaína Brum que tanto me inspirou, ainda que de forma desconhecida, em algumas reflexões políticas aqui desenvolvidas. Igualmente, sou grata à professora Jael Gonçalves pelo incentivo ao estudo da temática desta investigação, pelo interesse e pelas provocações despertadas. Agradeço da mesma forma, o carinho e a esperança da professora Luciana Vinhas e, novamente, da professora Jana, pela recepção na universidade.

No percurso de estudos, saliento a importância do livro *Filosofia e futebol: troca de passes*, organizado pelo professor Luiz Rodhen, que ganhei de presente da professora Aracy num momento de angústia quando na escrita sobre a temática. E reconheço a relevância do meu encontro com o professor Luiz Carlos Rigo num evento sobre o futebol ocorrido em São Paulo, em setembro de 2018. Nesse evento, o professor não mediu esforços para me inserir no grupo que estuda o esporte no país, apresentando-me professores e indicando-me textos que muito me ajudaram no trabalho que desenvolvo. Acredito que esse evento foi um marco de maturidade teórica no campo do futebol.

Recupero o agradecimento à professora Luciana para estendê-lo no que se refere à banca de qualificação deste estudo, pois sua leitura atenta, dedicada, comprometida e criteriosa possibilitou que o texto e as reflexões propostas fossem ajustados. Assim como agradeço à professora Cloris Dorow que também se dedicou, com carinho, na avaliação e contribuiu para a versão final.

Por tudo o que foi dito, faço questão de tê-los como primeiros leitores das reflexões que desenvolvo.

E nesse conjunto de pessoas importantes, agradeço a minha família e alguns amigos, pela vibração positiva, pela confiança no meu trabalho e pelo amor e atenção a mim dedicados. Agradeço, inclusive, aos sujeitos tatuados torcedores da dupla Bra-Pel que se dispuseram a participar da pesquisa, à CAPES pelo apoio financeiro concedido no ano de 2018 e à coordenação do PPG da UFPEL pela consideração as minhas necessidades. E por último, mas poderia ser o primeiro, agradeço a Deus pela força energética concedida para cumprir com o meu compromisso.

|

“A função do futebol, no Brasil, é ser metáfora”.

Luis Fernando Veríssimo (2010)

RESUMO

Na presente pesquisa, a partir do referencial teórico da Análise de Discurso de tradição pecheuxiana, questiona-se o funcionamento do futebol em nossa sociedade, seus mecanismos ideológicos e seu papel na (re)produção de determinados sentidos e estereótipos, ao mesmo tempo em que se busca compreender o modo como ele interpela os sujeitos torcedores. No trabalho, assume-se o entendimento de que o futebol excede a prática esportiva e a forma de entretenimento, funcionando como um processo que pode forjar tensões entre instâncias distintas, capaz de instaurar discursos que fazem funcionar o motor da ideologia. Trata-se, em especial, dos dois clubes predominantes que compõem o clássico da cidade de Pelotas, situada no interior sul do estado do Rio Grande do Sul (RS), nominados *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*. Nesse viés, o tema do estudo refere-se ao futebol enquanto um potente dispositivo de interpelação, podendo até funcionar similarmente como um aparelho de estado conforme preceitos althusserianos dado seu caráter ideológico na reprodução das condições de produção. Assim, a problemática que fomenta a presente investigação diz respeito à relação existente entre futebol e ideologia, e como tal relação constitui os sujeitos tatuados torcedores dos dois clubes futebolísticos pelotenses. Objetiva-se, nesse caso, analisar os discursos, materializados na/pela língua e na/pela tatuagem, (re)produzidos por esses sujeitos na tentativa de se compreender o funcionamento da ideologia e do inconsciente no contexto futebolístico da cidade. O arquivo da pesquisa abrange, portanto, depoimentos de sujeitos tatuados torcedores, homens e mulheres, a respeito da sua relação com seu time, e também, de sua relação com o time adversário, somado a fotografias de tatuagens que esses sujeitos materializaram em seus corpos, alusivas a um dos dois times em questão. Trabalha-se, precisamente, com a língua e com o corpo-tatuado como formas materiais de subjetivação e textualização discursiva e, dessa forma, entende-se que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar no espaço em que vive. Logo, compreende-se que é na materialização do discurso, por meio de sua formulação e textualização que a memória se atualiza. Materializado, o discurso circula e movimenta-se, e nesse trajeto dos dizeres, é preciso observar o funcionamento do que é produzido, repetido, apagado e/ou renovado. Em outras palavras, ao analisar as entrevistas dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleo e rubro-negro e as tatuagens futebolísticas, deseja-se entender o que foi dito, o que se repete, o que se apaga, o que rompe, o que renova. Para tanto, observam-se dois funcionamentos discursivos selecionados na leitura do arquivo, sejam eles: o funcionamento da formação discursiva e o funcionamento de sobredeterminação. Observada a identificação dos sujeitos torcedores com seu clube, acredita-se que o estudo dos processos de subjetivação que os mesmos se utilizam para significar possibilita a compreensão do funcionamento ideológico da própria sociedade.

Palavras-chave: Futebol. Ideologia. Língua. Tatuagem. Sentidos.

ABSTRACT

In this present study, based on Michel Pêcheux's Discourse Analysis tradition, the role of football in society, its ideological mechanisms and its role in the (re) production of certain meanings and stereotypes are examined. It also attempts to comprehend, at the same time as if it tries to understand the way in which the football interpellates the subjects. This thesis adopts the theory that football exceeds sporting practice and the entertainment format, acting as a process that can forge tensions between distinct entities, capable of instituting discourses that make working the engine of ideology work. These entities in particular are the two football clubs that constitute the derby of the city of Pelotas, located in the south of the State of Rio Grande do Sul (RS). They are called *Esporte Clube Pelotas* and *Grêmio Esportivo Brasil*. With this bias, the subject of study is of soccer as a powerful device of interpellation, being able to function similarly as a state apparatus according to Althusserian notions given its ideological character in the reproduction of the conditions of production. The question that has therefore prompted this study relates to the current relationship between soccer and ideology and how this relationship constitutes itself through the tattooed supporters/subjects of the two soccer clubs. In this case, the objective is to analyze the discourses that are materialised in/by the language and in/by the tattoo, (re)produced by these subjects in an attempt to understand the functioning of the ideology and the unconscious within the context of soccer in the city. The research portfolio was therefore gathered using testimonials of tattooed subjects, both men and women, regarding their relationship with their soccer team, as well as their relationship with the opposing team, and photographs of that tattoos that the subjects materialized on their bodies relating to one of the two teams. The language and the tattooed bodies are material forms of subjectivation and discursive textualization, and in this way, it is understood that if the subjects identify themselves with the language to be able to say, they also identify their body as a place in which this language can signify them in the space that they live. Therefore, it is understood that in the materialization of discourse, through its formulation and textualization, memory is updated. Once materialised, the discourse circulates and moves and what needs to be observed is the function of what is produced, repeated, erased and/or renewed. In other words, when analyzing the interviews of the tattooed subjects of supporters of both teams and their soccer tattoos, the focus was on understanding what was said, what is repeated, what is erased, what is broken and what is renewed. In order to do so, we observe two discursive functions selected from the reading the research portfolio, these being: discursive formation's function and overdetermination. By observing the identification of the supporters with their clubs, it is believed that the study of the processes of subjectivation that they use to signify makes possible the understanding of the ideological functioning of society itself.

Keywords: Football. Ideology. Language. Tattoo. Sense.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Velódromo Paulista.....	45
FIGURA 2 – Propaganda veiculada no jornal <i>S. Paulo Sportivo</i> , em 1905.....	46
FIGURA 3 – Vargas entrega o prêmio pelo Pan-Americano de 1952 a Ademir Menezes, um jogador símbolo de seu tempo.....	53
FIGURA 4 – Juscelino com Havelange na comemoração da Copa de 1958.....	56
FIGURA 5 – Jango cumprimenta Garrincha em recepção aos campeões de 1962.....	57
FIGURA 6 – Castello Branco em cena com os jogadores da seleção brasileira.....	61
FIGURA 7 – Médici: um general e seu exército esportivo.....	64
FIGURA 8 – Médici exhibe a taça em comemoração à conquista do tricampeonato.....	66
FIGURA 9 – Foto oficial da seleção brasileira na Copa de 1990.....	64
FIGURA 10 – Foto da seleção brasileira na conquista da Copa de 1994.....	66
FIGURA 11 – Foto da seleção brasileira na conquista da Copa de 2002.....	68
FIGURA 12 – Iotti: enquanto a bola rola.....	73
FIGURA 13 – Iotti: os donos da bola.....	74
FIGURA 14 – Iotti: efeito Copa do Mundo.....	74
FIGURA 15 – Iotti: goleador do <i>habeas corpus</i>	75
FIGURA 16 – Símbolo do <i>Esporte Clube Pelotas</i>	90
FIGURA 17 – Mascote do <i>Esporte Clube Pelotas</i>	90
FIGURA 18 – Estádio <i>Boca do Lobo</i> (2018).....	91
FIGURA 19 – Símbolo do <i>Grêmio Esportivo Brasil</i>	95
FIGURA 20 – Mascote do <i>Grêmio Esportivo Brasil</i>	95
FIGURA 21 – Estádio <i>Bento Freitas</i> (2018)	97
FIGURA 22 – Roteiro da entrevista.....	137
FIGURA 23 – Arquivo da pesquisa.....	138
FIGURA 24 – Recorte do <i>corpus</i>	143
FIGURA 25 – Metodologia de análise.....	144
FIGURA 26 – SDs representativas do funcionamento da formação discursiva.....	189
FIGURA 27 – SD representativa do funcionamento de sobreterminação.....	208
FIGURA 28 – Tatuagem do <i>Pelotas</i> do sujeito P. 04M.....	219
FIGURA 29 – Tatuagens do símbolo do <i>Pelotas</i> dos sujeitos torcedores áureo-cerúleos.....	223

FIGURA 30 – Tatuagens do símbolo do <i>Brasil de Pelotas</i> dos sujeitos torcedores rubro-negros.....	223
FIGURA 31 – SDs representativas do funcionamento da formação discursiva.....	225
FIGURA 32 – Etapas da evolução humana.....	228
FIGURA 33 – SD representativa do funcionamento de sobreterminação.....	238
FIGURA 34 – Formas materiais de significação futebolística.....	248
FIGURA 35 – Imagem do <i>Diário Popular</i> relacionada à violência.....	250
FIGURA 36 – Imagem do <i>Diário Popular</i> relacionada à paz.....	250

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C. – Antes de Cristo

AD – Análise de Discurso

AE – Aparelho de Estado

AIE – Aparelho Ideológico de Estado

Apud – Indica que a citação foi utilizada por outro autor

Bra-Pel – Clássico cidadão de Pelotas

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

Cf. – Conforme

CP – Condições de produção

Dr. – Doutor

EC – Esporte Clube

Et al. – Indica que a obra utilizada possui mais de três autores

Etc. – Indica “e outras coisas”, enumeração de uma série de itens

Exmas. – Excelentíssimas

FD – Formação Discursiva

FHC – Fernando Henrique Cardoso

FI – Formações Ideológicas

FIFA – Federação Internacional de Futebol

GEFut – Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas

Gre-Nal – Clássico do futebol brasileiro que representa o Rio Grande do Sul

GE – Grêmio Esportivo

GS – Grêmio Sportivo

H – Homem

IPI – Imposto sobre Produtos Industrializados

JK – Juscelino Kubitschek

M – Mulher

MH – Marciano Hipotético

PPG – Programa de Pós-graduação

PPGL – Programa de Pós-graduação em Letras

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

P-S – Posição-sujeito

RBS – Rede Brasil Sul de Televisão

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

SBF – Seleção Brasileira de Futebol

S.C. – Sport Club

SDr – Sequência discursiva de referência

SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso

SP – São Paulo

Sr. – Senhor

Tattoo – Tatuagem

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCPEL – Universidade Católica de Pelotas

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	16
1 FUTEBOL.....	28
1.1 O panorama científico sobre o futebol.....	29
1.2 A história do futebol.....	39
1.3 A relação com a política.....	50
2 FUTEBOL E IDEOLOGIA.....	79
2.1 O futebol na cidade de Pelotas.....	81
2.2 A dupla Bra-Pel.....	88
2.3 A ideologia da bola.....	116
3 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS.....	134
3.1 O arquivo, o <i>corpus</i> e a construção da metodologia.....	136
3.2 A interpretação na Análise de Discurso.....	145
4 PRODUÇÃO DE UM GESTO ANALÍTICO.....	153
4.1 Uma leitura sobre os processos de subjetivação.....	153
4.1.1 Recorte 1: O discurso materializado na/pela língua.....	182
4.1.2 Recorte 2: O discurso materializado na/pela tatuagem.....	213
PALAVRAS FINAIS.....	246
REFERÊNCIAS.....	256
ANEXOS.....	273
ANEXO 1 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 05M.....	274
ANEXO 2 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 02M.....	278
ANEXO 3 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 08H.....	280

ANEXO 4 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 10H.....	283
ANEXO 5 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 04H.....	289
ANEXO 6 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 02M.....	291
ANEXO 7 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 12H.....	293
ANEXO 8 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 04H.....	294
ANEXO 9 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 01H.....	296
ANEXO 10 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 05M.....	298
ANEXO 11 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	300
ANEXO 12 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 07M.....	302
ANEXO 13 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 06H.....	307
ANEXO 14 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 06M.....	309
ANEXO 15 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 08M.....	313
ANEXO 16 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 02H.....	314
ANEXO 17 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 03M.....	316
ANEXO 18 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 05H.....	318
ANEXO 19 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 03H.....	320
ANEXO 20 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 04M.....	322
ANEXO 21 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 01M.....	324
ANEXO 22 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 01M.....	327

Primeiras palavras

Não sei por que o MH – Marciano hipotético – insiste em voltar ao Brasil e a meu texto, pois aqui ele só encontra perplexidades. Por mais que eu tente, o MH não consegue nos entender. Ele, que é verde, ficou azul de espanto quando lhe contei que, no país do futebol, o futebol era um mau negócio (VERÍSSIMO, 2010, p. 19).

Para um efeito de início da presente reflexão, inicio¹ a escrita deste texto² utilizando-me de uma das crônicas do escritor gaúcho Luis Fernando Veríssimo (2010), intitulada *Para que serve o futebol*, inclusa no livro *Time dos Sonhos: paixão, poesia e futebol*, em que o autor, ao traçar um diálogo com um alienígena que visita a Terra, examina os paradoxos do esporte, em especial do futebol. Faço isso, pois quando confabulava a temática do estudo que se seguiria nesta etapa acadêmica, sentia-me incomodada com a representação do futebol no Brasil, questionando de modo ainda incipiente seu funcionamento em nossa sociedade, seus mecanismos ideológicos e seu papel na (re)produção de determinados sentidos e estereótipos, somado ao interesse de compreender o modo como ele interpela os sujeitos torcedores.

Assim, ao ler o texto de Veríssimo (2010), identifiquei-me com o Marciano, perplexo com o que viu, “roxo de indignação”, quando se deu conta de que o futebol existe em nosso país para representar também o desperdício nacional em todas as esferas, econômica, política e cultural. Na conclusão do alienígena, “a função do futebol, no Brasil, é ser metáfora” (VERÍSSIMO, 2010, p. 20), e se bem entendi a provocação do autor nessa crônica, considero importante a discussão e a reflexão que aqui proponho na medida em que assumo o entendimento de que o futebol excede a prática esportiva e a forma de entretenimento, funcionando como um processo que pode forjar tensões entre instâncias distintas, capaz de instaurar

¹ Como pode ser notada, a escrita deste texto parte, gramaticalmente, da primeira pessoa do singular, pois as considerações primeiras, a inquietação e o incômodo dizem respeito à minha personalidade.

² As reflexões aqui dispostas fazem parte de um processo que teve orientação da Professora Doutora Ercília Ana Cazarin, no período entre fevereiro de 2015 a março de 2018, quando o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada estava vinculado à Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Após este período, o trabalho foi submetido a uma (re)avaliação e teve no processo de (re)construção e desenvolvimento a orientação da Professora Doutora Aracy Graça Ernst, com o Programa de Pós-Graduação já transferido para a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

discursos que fazem funcionar o motor da ideologia, de acordo com os pressupostos teóricos de nosso precursor sempre inspirador Michel Pêcheux (2010 [1990]).

Nesse ponto, trago um questionamento desse filósofo francês quando constituía na década de 1960, na França, uma disciplina de interpretação em face de certa “urgência teórica” (MALDIDIER, 2003, p. 25), visto a necessidade de romper com a concepção de linguagem que a reduzia a mero instrumento de comunicação. Todavia, antes de apresentar o questionamento ao qual me refiro, explico que tal posição teórica que Pêcheux (1990 [1982], p. 26, grifo do autor) assumiu não negligenciava a ideia de que a linguagem serve para comunicar, mas que este aspecto “é somente a parte emersa do *iceberg*”.

A teoria pecheuxtiana denominada Análise do Discurso, também tratada como AD, nasce, assim, de acordo com o relato de Gadet (2010 [1990], p. 09), “na crença em uma visão de intervenção política, porque aparece como portadora de uma crítica ideológica apoiada em uma arma científica”, e questiona o seguinte: “Em que condições uma interpretação pode (ou não) fazer intervenção?” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 314). Pensando em tal indagação, reconheço o alerta de alguns analistas de discurso quanto à prática de leitura, quando advertem que os gestos de interpretação precisam ser o menos subjetivos possíveis, porém, destaco que qualquer leitura parte de uma posição, pois somos sujeitos de linguagem, constituídos pela ideologia e pelo inconsciente.

Dito isso, acrescento que a AD, conforme relata o próprio Pêcheux (2009 [1981], p. 22), “surgiu na forma de um trabalho político e científico especializado, visando a tomar uma posição em um campo logicamente estabilizado (demonstrando/criticando/justificando este ou aquele discurso, inscrito nesta ou naquela posição)”. Então, para dar corda, estendo a discussão concordando com a proposição pecheuxtiana de que é certo que nossas práticas de análise não acontecem sem uma interrogação política.

Assim, enquanto analista de discurso, com respaldo nas noções teóricas e nos procedimentos analíticos da teoria a qual me filio, propus-me a encarar o desafio de estudar o futebol empenhando-me “em descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009 [1981], p. 23), com o cuidado na articulação das três regiões do conhecimento que configuram a própria AD de tradição

pecheuxtiana, sejam elas, o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso, considerando ainda o atravessamento da psicanálise ao tratar da subjetividade.

Neste estudo acerca do futebol, dedico atenção aos (discursos sobre os) dois clubes predominantes que compõem o clássico da cidade de Pelotas, situada no interior sul do estado do Rio Grande do Sul (RS), nominados *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*³. Essa dupla adversária, reconhecida como Bra-Pel, é considerada por muitos estudiosos como um dos maiores clássicos do interior sul do RS devido à fidelidade e à paixão de ambas as torcidas. De acordo com Osório e Amaral (2008, p. 50), autores que se dedicaram em reviver lembranças e (re)unir informações sobre a rivalidade Bra-Pel na obra *A história dos Bra-Péis*, “sem o Bra-Pel, não poderíamos nunca compreender o esporte das multidões. Ele é a alma e a própria vida do nosso futebol. Mais que isso, é uma das maiores manifestações culturais que a cidade já produziu”.

Nesse sentido, encaro este trabalho como desafio justamente por se tratar de um assunto que alimenta as subjetividades⁴ do pelotense, um Bra-Pel de casa cheia, como bem lembram os autores recém citados, “mexe com o coração da cidade e com os sentimentos dos torcedores não somente desses dois clubes, mas de uma cidade inteira” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 16). No esforço, quando da decisão sobre essa temática, por meses fiquei pensando em duas questões propostas por Leandro- Ferreira (2015) sobre a escolha do objeto de pesquisa. Na primeira, a autora indaga: “o que seduz os pesquisadores para trabalhar dessa forma quase sempre apaixonada por seus respectivos objetos de análise?” (LEANDRO- FERREIRA, 2015a, p. 263). Apaixonada? Penso que não seria esse sentimentalismo que move o meu entusiasmo precedente. E na segunda, a

³ Os clubes citados também são denominados *Lobão* e *Xavante*, respectivamente, e suas torcidas como Áureo-Cerúlea e Rubro-Negra. O caráter histórico e o imaginário constitutivo de cada time em questão serão tratados no segundo capítulo desta tese, precisamente no tópico 2.2.

⁴ Lembramos que o sujeito, nessa perspectiva teórica, não é nem dono nem fonte daquilo que diz, pois se encontra submetido à ordem do inconsciente e da ideologia, sendo a subjetividade mera ilusão. Numa teoria não subjetiva da subjetividade, como a AD, trabalha-se, então, com a noção de um sujeito dividido, uma vez que sua inscrição numa formação discursiva se faz imaginariamente através de uma posição. Recorrendo ao legado pecheuxtiano, compreendemos que “qualquer pessoa é interpelada a ocupar um lugar determinado no sistema de produção” (HENRY, 1990 [2010], p. 31). Orlandi (2012a, p. 49, grifo da autora), autora renomada na AD em nosso país, destaca que não há uma forma de subjetividade, “mas um lugar” que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz: é a posição que deve e pode ocupar todo indivíduo para ser sujeito do que diz”.

interrogação continua: “afinal, o que nos convoca a essa urgência por analisar, compreender, olhar, escutar?” (LEANDRO-FERREIRA, 2015a, p. 263).

Com essa última questão em mente, esclareço que o ponto que me toca, principalmente, para esta tese, refere-se ao estudo do futebol que, a meu entender, constitui-se ideologicamente, podendo até funcionar similarmente como um aparelho de estado conforme preceitos althusserianos, dado seu caráter ideológico na reprodução das condições de produção em determinada sociedade. Tendo essa compreensão em mente, meu propósito vem ao encontro de uma das orientações de nosso precursor teórico quanto à tarefa do analista em expor ao olhar do sujeito a opacidade de determinada materialidade. Trazendo suas palavras, torna-se impreterível “construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” (PÊCHEUX, 2014, p. 291).

Nas palavras que me conduzem, atento para a observação de Leandro-Ferreira (2015a, p. 264) que segue⁵:

Paremos um pouco no ‘olhar’. Olhar ou ver? Tanto faz? Não me parece nada indiferente. Curioso é que muitos autores já passaram por esse par (olhar/ver) fazendo considerações completamente opostas do tipo: não basta ver, tem que olhar; ou posso olhar e não ver... e por aí vai. Tem até uma charada que as crianças, em geral, adoram nos desafiar para decifrar: ‘o que é o que é que quanto mais a gente olha menos a gente vê?’ Resposta: o escuro. E aí? Faz sentido? Faz todo sentido. Afinal, nós já sabemos que quanto mais se determina no plano da materialidade da língua, mais se indetermina no plano do discurso (LEANDRO-FERREIRA, 2015a, p. 264, grifo da autora).

Para a autora, a determinação promovida pelo excesso de visualização, “quanto mais a gente olha”, pode produzir o efeito inverso “menos a gente vê” (cf. LEANDRO-FERREIRA, 2015a). Nesse sentido, pensando no futebol, em seu potente efeito na sociedade pelotense, o desejo que me move neste trabalho é encontrar o ausente no evidente, que não está autorizado a ser referido no nosso social. Explico: acredito que são (re)produzidos sentidos positivos, de afetos, como

⁵ Aqui, faço questão de citar também a dissertação de mestrado intitulada *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos – Um exercício de análise da imagem com base na análise de discurso*, de Quevedo (2012). Neste trabalho, o autor propõe que se analise a imagem, no âmbito da AD, a partir de um gesto de “reparar”, cujo duplo escopo reside em ver o não ver interior ao próprio ver e em restaurar o processo discursivo que permitiu a sua materialização.

amor, paixão e alento, por exemplo, em torno do futebol, para que sejam legitimados, estabilizados e naturalizados saberes com essa carga semântica e silenciados aqueles opostos, de desafetos, que significariam a exclusão, a divisão, o preconceito, a violência.

Afirma-se e reafirma-se o óbvio, e, pela naturalização de determinados sentidos, instaura-se o efeito de obviedade ideológica, “é assim porque é assim”. Quem já não escutou que a rivalidade faz parte do futebol, que existe uma rivalidade sadia, que nos estádios, nos jogos, quando o árbitro apita para o início da partida vale tudo, ou ainda, quem já não escutou xingamentos às mães dos juízes, dos técnicos, até às mães dos próprios jogadores e torcedores, sem falar da presença feminina que se encontra no estádio para arranjar casamento, as famosas “Marias chuteiras”, quem já não ouviu tudo isso?

No funcionamento em questão, entendo a partir das orientações pecheuxianas, que há uma ideologia trabalhando como um mecanismo estruturante do processo de significação; é o funcionamento ideológico que fornece as evidências de sentido. Pela leitura de Pêcheux (2009 [1988]), podemos compreender que é a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é x ou y, ou melhor, no caso deste trabalho, o que é o futebol. Trago suas palavras:

são as evidências que fazem com que um enunciado ‘queira dizer o que realmente diz’ e, que mascaram, sob a transparência da linguagem, ‘o caráter material do sentido’ que, consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chama ‘o todo complexo das formações ideológicas’ (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 146, grifos do autor).

Podemos negligenciar, silenciar, apagar os efeitos da ideologia e da história, mas nem por isso eles estão menos presentes nos processos discursivos e nas práticas cotidianas. A ideologia está em frente de nossos olhos, naturalizada, precisamos olhar! Ênfase: precisamos colocar em causa este efeito de obviedade ideológica (re)produzido ao longo dos anos em torno do futebol, precisamos ser sensíveis às incoerências, às contradições, às resistências, e talvez, por isso, eu concorde com o Marciano Hipotético, de Veríssimo (2010), quando afirma que o futebol, no Brasil, é um mau negócio.

Diante dessas considerações, apresentamos⁶ a problemática que fomenta a presente investigação: qual é a relação existente entre futebol e ideologia, e como tal relação constitui os sujeitos torcedores dos dois clubes futebolísticos pelotenses – *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil* – emergindo em seus discursos?

Entendendo pertinente tal problema, nosso objetivo é analisar os discursos – materializados na/pela língua e na/pela tatuagem – (re)produzidos por sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel na tentativa de compreendermos o funcionamento da ideologia e do inconsciente no contexto futebolístico da cidade. Ou seja, na leitura das materialidades colocadas em jogo nos processos de subjetivação que analisamos, buscamos observar como os sujeitos movimentam através de seus discursos efeitos de sentido “x” e/ou “y”.

Para tanto, debruçamo-nos na leitura do arquivo deste estudo, que é composto por depoimentos de sujeitos tatuados torcedores, homens e mulheres, a respeito de sua relação com seu time de preferência, e também, de sua relação com o outro, o time adversário. Os depoimentos abrangem ainda os efeitos da relação desses sujeitos com seu próprio corpo, a inspiração e a motivação para materializar determinada tatuagem, representativa de um dos dois clubes pelotenses de futebol, nesse espaço de significação. Tais considerações somam-se às fotografias das tatuagens relatadas em cada entrevista⁷.

Especificamente, trabalhamos com a língua e com o corpo⁸ como formas materiais do discurso, ou seja, entendemos que se o sujeito se identifica com a língua para poder dizer, ele também se identifica com o seu corpo para significar no espaço em que vive. Nesse sentido, reconhecemos que não é só a língua a materialidade específica do discurso, há outras materialidades que precisam ser estudadas, dentre elas, destacamos o corpo e as tatuagens⁹.

⁶ A partir desse momento da escrita, gramaticalmente, faço uso da primeira pessoa do plural, na medida em que a construção que segue é resultado de reflexões em conjunto, aluno-professor.

⁷ Tratamos com maior propriedade dos procedimentos por nós adotados e empreendidos no capítulo 3, destinado às delimitações metodológicas.

⁸ Acreditamos importante mencionar que os primeiros estudos sobre o corpo enquanto materialidade do discurso, foram desenvolvidos pela professora doutora Aracy Graça Ernst, na década de 1990.

⁹ O interesse por essa forma de subjetivação originou-se na escolha do objeto de análise para a dissertação de mestrado intitulada *Tatuagens: sujeitos e sentidos*, construída sob orientação da Professora Doutora Ercília Ana Cazarin no período de 2013 a 2014, e entregue ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Neste

Aqui, consideramos que trabalhamos com duas materialidades distintas: a língua quando temos depoimentos de sujeitos torcedores sobre as suas tatuagens futebolísticas (que denominamos como *discurso sobre*), e a tatuagem entendida enquanto discurso (cf. SILVA, N., 2014) que, ao ser textualizado no corpo, não há possibilidade de separá-los (que denominamos como *discurso da*). Nesse caso, evidenciamos a importância de trabalharmos com as duas formas materiais em questão, nesta tese, pois entendemos que se tratam de materialidades importantes que possibilitam a produção de sentidos.

O corpo, nessa perspectiva, pode ser entendido num primeiro momento, como suporte de significação, seguindo o trabalho de Paveau (2010). Contudo, como bem coloca Vinhas (2014), em sua tese, é necessário, em nossas práticas de análise, que se chegue ao próprio sujeito, na ordem social e individual, para que possamos compreender os processos de subjetivação. A vista disso, é essencial, segundo a autora, levarmos em consideração a noção de “corporeidade discursiva”, que conceitua.

Trilhando esse caminho, ao analisarmos o corporeidade discursiva tatuado dos sujeitos torcedores, sua materialidade significativa e os efeitos de sentido produzidos enquanto corpo de um sujeito constituído pela linguagem, pela história e pelo corpo, estamos observando um corpo que assume uma posição ao textualizar uma *tattoo* alusiva a um time de futebol precisamente. Nesse caso, assumindo a posição teórica de Vinhas (2014, 2015 e 2018) e acreditando na particularidade da tatuagem – que, ao incorporar-se no corporeidade discursiva, torna-o uma materialidade específica, na medida em que sempre produzirá efeitos de sentido mesmo que removida –, julgamos pertinente trabalharmos com a noção de corpo-tatuado. Essa noção por nós proposta não apaga a concepção de corporeidade discursiva da autora, ao contrário, apropria-se dela, especificando-a.

Podemos adiantar, também, que estamos propondo a tatuagem futebolística enquanto um traço que (re)significa o corpo, demarcando simbolicamente a posição do sujeito, e fazemos isso seguindo a tese de Azevedo, A. (2013), quando tratava das tecnologias corporais – a dança, a medicalização do corpo e a tatuagem – no

trabalho, conceituamos a tatuagem enquanto gesto simbólico portador de discursividade e refletimos sobre seus possíveis efeitos de sentido.

espaço da festa *rave*. Na sua formulação, “a tatuagem é um gesto que significa social e politicamente, visto ser uma marca da contradição: seu traço marca um dentro e um fora do grupo, sinaliza o pertencimento, através da identificação com uma P-S dentro de uma dada FD” (AZEVEDO, A., 2013, p. 136).

Aqui, podemos explicitar o motivo pelo qual escolhemos trabalhar com sujeitos torcedores ao invés de sujeitos jogadores de futebol. Os sujeitos jogadores dificilmente materializam uma tatuagem alusiva ao seu time de preferência em função de mercado, pois os contratos são provisórios devido à demanda no meio futebolístico. Um determinado jogador pode jogar no time “x” neste ano, e ser contratado por seu adversário no ano que vem, por exemplo, e isto ocorreu com a dupla Bra-Pel, o goleiro uruguaio Oscar Urruty defendeu o *Pelotas* no ano de 1957, e anos depois, atuou no clube rival. Ou então, recentemente, tratando-se de outro profissional da área, o treinador Rogério Zimmermann anos antes de atuar no *Brasil de Pelotas*, foi técnico do *Pelotas* – o que não impediu um sujeito tatuado torcedor materializar sua assinatura como tatuagem (anexo 1), na canela, quando ele já atuava no *Brasil*.

Consideramos que este funcionamento mercadológico raramente acontecerá com os sujeitos torcedores, pois o torcedor não “se vende”, além do mais, são

atores ativos de um espetáculo em céu aberto. Um cenário onde atores e espectadores estão separados mas no qual se estabelecem entre eles elos sociais simbólicos fundamentais. São esses elos que, no Brasil, criam o “torcedor”. Ou melhor, que transfiguram o moderno *fan* (palavra que vem do inglês, *fanatic*, ou seja, o aficionado ardente que perde a cabeça e se confunde com o seu clube, celebridade ou time) em “torcedor”. Aquele ou aquela que torce, contorna e retorce o seu corpo para que o seu time seja vencedor. Pois o “torcedor” é aquele que urra dentro do estádio (DAMATTA, 1994, p. 15, grifos do autor).

Assim, reconhecida a identificação dos sujeitos torcedores com seu clube, acreditamos que, ao nos dedicar ao estudo dos processos de subjetivação que os mesmos se utilizam para significar, temos um respaldo maior para compreender o funcionamento da própria sociedade, pois, conforme DaMatta (1982, p. 21), “o futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se,

deixando-se, portanto descobrir”. E, nesse aspecto, Rinaldi (2000, p. 168) concorda quando escreve que “o futebol seria assim um espaço onde a sociedade simbolicamente se expressa, manifesta-se, deixando descobrir-se”.

Esclarecida nossa escolha, podemos continuar nosso percurso textual, retomando que todo processo de (re)produção de sentidos se constitui em uma materialidade que lhe é própria, e, em nosso trabalho, por se tratar de diferentes materialidades significantes, exige-se de nós, analistas, “tateamentos”¹⁰ teóricos e analíticos especiais, visto que, na Análise de Discurso, a análise e a teoria intrincam-se, pois é na interpretação do objeto que a teoria vai se impondo e as noções teóricas vão sendo movimentadas. Assim, sintetizamos algumas de nossas preocupações por meio de questões as quais nos auxiliaram no percurso da pesquisa, a saber:

- De que maneira podemos estudar o futebol num país que se intitula “o país do futebol”, agregando qualidade na investigação proposta?
- Como ocorreu a inserção do esporte no Brasil, e como ele foi sendo utilizado enquanto mecanismo ideológico ao longo dos anos no país?
- Tratando-se do contexto pelotense, como se deu a edificação dos clubes *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, e como o imaginário construído acerca deles ainda circula e produz efeitos na cidade?
- Que relação podemos estabelecer entre futebol e ideologia?
- Considerando a língua e o corpo-tatuado como formas materiais de subjetivação e textualização discursiva, que procedimentos teóricos e analíticos são necessários para auxiliar nosso gesto de interpretação no que se refere aos efeitos de sentido (re)produzidos?
- Como cooperar teoricamente para a compreensão do futebol num viés discursivo e, também, de que maneira podemos contribuir com os estudos existentes quanto ao entendimento sobre os processos de significação na sociedade?

¹⁰ Termo utilizado por Malidier (2003) quando se referia à fase de constituição da AD por Pêcheux, já que esta é uma disciplina de interpretação que não se ancorou em uma teoria pronta, tampouco tem um instrumento de análise a ser aplicado ao objeto, daí a fase dos “tateamentos” tal como denomina. E esse modo de trabalho é próprio da AD, pois é a análise do objeto que nos levará aos pressupostos teóricos a serem mobilizados na interpretação.

Dados os questionamentos relacionados ao próprio percurso da pesquisa, organizamos a tese da seguinte maneira, a fim de empreendermos essas discussões:

No capítulo 1, iniciamos a reflexão com uma pesquisa bibliográfica em variados campos do saber a fim de entendermos como o futebol é discutido no espaço acadêmico, e quais abordagens são utilizadas para a sua compreensão. Logo, tratamos da representação desse esporte no Brasil e seus efeitos de sentido, pois entendemos que a historicidade nos dá a ancoragem necessária ao nosso gesto analítico dos capítulos posteriores. Em seguida, discutimos a relação do futebol com a política, para buscarmos compreender o funcionamento ideológico do futebol em nível nacional, na medida em que o futebol, a nosso ver, nos fornece subsídios para o entendimento das formas de organização e das relações que permeiam a sociedade brasileira.

No capítulo 2, continuamos a reflexão com a temática *Futebol e Ideologia* a fim de entendermos a relação do futebol com o político, pois, em Pelotas, a relação do futebol não é com a política partidária assim como é em nível nacional, mas com a questão histórica de raça e de classe social. Nesse caminho, direcionamos o nosso olhar ao futebol na/da cidade de Pelotas, principalmente à dupla futebolística Bra-Pel, para buscarmos compreender o jogo de forças construído historicamente e que ainda pode produzir efeitos na cidade. Na esteira do que estamos pensando, há uma ideologia operando, ainda que sutilmente, que denominamos *ideologia da bola*, com mecanismos estruturantes na (re)produção de sentidos a respeito do esporte em questão, e também dos próprios clubes e torcedores.

No capítulo 3, apresentamos as delimitações metodológicas dedicando atenção a três pontos que julgamos chaves ao nosso gesto analítico, sejam eles: i. a explicação do nosso arquivo de pesquisa, retratando como procederam as entrevistas realizadas com os sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros; ii. a observação do *corpus* de trabalho, lembrando que na qualidade de analistas precisamos trabalhar de maneira despojada e responsável, nunca isentas, porque em nossa leitura já há interpretação; e iii. a explicitação dos procedimentos por nós adotados que conduzem às análises das páginas seguintes. Na sequência,

escrevemos sobre a interpretação na Análise de Discurso, a qual difere de uma interpretação em moldes positivistas, destacando-se por procurar desenvolver um trabalho que explicita a materialidade do discurso na relação com o discursivo e que reflita sobre o sujeito e sobre o sentido.

Como na AD o fazer analítico demanda a conexão entre descrição e interpretação e uma preocupação mútua entre teoria e prática, o capítulo que segue apresenta noções teóricas próprias que mobilizamos conforme a necessidade do objeto analisado. Assim, no capítulo 4, iniciamos as reflexões com o tópico intitulado *Uma leitura sobre os processos de subjetivação*, em que retornamos às considerações às quais tratávamos sobre sujeito e sentidos. Nessa fase de reflexão, buscamos tecer certas conexões teóricas indicadas por Pêcheux (2009 [1988]) acerca de um dos fundamentos centrais da teoria da Análise de Discurso em que compreende a constituição do sujeito relacionada à constituição dos sentidos, de forma que ambas precisam ser pensadas e articuladas no que tange à questão dos processos de interpelação que constituem o sujeito.

Para tanto, partimos de estudo anterior, Silva, N. (2014), esse entendido como primeiro interesse e parte do conhecimento acerca da subjetividade na Análise de Discurso, que tem a oportunidade de ser ressignificado e aprofundado a partir de outras leituras. Tratamos, então, da subjetividade e do processo de identificação-interpelação a partir de alguns autores que nos ajudam a compreender a subjetividade como uma construção ligada a processos de subjetivação em que a língua não é apenas instrumento de comunicação e o corpo não é apenas biológico e empírico, mas são compreendidos como a forma material da subjetividade.

Nesse viés, retomamos as três modalidades de identificação do sujeito – identificação, contraidentificação e desidentificação – que se apresentam como uma tentativa de Pêcheux (2009 [1988]), de formalização dos próprios processos de subjetivação. No entanto, salientamos que nosso interesse centra-se na primeira modalidade, de identificação, em especial porque nos casos em análise desta tese, entendemos que a interpelação do indivíduo em sujeito enunciator se realiza pela identificação do sujeito tatuado torcedor tanto com a FD clubística que o domina, como com a P-S em que está inscrito, e é esse funcionamento que nos permite compreender como o sentido é (re)produzido sob a forma de evidência por esse

sujeito. Todavia, observamos também a segunda modalidade subjetiva, de contraidentificação, na tentativa de compreendermos a heterogeneidade própria da FD.

Mas como tratar do sujeito tatuado torcedor sem cair na armadilha do empirismo? Para responder a essa questão, trazemos as discussões propostas por Vinhas (2014, 2015 e 2018) sobre o corpo, já que este é a materialidade do sujeito, sendo imprescindível, em sua opinião, tratá-lo enquanto “corpolingüagem discursivo”. Seguindo essa designação, apropriamo-nos dela, especificando-a, pela singularidade que acreditamos nosso objeto possuir, nominalizando-o como corpo-tatuado.

Dito isso, nos itens que seguem, trabalhamos a língua e o corpo-tatuado como formas materiais de subjetivação e textualização discursiva dos sujeitos tatuados torcedores, pois é na materialização do discurso que a memória se atualiza. E materializado, o discurso circula e movimenta-se. Nesse trajeto dos dizeres, consideramos que é preciso observar o funcionamento do que é produzido, repetido, apagado e/ou renovado. Em outras palavras, desejamos ao analisar as entrevistas dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleo e rubro-negro (*discurso sobre*), e as tatuagens (*discurso da*), entender o que foi dito, o que se repete, o que se apaga, o que rompe, o que renova. Para tanto, dedicamo-nos a dois funcionamentos discursivos selecionados na leitura do nosso arquivo, sejam eles: o funcionamento da formação discursiva e o funcionamento de sobredeterminação.

Por fim, a título de um efeito de fechamento do trabalho, buscamos entrelaçar, de forma sucinta, nossos objetivos, as noções trabalhadas e as questões que fomentaram nosso interesse de estudo a partir de nossa preocupação com os efeitos de sentido (re)produzidos pelos sujeitos tatuados torcedores quando circulam na cidade de Pelotas.

1 FUTEBOL

Precisamos falar sobre futebol!¹¹

Precisamos, a nosso ver, observar, problematizar, refletir e buscar compreender que discursos fundam a credibilidade/legitimidade do futebol no Brasil, pois não há prática que seja desprovida de sentido, como bem sabemos. E esse ponto nos faz retomar à Análise de Discurso no que concerne a nossa prática política enquanto analistas, pois, segundo Paul Henry (2010 [1990], p. 24, grifo do autor), “o instrumento da prática política é o *discurso*, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”.

Ora, se bem entendemos a proposta pecheuxtiana, é nessa base que podemos intervir e contribuir teoricamente nos estudos acerca do futebol na medida em que nos distanciamos de uma concepção tradicional de linguagem, numa abordagem que a reduz a um instrumento de comunicação de informações. Nas palavras de Paul Henry (2010 [1990], p. 25), “se é sob a forma geral do discurso que estão apagadas as dissimetrias e as dissimilaridades entre os agentes do sistema de produção, sem dúvida isto não se produz de modo explícito”.

E mais,

Para compreender como este processo [de interpelação] se situa em um mesmo movimento, ao mesmo tempo realizado e mascarado, e o papel que nele desempenha a linguagem, devemos renunciar à concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Isto não quer dizer que a linguagem não serve para comunicar, mas sim que este aspecto é somente a parte emersa do *iceberg* (HENRY, 2010 [1990], p. 26, acréscimo nosso, grifo do autor).

¹¹ Utilizamos-nos desta proposição parafraseando Vinhas (2017), quando intitula seu texto *Precisamos falar sobre Temer: o estranhamento na voz*. O gesto político empreendido pela autora nos fez pensar sobre o futebol, precisamente quando buscamos compreendê-lo a partir de um viés discursivo, observando o funcionamento da ideologia e do inconsciente tanto na construção histórica desse campo quanto na constituição dos sujeitos que dele fazem parte.

Nesse sentido, retomamos a teoria à qual nos filiamos para chamar a atenção às evidências dos sentidos que pressupõem a transparência da linguagem, na qual uma palavra designa uma coisa ou possui uma única significação; tratando-se do futebol, a temática do nosso estudo, procuramos empreender uma leitura que desfaça a evidência de certos sentidos que foram construídos ao longo do percurso de sua legitimação no país, uma leitura centralizada nos ditos e nos não-ditos, nas continuidades e nas descontinuidades, nos pontos de completude (mera ilusão) e naqueles de embaraço a respeito desse esporte.

É necessário, porém, antes de darmos continuidade ao texto, esclarecermos que tratamos do futebol masculino, desde a história do esporte até nossas análises. Nas leituras que realizamos no percurso de nosso estudo percebemos que, embora o Brasil seja denominado o país do futebol, uma parte dessa história é pouco tratada como é o caso da presença das mulheres tanto nos estádios quanto na sua prática¹². A regulamentação do futebol feminino aconteceu tardiamente no ano de 1983, ocasionando quase quatro décadas de interdição que retardou o desenvolvimento da modalidade e fez com que a falta de profissionalização, visibilidade e reconhecimento sejam características recorrentes em nosso cotidiano brasileiro.

Feito esse registro, nesse capítulo discorreremos sobre o panorama científico do futebol masculino a fim de discernirmos como ele é discutido no espaço acadêmico, seguido da história do esporte na tentativa de compreendermos sua representação em nosso país para, assim, observarmos sua relação com a política.

1.1 O panorama científico sobre o futebol

¹² A ênfase no futebol masculino na bibliografia sobre a temática é notória, mas já temos bons estudos sendo desenvolvidos com respeito às mulheres. O Museu do Futebol, localizado em São Paulo, por exemplo, ofereceu, no ano de 2015, como apresentação temporária a exposição *Visibilidade para o Futebol Feminino*. Temos, também, a nosso entender, a professora doutora Silvana Vilodre Goellner, docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), interessada em promover discussões com relação à temática mulher e futebol.

No caminho que trilhamos no desenvolvimento de nossa pesquisa, dedicamo-nos a uma pesquisa bibliográfica em variados campos do saber a fim de entendermos como o tema é discutido na academia, e quais abordagens são utilizadas para a sua compreensão. De maneira geral, salientamos a queixa de alguns autores quanto à receptividade negativa de seus estudos no meio científico, e de certo modo, estes apontamentos aliviaram nosso sentimento de angústia quanto ao nosso próprio trabalho, pois estudar o futebol parece, a olhares outros, como perda de tempo¹³ já que “não se precisa entendê-lo, basta senti-lo”, enunciado este naturalizado socialmente, que penetra as grades da universidade, e por isso, acreditamos em sua força ideológica que opacifica o olhar de muitos sujeitos.

A constatação é simples na opinião de Franco Júnior (2007, p. 11): “o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado”. Afirmção essa também utilizada por Rohden, Azevedo e Azambuja (2012, p. 08), quando anunciavam a importância de estudos que contemplem a temática futebolística. E, nesse caso, concordamos com os autores na medida em que na Análise de Discurso, por exemplo, ainda não tínhamos estudos dedicados aos discursos sobre o futebol.

Todavia, bons trabalhos vêm sendo desenvolvidos, com qualidade, nesses últimos dez anos, na área, principalmente, das ciências humanas, de acordo com o relato de Rohden, Azevedo e Azambuja (2012). Contudo, seguindo a visão de Jr-Freitas (2006, p. 04), não há estudos suficientes que forneçam “elementos metodológicos que possibilitem realizar uma análise mais rigorosa sobre a importância do futebol dentro de uma determinada sociedade”, e ainda

ele [o futebol] necessita ser compreendido na sua relação entre o que tem de específico (sentimento, irracionalidade, paixão) e o contexto social no qual os fatos aconteceram. Estudar os sentimentos seja no futebol ou na política, remete para a necessidade de objetivar/racionalizar algo que é subjetivo, e aí parece estar o ponto nevrálgico [...]. Os limites desse artigo e da nossa própria capacidade em dar respostas definitivas aos nossos próprios desafios, nos permitem apenas arrolar e tecer alguns indicativos sobre essas possibilidades, pois entendemos a necessidade de estudos multidisciplinares que possam auxiliar para a superação destes preconceitos tradicionais, mas se não tomarmos cuidado e tentarmos analisar a totalidade do fenômeno corremos o risco de cairmos na armadilha anunciada durante toda a exposição, ou seja, a de realizarmos uma análise

¹³ A essa opinião, podemos incluir ainda o preconceito que existe em relação a nossa posição de analistas enquanto sujeito mulher no estudo do futebol.

clássica, que apenas desvenda a aparência, mas deixa intacta a essência (JR-FREITAS, 2006, p. 04-05, acréscimo nosso).

Se é a necessidade de estudos multidisciplinares o problema que se encontra para a compreensão do futebol, acreditamos que a AD pode contribuir nesse quadro teórico de pesquisas, enquanto uma ciência que se funda no entremeio de outras disciplinas e tem como premissa a questão interdisciplinar. De acordo com Orlandi (1994, p. 54), a “Análise de Discurso reconhece a dispersão das disciplinas como uma necessidade que se sustenta na própria relação do conhecimento com a linguagem”. Todavia, gostaríamos de esclarecer que não estamos oferecendo a AD como um instrumento ideal para estudos futuros, pois, como bem explica a autora citada,

Não se trata só de uma instrumentalização, no sentido utilitário [...]. Nem se trata de uma mera “aplicação”. É uma relação entre teoria, objeto e prática científica, em que o discurso entra como um campo de questões [...]. E esse campo de questões acarreta deslocamentos em relação à compreensão do que seja história, sujeito, linguagem e ideologia (ORLANDI, 1994, p. 53-54).

Porém, no que tange ao nosso trabalho – destacando nossa problemática e nossos objetivos, bem como nossa própria prática política –, situamos a AD como satisfatória ao exame do universo logicamente estabilizado¹⁴ do qual o futebol faz parte. E para complementar nossa justificativa de filiação diante da possível contribuição da AD como uma disciplina interpretativa, trazemos uma passagem clássica de Pêcheux (2014 [1998], p. 291). Escreve o autor:

¹⁴ Pêcheux (2012 [2002]) trabalha com a significação de universos logicamente estabilizados, que são espaços administrativos (jurídico, econômico e político) através dos quais se encontram estabelecidas evidências lógico-práticas. Para ele, “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós [...], tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica: isto se marca pela existência dessa multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência [...] até as ‘grandes decisões’ da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder x e não y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos ‘aparelhos domésticos’ [...]. De nada serve negar essa necessidade (desejo) de aparência, veículo de disjunções e categorizações lógicas: essa necessidade universal de um ‘mundo semanticamente normal’, isto é, normatizado, com a relação de cada um com seu próprio corpo e seus arredores imediatos (PÊCHEUX, 2012 [2002], p. 33-34, grifos do autor).

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando 'o' sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÊCHEUX, 2014 [1998], p. 291).

Enfim, na tentativa de adentrar nesse espaço de estudos sobre o futebol, partimos do conhecimento de algumas literaturas que nos proporcionaram base teórica para nossas posteriores reflexões. Dentre elas, citamos, primeiramente, na área dos estudos antropológicos¹⁵, o texto *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*, de DaMatta (1994), em que o autor observa os significados do esporte no Brasil desde sua chegada nesse país. Segundo sua conclusão, o futebol proporciona à sociedade brasileira certa experiência de igualdade e de justiça social, possibilitando uma lição de democracia.

Para nós, diante de nossa compreensão acerca desse esporte, o futebol proporciona à sociedade brasileira que as relações de produção com respeito à classe social, à raça e ao gênero, sejam reproduzidas em distintas formações sociais. Diferente do que propõe DaMatta (1994), não entendemos o futebol como facilitador de igualdade, ao contrário, por meio de seu funcionamento ideológico, ao qual denominamos ideologia da bola, sobredetermina os sujeitos torcedores a partir de sua preferência futebolística, dentro ou fora dos estádios.

Outros estudiosos congruentes à postura teórica de DaMatta (1994) acreditam que o futebol transformou-se no primeiro professor de democracia e de igualdade, defendendo que não foi através do parlamentarismo brasileiro que o povo aprendeu a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. No entanto, aqui continuamos a nos questionar sobre o funcionamento ideológico do futebol em que práticas dos sujeitos torcedores fazem funcionar o motor da ideologia, produzindo efeitos de sentido opostos às questões de empatia, respeito e igualdade.

No conjunto literário por nós reunido, observamos que os autores inseridos na área da história, também estão preocupados na dimensão do futebol que ultrapassa o entendimento de prática esportiva, na medida em que traz à tona a

¹⁵ Podemos citar também o estudo de Toledo (1994), *Transgressão e violência entre os torcedores de futebol*.

representação dos mais variados aspectos da sociedade. Nessa área, uma certeza é recorrente: o futebol tal como o conhecemos hoje resultou de fatores históricos que devem ser pesquisados e compreendidos para que sejam relacionados ao objeto estudado, pois as práticas sociais são resultados desse processo em dada condição de produção (CP).

Na AD, interessa-nos trabalhar com a noção de historicidade e não, com a noção de história do ponto de vista cronológico. Isto porque importa-nos observar não a linearidade da história, mas o modo como ela se inscreve nos processos discursivos. A historicidade, assim, a nosso entender, reafirma a relação constitutiva entre linguagem e exterioridade.

No entremeio dessas duas áreas do conhecimento as quais tratávamos (antropologia e história), somado à sociologia, Jr-Freitas (2006) salienta em seu texto, *O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens*, a relevância de analisar a relação existente entre o futebol e a sociedade, pois, enquanto uma atividade da sociedade, este esporte é a própria sociedade.

Para ele, no sentido da dramatização, é necessário “perceber como o brasileiro expressa-se, apresenta-se e revela-se em um dos seus momentos de liberdade social” (JR-FREITAS, 2006, p. 03). O futebol, nesse entendimento, é uma fonte de individualização, muito mais do que uma expressão de coletividade, todavia, trata-se de uma constante dialética, um conflito entre individualização e coletividade.

DaMatta (1982, p. 23), em seu livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, entende que o futebol precisa ser discutido enquanto um drama futebolístico, não de forma economista que entende a vida social como um jogo direto de forças racionais de mercado, pois “o esporte faz parte da sociedade, tanto quanto a sociedade também faz parte do esporte”. Nesse sentido, a comparação realizada pelo autor entre o futebol e a vida na sociedade, pode ser considerada uma explicação plausível das possibilidades desse esporte como uma tela onde a experiência humana pode ser vivida.

Sobre isso, Valls (2012), na área da filosofia, no livro *Filosofia e futebol: troca de passes* (2012), escreve que, no futebol, em síntese, a gente ganha, empata ou perde, qualquer uma das hipóteses está prevista.

Se o futebol é arte, é jogo, é celebração, é competição, continua a ser, o tempo todo, uma forma institucionalizada de relação social, ou seja, tudo o que se refere a ele, em campo ou forma de campo, deveria contribuir para tornar-nos mais humanos, ou humanos melhores (VALLS, 2012, p. 64).

A beleza da vida, nas palavras finais do filósofo, está no conhecimento presente também no futebol, em acreditar que

O que se pode fazer, a cada momento, nunca é tudo, mas tampouco é nada. Às vezes, basta fazer um gol que tudo se resolve, mas é preciso estar resolvido a fazê-lo. Quem faz mais, ganha; quem atinge menos esta meta ou objetivo, perde: é bem simples. Só que, como tudo na vida, muitas partidas e muitas situações terminam empatadas (VALLS, 2012, p. 67).

A vontade ou a procura por vencer é tratada por Helfer (2012), no artigo *O jogo de futebol como uma contradição*. O autor reconhece a contradição no fato de que a disputa ocorre porque a afirmação de uma posição é expressa através do seu contrário, ou seja, a vitória de uma equipe significa a derrota da outra.

Tais posições definidas revelam que a ação de uma equipe é contrária à ação da outra. Mas revela, também, que uma equipe não pode se afirmar sem a existência deste movimento contrário da adversária. Sem a negação do esforço de conquista da vitória de uma, não há, propriamente, vitória. A vitória e a derrota andam juntas. A afirmação e a negação fazem parte do jogo, bem como a negação da negação, que é o resultado do mesmo (HELPER, 2012, p. 85).

E é essa característica contraditória que anima a mágica da disputa, proporcionando a elaboração de estratégias de jogo de cada equipe. A contradição é, para o filósofo, o motor do futebol. E aqui podemos retomar o diálogo com a Análise de Discurso, precisamente, com o que estamos pensando e articulando com

Pêcheux (2010 [1990]), quando entendemos que o futebol é uma prática que forja tensões entre forças dois clubes, fazendo funcionar o motor da ideologia, ainda que contraditoriamente conforme enfatiza Helfer (2012).

Nesse caminho por nós percorrido, numa *troca de passes*¹⁶ com a comunicação¹⁷, observamos que alguns autores dessa área escrevem sobre o futebol como sendo mais do que um simples esporte no Brasil, reconhecendo a prática, mas não se limitando a ela. No *passe direto* a Ramos (1984), por exemplo, em *Futebol: Ideologia do Poder*, podemos compreender a relação do esporte com o sistema capitalista. Segundo o autor, “é indiscutível a influência do meio sobre qualquer produto, muito mais, tratando-se do futebol” (RAMOS, 1984, p. 11).

O futebol é mais do que um esporte no Brasil. Ocupa espaços imensuráveis na vida de todos. Mesmo aqueles que não gostam dele não estão imunes. O futebol não se restringe aos estádios. A bola penetra nos locais mais diversos permanentemente. Nos meios de comunicação, na rua, no bar, em casa, na do vizinho, há uma partida de alguma forma. O bate-papo não prescinde dos jogadores, dos clubes e dos campeonatos (RAMOS, 1984, p. 11).

Assim, a concentração futebolística traz reflexos sobre a realidade, tal como propõe o jornalista em seu estudo. Há um esvaziamento da percepção das condições materiais, históricas e sociais, sendo a participação política e a organização de classe abafadas¹⁸.

Essa preocupação com o funcionamento ideológico também é encontrada em Chade (2015, p. 44) em seu livro *Política, propina e futebol: Como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta*, quando o jornalista entende o esporte como uma “arma política”. O seu texto tem como objetivo entender o que está por trás do que se enxerga em campo, por trás do que os torcedores sentem. Não se trata, como salienta o autor, “de criticar até o minuto de silêncio. Mas

¹⁶ Inspiradas ainda na obra *Filosofia e futebol: troca de passes* (2012), utilizamo-nos dessa expressão, e também, na sequência, a expressão *passe direto* conforme didática dos organizadores (cf. ROHDEN; AZEVEDO; AZAMBUJA, 2012).

¹⁷ Nessa área de comunicação há também um estudo interessante sobre como são construídos os mitos no futebol brasileiro, a partir de certas atitudes do jornalismo esportivo. O texto é desenvolvido pela jornalista Mariana Melo (2008).

¹⁸ Tratamos com propriedade desse funcionamento no capítulo 2 desta tese, intitulado *Futebol e Ideologia*.

precisamos ser claros sobre quem está ganhando, quem está perdendo e quem está pagando a conta do futebol” (CHADE, 2015, p. 11).

Diante sua experiência de cobertura jornalística da *Federação Internacional de Futebol* (FIFA), resultando em mais ou menos 15 anos de trabalho, o autor escancara como essa associação considerada uma potência econômica que coordena o esporte mais popular do mundo, montou um poder paralelo que confiscou uma das maiores paixões mundiais, o futebol. Ou seja, diante de acordos bilionários entre oligarcas da bola, ocorreu, em meados de 1970, a privatização do futebol para vendê-lo nos esquemas de corrupção¹⁹.

Tratando-se do Brasil, o processo de sequestro da seleção brasileira, representativa do futebol do país, por empresários e cartolas não é novidade. Um exemplo da década de 1990, citado por Chade (2015), considerado o maior acordo de *marketing* da história futebolística, avaliado em US\$160 milhões, foi o acordo com a *Nike*, uma empresa estadunidense de calçados, equipamentos esportivos, roupas, e acessórios.

Entre propinas, subornos e contratos secretos da *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF), entidade máxima do futebol no Brasil, o jornalista denuncia que “a seleção do Brasil não era mais do Brasil. E ninguém tinha sido avisado disso” (CHADE, 2015, p. 98). A cada jogo assistido, a cada ingresso adquirido, a cada peça do vestuário comprado e a cada produto de *marketing* vinculado à CBF consumido, o torcedor/ trabalhador transfere parte de sua renda aos cofres de cartolas, e com a cumplicidade de muita gente que enriquece ilicitamente.

Nesse trabalho, o autor chama os torcedores ao conhecimento entre a articulação da política com o esporte, pois de acordo com uma de suas conclusões, “o futebol vive seu momento mais perigoso, sequestrado por interesses pessoais, por partidos, por organizações criminosas” (CHADE, 2015, p. 330).

¹⁹ De acordo com Chade (2015, p. 68, grifo nosso), nos anos de 1970, Joseph Blatter, oitavo presidente da FIFA, “adotou uma estratégia que revolucionou o esporte mundial. A Copa daquele ano, realizada no México, foi a primeira a ser transmitida em cores pela televisão. [...] a televisão e as transmissões representavam algo ainda mais importante: a imagem do futebol ganharia o planeta, inclusive em locais que jamais teriam uma seleção competitiva. O mundo poderia acompanhar Pelé e Beckenbauer. Mas, nos bastidores da Fifa, o que rapidamente se percebeu é que o mundo também veria as imagens dos patrocinadores. O pacote estava fechado: o futebol seria transmitido ao mundo pela nova tecnologia e, junto com ele, o capitalismo poderia ter uma vitrine privilegiada para expor suas marcas”.

Na mesma postura, o jornalista Foer (2005) em seu livro *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*, investiga como o futebol é muito mais que um esporte ou mesmo um modo de vida, é uma metáfora da nova ordem mundial em que os clubes futebolísticos espalham classes sociais e ideologias políticas, inspirando, muitas vezes, uma devoção mais intensa que as religiões. Dentre os dez textos escritos por ele, cada um com um tema específico, tratando-se de diferentes países, surpreendente seria se a corrupção não viesse acoplada ao nosso país.

No contexto específico brasileiro, também podemos apontar a obra de Guterman (2014), *Como o futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, na qual o jornalista trata de relações como esporte de elite e entretenimento das massas, amadorismo e profissionalismo, o uso político do esporte e o uso da política pelo esporte, dos salários modestos à globalização-exportação.

O futebol, na opinião desse jornalista, passou a ter grande importância política a partir de sua massificação, ou seja, ao entender a sua capacidade de mobilização social, ele foi utilizado inúmeras vezes por políticos como elemento decisivo para definir o humor de um eleitorado crescentemente menos controlável²⁰.

Essa posição interessada em compreender o futebol e sua relação com os interesses econômicos que os envolve não é somente da área da comunicação, interessante saber que a área da educação física²¹ também se preocupa. Rigo (2015), por exemplo, em seu texto *Cantera e categorias de bases: considerações sobre a formação, o pertencimento clubístico e a circulação de jogadores espanhóis e brasileiros*, analisa a lógica de circulação de jogadores.

Rinaldi (2000), por sua vez, em seu trabalho *Futebol: manifestação cultural e ideologização*, promove uma reflexão a respeito do futebol como meio de “transmissão” ideológica. Segundo o professor, o futebol passa ser um veículo de propaganda, através da imprensa pela sua popularização e massificação, afirmando

²⁰ As reflexões sobre esse assunto são realizadas no tópico 1. 2.

²¹ Todavia, a maior parte de estudos encontrados nessa área está interessada em discussões sobre o ensino, o futebol e a escola. Um livro interessante que podemos sugerir é de Daolio (2006), *Cultura: educação física e futebol*. Após cada texto, são oferecidas questões para reflexão.

a ideologia e o pensamento político da classe dominante representada pelo governo institucional.

Na área da linguística, especificamente na subárea da literatura, podemos citar o trabalho de Silva, M. (2015), *Futebol brasileiro, invenção modernista*, que trata da linguagem utilizada pelo escritor e artista plástico Fernando Pieruccetti, conhecido por Mangabeira, pseudônimo que assinava em suas charges esportivas. Mangabeira, segundo Silva, M. (2015), criou alguns mascotes futebolísticos, e seu trabalho principal no meio esportivo foi o de denúncia social quando fazia um diálogo entre o universo rural e o interiorano, no sentido de aproximar e conciliar diferenças, o que, muitas vezes, ofuscou os conflitos e antagonismos da vida social.

Outro trabalho interessante refere-se à obra *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, de Wisnik (2008). O autor estuda o futebol brasileiro buscando pensar a nossa formação social e o nosso imaginário, através da ressignificação do esporte no país. Utilizando-nos de sua explicitação, trata-se do veneno remédio as qualidades reconhecidas justamente porque apagam os prejuízos das contradições e os paradoxos que o esporte abriga. Uma de suas proposições ressalta que o futebol é, para o bem ou para o mal, a cara do Brasil!

Nesse ponto, podemos somar o trabalho de Vilela-Ardebgghi (2015), *O “verdadeiro” futebol brasileiro: estereótipo e discurso*²², inserido na subárea de letras. Este texto propõe uma análise do que se chama de “brasilidade”, procurando descrever os discursos que buscam em geral a afirmação de uma suposta identidade para o futebol brasileiro.

Ainda nessa área, podemos incluir também um trabalho realizado nos pressupostos bakhtinianos com auxílio da semiótica, que analisa duas peças publicitárias, de duas empresas distintas, Itaú e Vivo, veiculadas pela televisão durante a Copa de 2010. Nesta reflexão de Sá, Sá e Natali (2014), intitulada *Futebol e mídia: discurso da publicidade durante a copa na África do Sul*, os autores identificaram estratégias discursivas, nos planos verbal e visual, que auxiliaram na manutenção do sistema vigente.

²² Pela observação das referências deste trabalho podemos inferir que esteja inscrito na análise de discurso, mas não conseguimos distinguir sua vertente teórica, pois utiliza Chauí (2006), Maingueneau (1984 [2005]) e Pêcheux (1983 [2002]).

Por fim, mas não menos importante, temos o texto *A Formação Discursiva do jogador de futebol em entrevistas para tv* de Dias (2005), desenvolvido nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso de tradição pechextiana. Com respeito, trata-se do único texto em nossa área que busca estudar o futebol. Nele, o autor objetiva configurar uma formação discursiva (FD) do jogador.

Encerrando, então, nossa trajetória bibliográfica, não poderíamos deixar de tratar da psicanálise, já que esta é cara aos estudos em AD. Nesse campo do saber²³, Sebenelo (2012) escreve sobre *Futebol e Subjetividade*, e em suas pesquisas prevalece o interesse pelas intensas emoções. Nesse texto citado, a autora registra que é preciso refletir sobre a zona de transição entre futebol e sociedade, sociedade e futebol, já que essa prática social reflete aspectos sociais, como a falta de limites, os excessos consumistas e a busca pelo poder.

Em suas palavras, “a sociedade contemporânea sofre do excesso de desejo; somos incapazes de aceitar um momento negativo. No futebol, como em tudo o mais, é proibido perder; a cultura do sucesso nele está impregnada” (SEBENELO, 2012, p. 236), e tal característica, a seu entender, pode gerar a violência, que distancia o esporte de uma perspectiva humanista como almejam pensar alguns estudiosos.

Enfim, realizada essa pesquisa que buscava (re)conhecer como os estudiosos, em diferentes áreas do saber, compreendem o futebol, interessa-nos, a partir desse momento, construir a nossa leitura sobre a história do futebol brasileiro, pois, a nosso entender, é a historicidade que nos permitirá compreender como os discursos sobre esse esporte funcionam produzindo determinados sentidos. Depois dessa construção histórica, discutimos a relação do futebol com a política, na medida em que essa relação faz parte das condições materiais de produção desse esporte em nosso país.

1.2 A história do futebol

²³ Em pesquisa na *internet* sobre futebol e psicanálise, encontramos muitos textos relacionados ao papel da repressão dos impulsos, sobretudo os agressivos, na sociedade. Outros textos dedicam-se à violência das torcidas organizadas. Podemos sugerir a leitura *Futebol: agressividade e paixão em busca de representação*, escrita por Martinez (2017) (cf. FUTEBOL, 2018).

Pelo reconhecimento das diferenças que julgam não poder ser desperdiçadas entre as formas antigas e a atual forma de conceber a prática futebolística, alguns autores preferem partir do século XIX, como o princípio do futebol, considerando que esse esporte resultou de um conjunto de fatores presentes na Inglaterra nesse século em questão.

Nessa postura teórica, considerando uma forma mais madura de trabalho, Franco Júnior (2007) enfatiza que não há como dissociar a história do futebol da história geral das civilizações. Em outras palavras, o quadro geográfico não pode ser desvinculado de seu quadro histórico, precisamente com o acontecimento da Revolução Industrial, pois, não é casual que a Inglaterra tenha sido o berço da revolução e do futebol na medida em que os dois fenômenos estão associados à competição, à produtividade, à igualdade de chances, na supremacia do mais hábil, na quantificação de resultados e na fixação de regras, como exemplos.

Praticado inicialmente por sujeitos de classe média alta, fundadores do *Football Association*, logo o esporte ganhou o interesse e a empatia do interior da Inglaterra atraindo a classe média baixa. Em meados de 1870, os operários já faziam parte dos atletas simpatizantes quando surgiram clubes de empresas siderúrgicas, ferroviárias e armamentistas. No começo da década seguinte, o futebol foi inserido nas escolas públicas como obrigatório no ensino primário, praticado por sujeitos de classe baixa.

Diante dessa heterogeneidade de jogadores, o imperialismo inglês persistia na construção de sua identidade, buscando maior precisão nas regras e maior equilíbrio entre suas origens (inglesas e aristocráticas) e as pressões populares. A preocupação centrou-se em “demarcar espaços”, e essa expressão é relacionada à geopolítica do período, segundo Franco Júnior (2007), em que diferentes países demonstravam interesse em ocupar e explorar o espaço nacional.

Nessas condições de produção, não se exportavam apenas produtos industriais e serviços qualificados, mas também fenômenos culturais, como o futebol, o que conferiu ao país ares de modernidade. E foi nesse clima cultural que nasceram muitos clubes que fazem parte da história do futebol, como é o caso dos clubes brasileiros *São Paulo Athletic Club* fundado em 1888, em São Paulo (SP), *Club de Regatas Vasco da Gama*, fundado em 1898, cuja sede situa-se no Rio de

Janeiro (RJ), e o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, fundado em 1903, em Porto Alegre (RS).

Outro fator que disseminou o futebol pelo mundo diz respeito ao intercâmbio comercial ou cultural de trabalhadores e estudantes quando passavam determinada temporada no exterior, que na volta ao país de origem traziam consigo o esporte, tal como aconteceu com o paulista Charles Miller. Em 1894, o rapaz trouxe em sua bagagem dois uniformes, um par de chuteiras, duas bolas, uma bomba de ar, um exemplar do livro de regras e o desejo de praticar o esporte com seus amigos no Brasil.

Há quem defenda, de acordo com os relatos de Franco Júnior (2007) e de Guterman (2014), que anos antes de Miller retornar da Inglaterra, os jesuítas já haviam introduzido um jogo com bola. Outra história refere-se ao Colégio São Luís, situado em Itu (SP), onde jovens da elite disputavam um jogo parecido ao *football association*, denominado “bate bolão”. Também outros colégios confessionais e laicos dos estados de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul já praticavam o futebol desde a década de 1880. Uma terceira versão que se distancia da história considerada oficial, noticia marinheiros ingleses jogando futebol nas praias brasileiras em seus dias de folga. E ainda, existe outra variante que registra uma partida de futebol realizada em 1878, no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel.

Aproximando-nos de nossas condições de produção, a obra de Rigo (2004) traz a preocupação da personalização histórica de Charles Miller por grande parte da imprensa brasileira ao longo dos séculos. A crítica do professor baseia-se no enaltecimento da figura de Miller como o responsável por trazer, implementar e disseminar o futebol em solo brasileiro, deixando uma espécie de dívida histórica com o discurso “se não fosse por ele o futebol não seria jogado no Brasil” (RIGO, 2004, p. 56). Na sua opinião, essa posição teórica relega a um plano secundário todas as experiências de futebol contemporâneas ao próprio paulista, que sem um único e determinado “pai”, já aconteciam no país.

Um exemplo citado por Rigo (2004) refere-se ao *Sport Clube Rio Grande*, situado no interior sul do Rio Grande do Sul, fundado em 19 de julho de 1900. Esse clube é reconhecido pela CBF como o clube de futebol mais antigo do Brasil,

preservando o mérito de ter se mantido em atividade desde sua fundação. Nas palavras do autor:

Já que a história oficial tende a cultuar a figura de um grande autor e de uma origem determinada, o S. C. Rio Grande correu atrás de seu espaço dentro dessas condições de possibilidades. Hoje, com orgulho, o clube exhibe a proeza de ter sido reconhecido oficialmente como o mais antigo do Brasil, posição que na região lhe propiciou o carinhoso apelido de Vovô (RIGO, 2004, p. 58).

O Vovô, então, teve como fundadores, conforme a pesquisa de Rigo (2004), rapazes descendentes de estrangeiros, na maioria alemães e ingleses, que se concentraram em jogar futebol entre si, realizando jogos demonstrativos na tentativa de fazer dessas partidas um novo episódio cultural para a cidade interiorana. Mas como todos os jogadores desfrutavam de uma situação financeira favorável, logo o clube aceitou convites para a participação em festas esportivas e sociais com jogos de exibição em outras cidades, como é o caso de Pelotas quando o futebol despertou a curiosidade e o interesse dos jovens de “boas famílias” – assunto do próximo capítulo.

Diante de tantas possibilidades da introdução do futebol no Brasil, optamos por não excluir desta tese a história de Charles Miller, pois, talvez, foi a imposição de regras e de artimanhas, a característica que o fizeram pioneiro do esporte em nosso país. Ao mesmo tempo, não deixamos de registrar outras perspectivas sobre a questão, reconhecendo-as como importantes na história da constituição do futebol brasileiro. Assim, para nos ajudar nessa narração, trazemos as considerações de Guterman (2014, p. 14) sobre a versão de Miller.

Charles William Miller nasceu em São Paulo, em 24 de novembro de 1874, filho do engenheiro escocês John Miller e da brasileira Carlota Alexandrina Fox Miller. Carlota, por sua vez, era filha dos ingleses Henry Fox e Harriet Mathilda Rudge Fox. Ou seja, a família Miller tinha acentuado sotaque britânico, resultado de um conjunto de fatores que transformaram São Paulo em centro de atração do capital inglês no final do século XIX (GUTERMAN, 2014, p. 14).

John Miller, pai de Charles, veio trabalhar no Brasil na empresa chamada *San Paulo (Brazilian) Railway Company, Limited*, a primeira ferrovia do estado de São Paulo. A construção da ferrovia que ligava o Vale do Paraíba a Santos tornou-se um dos empreendimentos mais importantes da economia brasileira da ocasião porque serviu para escoar a produção do café, principal produto brasileiro no exterior durante quase um século.

O ciclo de riqueza gerado pelo café alavancou, na opinião do jornalista, não só a economia brasileira, por meio da industrialização e da entrada do capital externo, mas também a vida social com a entrada de imigrantes e a introdução de hábitos culturais estrangeiros, no meio dos quais estava o “esporte bretão”.

São Paulo recebeu ingleses de classes consideradas satisfatórias, “gente ‘com os bolsos recheados de moedas de prata’, em busca de ‘grandes empreendimentos’ e com ‘um certo padrão de educação’”, como escreve Guterman (2014, p. 16, grifos do autor). Nesse sentido, embora o estado de São Paulo e do Rio de Janeiro já tivessem boas escolas, os imigrantes mais ricos e até a própria aristocracia local mandavam seus filhos estudar na Europa. Charles, no caso, foi um dos meninos burgueses mandado pelos pais à Inglaterra para estudar no *Banister Court School*, em Southampton, quando tinha apenas 9 anos de idade, em 1884, onde ficou até 1894.

Oscar Alfredo Cox, outro menino burguês, teve participação semelhante à de Charles Miller na introdução do futebol no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro. Filho de George Emmanuel Cox, cidadão inglês nascido em Guayaquil, Equador, vice-cônsul da Inglaterra, e da carioca Minervina Dutra Cox, ele nasceu no Largo dos Leões, no bairro de Humaitá (RJ), tendo também a nacionalidade inglesa. Foi estudar na Suíça, no colégio *La Chatelaine*²⁴, quando conheceu o futebol, e ao retornar a solo brasileiro em 1897, ele maturou por cinco anos sua ideia de formar um time de futebol, esporte quase desconhecido até então.

²⁴ Juntamente com Cox, no colégio *La Chatelaine*, estudava o carioca Antonio Casemiro da Costa, que viveu também na França e na Inglaterra. O famoso “Costinha”, como ficou conhecido posteriormente, foi o primeiro presidente da Liga Paulista de Futebol, organização embrionária do futebol em São Paulo. Em destaque, Charles Miller, Oscar Cox e Antonio da Costa são exemplos apresentados por Guterman (2014) de que a iniciativa do esporte no nosso país cabia aos endinheirados.

Guterman (2014) sublinha que o embate entre o amadorismo e o profissionalismo foi a tônica do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX, pois os pioneiros viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de “*fair play*” dos atletas. O primeiro jogo disputado com ares profissionais ocorreu em São Paulo na Várzea do Carmo, em abril de 1895, promovido por Miller entre os funcionários da *Companhia do Gás* e da *São Paulo Railway*. O jornalista conta que, para que os jogos acontecessem na Várzea, os jogadores tinham que limpar o terreno e enxotar os burros que pastavam no local, comentário que expõe a simplicidade a partir da qual nascia o esporte no país.

São Paulo Railway ganhou a partida por 4 a 2. Como não havia uniforme para todos os jogadores, muitos tiveram que jogar usando as calças compridas que vestiam. Nem os burros nem o vestuário diminuíram o ânimo dos envolvidos, numa verdadeira festa esportiva, desprovida de luxo. Tal característica logo atraiu a atenção dos operários das redondezas.

Os jogos, assim, eram verdadeiras festas ao ar livre. Os amistosos entre os times de São Paulo e do Rio de Janeiro em 1901, eram disputados em clima de camaradagem e cordialidade, pois o interesse maior não era a vitória, mas o “desenvolvimento físico da raça”, e essa menção à raça relacionava-se à preocupação com o espectro da mistura racial²⁵ que rondou os centros urbanos após a abolição da escravatura, mesmo que esse movimento eugênico brasileiro tenha se organizado apenas no final da primeira década do século XX.

As competições oficiais e a formação das ligas de futebol não tardaram. As primeiras disputas oficiais da cidade paulistana ocorreram no Velódromo Paulista, onde as arquibancadas estavam sempre cheias de cavalheiros, de senhoras e de senhoritas, a seleta parcela da sociedade, com o *status* de esporte nobre, o campeonato ganhou cobertura da imprensa. No primeiro campeonato de 1902, as mulheres destacaram-se entre os torcedores, elas eram consideradas como “adorno da festa”.

²⁵ Esse sentido movimentou-se nas classes entendidas como superiores, e a questão racial dominaria o futebol no Brasil, fundindo-se em debate semelhante na própria sociedade brasileira. A presença do negro no futebol seria tema controverso até 1970, conforme Guterman (2014).

Figura 1 – Velódromo Paulista



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 23.

Num amistoso entre Fluminense (RJ) e Germânia (SP) em 1904, jogo em que se esqueceram de levar a bola, uma hora antes do início da partida as arquibancadas do Velódromo já estavam cheias de moças para ver o “belo *sport inglês*”. Esse jogo atraiu, além do público refinado, torcedores considerados de classe inferior que disputaram espaço nas arquibancadas com as famílias abastadas, e aqueles pobres que não conseguiram lugar para prestigiar a partida se amontoaram em cima de telhados ou de árvores.

O esporte apresentou, assim, a sua vocação para se popularizar e, na época, acusaram tal fato como primeiro sinal dessa característica popular, com a dissolução da paz nas arquibancadas quando apareceram elementos estranhos à elite. Como aponta Guterman (2014), esses sujeitos considerados estranhos, entendidos das regras do jogo, já haviam adotado algum time ou algum jogador favorito, e assim, exigiam bom desempenho, utilizando-se de vaias quando contrariados. O *Jornal do Commercio* registrou essa ocorrência:

Antes de terminarmos essa notícia, temos de fazer uma grave censura a grande parte dos espectadores que assistiram ao match de ontem. Esses assistentes, por diversas vezes, vaiaram jogadores e juiz, quando algum fato por eles praticado não era de seu agrado e, o que mais nos dói dizer (oh! vergonha) notamos com grande sentimento que até rapazes de outros clubes, cegamente interessados pela vitória de um ou de outro team, para a boa colocação daquele a que pertencem, também se excediam, fazendo

protestos pouco dignos de suas posições. Esperamos que tão reprováveis cenas não se repitam, sob pena de não haver mais quem aceite o cargo desse interessante esporte, e isso, afinal de contas, pela má orientação do público (JORNAL DO COMMERCIO apud GUTERMAN, 2014, p. 25).

A graça e o cavalheirismo das arquibancadas refletiam o objetivo do pioneiro Miller de fazer do futebol uma expressão da educação e do espírito esportivo de sua classe, em contrapartida, a massa de torcedores começou a ser uma realidade do futebol brasileiro.

Essa heterogeneidade foi uma das principais transformações que o futebol sofreu em sua primeira década de existência. A influência para o crescimento popular foi decorrente do avanço da indústria paulistana, com a participação de sujeitos operários. O baixo custo para a sua prática foi uma característica que despertou o interesse popular.

Todavia, em seus primeiros anos de existência, os equipamentos necessários para os jogos tinham de ser importados. Os clubes reclamaram os altíssimos impostos cobrados pelo governo. A casa Fuchs, em São Paulo, que vendia arreios ingleses para cavalos, apetrechos para pesca e artigos esportivos, aproveitou essa necessidade mercadológica e passou a importar bolas de futebol.

A exploração econômica veio com eficiência, com a criação da *Liga de Futebol de São Paulo* estabeleceu-se a cobrança de ingressos para os torcedores, e em pouco tempo, a capitalização do esporte em paralelo a sua expansão pelo país, foi esvaziando seu caráter amador, aquele que prestigiava o “sangue azul”.

Figura 2 – Propaganda veiculada no jornal *S. Paulo Sportivo*, em 1905



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 34.

Um exemplo dessa transformação, teve desfecho na década posterior, refere-se ao primeiro herói do futebol brasileiro chamado Arthur Friedenreich. Como relata Guterman (2014, p. 43), “o mulato jogava bola como nenhum outro jogador de sua época, enquanto os olhos verdes e o sobrenome alemão eram o passaporte para o mundo dos brancos”. A *Liga* de futebol, na época, proibia explicitamente jogadores “de cor”, mas a condição de negro foi apagada por causa da ascendência europeia paterna. Foi dito inclusive que “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco” (GUTERMAN, 2014, p. 43).

A partir de um gol de Fried em 1914, num torneio internacional de seleções, o país notou, na opinião do jornalista, que negros e pobres podiam ter algum valor. Nas suas palavras,

o país, inebriado pela conquista inédita, enamorado de seu craque exótico e já com sintomas evidentes de estar tomado pela febre do futebol, concedeu que esse esporte havia transbordado as muralhas dos clubes de ricos brancos, ainda que estes não suportassem essa ideia, resistindo a ela o quanto podiam (GUTERMAN, 2014, p. 46).

Nesse contexto, apareceu o *Sport Club Corinthians Paulista*, no bairro Bom Retiro (SP), misturando brancos e negros, conhecido como “clube dos operários” ou “clube do povo” que não tinha sede tampouco dinheiro, mas tinha time e uma grande vontade de ingressar naquele fechado círculo elitista. Um outro time poderia

reivindicar a denominação de “clube dos operários”, o *The Bangu Athletic Club* formado por trabalhadores da fábrica de tecidos *Companhia Progresso Industrial*, fundado em 1904 no subúrbio do Rio de Janeiro. Porém, diferentemente do time paulista, o *Bangu* recebeu patrocínios dos donos da empresa.

Essa participação heterogênea de jogadores e de torcedores no futebol acentuou a transformação do perfil do esporte que já vinha acontecendo desde a década anterior, tal como buscamos reconstruir. O amadorismo que buscou deixar de fora do futebol aqueles sujeitos que não fossem da aristocracia, perdeu forças diante a paixão que nasceu da massa popular. Mas a ruptura momentânea do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional só deu-se na década seguinte, entre 1920 e 1930.

E foi o *Bangu*, assim como o *Corinthians*, que representou o início da abertura do futebol para a massa a caminho de transformar-se também numa profissão remunerada economicamente. A popularização adquiriu um impulso irresistível, e a rivalidade entre os times fomentou a procura de jogadores que pudessem garantir a vitória independente de classe social ou racial.

Filho (2010, p. 126), em sua obra, comentou a respeito:

Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro (FILHO, 2010, p. 126).

Nesse momento, as classes inferiores consideradas como invisíveis para a aristocracia cafeeira e industrial começaram a se materializar nas condições materiais de produção do contexto brasileiro. Guterman (2014) escreve que os impérios, em sua maioria, estavam ruindo-se no final da Primeira Guerra Mundial, a oligarquia duraria mais alguns anos, mas encontrava-se desafiada por um forte movimento.

A novidade da expansão urbana e da industrialização criou, assim, uma nova classe social com um número crescente de sujeitos resistentes ao regime

preconceituoso e determinista ao qual estavam inscritos. Ao mesmo tempo, o poder oligárquico preocupou-se em controlar essa massa e a Revolta da Vacina pode ser considerada tal como propõe o autor, um dos episódios da história brasileira que apresentou sinais de como a classe alta tratava a minoria, com a certeza do poder que exercia sobre ela.

Nesse instante, o futebol também começou a ser entendido como possível forma de controle social. Monteiro Lobato, em 1921, percebeu esse potencial do esporte e registrou sua opinião no texto *O 22 da “Marajó”*.

Esse delírio que por aí vai pelo futebol tem seus fundamentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na terra. Admiramos hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles, seus coevos, porém, admiravam muito mais os atletas que venciam no estado. [...] Entre nós há o exemplo recente de Friedenreich, um pé de boa pontaria pelo qual nossos meninos são capazes de sacrificar a vida. E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol em que disputam a primazia paulistanos e italianos em São Paulo.

Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações, duas raças inimigas. Durante todo o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, extáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos como cordas de viola. Conforme corre o jogo, há pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos.

A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cinquenta mil espectadores... (LOBATO, 1921, p. 247).

O futebol, assim, transformou-se num espetáculo que possibilitava aos sujeitos controlados diariamente pelo/no sistema de trabalho, descarregar suas tensões acumuladas durante as semanas. Lobato (1921) julgou o esporte “quase numa praga” que rapidamente se espalhou e se perpetuou pelo país, tornando-se um dos símbolos da modernidade brasileira.

Com a força que adquiriu, o futebol despertou interesse dos políticos, em especial de Getúlio Vargas. A relação com a política, então, seria testada – assunto este discutido no tópico a seguir²⁶.

1.3 A relação com a política

Guterman (2014) sugere que, a partir de 1930, o futebol passou a ser utilizado como instrumento político inserido no campo da política, de onde ele afirma que nunca mais saiu. Levando essa data em conta, podemos observar que estamos diante de anos de uma relação cada vez mais estreita e silenciosa entre o esporte, considerado uma enorme paixão popular, e as artimanhas dos governos em explorá-lo economicamente. Lembramos, assim, que não podemos perder de vista que em todo o funcionamento ideológico perpassa o econômico.

Referindo-nos ao ano de 2018, podemos escrever que são 88 anos de conexão entre futebol e política, quase um século em que a política está por trás da emoção futebolística. Assim sendo, podemos detalhar, com a ajuda de Guterman (2014), de Chade (2015), de Sá, Sá e Natali (2014), de Ribeiro, M. et al. (2017), de Souza (2016) e, também, de Melo (2008), as histórias das candidaturas políticas que se utilizaram do esporte para promoção popular, para controle de sujeitos, ou histórias de corrupção e de acordos milionários, dentre outras barbáries cometidas sujeitos em posição política.

Partimos da posse de Getúlio Vargas em 1930 como presidente do Brasil, num “governo provisório” de 15 anos ininterruptos, que encerrou a chamada República Velha e fez romper um Estado centralizador que tinha em vista o desenvolvimento industrial. O presidente logo tratou de enlaçar uma aliança com os trabalhadores urbanos, estes esperançosos nas possibilidades que viriam e iludidos pela ascensão da classe média.

²⁶ Antecipadamente, pedimos desculpas ao nosso leitor pela escrita do próximo tópico que pode parecer uma resenha da obra de Guterman (2014). O fato é que essa referência é a mais consistente na relação entre futebol e política, somada à obra de Chade (2015) principalmente. As duas, a nosso entender, formam um arcabouço teórico satisfatório que nos direcionam ao nosso objetivo.

Guterman (2014, p. 79) salienta que, se não havia um plano claro de administração quando Vargas assumiu o poder, havia nele, por outro lado, um “messianismo típico dos movimentos fascistas de então e que seria sua marca”. O jornalista explica que essa percepção baseia-se na estratégia do presidente em se amalgamar com a coletividade, não se diferenciando do povo, transformando todo o movimento de oposição a seu governo em movimento de oposição ao povo. Nesse sentido, o autor entende o fascismo como uma reconfiguração das relações entre o indivíduo e a coletividade, de modo que o indivíduo não tem direitos fora do interesse da comunidade, e que tais interesses sempre tendiam aos da classe alta.

Há controvérsias na historiografia sobre a posição de Vargas como fascista, mas a justificativa de Guterman (2014) sobre a sua opinião respalda-se nos mecanismos por meio dos quais o presidente construiu sua intensa relação com os brasileiros, sobretudo com a massa trabalhadora que transformou a paisagem brasileira de modo acelerado. A diferença entre o fascismo europeu e o fascismo varguista para o jornalista, é que o primeiro tinha como veículo principal o partido, e o segundo, o Estado, protegido pelos líderes militares.

Ainda em sua opinião, o futebol representou nesse momento um papel significativo, pois Vargas tinha noção dos novos tempos e da importância do futebol neles. A Copa de 1934, a segunda Copa do Mundo²⁷, é tratada como primeiro exemplo em que a seleção brasileira sofreu efetivamente a pressão do poder.

O projeto getulista abrangia o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do regime. “Compreendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante”, declarou Getúlio, conforme registro de João Lyra Filho – que era o responsável pelo esporte no Estado Novo e que chefiaria a delegação brasileira na Copa de 1954. “A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas”, continuou o presidente, para em seguida manifestar sua preocupação em ter as rédeas de uma força social e cultural tão formidável: “É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade da consciência nacional” (GUTERMAN, 2014, p. 71-72, grifos do autor).

²⁷ Essa competição foi criada em 1928 na França, sob a liderança do presidente Jules Rimet. Ela é disputada por federações reconhecidas pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), e sua primeira edição ocorreu em 1930 no Uruguai, cuja seleção venceu o torneio (cf. COPA, 2018).

O presidente empreendeu esforços consideráveis para estatizar o controle do futebol no nosso país, conforme continua Guterman (2014). Dessa forma, para o governo atingir sujeitos de todas as classes sociais, foi necessário criar uma estrutura de controle cultural de grande abrangência, em que estabeleceu, em 1931, o *Departamento Oficial de Propaganda*. Mas foi em 1934, com preocupações mais amplas, que surgiu o *Departamento de Propaganda e Difusão Cultural*, embrião do temido *Departamento de Imprensa e Propaganda* que foi um dos pilares do Estado Novo.

O cinema exibia filmes produzidos pelo governo, no entanto, foi o rádio que ganhou enorme importância nessa ocasião, pois a novidade foram as transmissões esportivas que o fez companheiro da massa. Nas palavras do jornalista, “a criatividade dos locutores e o crescente alcance do rádio deram outra dimensão ao futebol. O esporte, que já era popular, tornou-se um ser vivo, pulsante, um drama de cores épicas descrito pelos narradores” (GUTERMAN, 2014, p. 74).

Os programas esportivos de rádio criaram mitos e heróis a cada jogo, a cada narração, o que ajudou a construir o caráter nacionalista do povo brasileiro. A seleção brasileira já representava a pátria e, o futebol, em geral, manifestava a brasilidade. Com enormes possibilidades políticas, Vargas estabeleceu contatos de influência dentro da seleção, um exemplo disso foi Lourival Fontes, considerado homem forte do presidente que, em 1931, fundou uma revista de extrema direita. Em 1934, ano da Copa, Fontes foi conduzido como responsável do *Departamento de Propaganda e Difusão Cultural* e logo, no mesmo ano, escolhido para chefiar a delegação brasileira.

Nessa confluência de interesses, o esporte foi instrumento. Para Vargas, “apenas competir já não era o que importava, em se tratando da pátria e da ideologia” (GUTERMAN, 2014, p. 76). Nessa Copa, a seleção entrou em campo como um exército, e a derrota para a Argentina foi prontamente capitalizada pelo Estado, em que a perda acrescentou mais heroísmo do que seria a vitória. A delegação foi recebida no Rio de Janeiro, numa cerimônia que recepcionava soldados que haviam lutado uma guerra, e o Hino Nacional foi executado com salvas de canhões. Construiu-se, nesse sentido, a ideia de que o adversário era um inimigo a ser derrotado em campo, como se fosse um campo de batalha.

Em 1938, o Brasil disputou a sua terceira Copa do Mundo com um nível maior de organização técnica e renovada disposição, inclusive política. Entre seus jogadores incluíram-se negros e brancos, inspirando os pressupostos de miscigenação brasileira, inclusive no que dizia respeito à harmonia social tão perseguida pelo regime varguista. O time não ganhou em campo, mas continuou vencendo os corações brasileiros. O Brasil via-se como singular a partir do futebol, e este ano de 1938 foi considerado um marco de descoberta do país como o “país do futebol”. O presidente, embora aficionado pelo golfe, não ficou alheio ao futebol em seus anos no governo, vinculou o esporte ao Estado e explorou cada centímetro, como bem lembra Guterman (2014), da paixão nacional a favor de seus projetos de coesão social.

Figura 3 – Vargas entrega o prêmio pelo Pan-Americano de 1952 a Ademir Menezes, um jogador símbolo de seu tempo



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 80.

Em 1950, sob a presidência do general Eurico Gaspar Dutra, o Brasil sediou a Copa do Mundo, uma oportunidade para mostrar a sua força no esporte entendido como o mais popular do planeta. Dois anos antes desse evento, iniciou a construção do Maracanã, após licitação para a escolha do projeto que levantaria o maior estádio do mundo na época, que se tornou o símbolo de um país que almejava ser grande. O estudo de Guterman (2014) explica que essa Copa veio num momento em que havia no Brasil o desejo de mostrar o orgulho por suas origens e pelo seu

desenvolvimento, exibindo internacionalmente que aqui não era apenas um lugar musical, luxuriante e improdutivo.

Mesmo com boas aspirações, o Brasil foi derrotado em campo pelo Uruguai. Um jornal salientou veemente que a derrota foi um golpe.

O silêncio do Maracanã entrou também para a História do Brasil. Daquele momento em diante, a identidade brasileira, tão vivamente construída durante as décadas de 1930 e 1940 a partir da noção de que nossa singularidade residia na nossa diversidade racial, entrou em parafuso (GUTERMAN, 2014, p. 99).

A derrota não foi apenas da seleção brasileira, mas também de um projeto de país. Com esse ânimo os brasileiros foram às urnas em outubro de 1950 para escolher o sucessor de Dutra. Vargas, com a promessa de impulsionar a industrialização, venceu e voltou à presidência. O presidente eleito encontrou um país instável que tinha a impressão de que o “país do futebol” soava como uma farsa, em campo e em vida. A difícil conjuntura não teve mudanças. Sendo crescentes as pressões pela renúncia de Vargas, uma manifestação de militares que exigia a sua saída precipitou a tragédia de seu suicídio.

Em janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek (JK) tomou posse como presidente da República, prometendo uma era de otimismo.

Juscelino havia feito uma campanha baseada em promessas grandiloquentes, que apontavam para a modernização do país, a partir do interior. O mais vistoso item de sua plataforma foi justamente a construção de uma nova capital do Brasil no Planalto Central, mas ele também apresentou um projeto de desenvolvimento de grande impacto, resumido no *slogan* “50 anos em 5” (GUTERMAN, 2014, p. 113, grifo do autor).

Esse clima de novos ares no nosso país ganhou, no decorrer dos anos, um toque especial no futebol, já que a seleção brasileira juntava seus “cacos” do vexame da Copa anterior. Nelson Rodrigues publicou na revista *Manchete Esportiva*, poucos dias antes da estreia da seleção da Copa de 1958, uma crônica com a opinião de seus sentimentos sobre o que se passava:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: 'O Brasil bem vai se classificar!'. E, aqui, eu pergunto: não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado? [...] Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos 'os maiores' é uma cínica inverdade. [...] Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender... (RODRIGUES, 1958 apud GUTERMAN, 2014, p. 119-121, grifo do autor).

A seleção brasileira para essa Copa contou com Pelé e Garrincha, jogadores que se tornaram ícones do Brasil. A organização do futebol estava passando por transformações graças a João Havelange que assumiu a presidência da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) e impôs uma organização empresarial e técnica à seleção, com a ajuda de Paulo Machado de Carvalho, seu vice, responsável pelo planejamento. Carvalho era dono de uma rede de rádios e das tvs Record, Tupi e Paulista. A Record era a única tv com prédio construído exclusivamente para seus trabalhos, e tinha um envolvimento significativo com o futebol, sendo a primeira tv a transmitir um jogo futebolístico. Nessa década de 50, Guterman (2014) acentua que o número de aparelhos televisores saltou de 7 mil para 344 mil, e o número de emissoras duplicou.

Então chegou o dia 15 de junho de 1958, considerado o dia da redenção do futebol brasileiro, redenção da derrota de 50, redenção do negro que foi responsabilizado por esse fracasso, redenção das possibilidades nacionais, e redenção da arte contra a técnica, de acordo com notícias da época. Vitória da seleção brasileira! Nelson Rodrigues escreveu após o título, o seguinte:

O brasileiro mudou até fisicamente. Lembro-me de que, ao acabar o jogo Brasil x Suécia, eu vi uma crioulinha. Era a típica favelada. Mas o triunfo brasileiro a transfigurou. Ela andava pela calçada com um charme de Joana d'Arc. E, assim, os criouloes plásticos, lustrosos, ornamentais pareciam fabulosos príncipes etíopes. Sim, depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações [grifo do autor] (RODRIGUES, 1958 apud GUTERMAN, 2014, p. 130).

Figura 4 – Juscelino com Havelange na comemoração da Copa de 1958



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 131.

Nas palavras de Guterman (2014), a vitória não poderia ter vindo em hora melhor, coroando os “anos dourados” de JK. No entanto, ao lado dessa festividade sopraram ares de desconfiança nacional, com a acusação de que o presidente transformou a construção de Brasília num sorvedouro de dinheiro público destinado à corrupção. E foi esse tema da corrupção que contribuiu na decisão eleitoral de 1960 para a vitória de Jânio Quadros, um candidato de campanha moralista que se apresentou como descompromissado com o sistema político.

Quando Jânio Quadros assumiu a presidência levou consigo um grande conflito de classes e de interesses, que seu baixo populismo não teve condições de controlar. Então, sete meses depois de sua posse, o presidente anunciou sua renúncia. Com a renúncia à Presidência da República, coube ao vice-presidente, João Goulart, conhecido como Jango, assumir o comando do Brasil. Mas Jango estava em missão oficial, assumindo provisoriamente o governo, o presidente da Câmara dos Deputados, Rainieri Mazzilli.

Essa nova fase nacional iniciou sob tensão, agravando-se os ânimos com a organização dos movimentos dos camponeses e urbanos, especialmente com os operários e os estudantes que viram uma chance de revolução social. Apesar da grande importância do momento, só o futebol era capaz de mobilizar uma massa tão grande de brasileiros, pois “fazia muito mais sentido sair às ruas para festejar uma vitória da seleção brasileira do que para defender as liberdades” utilizando-nos das

palavras de Guterman (2014, p. 136), já que o destino estava crescentemente longe das mãos do povo.

O Brasil estava mobilizado para acompanhar a seleção brasileira numa nova oportunidade de vitória. O *Jornal do Brasil*, em 1962, informou o aumento de vendas de rádios transmissores em 100% por causa dos jogos, salientando que todas as atenções do país estavam voltadas aos jogadores e à bola, sendo suspendida qualquer outra atividade, inclusive em Brasília.

Uma nova Copa do Mundo, uma nova vitória, o Brasil em 1962 tornou-se bicampeão do mundo.

Figura 5 – Jango cumprimenta Garrincha em recepção aos campeões de 1962



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 143.

Jango, nesse contexto vitorioso, caprichou na exploração do futebol devido a necessidades de sobrevivência política, já que as eleições presidenciais estavam próximas. Na opinião do jornalista por nós utilizado para relatar a relação entre o futebol e a política, o presidente não era meramente um político que tentava capitalizar um momento glorioso do futebol, mas era um sujeito torcedor que tinha intimidade com o futebol, tendo sido zagueiro do Internacional de Porto Alegre em 1930. Todavia, aquela onda de felicidade pátria nos corações dos brasileiros não podia ser desperdiçada, afinal podia lhe ser muito útil, como foi.

O povo brasileiro foi às urnas em 1963 para escolher o presidencialismo, e Jango ganhou com larga margem de votos. Nesse mandato com poderes executivos efetivos, o presidente objetivou atacar os problemas econômicos fortalecendo os sindicatos.

No conjunto, o plano de Jango foi rechaçado tanto à esquerda como à direita. À esquerda, criticava-se a ideia de arrochar salários e também as negociações com os “imperialistas” estrangeiros; à direita, muitos estavam ganhando na ciranda financeira alimentada pela inflação e não tinham interesse em que ela fosse combatida, além de enxergarem em Jango, desde sempre, o líder de uma república sindical. Em meio a todo esse clima de radicalização, o golpe militar estava em pleno (GUTERMAN, 2014, p. 146, grifo do autor).

No dia 1. de abril de 1964, o presidente do Senado Auro de Moura Andrade declarou o cargo de presidente da República vago. Conforme a Constituição, Rainieri Mazzilli assumiria o cargo, mas era tudo encenação, pois os militares estavam no comando. Iniciou assim um período difícil no nosso país, e o futebol teve papel central nele.

Figura 6 – Castello Branco em cena com os jogadores da seleção brasileira



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 151.

Guterman (2014, p. 151) utiliza o enunciado “... a ditadura abraça o futebol” para se referir ao momento. O otimismo para a Copa de 1966 foi significativo, havia interesses políticos ao objetivo do tricampeonato. Diante da visibilidade da seleção e da influência popular que ela exercia na sociedade, de um lado estava Havelange pleiteando o cargo de presidente da FIFA, e de outro lado, estavam sujeitos que representavam o poder golpista que ganhava a cor verde-oliva.

A seleção não era mais uma simples representação esportiva nacional; ela era a essência brasileira, sua expressão de força, capaz de gerar orgulho patriótico e nacionalista. No momento em que o Brasil mergulhava nas trevas institucionais, e os militares viviam uma guerra intestina para saber que rumo dar ao golpe que haviam penetrado em 1964, o futebol consolidava-se como instrumento óbvio dos interesses dentro da malha de poder (GUTERMAN, 2014, p. 156).

A partir de 1967 Costa e Silva tomou posse da presidência do Brasil. Com a radicalização da ditadura militar brasileira, a obsessão dos generais foi forjar no país uma sensação de legitimidade, pois era importante a aceitação daquele regime. Depois da posse de Emílio Garrastazu Médici na presidência do país em 1969, esse objetivo ficou mais sólido, uma vez que a legitimidade popular era um de seus propósitos. Para isso, utilizando-se de uma satisfatória combinação, sua identificação com o futebol devido sua atividade no Grêmio de Bagé (RS) e o aumento de possibilidades de emprego no país, Médici soube aproveitar o momento para a continuidade de uma linha dura. Faltava, para coroar essa relação, a conquista da Copa de 1970.

Mas essa situação – um governo no auge da repressão e um presidente interessado no futebol e em seus efeitos populares – dividiu a opinião da intelectualidade brasileira que estava na luta armada ou no exílio, na medida em que considerava a torcida pela seleção brasileira um modo de compactuar com o regime. Um cartunista escreveu, em *O Pasquim*, sobre o momento:

Um país inteiro para por causa do futebol, mas não para resolver o problema da fome... Este sim é o verdadeiro ópio do povo! Faz esquecê-lo de que são explorados, subdesenvolvidos... Estou torcendo para o Brasil perder! Assim o povo voltará a realidade e verá que a vida não é feita de

gols, mas de injustiças... Nossa realidade não é tão infantil como uma jogada como esta de Pelé invadindo a grande área inglesa e... Pênalti! Pênalti! Juiz filho da mãe! Pênalti, seu safado! (HENFIL, 1970 apud GUTERMAN, 2014, p. 162, grifo do autor).

A seleção com a responsabilidade de representar o país nesse momento em que o regime militar apostava na sua vitória para afirmar seus projetos políticos, foi pressionada principalmente por Médici, sofrendo mudanças internas como a substituição de seu treinador por Mário Jorge Lobo Zagallo²⁸, escolhido de Havelange. Nessa fase era imprescindível transformar o time num modelo de ordem e disciplina.

Figura 7 – Médici: um general e seu exército esportivo



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 173.

Vencer foi uma determinação do presidente, conforme Guterman (2014). O embalo cívico contou com a marchinha que dizia: “Noventa milhões em ação/ Pra frente, Brasil/ Do meu coração/ Todos juntos vamos/ Pra frente, Brasil/ Salve a Seleção!/ De repente é aquela corrente pra frente/ Parece que todo o Brasil deu a mão/ Todos ligados na mesma emoção/ Tudo é um só coração!/ Todos juntos vamos/ Pra frente Brasil, Brasil/ Salve a Seleção!/ Todos juntos vamos/ Pra frente

²⁸ De acordo com pesquisas de Guterman (2014), houve especulações, na época, que Havelange escolheu Zagallo porque ele era um sujeito de fácil controle tanto ao próprio presidente da CBD quanto ao governo de Médici.

Brasil, Brasil/ Salve a Seleção!”²⁹. Letra esta que resumia o projeto do governo, seja ele, de unidade nacional, o fim das divergências com vista a um objetivo comum, a paixão pelo país e a ordem de avançar, de um movimento “pra frente”.

O resultado da campanha foi o tricampeonato, com os jogos transmitidos, pela primeira vez, ao vivo nos televisores do povo brasileiro. A integração e a proximidade eram características exploradas pelo governo graças ao bom desempenho da seleção, e a disciplina de perfil militar foi considerada um fator importante na conquista do título. E essa mesma disciplina foi a promessa de colocar o país nos trilhos.

Figura 8 – Médici exibe a taça em comemoração à conquista do tricampeonato



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 185.

A conquista de 1970, em suma, contribuiu para o resultado da eleição presidencial indireta ocorrida em novembro daquele ano, que reelegeu Médici como presidente. Essa vitória política significou para os generais que a ditadura era a essência do progresso brasileiro, já que Médici foi o primeiro presidente da ditadura a ter controle de sua sucessão escolhendo o general Ernesto Geisel para o cargo, em 1974.

²⁹ Conforme Amanda (s.d.).

Nesse ano, o país preparava-se também para outra Copa do Mundo com modelos técnicos militares tais quais aqueles de 1970. Porém, dessa vez, a seleção brasileira não teve o mesmo êxito, perdeu em campo. O país também perdia na economia com endividamento e, na organização social, com desgaste de seus pressupostos autoritários. Essa crise foi o pilar do governo de João Figueiredo, escolhido por Geisel para sucedê-lo em 1979.

A ditadura estava minguando por dentro – e ânsia da retomada das liberdades democráticas começou a sacudir a apatia brasileira e a gerar movimentos civis de abertura, penetrando até mesmo no habitualmente fechado, antidemocrático e patriarcal mundo da administração do futebol. Um dos grandes momentos desse fenômeno, como veremos a seguir, foi a Democracia Corintiana (GUTERMAN, 2014, p. 201).

O Brasil entrou na década de 1980 em meio à primeira recessão registrada em sua história, e as consequências para o meio industrial foram notáveis, elevando de modo acentuado o desemprego. O governo militar, nessas condições, não admitiu que tal crise econômica tivesse o tamanho de sua aparência horrenda na sociedade.

As eleições de 1982, então, surgiram como uma injeção de ânimo, pois foi uma possibilidade do povo posicionar-se para contribuir na decisão dos rumos do país mesmo com todas as limitações impostas ainda pelo governo. Os ares brasileiros estavam mudando e o futebol como expressão da massa refletia esses desejos de mudanças, como é o caso do Corinthians.

Esse time foi um dos primeiros a usar a camiseta nos jogos como forma de veicular mensagens, inclusive publicitárias, o que era proibido até o momento pelo *Conselho Nacional de Desporto*. A equipe Corintiana, assim, foi importante no período com sua ousadia democrática, quando entrava em campo com faixas alusivas à democracia e quando passou a utilizar a camiseta como *outdoor* de campanhas políticas. Na véspera das eleições em questão, por exemplo, de acordo com relato de Guterman (2014), os corintianos exibiram os enunciados “No dia 15, vote”, “Eu quero votar para presidente” e “Diretas já”.

Com relação à seleção brasileira, instaurou-se certa negação da doutrina militar por parte dos jogadores e dos responsáveis dirigentes, e a forma militarizada dos dez anos anteriores foi substituída por uma técnica que acreditava nas qualidades individuais de cada jogador. Pela primeira vez, esse time teve um treinador exclusivo e em tempo integral, Telê Santana, expressando um novo estilo de administração que resultou na transformação da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) em *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF), com Giulite Coutinho como presidente.

Todavia, esse novo estilo de Telê não teve bom resultado na Copa ocorrida nesse ano de 1982. A derrota, conforme o jornalista, despertou os brasileiros para a realidade da sociedade, impulsionando a campanha das “Diretas Já” em todo o país. Essa mobilização civil, entre os anos de 1983 e 1984, reivindicou eleições diretas para presidente a partir da proposta de *Emenda Constitucional Dante de Oliveira* entregue ao Congresso.

Havia forte identificação daquele movimento com o mundo do futebol, esporte democrático de massa por definição. Um dos personagens mais vinculados à campanha [...] era Sócrates, o líder da Democracia Corinthiana e um dos símbolos do “futebol-arte” do Brasil, contraponto completo à tecnocracia e à politicagem de cartolas e parlamentares. E o principal animador dos comícios era Osmar Santos, um dos maiores e mais criativos locutores de futebol no país. Osmar perguntava à multidão: “Diretas quando, gente?”, e vinha a resposta: “Já!” (GUTERMAN, 2014, p. 216, grifos do autor).

Entretanto, a proposta foi rejeitada, frustrando a sociedade brasileira. Ainda assim, o movimento conquistou uma vitória parcial em janeiro de 1985 quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral. Mas Tancredo estava doente, e às vésperas de sua posse foi internado e operado num hospital em Brasília. Em seu lugar, tomou posse José Sarney como presidente interino, que foi posteriormente empossado devido à morte de Tancredo.

No futebol, o povo nas ruas pedia a volta de Telê para preparar a seleção brasileira para a Copa de 1985, e tal pedido foi atendido como se a força das ruas tivesse participação na tomada das decisões do país. Novamente, o resultado foi negativo, e o sentimento daquela geração foi de consecutivas derrotas: perdeu para

a Itália na Copa de 1982, perdeu a taça Jules Rimet que foi derretida por ladrões, perdeu a emenda das “Diretas Já”, perdeu Tancredo Neves e, também, perdeu para a França na Copa de 1986, tudo isso somado a uma crise econômica. Guterman (2014, p. 223) escreve que “era um país à mercê de seus próprios fantasmas e rendido às evidências de que talvez a democracia e a beleza do futebol fossem concessões de sua própria imaginação”.

A esperança estava, naquele momento, depositada na próxima eleição presidencial, a primeira direta desde a década de 1960, ocorrida em 1990. Nesta, Fernando Collor de Mello foi eleito no segundo turno com força nas urnas devido a sua campanha maldosa contra seu adversário Luiz Inácio Lula da Silva.

Collor levou ao limite do paroxismo a ideia de que ele não era uma pessoa, mas um modelo – apareceu lutando caratê, correndo, pilotando um caça e prometendo “dar a vida” para vencer “as elites”. Era o “messias de sangue jovem, que tiraria o país do atraso, para que os carros vendidos no Brasil deixassem de ser “carroças”, como Collor qualificou os automóveis produzidos aqui (GUTERMAN, 2014, p. 230, grifos do autor).

Essa ambição por modernidade influenciou o futebol também, sucateando o pouco que restava da arte brasileira nesse esporte. Ricardo Teixeira, eleito para presidente da CBF, transformou a seleção brasileira em máquina de eficiência e de dinheiro. Sua gestão (corrupta, conforme Chade (2015)), reconhecida como a mais longa da história da confederação, foi o período em que mais jogadores brasileiros foram vendidos ao exterior.

A Copa de 1990, diante desse cenário, foi marcada por jogadores atentos a interesses alheios ao torneio, com seus agentes negociando contratos milionários na Europa. Nesse ano, a seleção teve patrocínio da Pepsi, e antes de um jogo importante, os jogadores ameaçaram um protesto salientando participação maior na cota de patrocínio da empresa de refrigerante. Não foi por outra razão, portanto, que no retorno da Itália ao Brasil, os jogadores foram recebidos por uma torcida hostil que lhes atirou dinheiro a título de manifestação.

Figura 9 – Foto oficial da seleção brasileira na Copa de 1990



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 235.

Tal modernidade perseguida pelo presidente ao lado de denúncias de irregularidades e corrupção, começou a ser duramente questionada pelo povo, e a crise acentuou-se em 1992.

Em agosto, no dia 11, Collor foi desafiado por uma passeata de dez mil estudantes em São Paulo que pediam sua saída, de modo irreverente e colorido – muitos deles pintaram o rosto com as cores da bandeira nacional, razão pela qual ganharam o apelido de “caras pintadas”. Collor respondeu três dias depois com um discurso inflamado, chamou os manifestantes de golpistas e conclamou os brasileiros a vestir verde-amarelo no domingo seguinte, dia 16. O que se viu, porém, foi o contrário: centenas de milhares de estudantes em todo o país, em forma espontânea, se vestiram de preto e tornaram a desafiar o presidente. O espírito suprapartidário das Diretas Já estava de volta... (GUTERMAN, 2014, p. 239, grifo do autor).

Acabou assim, o primeiro governo pós-ditadura. Em outubro, foi aberto um processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, impulsionado pelo movimento nas ruas, e após, com larga margem de votos, a Câmara autorizou a abertura do processo que resultou no afastamento temporário até a decisão final pelo Senado Federal. Antes de ser condenado, porém, Collor renunciou à presidência, deixando em seu lugar o vice-presidente Itamar Franco.

O início do governo de Itamar não ajudou a melhorar as expectativas do país. Alguns meses depois de sua posse, foi lançado o embrião do Plano Real, cuja

primeira etapa pretendia estabilizar os gastos do governo. Porém, nesse mesmo período, estourou outro escândalo de corrupção, dessa vez no Congresso, onde parlamentares foram acusados de manipular o Orçamento em troca de propinas de empreiteiras. E os desafios continuavam no novo governo, pois logo aconteceu uma nova Copa do Mundo.

Fernando Henrique Cardoso (FHC), Ministro da Fazenda, lançou a segunda etapa do Plano Real antes de deixar o governo para se candidatar à presidência, e esse programa reforçou sua candidatura – a campanha de FHC centrou-se na estabilidade da economia. Guterman (2014, p. 241), em seu livro, informa que “com o Plano Real, cerca de oito milhões de famílias passaram a ter acesso ao mercado de consumo”.

O Real nasceu justamente em meio à expectativa de que a seleção brasileira pudesse se redimir do desastre da Copa de 1990. Nas palavras do jornalista, “o mundo globalizado havia definitivamente engolido os brasileiros naquilo que eles consideravam seu patrimônio nacional” (GUTERMAN, 2014, p. 247). O Brasil foi Tetracampeão na Copa do Mundo de 1994!

Figura 10 – Foto da seleção brasileira na conquista da Copa de 1994



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 245.

Embalado pelo grande otimismo do tetracampeonato e pelo contentamento gerado pelo Real, FHC venceu a eleição presidencial no primeiro turno em 1994. O

ano de 1995, contudo, marcou uma série de crises internacionais que afetou o país, e tal situação econômica teve como consequência uma turbulência social. Anos difíceis se passaram, e novamente o povo tinha chance de mudar seu futuro através das urnas.

Durante essa campanha presidencial, Guterman (2014) salienta que Lula apareceu novamente com força. FHC, por sua vez, não podia louvar a economia como fez em 1994, então preferiu colocar-se como o candidato confiável para lidar com as turbulências apresentadas, estas provocadas e acentuadas por sem-terras e outros movimentos sociais.

A proposta de continuidade e a aposta na experiência também eram ditas as soluções para a seleção brasileira que disputaria a Copa de 1998 na França. No entanto, o Brasil perdeu na final para a equipe da casa, sendo frustrado o sonho do pentacampeonato.

Um mês depois, o sonho do país estabilizado, a despeito de todas as aparências desde 1994, também se revelaria um pesadelo. No final de agosto, FHC foi à tv para admitir, afinal, que a situação econômica era grave e que eram necessárias medidas duras para estancar a sangria de capitais, agora agravada por uma crise que vinha da Rússia. Paradoxalmente, FHC conseguiu estancar sua queda nas pesquisas eleitorais, por uma simples razão: o eleitorado o achava mais preparado do que Lula para uma situação como aquela (GUTERMAN, 2014, p. 252).

Diante disso, podemos sugerir que o país perdeu em campo e nas urnas quando optou pelo governo FHC em 1998. Nas eleições seguintes, Lula retornou com força na opinião do jornalista, adotando uma atitude conciliadora, aberta a alianças de fora do espectro político original do Partido dos Trabalhadores (PT). E essa postura de Lula resultou no seu favoritismo à sucessão de FHC em outubro de 2002, numa base mais ampla do que nas três eleições anteriores. Assim, a disputa presidencial foi marcada pelo contexto da crise e de seus efeitos sobre a classe pobre, e Lula foi considerado capaz de superar os obstáculos e estabelecer uma melhora social aos menos favorecidos.

Guterman (2014, p. 255) lembra que o presidente Lula tinha uma “irresistível identidade popular”, e sua trajetória de vida podia ser comparada com a dos

meninos miseráveis que encontravam no futebol uma maneira de sair da pobreza. Além disso,

era essa forte ligação com um passado extremamente pobre e sofrido que conferia autenticidade a Lula, num momento em que o Brasil discutia modelos de desenvolvimento que não resultasse, como de hábito, em aprofundamento do abismo social.

Um século depois, o futebol e a república no Brasil, que nasceram dominados pela aristocracia branca e demofóbica, assistiam finalmente à revanche. A eleição de um ex-torneiro mecânico, que soube moldar-se às circunstâncias e cuja retórica estava impregnada de simbolismo sobre a real capacidade do brasileiro, representava a esperança de um novo ciclo na história do país, em que gente pobre como Cafu, Ronaldo e Rivaldo talvez tivesse outras oportunidades de ascensão social muito além do velho e bom futebol (GUTERMAN, 2014, p. 261).

No ano de 2002, o povo ganhou esperança por meio do voto, do resultado nas urnas, com Lula na presidência do país. Ao mesmo tempo, ganhou em campo, na Copa, com o desempenho de jogadores que sabiam bem o sacrifício que tinham feito para chegar até ali – demonstrando que mesmo com o sucesso e os milhões embolsados pelos contratos realizados, havia o orgulho de seu passado e de suas origens, tal como fez Cafu com o enunciado escrito em sua camisa “100% Jardim Irene”.

Figura 11 – Foto da seleção brasileira na conquista da Copa de 2002



Fonte: Disponível em: GUTERMAN, 2014, p. 261.

Os autores Sá, Sá e Natali (2014) escrevem sobre a relação estabelecida entre os dois mandatos do governo Lula com o futebol, especialmente quando ele se utiliza do esporte com objetivos políticos. Nas palavras dos autores, “o futebol brasileiro pode ser mera sinédoque da nação em si, principalmente na questão da política externa” (SÁ; SÁ; NATALI, 2014, p. 144), visto uma situação que julgam relevante para essa constatação.

A situação evidenciada pelos pesquisadores diz respeito à decisão governamental de enviar para o Haiti tropas do exército em 2004. Eles explicam que “como a prática da força bélica não é comum aos brasileiros, o governo usou a SBF [Seleção Brasileira de Futebol] em um jogo amistoso no Haiti, a fim de tentar demonstrar que a intenção do Brasil era tão somente promover a paz entre um povo em guerra civil” (SÁ; SÁ; NATALI, 2014, p. 144, explicação nossa), com o apoio da mídia que minimizava as reações contrárias.

Em outra direção de entendimento sobre a relação entre o futebol e o período Lula que corresponde aos anos de 2003 a 2010, Ribeiro, M. et al. (2017) salienta que o governo Lula desempenhou um papel importante no campo esportivo, e de maneira especial, no futebol. De acordo com sua pesquisa, houve comprometimento político e empenho governamental, inclusive com a participação do próprio presidente na candidatura do Brasil para a sede da Copa do Mundo FIFA 2014.

O novo padrão de organização das políticas esportivas, destacado nesse estudo, foi capitaneado pela realização de megaeventos esportivos. Desse modo, conforme explicitação dos autores, a modernização do futebol brasileiro pode ser entendida como um processo de transformação da modalidade em produto da indústria global de entretenimento que se pautou na gestão do espetáculo. A administração empresarial passou a ser considerada a solução dos problemas da modalidade, amparada na lógica do mercado e na privatização do esporte.

Chade (2015, p. 98) escreve que “a seleção do Brasil não era mais do Brasil. E ninguém tinha sido avisado disso”, justamente para expor o poder paralelo que confiscou uma das maiores paixões mundiais, o futebol. Utilizando-nos de um de seus relatos,

Em março de 2015, numa entrevista que fiz com Marin no mesmo hotel onde ele seria preso dois meses depois, o dirigente atacou os salários dos jogadores no Brasil, apontando que esse “exagero” iria levar os clubes à falência. O que a Justiça americana mostrou, no fundo, foi que o dinheiro que deveria ir para o futebol nacional estava sendo redirecionado para esses dirigentes. O futebol nacional, em crise, sem futuro e sem público, havia sido privatizado por um grupo cujas prioridades eram particulares (CHADE, 2015, p. 97, grifo do autor).

A corrupção não iniciou na gestão do PT, ao contrário, anos antes acordos milionários eram feitos entre os cartolas responsáveis pela seleção brasileira, mas foi nesse período que os casos ganharam destaque em função da Copa do Mundo aqui realizada, na gestão da presidenta Dilma Rousseff.

Quando governos e entidades anunciam que vão concorrer para organizar uma Copa do Mundo, a pergunta que todos fazem é a mesma: quanto isso vai custar? A realidade é que a resposta, absurda ou não, é sempre uma mentira. Nenhum governo e nenhuma associação esportiva incluem na conta final um elemento fundamental e que existe para todos: a compra de votos para garantir que o evento ocorra no seu país.

[...] A Copa do Mundo é rifada pelos cartolas que têm o poder de escolher a sede. E tal constatação tem sido realidade há mais de trinta anos, no mínimo (CHADE, 2015, p. 97).

Esse jornalista menciona que a Copa do Mundo de 2014 foi uma Copa “repleta de sonhos, pesadelos, viradas heroicas, mitos enterrados e uma audiência planetária” (CHADE, 2015, p. 188). No intervalo da partida decisiva entre as duas seleções tradicionais, Alemanha e Argentina, no Maracanã (RJ), apareciam nos televisores Merkel, Putin e Dilma³⁰ que não estavam ali pelo futebol, pois naquele momento o estádio representava mais que um campo, significava um palanque.

No final dessa partida, um incidente lembrou o caos social que havia sido esquecido durante os 113 minutos do jogo. Ao entrar no palco para entregar a taça à Alemanha campeã do mundo, a presidenta do país e o presidente da FIFA foram vaiados pelos torcedores presentes em gesto de protesto pelos estádios inacabados, pelos comerciais televisivos que enfatizavam um país contente e sem

³⁰ Chanceler alemã desde 2005, presidente russo desde 2012 e presidenta do Brasil 2011-2016, respectivamente.

problemas econômicos e sociais, pelo abuso de poder, pela corrupção, enfim, pela tentativa de sequestrar o futebol do povo.

No ponto de vista de Chade (2015, p. 189), “naquele instante, o Maracanã era apenas a caixa de ressonância de uma torcida que também revelou ser cidadã”. A Copa mais cara da história foi paga com dinheiro público, após decisão de Lula em 2009. O Brasil não ganhou nem em campo nem fora dele, o país foi saqueado, foi roubado, e isso de forma institucional, com regras, acordos e notas fiscais que não vamos citar aqui. A Copa do Mundo foi apropriada por empresários e dirigentes que, com ajuda de políticos locais, enriqueceram ainda mais. A Copa foi, em síntese, um retrato da estrutura que se utiliza do futebol como uma máquina de riqueza para poucos.

A Copa de 2014 foi uma oportunidade desperdiçada para transformar o país. Por mais que a festa tenha sido boa, o que fica como legado permanente não passa de ilusão. Certos setores ganharam, de fato; a imagem do país pode ter sido lustrada por algumas semanas e existe até uma espécie de sentimento de orgulho nacional alimentado pelo governo e pela parcela da imprensa que pagou caro para ter o direito de exibir a Copa. Mas não se pode deixar que a purpurina impeça uma avaliação mais consistente do que fica à população: quase nada (CHADE, 2015, p. 213).

Infelizmente concordamos com Chade (2015) quando o jornalista afirma que as autoridades perderam a chance de usar a Copa para transformar as estruturas sociais que sufocam e maltratam a sociedade. Antes da Copa, porém, o correspondente jornalístico, lembra que o país passou por outra experiência, referindo-se aos protestos como o denominado “Padrão Fifa”, onde brasileiros saíram às ruas para lutar por seus interesses, demonstrando aos olhares outros que o Brasil não era apenas “o país do futebol”.

Sobre essa manifestação que se inclui numa gama de outras chamadas “jornadas de junho”, Jessé Souza (2016) em sua obra *A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado*, posiciona-se de modo preciso: foram uma fraude! Os brasileiros agiram de modo contrário aos seus interesses, iludidos pelo combate à corrupção deram o primeiro passo para o golpe de 2016. O autor

considera as manifestações de junho de 2013 como “o ovo da serpente”, e explica que existe uma continuidade entre elas e o golpe.

A verdadeira novidade das “jornadas de junho” foi a reconstrução, repaginada e turbinada – uma espécie de versão 2.0 – de um ator político velho e bem conhecido da história brasileira: a fração da classe média moralista e conservadora, que sempre desprezou e o odiou os pobres, representantes da maioria da população brasileira. É essa fração que torna as manifestações verdadeiros “fenômenos de massa” a partir do dia 19 de junho, quando a mídia já se preocupa em separá-la cuidadosamente da minoria de “vândalos”. É também quando as manifestações passam a ser percebidas pelo Jornal Nacional como uma “grande festa democrática”. Nesse sentido, constrói-se para esse suposto “ente novo” na nossa política uma nova estética e uma nova moral.

A nova estética foi extremamente importante. A camisa da seleção brasileira e a bandeira nacional se tornaram símbolos que ninguém mais conseguiu retirar ou sequer disputar com essa fração de classe. É uma camisa que passa a mensagem mais importante “Não somos de nenhum ‘time’, como não somos de nenhum partido. Nosso time é a seleção, e nós torcemos pelo Brasil”. O ufanismo do país indiviso que não tolera a diversidade e ao mesmo tempo se põe como único representante da nação, um protofascismo óbvio, não só não foi criticado pela mídia. Foi, ao contrário, louvado e estimulado (SOUZA, 2016, p. 100-101, grifos do autor).

Aos poucos se articulou uma farsa que atingiu a esfera pública brasileira, desprotegida contra esse ataque bem articulado da TV Globo quando “fulanizou” a corrupção. Souza (2016, p. 111) escreve que,

Quando se personaliza a corrupção, o efeito de controlá-la ou de mitigá-la é reduzido ao mínimo. A personalização da corrupção serve apenas à sua continuidade, já que o arranjo institucional que a torna possível não é tocado.

Como o público em geral tem dificuldade em compreender o funcionamento da sociedade e de suas diversas esferas de alta complexidade, como a economia ou a política, a personalização da corrupção não nos ajuda em um centímetro a compreender essa complexidade [...]. Ao contrário, ela confere a falsa impressão de que a vida social é regida por intencionalidades individuais, como nas novelas. Divide-se a vida em bandidos e mocinhos, e com isso se infantiliza e se imbeciliza uma sociedade como um todo (SOUZA, 2016, p. 111).

Sem mais delongas, deu-se o golpe. A elite financeira, a mídia, o parlamento comprado e a casta jurídica uniram-se e decretaram o fim de um governo eleito, e no

ano de 2016, assumiu a presidência do Brasil o vice peemedebista Michel Temer. O governo Temer³¹, conforme entendemos, é representante de elites conservadoras que tradicionalmente negociam com a política preferencialmente para o próprio enriquecimento.

Souza (2016, p. 131, grifo do autor) indica que com o golpe consumado, todos os sujeitos que se articularam para o feito, com interesses bem demarcados, puderam gozar de seus objetivos: “vender as riquezas brasileiras, o petróleo à frente, cortar os gastos sociais, posto que o que vale agora é apenas o interesse do 1% mais rico, e fazer a festa da turma da ‘privataria’”. Nesse sentido, os pobres retornam à zona da marginalidade, prestando serviços às empresas dos endinheirados com salários baixos. Os pobres voltam ao esquecimento.

No entendimento do autor, “essa é a real ‘corrupção brasileira’ que faz com que o trabalho vá para o bolso de menos de 1% de privilegiados, que não apenas vampirizam a sociedade e sua capacidade produtiva, mas colonizam a democracia e a sociedade para seus fins” (SOUZA, 2016, p. 132, p. grifo do autor). No circo de interesses “o jogo tem que ser bem feito” como lembra Souza (2016, p. 133), e nesse ponto trazemos o futebol, pois para que o assalto à sociedade tivesse êxito seria necessário enganar o público.

Assim, chegamos à Copa de 2018. Antes, porém, de enlaçarmos essa relação entre política e futebol, apresentamos quatro textos³² a seguir, que antecipam nossa posição política quanto ao esporte e produzem efeitos de sentido que corroboram com o nosso entendimento.

Figura 12 – lotti: enquanto a bola rola

³¹ Sobre esse período, não encontramos estudos que relacionem o futebol com a política, ou que trate da temática futebol. Mas destacamos as chamadas de trabalhos da *Revista FuLiá* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sobre *Copas do Mundo*, sobre *Futebóis*, e sobre *Políticas, Diversidades e Intolerâncias* com textos apresentados no 3. *Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol*. Essas publicações são previstas para o final do ano de 2018 ou para o início do ano de 2019.

³² Estes textos circularam na *internet* no período da Copa do Mundo do ano de 2018. O autor, Carlos Henrique lotti, é um jornalista e cartunista brasileiro, que tem espaço para apresentar suas charges no GaúchaZH, um portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo RBS, fruto da integração do jornal Zero Hora e da Rádio Gaúcha na *internet*.



Fonte: Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaao/iotti/noticia/2018/06/iotti-enquanto-a-bola-rola-cjimw9gdv0htu01qo1mf2xkay.html>>. Acesso em: 20/06/2018.

Figura 13 – Iotti: os donos da bola



Fonte: Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaao/iotti/noticia/2018/06/iotti-os-donos-da-bola-cjio60dc90i6f01qokqudn7cw.html>>. Acesso em: 21/06/2018.

Figura 14 – Iotti: efeito Copa do Mundo



Fonte: Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/iotti/noticia/2018/06/iotti-efeito-copa-do-mundo-cjiptxl10fdg01pabzk0f90t.html>>. Acesso em: 22/06/2018.

Figura 15 – Iotti: goleador do *habeas corpus*



Fonte: Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/iotti/noticia/2018/06/iotti-goleador-do-habeas-corpus-cjiww1qey0jw401qocbhc6azo.html>>. Acesso em: 27/06/2018.

Como podemos observar, enquanto as atenções do país estavam centradas nos jogos de futebol da Copa do Mundo realizada na Rússia, com coberturas jornalísticas sobre a vida particular dos jogadores incluindo seus cortes de cabelo, sobre a cultura do país sede, sobre os treinos, sobre as táticas futebolísticas, medidas importantes estavam sendo tomadas por políticos brasileiros. Dentre elas,

podemos retomar a Lei dos Agrotóxicos, a negociação de áreas de pré-sal, a comercialização de orgânicos, o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para carros elétricos e híbridos, o preço do diesel, reajuste de 10% nos planos de saúde e políticos envolvidos com corrupção soltos, como exemplos.

Sá, Sá e Natali (2014) afirmam que o futebol em nosso país foi se transformando ao longo dos anos num auxiliar do funcionamento do sistema vigente. Em outras palavras, esse esporte é utilizado em benefício de interesses diversos, favorecendo a permanência de determinados grupos políticos no poder, e para isso, em ano de Copa, sempre há uma enorme mobilização em torno do evento com reorganizações de programas televisivos para as transmissões dos jogos e pausas em expedientes de trabalho para a torcida brasileira.

Ainda na opinião dos autores, os governantes aliados à publicidade aproveitam-se do ufanismo do povo para reforçar a ideologia em questão. Por isso, um dos fatores mais estimulados nos períodos desses torneios internacionais é o reforço do patriotismo da população.

O apelo a esse sentimento é importante pela eficácia que tem em minimizar ou, muitas vezes, apagar da memória coletiva as dificuldades do cotidiano. Assim, diante de uma população conformada, sua manipulação, por parte dos articuladores sistêmicos, torna-se fácil. Em anos de Copas do Mundo, muitas tensões sociais são minimizadas, quando não são totalmente esquecidas (SÁ; SÁ; NATALI, 2014, p. 151).

Nesse entendimento, acrescentamos a posição de Melo (2008), quando ela aponta que o interesse pelo futebol está além da paixão, do entretenimento ou da diversão, pois já é conhecido seu forte potencial de alienação das massas. Na política, utilizam-se da força do futebol, e o esporte acaba servindo de pretexto para que assuntos importantes sejam deixados de lado em épocas de competição, tal como podemos observar nos textos recém-apresentados que se referem à Copa de 2018 e ao governo Temer.

Diante do que foi exposto até aqui, podemos escrever que concordamos com a autora e utilizamo-nos de suas palavras para prepararmos nosso efeito de fechamento. Segundo ela, “dar visibilidade a estes eventos, é uma maneira de

maquiar a realidade, acalmar os ânimos e desviar a atenção do povo para as mazelas da sociedade” (MELO, 2008, p. 04).

Assim, o futebol no Brasil assume um papel que vai além de uma simples modalidade esportiva. Com respaldo na Análise de Discurso, concebemos o futebol como mecanismo ideológico que joga com o inconsciente dos torcedores, já que entendemos que a ideologia se introduz na consciência do sujeito mediante um processo que lhe escapa, por isso seu assujeitamento.

Tratando-se do que desenvolvemos nesse capítulo, precisamente nesse tópico chamado *A relação com a política*, gostaríamos de chamar atenção para as posições-sujeito e o jogo de forças colocado em funcionamento no contexto futebolístico. Para nós, então, esse esporte reforça a luta de classes em nossa sociedade, tanto em contexto brasileiro quanto em contextos estritos, como em estados e cidades – como veremos a seguir.

Esse funcionamento pode ser observado na própria organização do esporte em nosso país, em suas várias competições entre Campeonatos e Copas. Na estrutura, existem três pirâmides simultâneas: a nacional, a regional e a estadual, que formam uma pirâmide entre si, com as competições estaduais na base, as regionais no meio e as nacionais no topo. As competições nacionais, como o Campeonato Brasileiro e a Copa do Brasil, são organizadas pela CBF, enquanto os campeonatos e copas regionais, disputadas por equipes de dois ou mais estados ou determinadas regiões do país, são organizadas pela sua Federação específica. Já as competições estaduais organizadas, também, pelas respectivas Federações de cada estado, acirram as disputas entre rivais do mesmo estado ou até da mesma cidade. Os clubes campeões e vice-campeões estaduais e, em alguns estados, os melhores colocados na tabela do Campeonato Estadual, estão automaticamente qualificados para jogar na Copa do Brasil do ano seguinte.

Nesse sentido, o futebol, a nosso ver, fornece subsídios para que possamos compreender as formas de organização e as relações que permeiam a sociedade brasileira. A AD, nesse caminho, ajuda-nos a estudar os efeitos de sentido que decorrem desse jogo de forças, ensinando-nos a perguntar o *porquê* e *como* existe essa relação entre futebol e ideologia, posto que um discurso para ter êxito precisa invisibilizar os processos discursivos.

Enquanto uma tese de doutorado, não desejamos inscrever nosso trabalho apenas como mais um estudo sobre o futebol, ao contrário, desejamos oportunizar nosso gesto interpretativo com base na AD, expondo a luta de classes – da maneira como a entendemos, enquanto uma luta pelo sentido das palavras, uma oposição entre as diferentes classes da sociedade que envolve não só a economia, mas questões de raça, de gênero, de idade, de preferências clubísticas etc. –, como parte de nossa prática política na universidade e na sociedade.

Faz parte do funcionamento da cegueira ideológica apagar a contradição da formação social e opacificar determinados sentidos, por isso, julgamos necessário esse capítulo, mesmo que sua leitura nos comprometa à exaustão. Diante dessa constatação antecipamos nossa justificativa e apressamos nosso próximo capítulo que aborda o futebol na cidade de Pelotas, com ênfase na dupla Bra-Pel e no jogo de forças (re)produzido pelos dois clubes.

2 FUTEBOL E IDEOLOGIA

Este capítulo, cujo título é *Futebol e Ideologia*, dá continuidade à reflexão que desenvolvemos nas páginas anteriores e à postura teórica que propomos assumir enquanto analistas de discurso. Dito isso, retomamos o pressuposto pecheuxtiano de “evidências do sentido”, no qual tanto insistimos, para ressaltar que estamos atentas ao processo de produção de sentidos acerca do futebol, estes entendidos, na sua transparência, como evidentes.

Pelo exposto até o momento, reconhecemos o desafio de qualquer analista de discurso que trabalhe na tradição pecheuxtiana, de não trabalhar apenas com as evidências, mas com sua própria (re)produção, buscando através da prática de leitura compreender e explicitar como se constrói o arranjo ideológico capaz de ofuscar determinados sentidos, principalmente os que se referem ao esporte enquanto mecanismo ideológico.

O sentido evidente, aquele que aparenta transparecer, sustenta-se na sua opacidade, e é essa transparência que a AD põe em causa ao considerar os mecanismos ideológicos produtores desse efeito. Nesse caso, trata-se de pensarmos aqui a linguagem e os sujeitos torcedores por nós entrevistados, na sua relação com o inconsciente e com a ideologia, onde não há transparência nem controle que possa apagar o equívoco, a imprevisibilidade e a opacidade quando tais sujeitos se subjetivam através de palavras (*discurso sobre*) ou de tatuagens (*discurso da*).

Interessa-nos, dessa forma, instigar o “olhar-leitor” ao sentido que foi construído sobre o futebol ao longo dos tempos, nosso propósito do capítulo 1, para o expor à opacidade da contradição da formação social que é luta de classes, precisamente na cidade de Pelotas, foco de nossa investigação. Assim, prosseguindo com a metáfora do olhar, lembramos que a AD não perde de vista que um discurso é sempre atravessado por outros discursos que lhe antecedem e lhe constituem, ou seja, é importante que se observe em todo gesto analítico a historicidade dos sentidos, e, por isso, a escrita do presente capítulo.

Se “são as evidências que fazem com que um enunciado ‘queira dizer o que realmente diz’ e, que mascaram, sob a transparência da linguagem, ‘o caráter material do sentido’” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 146, grifos do autor), estudamos agora o futebol em Pelotas e a construção histórica tanto dos sentidos produzidos acerca dos dois clubes futebolísticos *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, quanto do imaginário que perpassa as representações dos sujeitos torcedores pelotenses. Fazemos isso procurando compreender as relações de produção na cidade que estão em dependência da transparência, tal como continua Pêcheux (2009 [1988], p. 146, grifo do autor) em sua proposição, com o “o todo complexo das formações ideológicas” – assunto do tópico 2.3.

Portanto, na esteira do que estamos pensando, no processo de silenciamento e/ou apagamento de determinados sentidos tal como viemos explorando desde as palavras iniciais deste trabalho, há uma ideologia operando, ainda que sutilmente, com mecanismos estruturantes na (re)produção de sentidos a respeito do esporte em questão, e também dos próprios clubes e torcedores.

Mas que sentido é esse ao qual tanto nos referimos? Em Pelotas, a relação do futebol não é com a política partidária assim como no restante do país, mas com a questão histórica de raça e de classe social. Dito de outra maneira, o futebol em Pelotas estabelece as correlações de força próprias do político (cf. CAZARIN, 2005)³³, ou seja, o futebol pelotense relaciona-se com o político. E pelo trabalho da ideologia foi sendo instaurada na cidade uma espécie de “política do esquecimento” (cf. INDURSKY, 2015)³⁴ com sua manutenção pelo esporte, este entendido como um Aparelho Ideológico de Estado (cf. RAMOS, 1984).

Todavia, como o ritual é falho, no processo de subjetivação dos sujeitos torcedores quando por nós entrevistados, alguns deles movimentam através de seus discursos sentidos que recuperam o preconceito³⁵ de ser áureo-cerúleo(a) ou rubro-negro(a), rompendo com a “política do esquecimento” e produzindo na/pela língua

³³ Noção proposta por Cazarin (2005, p. 76, grifo da autora) que se refere a “‘representação’ das forças políticas em jogo no discurso, no qual interferem a história e a ideologia como constitutivas”.

³⁴ De acordo com Indursky (2015, p. 12), “políticas do esquecimento” e “políticas de resgate da memória” são duas modalidades de funcionamento da memória social, esta entendida como “um conjunto de saberes regulados por Aparelhos Ideológicos de Estado, filtrados e discursivizados por práticas inscritas em Formações Discursivas”.

³⁵ Tratamos desses sentidos que determinam os sujeitos áureo-cerúleo(a) ou rubro-negro(a), a seguir, quando recuperamos a historicidade dos sentidos acerca dos dois clubes.

e/ou na/pela *tattoo* gestos que se enquadram nas “políticas de resgate da memória” (cf. INDURSKY, 2015).

Para visualizar melhor o que sintetizamos a título de apresentação, discorreremos a seguir sobre o futebol na cidade de Pelotas. Panorama que encaminha nosso olhar à dupla futebolística Bra-Pel e ao funcionamento que denominamos *ideologia da bola*.

2.1 O futebol na cidade de Pelotas

Nós, os que a amamos, preferimos calar. Os que gostam dela antecipam-se, aceitam, participam, acrescentam ideias à brincadeira; conforme pensam, é a melhor política. Os ingênuos – de ambos os sentimentos – pedem provas, desconfiam das certidões, apresentam dados estatísticos. Os valentes, esses não trazem desaforo para casa. E os temerosos e precavidos, para que não o tragam também, previnem-se e o automóvel emplacam em outra cidade... (MAGALHÃES, 2011, p. 11).

Poderíamos, sim, termos optado por analisar o futebol de outra cidade, de qualquer canto do Brasil, já que esse é o país do futebol onde existem muitos clubes futebolísticos e torcedores fieis. Até pensamos, primeiramente, em estudar o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* e o *Sport Club Internacional*, um clássico da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Talvez fosse mais fácil “emplacar o automóvel em outra cidade” do que nos arriscarmos a questionar discursos tão próximos a nós. Mas logo uma voz interveio: “Por que ir longe? Por que não conhecer o futebol de Pelotas?”³⁶, e tais palavras despertaram nosso interesse, afinal, o que acontece ao nosso redor? Não sabemos identificar se nos aproximamos dos ingênuos ou dos valentes, conforme propõe Magalhães (2011), contudo discordamos da ideia de que não temos bons sentimentos pela cidade só porque nos posicionamos, falamos – e se nossa opção fosse calar, lembramos que o silêncio também pode produzir sentidos.

³⁶ Ambos os questionamentos foram feitos por um colega de curso, sujeito torcedor rubro-negro, chamado Eduardo Silveira de Menezes, num encontro do grupo de estudos conduzido pela Profa. Dra. Ercília Ana Cazarin, no ano de 2015, ainda na Universidade Católica de Pelotas.

O futebol, em Pelotas, “antes de ser um esporte, é uma paixão” (SCHLEE, 1984, p. 09) bem sabemos, o que torna o caminho assustador, às vezes.

[...] o nosso futebol tem suas peculiaridades, a começar pela mágica rivalidade entre Brasil e Pelotas, passando pela excepcional trilogia que inclui o Farroupilha e terminando pelo distanciamento superior com que aprendemos a nos relacionar com a dupla Grenal.

A história do futebol pelotense, é, na verdade, a história de Pelotas neste século (SCHLEE, 1984, p. 09).

Tendo isso em vista, reconstruímos essa história, de acordo com nosso gesto de leitura, sem a pretensão de apresentarmos um trabalho literário requintado, com inúmeras informações sobre a origem de todos os clubes e o desaparecimento de alguns, as suas conquistas, as lutas, as derrotas, os craques etc.

Iniciamos esse percurso com uma obra chamada *Pelotas: sua História e sua Gente*, de conhecimentos sobre a cidade e, também, de afirmação da identidade pelotense tal como conceitua sua própria autora Léon (1996). Nas suas palavras, “conhecendo o pedaço de chão onde nascemos ou que adotamos para viver, passaremos a amá-lo. Amaremos as praças, os seus monumentos, as igrejas, as casas, o porto, as escolas, as indústrias, até os riachos que passeiam por dentro da cidade” (LÉON, 1996, p. 11). E aqui perguntamos: e o futebol? Qual é o espaço dado ao futebol, sendo ele um esporte que movimenta a cidade?

Com certeza, a obra em questão é de grande valia para a história de Pelotas, na sua descrição geográfica, étnica, econômica e arquitetônica, mas, infelizmente, deixou de fora algo que é tão significativo às subjetividades pelotenses, à própria constituição do sujeito, o futebol. A “Cidade formosa/ Indiana da várzea/ A Itália invejara teu céu tão azul/ E a Pátria orgulhosa de vastas florestas/ Encantas sorrindo nos campos do sul” (SILVA, 1863 apud LÉON, 1996, p. 14), é reconhecida também pelos clubes futebolísticos que a representam.

Levando esse argumento em consideração, buscamos o trabalho historiográfico de Magalhães (2011), *História e Tradições da Cidade de Pelotas*, pois esse revela a cidade de maneira ampla, com detalhes do seu passado. Dentre os

detalhes, já nas últimas páginas, o autor inclui o futebol, datando o ano de 1906 como marco de sua introdução quando foram fundados os clubes *Foot-Ball Club* e *Club Sportivo Internacional*. E superficialmente, ele cita o *Esporte Clube Pelotas* para escrever que lá se reunia a mais fina sociedade local, e o *Grêmio Esportivo Brasil* para salientar o seu caráter popular.

Diante desse duplo referencial, adquirimos informações singulares ao nosso interesse através dos estudos de Alves (1984), *O futebol em Pelotas: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941)*, de Rigo (2004), *Memórias de um futebol de fronteira*, e de Éder (2010), *BRAPEL: A rivalidade no sul do Rio Grande*. O primeiro autor escreve muitas páginas de história do futebol pelotense, dividindo seu trabalho em dois períodos de 40 anos; o volume por nós utilizado conta como surgiu e se desenvolveu o futebol na cidade, dos primórdios até 1941.

O segundo autor, estuda o futebol que denomina de fronteira, pois se trata de um futebol regional do extremo sul brasileiro. E o terceiro autor por nós estudado, apresenta um relato jornalístico e cronológico que inicia quando a primeira bola chegou à cidade pelotense, passando pelas fundações do *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil*, até alguns episódios históricos ocorridos em jogos oficiais ou em amistosos entre esses dois rivais.

Em tópico específico intitulado *Aparece o futebol em Pelotas*, Rigo (2004, p. 60-61) inicia seu texto com uma notícia do jornal citadino *Diário Popular*, do dia 05 de outubro de 1901, que diz o seguinte: “Do Rio Grande virá um trem expresso conduzindo exmas. Famílias e o Sport Club Rio Grande, que jogará uma partida de bola no parque, assim mais realce dando a festa da Gaúcha”.

Essa notícia a que se refere o *Diário Popular* anuncia a comemoração da festa de aniversário e da posse da nova diretoria da *Associação União Gaúcha*, um centro cultural de tradições gaúchas, que contava com uma partida de bola inclusa na sua programação festiva. Alves (1984) também se refere a esse evento festivo, salientando que o *Sport Club Rio Grande* foi gentilmente recepcionado no Parque Pelotense localizado no Fragata, um bairro da cidade, e o jogo de bola abrilhantou a festa comemorativa do segundo aniversário de fundação da *União Gaúcha*.

Conforme Rigo (2004, p. 61), “de acordo com os registros da maioria dos jornais da cidade essa foi a primeira partida de futebol planejada e executada na cidade de Pelotas, segundo os padrões estruturais e as regras do futebol moderno”³⁷. Éder (2010, p. 12) escreve que “o futebol não poderia deixar de fazer parte de um cenário com tantas novidades e curiosidades no início do século XX”, na medida em que nesse período a sociedade experimentava mudanças e avanços tecnológicos – a lâmpada, o telefone e o automóvel, por exemplo, já haviam sido inventados no final do século anterior.

Na opinião de Rigo (2004, p. 63),

Limitados a um círculo bastante restrito de adeptos e de poucos conhecedores, foram estes jogos de exibição, realizados pelo S. C. Rio Grande (a partir de 1900 em sua cidade e logo depois em outras) que, aliados a possíveis práticas improvisadas desse esporte, atuaram como eventos pioneiros para difundir o “foot-ball” na região e no Estado (RIGO, 2004, p. 63, grifo do autor)³⁸.

Nessas condições de produção, ao contrário do que ocorreu nas grandes metrópoles brasileiras, aqui, em nossos gramados, o desenvolvimento desse esporte foi lento, “muitíssimo acanhado” e “sem grande importância”, utilizando-nos das expressões do professor (RIGO, 2004, p. 62). Era somente nos encontros festivos promovidos pela elite social que os jogos de bola aconteciam, seguidos de comemorações e conversas informais a respeito das regras do novo esporte.

Mas atenta ao potencial que o futebol assumia, a esperta elite passou a investir no seu conhecimento através de viagens ao exterior ou por meio de seus filhos que iam estudar em solo estrangeiro. Dessa forma, reuniam-se materiais apropriados à prática do esporte e experiências futebolísticas. De acordo com o estudo do autor citado, a educação na Europa era uma prática comum à elite

³⁷ Todavia, ao mesmo tempo em que o professor nos fornece essa informação, ele assinala a importância do reconhecimento das incertezas quanto a datas específicas, na medida em que podem ter ocorrido outros jogos de futebol anteriores a esse, semelhante ao apontamento de alguns registros em outras cidades portuárias.

³⁸ Sobre esse clube futebolístico, Rigo (2004, p. 63) continua: “Foi através dessas viagens/passeios, realizadas de trem ou até de navio, a convite de uma e de outra associação, que o veterano S. C. Rio Grande pode desempenhar um papel importante no processo de divulgação do futebol no Rio Grande do Sul”.

gaúcha, e realizar esse desejo era quase uma questão de honra para algumas famílias da região da fronteira gaúcha.

De tal modo, a denominação “jogos de bola” logo foi sendo substituída pela denominação inglesa “foot-ball” nas notícias da mídia local, e o esporte seguia seu caminho na Princesa do Sul.

Em 1903, dois anos após o jogo-exibição do S. C. Rio Grande, outro time da cidade de Rio Grande, o Sport Club União, veio a Pelotas realizar partida demonstrativa, desta vez no Prado Pelotense.

Em 1904 foi fundado o Atlético Foot-ball Club, primeiro time de futebol da cidade. Segundo destacou o jornalista Eliseu de Mello Alves, “foi o seu fundador, presidente e ‘center-forward’ Octávio Mascarenhas, que trouxe a primeira bola de Montevidéu, uma bandeira e as regras do jogo. [...]”.

Mais do que ser o primeiro time da cidade, talvez a importância esteja nas características que acompanha, esse fato. Fundado por alguém que retorna, agora não mais da Europa, nem de São Paulo ou Rio de Janeiro, mas sim de Montevidéu (RIGO, 2004, p. 66-67).

A gênese e o desenvolvimento do futebol na zona sul do RS por sua posição geográfica de fronteira, teve então também influência dos países do Prata, principalmente do Uruguai e da Argentina, resultando numa “dupla linhagem platina/europeia”, diferente do que ocorreu nos estados de SP e RJ que tiveram influência quase exclusiva da Europa.

Pelotas destacava-se enquanto centro propício para eventos sociais e culturais, pois tais festividades alcançavam prestígio nacional, especialmente as organizadas pela/para a elite local. O número de clubes sociais, assim, cresceu rapidamente, e o “foot-ball” recebeu maior atenção por parte dos membros das diferentes associações que se formavam devido ao seu reconhecimento como um típico esporte de “gentleman”. A mocidade pelotense passou então a se interessar pelo “foot-ball” escrevem Alves (1984) e Éder (2010).

Em 1906, no dia 1. de janeiro, foi fundado o *Club Sportivo* com sua sede localizada na Praça Domingos Rodrigues e o campo de jogo na rua Benjamin Constant, no bairro Porto, “generalizando-se assim a educação física entre nós com a prática do football” (ALVES, 1984, p. 14). No entendimento de Rigo (2004), 1906

pode ser considerado o ano em que o futebol deu sinais significativos de que veio para ficar na cidade, pois a partir daí, o esporte fez-se presente nos eventos esportivos e festivos proporcionados pela elite pelotense.

Os “exercícios de foot-ball”, tal como se denominavam os jogos de futebol praticados somente entre os sócios de um mesmo clube, dividia espaço com outras atividades esportivas como o remo, a natação, as carreiras de cavalo, o hipismo, as lutas, a ginástica, o ciclismo, dentre outras. E mesmo com essa característica divisória, o futebol foi ganhando espaço e recebeu maior atenção dos jornais da cidade. Depois de uma partida programada para a festa inaugural do *Club Sportivo Internacional*, entre o próprio time pelotense *Internacional* e o time riograndino *Sport Club Rio Grande*, ainda em 1906, o jornal *Diário Popular*, diferente do que publicava antes, elaborou matérias gerais e diversificadas sobre o esporte.

O interesse que o futebol despertava na cidade, sobretudo como passatempo das distintas famílias, tornou os “exercícios de foot-ball” mais frequentes e os clubes existentes procuraram adaptar-se às exigências do esporte. O *Club Sportivo Internacional*, por exemplo, construiu um campo suplementar, deixando o campo recém-estreado aos principiantes.

Alves (1984, p. 15, grifos nosso) comenta que a festa inaugural da nova dependência, em 13 de maio, foi animada e interessante apesar do mau tempo, contando com “*exmas. famílias, povo e o 1. time do Sport Club Rio Grande*” – enunciado representativo da divisão de classes estabelecida na sociedade que invadia também os clubes futebolísticos que se formavam. Nas palavras de Rigo (2004, p. 73) “o Prado Pelotense, alugado pelo Internacional, [...] tornava-se, gradativamente, o local não apenas dos treinos de futebol e da prática de esportes, mas um ponto de encontro, um palco para a vida social da cidade”.

Na crescente, surgiram outras agremiações que se dedicaram à prática futebolística como o *Sport Club União*, o *Foot-ball Club*, o *Sport Club Pelotense* e o *Sport Club Brasileiro*, além dos já existentes, *Internacional*, *Sportivo* e *Athlético*. Os registros das atividades desses clubes, conforme Rigo (2004), diversificavam-se de acordo com suas influências políticas e sociais. Nessa época, a preferência era realizar os exercícios entre os próprios associados, formando equipes que disputavam entre si partidas nos finais de semana e nos feriados, e alguns dos

clubes mencionados programaram torneios ao longo do ano. Exceção à regra, apontada pelo professor, acontecia um jogo onde disputavam um clube e outro da cidade.

Um arsenal de cuidados fazia parte do interesse da elite pelotense em torno dos sujeitos que praticavam o futebol, como também interessava a ela como e onde se praticava, pois esta parcela da sociedade estava atenta à experiência futebolística como singular de sua classe. No relato de Rigo (2004, p. 82), “a resistência a uma miscigenação maior, tanto social como racial, era uma das fortes preocupações para uma fração significativa da cidade, que fazia questão de viver aristocramente”.

Nesse sentido, os clubes maiores da cidade, preocupados em preservar e fiscalizar com quem seus sócios tinham relações e com quem iriam jogar uma partida de futebol, fundaram uma *Liga de Futebol* em 1907, considerada a primeira do Estado. O autor registrou que “apesar de sua existência efêmera, pode-se perceber o cuidado que ela procurava ter para separar, vigiar e selecionar seus filiados a fim de evitar encontros ou disputas não desejáveis” (RIGO, 2004, p. 82).

Numa cidade em que a vigilância sobre “com quem andas e com quem te divertes” era assunto de interesse e preocupação pública, o pacto estabelecido entre os times pertencentes à liga de só jogar entre si fazia parte de todo um conjunto de medidas cautelosas que se propunham a instrumentalizar o futebol, tornando-o uma prática cultural específica de uma classe social, um costume que deveria ser restrito a poucos (RIGO, 2004, p. 83, grifo do autor).

Os minuciosos detalhes que estabeleciam os times que poderiam jogar e as dificuldades ao acesso de materiais para o exercício do esporte que, na sua maioria, ainda eram procedentes do exterior, tornavam o futebol uma prática segregativa. Entretanto, nesse meio excludente, apareciam, aos poucos, sujeitos de outras raças e de outras classes sociais interessados, adaptando o local e os materiais utilizados para sua prática. Assim, o futebol perpassou por outros cantos da cidade, disseminando-se entre os sujeitos pelotenses, isto, é claro, acontecendo com fortes embates sociais, já que escorregava do controle do pequeno grupo seletivo que inicialmente o cultivou.

Do exposto, como últimas considerações desse tópico *O futebol na cidade de Pelotas*, retomamos a reflexão de Magalhães (2011, p. 83) sobre a cidade:

Não se pode negar que hoje as coisas mudaram, as características se transformaram. Por razões várias – que vão do puramente local ao amplamente universal –, a verdade é que pouco resta, hoje, da cidade de ontem. Mas o que agora existe, sobretudo aquilo que a individualiza, só pode ser explicado pelo que antes havia.

Dessa forma tudo fica mais claro. Sob essa luz, a realidade encontra raízes. E ressalta sobre quase tudo, aos olhos de quase todos, a atualidade como derivação, como herança. Às vezes, apenas como saudades” (MAGALHÃES, 2011, p. 83).

Será mesmo que as coisas mudaram? Questionamos o autor. Com relação ao futebol, ao modo de produção das relações sociais na cidade, à movimentação de saberes pelos sujeitos torcedores dos clubes citadinos, especialmente dos torcedores da dupla Bra-Pel, será que as coisas mudaram? Ou será que em seus discursos, em suas práticas cotidianas, ainda emergem sentidos carregados dessa historicidade preconceituosa e restritiva? Será que tudo ficou mais claro com o passar dos anos? Seria satisfatório para a cidade sentir saudade dessa prática segregadora, ou seria necessário abrir os olhos aos sentidos ainda movimentados pelo futebol na tentativa de compreendermos as consequências, sobretudo, simbólicas provenientes dessa carga semântica, dessa herança, tal como romantiza Magalhães (2011)?

Questões que propomos pensar no tópico que segue, *A dupla Bra-Pel*, já que no viés da teoria a qual nos filiamos entendemos que um discurso é constituído por outros discursos que lhe antecedem.

2.2 A dupla Bra-Pel

Ao decidir escrever um livro sobre o clássico Bra-Pel, sabia que estaria remexendo em um baú riquíssimo. O gosto por futebol e a história também serviu de combustível para acionar a máquina do tempo, que me remeteu ao início do século XX, quando o *esporte bretão* foi introduzido em Pelotas. A partir da chegada da primeira bola à cidade, começaram a ser

escritas páginas de uma história que tem incontáveis cenas (ÉDER, 2010, p. 07, grifo do autor).

Na continuação de nossa escrita, iniciamos a história da dupla Bra-Pel³⁹ com as palavras elucidativas de Éder (2010), que enfatizam a riqueza de um clássico que sensibiliza duas torcidas do interior sul do Rio Grande do Sul. Ao decidirmos escrever uma tese sobre o discurso acerca desse clássico, nós também sabíamos que estaríamos remexendo em um baú riquíssimo. Mas, ao contrário do jornalista, não é o gosto pelo futebol o combustível que nos move nessas reflexões propostas, mas a necessidade de nos remeter ao passado para buscarmos compreender as discursividades do presente.

E como bem lembra também o repórter, são incontáveis cenas e inúmeros personagens que fazem parte dessa história, assim sendo, avançamos o texto com recortes que nos interessam dessa interessante trajetória. Para tanto, utilizamos as obras de Alves (1984), de Rigo (2004) e de Éder (2010), já referidas, acrescentando o trabalho de Osório e Amaral (2008) intitulado *A história dos Bra-Péis*.

Então, voltando alguns anos no tempo cronológico quando fundada a *Liga Pelotense de Foot-ball*, em 1908, foi disputado o primeiro Campeonato Municipal sendo o *Foot-Ball Club* o campeão. Devido à breve duração dessa *Liga* conforme mencionado em tópico anterior, os clubes *Foot-Ball Club* e *Internacional* reuniram-se para tratar da fusão entre as duas agremiações, com a ideia bem acolhida pelos participantes da reunião proposta. Em sua redação, Éder (2010) escreve que:

O plano dos dirigentes era fundar, na época, uma entidade esportiva que acompanhasse o progresso da cidade. Em homenagem a ela, o novo clube decidiu usar as cores azul e amarelo, além de levar seu nome. Os salões do Clube Caixeiral foram palco do surgimento do *Sport Club Pelotas*, no dia 11 de outubro de 1908. O primeiro presidente foi Pedro Luís Osório, com Leopoldo de Souza Soares de vice (ÉDER, 2010, p. 13, grifo nosso).

³⁹ Na explicação de Éder (2010, p. 07, grifos do autor), “Brasil e Pelotas, ou Pelotas e Brasil, se considerarmos que o azul e o ouro nasceu primeiro. Mas, para facilitar a pronúncia, dar sonoridade e abreviar os dois nomes, simplesmente Bra-Pel”. A sigla surgiu anos após o dia do primeiro Bra-Pel que ocorreu no ano de 1913, depois que apareceu a abreviatura Gre-Nal no cenário do futebol gaúcho para identificar o confronto entre *Grêmio* e *Internacional* como forma de encurtar os nomes compridos dos clubes nas páginas de esporte. Então, o jornalista Armando Leite Goulart referiu-se aos dois clubes citadinos pelotenses como Bra-Pel nas páginas do *Diário Popular*.

A presidência do *Pelotas* também é citada por Alves (1984) e Osório e Amaral (2008), mas de uma forma escrita que nos chamou atenção, pois ambos os autores fazem questão de determinar o sujeito presidente utilizando um pronome de tratamento respeitoso para referi-lo. Em seus enunciados respectivamente: “Ficando a primeira diretoria do SC Pelotas assim constituída: *Dr. Pedro Luís Osório*, presidente” (ALVES, 1984, p. 17, grifo nosso) e “Foi aclamado como seu primeiro presidente o *Dr. Pedro Luís Osório*” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 19, grifo nosso). Esse funcionamento de “modos de dizer” causou-nos desconforto quando comparamos à menção posteriormente feita ao primeiro presidente do *Brasil de Pelotas* e, por isso, retomamos a discussão logo a seguir.

Antes, apresentamos imagens representativas do clube em foco:

Figura 16 – Símbolo do *Esporte Clube Pelotas*



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Figura 17 – Mascote do *Esporte Clube Pelotas*



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Figura 18 – Estádio *Boca do Lobo* (2018)



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Em 1908, foi estabelecida a data de 12 de outubro como a data oficial da fundação do *Sport Club Pelotas*⁴⁰ para facilitar os festejos de aniversário devido o feriado que comemorava a Descoberta da América e a homenagem católica à padroeira do país Nossa Senhora Aparecida. Alguns dias após essa data de fundação foi inaugurada a praça de esportes, no centro da cidade, local onde é o estádio até hoje. Alves (1984), em seu livro, acentua a rapidez com que foi planejada e executada essa obra.

⁴⁰ Grafia utilizada na época.

Para a festa de inauguração que aconteceu no dia 25 de outubro, o *Sport Club Rio Grande* foi convidado a participar em jogo de apresentação. Éder (2010, p. 13) descreve o acontecimento:

No dia 25 de outubro de 1908, a delegação do Sport Club Rio Grande chegou de manhã, em trem expresso, como era de costume dos clubes de futebol na época. Os rio-grandinos foram recebidos com festa já na gare da estação ferroviária. Dez bondes especiais da Ferro Carril subiram as ruas 7 de Abril (atual Dom Pedro II) e 15 de novembro, despejando centenas de pessoas na Praça Júlio de Castilhos (hoje Parque Dom Antônio Zattera).

Com mais de cinco mil pessoas na plateia, Artur Lawson, presidente do Rio Grande, cortou a fita inaugural do Estádio da Avenida. Aplausos e expectativa pelos jogos de “foot-ball” que viriam na sequência. [...] O futebol, em pouco tempo, havia caído no gosto dos pelotenses. Tudo em clima de bandas, foguetes estourando, aplausos, vivas e entusiasmo geral (ÉDER, 2010, p. 13, grifo do autor).

O futebol, assim, progressivamente, firmava-se como uma das grandes atrações dos finais de semana. Alves (1984, p. 20) enumera alguns jogos ocorridos no *Pelotas*, ano após ano, “com a presença de sócios, público e exmas. famílias”. Em 1910, foi realizado o primeiro jogo de futebol internacional em seu campo, entre os times *Pelotas* e *Estudiantes*, marco também para a cidade.

Em 1911, o clube áureo-cerúleo iniciou a temporada com a inauguração das reformas da sua praça de esportes que teve a soma de duas canchas de tênis. Nesse ano, segundo o relato de Alves (1984), o presidente Dr. Pedro Luis Osório recebeu um telegrama de Montevideú informando que, atendendo ao convite recebido, em assembleia dos clubes uruguaiois, ficou resolvida a visita dos representantes da *Liga Uruguaia de Football* a nossa cidade.

E à noite de sábado, 8 de julho, chegavam então a Pelotas os jogadores da Liga Uruguaia, acompanhados da comissão de recepção do SC Pelotas, com o presidente Dr. Pedro Luis Osório à frente. Na gare encontravam-se exmas. famílias, representantes de clubes, autoridade e povo, que foram recepcionar os visitantes. E à chegada do trem uruguaiois foram aclamados com entusiasmo. As bandas Lyra Artística e Diamantina executaram os hinos uruguaio e nacional, entre vivas às duas nações, organizando-se após extenso préstimo, que desfilou entre as ruas 7 de Abril e 15 de Novembro até o Hotel Aliança, sendo os visitantes muito aplaudidos durante o trajeto (ALVES, 1984, p. 24).

Foi um grande evento social e esportivo, comenta o autor, com todos os espaços do clube tomados por uma multidão calculada em mais de quatro mil pessoas. Nesse contexto, apesar de serem inclusos “todos” os sujeitos pelotenses pelo uso da palavra “povo”, importa observarmos que: i. há divisão de classes nas relações de produção na cidade de Pelotas materializada linguisticamente na diferença, no embate, entre “exmas. famílias” e “povo”; e ii. o “povo” é um partitivo, uma parcela do povo, já que sabemos que nem “todos” eram bem recebidos no clube nessa época, e, assim, ancoradas no viés discursivo entendemos que “o referente se constrói no e pelo discurso” (CAZARIN, 2011, p. 05). O que emerge desse funcionamento é o político enquanto relações de força que se estabelecem entre classes sociais distintas, e, por isso, precisamos estar atentas ao processo discursivo, pois nele trabalha a ideologia.

Rigo (2004), em seu texto, faz alusão a um “scratch” carioca ocorrido em 1912 na semana esportiva da nossa cidade, e apresenta a coluna *Pelo Foot-Ball* do *Diário Popular*, do dia 10 de novembro, com o cardápio, altamente sofisticado, da ceia oferecida pelo *Pelotas* ao visitante. A posição do autor ao apresentar o tal cardápio refere-se a sua tentativa de ilustrar uma das características do futebol pelotense, naquela época, seja ela, a natureza aristocrata. O jornal *Diário Popular*, segundo ele, dedicava-se a noticiar, em coluna elaborada, os preparativos da semana esportiva, anunciando os esforços do *Pelotas* para trazer o selecionado carioca⁴¹ e para promover as atividades propostas como jantares íntimos, banquetes, recepções, visitas a lugares e a personalidades públicas, atividades que se destacavam, tanto em número como em relevância, das partidas de futebol previstas.

O futebol pelotense, dessa época, era influenciado, portanto, na opinião do professor, pelos costumes e pelos comportamentos sociais predominantes da elite, e as práticas futebolísticas estabeleciam-se numa tensão entre uma aristocracia pastoril de ideário rural e uma burguesia urbana emergente. Em suas palavras,

⁴¹ Na explicação de Rigo (2004, p. 91, grifos do autor), “o ‘scratch’ carioca trouxe no quadro de jogadores que representavam: ‘Fluminense Foot-Ball Club, Paysandú Foot-Ball Club, América Foot-Ball Club, Club Regatas Flamengo e Mangueira Foot-Ball Club [...] Estes jogadores usarão em todos os ‘match’ neste estado o uniforme do Paysandú Foot-Ball Club, Campeão Carioca de 1912”.

o futebol era então mais um espaço social de disputa onde se constituíam os valores, os hábitos e os padrões de comportamento que deveriam ser seguidos, dentro e fora do campo, tanto pelos distintos futebolistas como pelos cidadãos comuns “educados” (RIGO, 2004, p. 93-94, grifo do autor).

Na explicação, dentro de campo, exigia-se dos jogadores postura corporal e boas atitudes pessoais, pois havia a preocupação de que as boas maneiras fossem condizentes com os estereótipos de um cavalheirismo eurocêntrico, já que o campo tornava-se alvo de olhares. Fora de campo, a indumentária de nobre procedência dos jogadores exibia o *status* social que representavam, lá apareciam também os prêmios e os brindes que ganhavam como gratificações que “pretendiam ser compatíveis com a estirpe de quem oferecia e de quem os recebia” (RIGO, 2004, p. 94).

Todos esses cuidados, dentro e fora de campo, perpassavam os pressupostos ideológicos relacionados à classe social predominante, tornando as práticas de futebol dependentes do nível de escolarização, dos valores morais, dos padrões de comportamento e dos costumes culturais dessa parcela da sociedade pelotense, “tanto de quem entrava em campo, como de quem aplaudia” completa Rigo (2004, p. 95). Assim, sobre o público que prestigiava as partidas, o professor explica que, sobre ele também, recaíam determinadas prescrições sociais quanto à forma de torcer e de se comportar dentro dos estádios.

Nesse futebol em que se utilizavam determinadas estratégias para afastar os negros, os pobres e os operários, a vaidade singularizava o esporte fomentando as relações de poder por ele produzidas. E mesmo assim, a resistência aparecia conforme podemos ler em Éder (2010, p. 14):

[...] uma divergência no Sport Club Cruzeiro do Sul, na época dirigido e mantido pelos funcionários da cervejaria Haertel, fez surgir outro clube de futebol na cidade. Num belo dia, colaboradores do clube estavam colocando uma cerca ao redor do campo, quando chegaram alguns jogadores do Cruzeiro para treinar. Os trabalhadores, indignados com a atitude, pediram ajuda aos futebolistas, que a negaram e foram embora.

Dois desses rapazes não se conformaram com a desavença e pararam em um terreno para discutir o assunto. Sentados na grama, Breno Côrrea da Silva e Salustiano Brito cogitaram a fundação de um novo clube. O local onde eles tiveram a ideia era o mesmo que, no futuro, viria a ser o Estádio Bento Freitas. Uma fina ironia do destino (ÉDER, 2010, p. 14).

Assim, de uma situação desagradável, o *Grêmio Sportivo Brasil*⁴² foi fundado, no dia 07 de setembro de 1911, em reunião na casa do pai de Salustiano, José Moreira de Brito. E nessa reunião, Darío Feijó foi escolhido o primeiro presidente do clube com Sylvio Côrrea da Silva de vice-presidente. A ideia inicial dos responsáveis era estabelecer as cores verde e amarelo para representar o *Brasil*, já que seu nome e sua data de fundação faziam menção e homenageavam o nosso país, por outro lado, o amarelo fazia alusão ao *Pelotas* que, por sua vez, homenageou a cidade e o Clube Caixeiral onde havia sido fundado.

De acordo com Éder (2010), o pontapé inicial da rivalidade entre as duas equipes é dado nesse momento, fora de campo, quando a cidade discutiu a coincidência das cores dos uniformes. Então, meses depois, o *Brasil* decidiu adotar as cores do Clube Diamantinos, vermelho e preto, consagradas até os dias atuais que representam a torcida rubro-negra. Vejamos:

Figura 19 – Símbolo do *Grêmio Esportivo Brasil*



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Figura 20 – Mascote do *Grêmio Esportivo Brasil*

⁴² Grafia utilizada na época.



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Dentro das quatro linhas do campo as duas equipes ainda não tinham se encontrado, faltava o confronto entre elas que só ocorreu anos depois, e, por essa razão, ainda não era possível tratá-los como rivais nesse primeiro momento – mas o futuro encarregou-se disso. Na opinião de Éder (2010), a mídia teve participação nesse processo de construção e consolidação da rivalidade entre o *Esporte Clube Pelotas* e o *Grêmio Esportivo Brasil* que pode ser observada na diferença atribuída aos clubes no que diz respeito ao espaço que ganhavam na imprensa: enquanto o *Pelotas* recebia uma página ou uma coluna no jornal, o *Brasil* recebia poucas linhas no corpo das notícias.

Quanto a essa proposição, concordamos com ele ao observarmos a variação da materialidade linguística dos meios de comunicação, como o sintagma “encontro”, por exemplo, utilizado pelos jornalistas quando se referiam aos jogos da dupla que, logo, foi substituído por “enfrentamento”, “combate”, “confronto”, instigando a nosso ver um possível efeito de sentido de oposição acirrada em que pode haver violência⁴³. As equipes “lutavam” em campo contra seu “adversário”, não mais “encontravam” o “visitante” para “jogo demonstrativo”.

Sobre a historicidade dos dois clubes, Osório e Amaral (2008) recordam que o *Brasil* nem sempre teve o seu campo no mesmo lugar tal como o *Pelotas*. Pela sua

⁴³ No estudo do livro de Éder (2010) esse funcionamento de substituição causou-nos surpresa. Já nas primeiras páginas circulávamos despretensiosamente os itens lexicais utilizados no noticiário como estratégia de leitura quando observamos os efeitos de sentido que esse funcionamento produzia e o que significava na sociedade.

formação mais humilde, consideração dos autores, o clube rubro-negro perambulou por vários lugares da cidade. O seu primeiro campo foi num terreno baldio no cemitério do Fragateira quando se mudou em dezembro de 1911, para o gramado do Cruzeiro do Sul, na Rua Benjamin Constant, até que esse foi vendido. O novo terreno, onde permaneceu durante toda a temporada de 1912, localizava-se na Rua Félix da Cunha, entre as Ruas João Manoel e Conde de Porto Alegre.

Em seguida, o *Brasil* estabeleceu-se no Campo da Estação onde ficou até 1927 quando se mudou novamente para o campo da Rua Nossa Senhora Aparecida. Lá ficou até 1941, ano em que começou a ser construído o campo na Rua João Pessoa, inaugurado em 1943, onde permanece até hoje. O *Estádio Bento Freitas*, também conhecido como Baixada, recebeu esse nome, Bento Freitas, graças à homenagem ao presidente do clube no período de 1939 a 1941, que foi idealizador do projeto.

Figura 21 – Estádio Bento Freitas (2018)



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Osório e Amaral (2008) ao lado de Alves (1984), assim como Éder (2010), também retratam a fundação do *Grêmio Esportivo Brasil* devido a uma divergência no seio do *S.C. Cruzeiro do Sul*, mas não a especifica. Na sequência, os autores escrevem sobre a nomeação do primeiro presidente do clube da seguinte forma: “[...] e teve como seu primeiro presidente Darío Feijó” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 19).

Alves (1984, p. 28) também relata a indicação: “Ficando a sua primeira diretoria assim constituída: Darío Feijó, presidente”.

Na materialidade da língua, a referência aos presidentes do *Grêmio Esportivo Brasil* e do *Esporte Clube Pelotas* feita por Alves (1984) e Osório e Amaral (2008), diferente de Éder (2010), causaram-no desconforto, tal como já alertamos. Nesse sentido, cabe aqui uma pausa nos parágrafos alusivos à fundação dos clubes, pois, pela nossa leitura, o uso ou a omissão de uma forma de tratamento para denominar o sujeito presidente produz sentidos⁴⁴. Por que foi utilizada uma forma de tratamento respeitosa somente para se referir ao presidente do *Pelotas*? Essa pista linguística seria um indício da constituição dos clubes, tratando-se de classes?

Diante dessas inquietações, seguimos o estudo de Ernst (2009), quando a autora trata das noções de “falta” e de “excesso” em sua sistematização teórico-metodológica. A nosso ver, examinando a pista linguística “Dr.” a leitura pode seguir dois caminhos: i. considerando a falta de uma forma de tratamento quando os autores referem-se a um dos presidentes mencionados, precisamente o presidente do *Grêmio Esportivo Brasil*; ii. considerando o excesso quando os autores, Alves (1984) e Osório e Amaral (2008) utilizam uma marca para tratar do presidente do *Esporte Clube Pelotas*.

De acordo com a norma culta brasileira⁴⁵, o substantivo masculino doutor pode ser considerado uma forma reverente de tratamento em reconhecimento à superioridade na hierarquia social. Assim, identificamos na linearidade discursiva, pela dimensão do intradiscurso (materialidade da língua), o uso de “Dr.” quando tratava-se do presidente do *Pelotas*, e a elipse de algum substantivo ou pronome quando tratava-se do presidente do *Brasil de Pelotas*, que poderia ser tratado pelo uso do pronome “Sr.”, por exemplo, uma forma gentil.

A falta, conforme especificado por Ernst (2009, p. 04), pode consistir

⁴⁴ Um primeiro exercício de análise sobre os modos de dizer foi apresentado no *VIII Seminário de Estudos em Análise do Discurso* – SEAD, e publicado nos anais do evento (cf. SILVA N., 2018).

⁴⁵ Conforme Houaiss e Villar (2001).

1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significante com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores (ERNST, 2009, p. 04).

E o excesso é uma

estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisas, considerado na gramática como um acréscimo contingente (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em “acrécimo necessário” ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição (ERNST, 2009, p. 04).

No caso em questão, acreditamos pertinente pensar que a marca ou a ausência dela, sua omissão, que pode ou não ser percebida pelo olhar-leitor, está relacionada no ponto que nos toca, a questão das relações de classe entre os dois clubes. Na perspectiva teórica que adotamos, apoiadas no estudo de Ernst (2009), levamos em conta as interpretações convencionais da língua portuguesa que categorizam gramaticalmente o ocorrido, mas observamos discursivamente os dois conceitos em jogo – a falta e o excesso – interpretando-os numa dupla dimensão, a do intradiscurso e a do interdiscurso que tem a ver com o trabalho da memória discursiva já que se trata de um processo de determinação histórica dos sentidos. Buscando compreender ambos os funcionamentos do aspecto linguístico focalizado através do “processo de desautomatização” que caracteriza nossa leitura, reafirmamos a opacidade dos sentidos.

Retomando as condições de produção ao qual tratávamos, continuamos o texto salientando que o Bra-Pel ainda não era o clássico do futebol pelotense, no primeiro campeonato da *Liga Pelotense de Foot-ball* que teve início no ano de 1913.

Alves (1984, p. 39) escreve que os jogos nesse campeonato aconteceram em clima de animação, mas o *Esporte Clube Pelotas* ganhou de goleada do *Grêmio Esportivo Brasil* nas primeiras partidas em que se enfrentaram, indo então os áureo-cerúleos “se banquetear em no Aliança” no lugar dos rubro-negros. E em 1914, conforme relata o autor, o *Brasil* derrotou o *Pelotas* conquistando a sua primeira vitória na história do clássico, assumindo a liderança do campeonato ao lado do seu “coirmão”. Éder (2010) escreve que essa audácia alertou o *Pelotas* que, enfim, passou a ver o *Brasil* como um rival.

Foi a temporada de 1917 que coroou o *Brasil* com o seu primeiro título de campeão da cidade, registrando uma partida que devolveu a goleada ao *Pelotas*. Em 1918, o clube rubro-negro conquistou o bicampeonato com bonitos feitos para o futebol da época, que orgulharam os seus torcedores. Após, ele disputou o primeiro Campeonato Estadual realizado no Rio Grande do Sul, vencendo o *Grêmio Porto Alegrense* num jogo assistido por mais de três mil pessoas – Éder (2010) assinala que essa glória alcançada pelo *Brasil* serviu para despertar ainda mais a ira do rival.

No seu regresso a Pelotas após a vitória, “o GS Brasil teve recepção condigna, com desfile de automóveis e carros desde o porto até a Prefeitura, onde houve discursos e a entrega de prêmios” (ALVES, 1984, p. 64), uma bela comemoração.

Depois de campanha pouco inspirada em 1920, o GS Brasil surgiu revitalizado e fez voltar o título de campeão para as suas cores em 1921. Assim ao completar o seu 10. aniversário de fundação, conquistava o GS Brasil o seu quarto campeonato da cidade, numa demonstração de poderio que poucos clubes conseguiram alcançar (ALVES, 1984, p. 70).

No entendimento de Rigo (2004, p. 122), no período da década de 1920, as práticas de futebol extrapolaram as estruturas que o condicionavam a ser apenas um costume distintivo das elites, e, ao ser acessível a diferentes classes sociais o esporte tornou-se símbolo de um “estilo de vida urbano”. De tamanha importância que assumiu na vida dos sujeitos torcedores e na movimentação de Pelotas, não era mais possível dissociar o futebol da história da cidade.

Com tal característica, Alves (1974) lembra que o segundo encontro oficial da temporada entre o *Pelotas* e o *Brasil de Pelotas* em 1929 foi filmado e apareceu posteriormente nas telas do cinema da cidade. Nesse sentido, Rigo (2004, p. 124) afirma que não há como negar o crescimento que o futebol pelotense teve a partir dos anos 20, e isso “pode ser visto pelos resultados que ele conseguiu alcançar nesse período, consolidando assim a posição de destaque que desfrutava, desde o início do século, dentro do futebol gaúcho”.

Concomitante às disputas citadinas que se formaram e à profissionalização do futebol aqui e no país, houve um singular interesse das equipes em vencer a competição em que se envolviam, ou seja, viu-se crescer, pouco a pouco, a rivalidade entre os times pelotenses. Para o professor, “com a expectativa pública da vitória crescendo de jogo para jogo, cada clube começou a utilizar-se das estratégias mais eficazes de que dispunha, agora não mais para fazer demonstrações, mas sim para vencer” (RIGO, 2004, p. 143). Sobre esse desejo de vitória, Éder (2010, p. 36) também se posiciona escrevendo que

Ao ganhar o estadual, o Pelotas igualava-se ao rival Brasil em termos de conquistas significativas. A rivalidade, com isso, ganhou proporções maiores. Os clubes passaram a correr atrás de mais títulos de expressão, com o intuito de superar um ao outro. No âmbito local, até 1930, o Pelotas havia vencido seis campeonatos e o Brasil sete. A igualdade numérica chegaria na década seguinte [...]

Os dois clubes cresceram tanto no aspecto técnico, que acabaram provocando o desaparecimento de co-irmãos, que não conseguiam vencê-los e viam as torcidas de Brasil e Pelotas aumentarem por causa do acúmulo de títulos (ÉDER, 2010, p. 36).

Nessas CPs em que a rivalidade ganhava proporções maiores, o relacionamento entre os clubes e os torcedores ia transformando-se, recuperando, na maioria das vezes, a nosso entender, simbolicamente, as relações de classe social e de raça, estabelecendo um embate na cidade de Pelotas. Por conta disso, é necessário que expressemos alguns casos de violência que ocorreram devido à rivalidade Bra-Pel, e fazemos isso não para desprestigiar ou descaracterizar o futebol pelotense, mas para observarmos os sentidos que são silenciados em torno dessa prática, sentidos de desafetos que significa a exclusão, a divisão e o

preconceito com o outro, que são retomados ano após ano nas práticas diárias dos torcedores, em seus gestos de subjetivação.

Dentre todos os casos lidos, podemos iniciar citando um episódio de 1931 relatado por Alves (1984). Escreve o autor que a dupla jogava amistosamente na Rua Nossa Senhora Aparecida e vencia o áureo-cerúleo por 1x0 quando dois jogadores iniciaram uma briga aos 27 minutos do primeiro tempo. Essa briga generalizou-se entre os torcedores de modo nunca antes visto e o jogo foi finalizado⁴⁶.

Osório e Amaral (2008), da mesma forma, trazem alguns episódios de violência ocorridos ao longo da história do clássico pelotense. Para eles, o primeiro Bra-Pel do campeonato do ano de 1941, por exemplo, já iniciou acirrado, e as disputas aconteciam ano a ano com mais intensidade⁴⁷. O campeonato de 1945 é marcado como um dos mais disputados da história do futebol pelotense, sendo a dupla Bra-Pel “indiscutivelmente a alma e glória deste esporte na Princesa do Sul” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 23).

Ainda na opinião dos autores, “tanto o Brasil como o Pelotas representa para o público esportivo da cidade a própria razão de ser do futebol pelotense. Esse clássico empolga as torcidas e todas as camadas populares vibram intensamente” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 50). Não só as camadas populares, em nossa opinião, mas movimenta a cidade como um todo, produzindo efeitos de sentido próprios desse contexto futebolístico, pois como bem lembram os próprios autores, “cada dia de Bra-Pel é um dia de festa para o futebol pelotense” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 50).

Éder (2010, p. 69, grifos do autor) salienta que “na *Princesa do Sul* o Bra-Pel já é chamado de *Clássico das Multidões*, tamanho o interesse que desperta nas duas torcidas. A cada jogo, grandes plateias lotam os estádios e vibram com a dupla”. Nesse contexto, certamente, a rivalidade estava consolidada na cidade, e a

⁴⁶ Citamos apenas um dos episódios narrados por Alves (1984). Em seu livro, o autor relata diversos outros episódios de rivalidade e de violência entre os jogadores e, também, entre os torcedores da dupla Bra-Pel a partir, principalmente, da data em questão até o ano de 1941, foco de seu estudo.

⁴⁷ Osório e Amaral (2008) apresentam na última parte de sua obra, a tabela de jogos disputados pela dupla Bra-Pel, entre os anos de 1913 e 2006. Éder (2010), da mesma forma, traz essas informações técnicas estendendo até o clássico 347 ocorrido no ano de 2006.

cada encontro da dupla os sujeitos torcedores movimentavam determinados sentidos de acordo com a sua identificação ao clube de preferência.

A mídia também recuperava saberes em suas notícias, saberes relacionados à historicidade da constituição de cada clube. O autor menciona um jogo de 1967 em que o *Diário Popular* apresenta o encontro como “o embate entre ‘Índios e Milionários’” (ÉDER, 2010, p. 92, grifo do autor). Nessa época, os corações dos sujeitos torcedores já batiam forte com as emoções do maior clássico do interior sul do RS, e a mídia atenta a esse funcionamento de identificação aumentou a cobertura dos jogos nos jornais, intercalando-os com anúncios publicitários.

O ano de 1970 é lembrado por Éder (2010) com uma rivalidade bastante agressiva. Dentre as exemplificações das façanhas cometidas pelos sujeitos torcedores, a vitória por 2x1 do rubro-negro desencadeou uma comemoração que ganhou as ruas da cidade e virou caso de polícia, pois foram presos dois torcedores rubro-negros que atiraram foguetes para o interior de um apartamento na Rua Andrade Neves, por volta das 20 horas, ferindo o morador.

Passado muitos anos, ao final de uma partida no ano de 1991, houve uma festa xavante com muita vibração, pois o jogo representou um tabu quebrado de sete anos do *Grêmio Esportivo Brasil* sem vencer o *Esporte Clube Pelotas*.

Galego [técnico do *Brasil de Pelotas*] dizia que a motivação das torcidas fazia do Bra-Pel um jogo diferente dos demais. Futebol por futebol, era o mesmo que enfrentar qualquer outra equipe, mas o diferencial era a paixão dos torcedores, o que deixava os jogadores mais nervosos do que em outros jogos (ÉDER, 2010, p. 133, explicação nossa).

Junto com essa festa da vitória rubro-negra, sucederam-se gestos violentos como pedradas, socos, pontapés, queima de bandeiras por parte das torcidas representantes dos dois clubes, e, para agravar a situação, torcedores áureo-cerúleos atearam fogo para fora do estádio.

Osório e Amaral (2008) registram que alguns torcedores do *Brasil* levavam um lobo para a parte das torcidas organizadas e o partiam em pedaços com o objetivo de manifestar sua posição e ressaltar que o time deveria arrasar em campo.

Já a torcida do *Pelotas*, por sua vez, levava pompons e confetes para o estádio, sendo chamados pejorativamente de “Turma da Xuxa” pela torcida rival.

Outro episódio de violência referido pelos autores trata-se de um ocorrido em 1998 ao término da partida de um jogo válido pelo *Campeonato Gaúcho* na *Boca do Lobo*, em que um jogador rubro-negro insultou outro jogador áureo-cerúleo chamando-o de “negro sujo” e de outras palavras condenáveis. O jogador áureo-cerúleo reagiu dando-lhe um soco e, logo, ocorreu uma briga generalizada entre jogadores no campo e torcedores na arquibancada, resultando na destruição de parte do patrimônio do clube e de alguns bancos da Praça Dom Antônio Zattera.

E um dos últimos registros de violência citados por Osório e Amaral (2008), ocorreu em 2003, quando ambas as torcidas provocaram uma das maiores brigas da história dos Bra-Péis, com muitas pessoas seriamente machucadas e um empresário áureo-cerúleo morto a tijoladas e seu filho espancado porque foram identificados com a camiseta do clube por baixo da roupa que vestiam. Na opinião dos autores, foi uma verdadeira comoção em Pelotas.

Éder (2010, p. 178) sobre esse caso comenta que “o episódio virou assunto na cidade e também despertou o interesse dos órgãos de comunicação do estado e do país. O futebol ficou meio de lado, mas três dias após a dupla Bra-Pel já entrava em campo novamente”. Podemos perceber aí o futebol ofuscando os sentidos negativos provenientes da rivalidade através de novas práticas futebolísticas, novos lances, novos desejos, novos sentimentos que iludem os torcedores pelotenses.

Nesse conjunto de autores que se dedicaram em (re)construir a história do Bra-Pel, não só evidenciando seus momentos de glória no futebol gaúcho, mas registrando esses episódios lamentáveis que fazem parte dessa história e que, a nosso ver, não podem ser esquecidos tampouco apagados porque produzem sentidos, podemos incluir as versões rememoradas pelos sujeitos torcedores por nós entrevistados.

A primeira foi contada por um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo que denominamos P. 08H⁴⁸, quando tratava do acidente que aconteceu com o ônibus

⁴⁸ Essa sigla refere-se à nomeação atribuída ao sujeito tatuado torcedor por nos entrevistado, que é explicitada no capítulo 3 desta tese. Em breve explicação, a letra inicial representa o time ao qual o

que trazia o time do *Grêmio Esportivo Brasil*⁴⁹ de volta para a cidade de Pelotas depois de um jogo preparatório para o *Campeonato Gaúcho* disputado no Vale do Sol, cidade vizinha a Santa Cruz do Sul, RS. Em suas palavras,

hã... eu não tenho nada contra mesmo, até quando aconteceu esse essa tragédia aí com o Brasil aí, eu fique bastante comovido e... procurei, sei lá (+) é... confortar / ((Tiveram brincadeiras maldosas nesse período né?)) / É, teve muita coisa né, a torcida do Pelotas criou música porque teve um Bra-Pel naquela época que foi um Bra-Pel que a gente a gente nunca mais tinha se enfrentado, então era um Bra-Pel com muita expectativa, tanto tanto da torcida a parte do Pelotas quanto da parte do Brasil, aí o Brasil ganhou esse Bra-Pel lá na Baixada, 1 a 0, gol do Athos, [(conversa alta no local)] e a gente entrou cantando uma musiquinha para o da hora do acidente, isso aí é uma coisa que, na hora ali é um... é é uma forma que tu a gente tem de provocar né, mas... eu não concordo, sempre sempre / ((É que pegou um pouco mal né!)) / sempre quando tem esse essa musiquinha, sempre, porque até hoje se canta, tem torcedores assim que não tem o mesmo pensamento que o meu né, mas eu não canto, eu respeito né, a família de jogadores e família de funcionários enfim, [(conversa alta no local)] mas, é uma rivalidade que que ela é no limite assim, ela é no limite mesmo, ela é uma rivalidade máxima né, é como se fosse um Gre-Nal né, pra cá, então tem briga na rua... né, hã... dentro do estádio também tem briga, dentro do campo tem briga né, na imprensa depois, os diretores hã também é uma... né, mas acho que é uma coisa que faz parte né, só que tem que ter um limite né (SUJEITO P. 08H, 2017)⁵⁰.

Um sujeito tatuado torcedor rubro-negro também se posiciona com relação a esse episódio, quando falava especificamente de um sujeito torcedor áureo-cerúleo representante de uma torcida organizada do *Pelotas*. Em sua narração,

e aí sim, aí eu tenho uma... uma diferença muito grande que chega até ser um sentimento de repulsa mesmo assim, contra a maior torcida organizada que eles têm que é a Unidos por uma Paixão (+) eu acho que eles são

sujeito se identifica, o número que segue representa a ordem de sua entrevista e a letra final representa o seu sexo.

⁴⁹ Dentre os óbitos que resultaram desse acidente, estava o jogador Cláudio Milar, um futebolista uruguaio que atuava no *Brasil* e tornou-se símbolo da torcida rubro-negra. Um sujeito torcedor inclusive falou sobre ele nas suas considerações acerca da sua tatuagem: “teve a inspiração principal para eu estar fazendo essa tatuagem é o nosso eterno ídolo do Grêmio Esportivo Brasil que é o Cláudio Milar, que infelizmente a gente perdeu ele num acidente, em 2009 [...]. E ele sempre teve uma identificação muito grande com a torcida né, até hoje em dia falar sobre ele ou ouvir a voz dele em vídeos ou reportagens, emociona bastante. [...] em 2013, o Brasil conseguiu acesso para a primeira divisão novamente. Então nos jogos que antecederam no caso o acesso, eu fiz a promessa que caso o Brasil subisse eu estaria fazendo a tatuagem em homenagem ao Milar e em homenagem ao time também, eu sabia que que ele estava conosco em todos os momentos, em todos os jogos complicados que a gente passou” (SUJEITO B. 02M, 2016) (anexo 2).

⁵⁰ A entrevista na íntegra está no anexo 3 desta tese.

extremamente babacas, os torcedores dessa... tem um cara que é o líder deles que ele acha que bate em todo mundo, que ele é o (+) machão, anda andava armado e batia só em criança, se provalecendo de criança assim, ele é um idiota, e ele ainda vai acabar encontrando o caminho dele, ou ele vai acabar sendo... levando um tiro e sendo morto ou vai ser preso, mas ele tem o pai dele pelas costas, então é um mariquinha, filhinho de papai, eu sei quem ele é, só que ele se provalece por isso, porque o pai é pelas costas dele, acho que até, me disseram que ele faz Direito aqui na universidade agora, então ele é... ele é um abobado, mas ele simboliza, para mim, ele simboliza essa torcida né, claro que nem todo mundo é babaca que nem ele, mas eles têm essa coisa de bater em criança e eles não são mais tão crianças assim, ele sempre fez isso, se provalecer, de querer... de de de ter atitudes racistas com relação a nossa torcida, é de fazer deboche em relação a morte do do torcedor ídolo que para nós foi o Milar, de ficar imitando flecha, de cantar a musiquinha 'Uh uh morreu em Canguçu' [...] Até hoje eles cantam, até hoje eles cantam 'pau no cú do Milar', até hoje eles cantam é... é... eles têm várias musiquinhas assim que tentam, que... que... na verdade, brincam com a morte de uma pessoa né, a nossa torcida na época que faleceu o... o senhor esse Bonow, também tinha uma parte da torcida que cantava para eles que 'vai morrer mais um, vai morrer mais um' (SUJEITO B. 10H, 2017)⁵¹.

Como podemos perceber as duas torcidas não ficam imunes à violência, seja ela materializada de maneira verbal ou não-verbal. Ambos os clubes trazem consigo marcas de um passado que o constitui e que perpassa os dizeres dos sujeitos torcedores tatuados que entrevistamos. A historicidade produz sentidos, ou seja, a língua faz sentido porque a história nela intervém, e assim agitam-se as relações de produção da cidade e emergem efeitos de sentido que recuperam a raça e a classe social de cada clube, colocando em jogo o político.

Em resumo,

[...] mesmo contra a vontade de muitos, os campos de futebol logo passaram a ser frequentados por sujeitos pertencentes a uma ampla diversidade étnica e social, deixando de ser um reduto típico do tempo livre dos brancos de "boa família" e dos descendentes de imigrantes para se tornarem um local ocupado também por negros, mestiços e pobres (RIGO, 2004, p. 148, grifo do autor).

Assim como em outras regiões do país, a participação futebolística desses sujeitos antes excluídos deu-se primeiro no futebol periférico e na composição de times menores. Mesmo com o afastamento social imposto pelos pressupostos

⁵¹ Essa entrevista encontra-se no anexo 4.

ideológicos vigentes, eles aprenderam a jogar futebol improvisando o campo, a bola e o fardamento e incluíram-se nessa atividade. Em Pelotas, reconhecida a presença de sujeitos negros em sua constituição devido ao trabalho escravizado que aqui ocorreu, não há como apagar a sua presença nas práticas culturais como o próprio futebol e o carnaval no decorrer da gênese histórica da cidade.

Havia sim diferença entre os sujeitos jogadores brancos e negros, mas as diferenças eram intensificadas quando se tratavam de clubes, no entendimento de Rigo (2004). Cada clube procurava demarcar simbolicamente seu espaço geográfico, clubes de bairro, do subúrbio, da zona sul e da zona norte, todos eles conservando seu espaço, inscrevendo-se em determinada posição. Dessa forma, a discriminação socioracial implodiu no futebol.

Na leitura de Osório e Amaral (2008, p. 49),

A discriminação era flagrante. Crioulo não tinha vez nos campos de futebol no início do século. As moças da melhor sociedade frequentavam o campo do Pelotas desfilando seus vestidos da moda. Os homens assistiam aos jogos de terno, chapéu e gravata. Em dias mais quentes suavam ensopando as roupas, e como diria o meu amigo Nelson Rodrigues, naquela época não existia desodorante...

Era a “Bella Epoque” da política de fraques e cartolas.

O Grêmio Esportivo Brasil ainda não existia, mas foi ele, depois que abriu suas portas às classes menos favorecidas, aos negros, mestiços e mulatos, e o futebol popularizou-se entre nós (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 49, grifo dos autores).

Para Rigo (2004), o processo de incorporação de sujeitos negros em seu quadro de jogadores reforçou o caráter popular do *Brasil*. Ao longo dos anos de 1930, a presença desses jogadores no clube fortaleceu-se o que resultou numa espécie de emblema. Num ritmo crescente o clube popularizou-se e o fato de ter sido o primeiro time da *Liga* a aceitar essa parcela da sociedade criou uma imagem clubística de um time que já nasceu popular, imagem essa que se consolidou na memória da cidade.

Enquanto o *Brasil* traz essa memória de um clube popular com a postura de democratização racial no futebol da cidade, do outro lado, o *Esporte Clube Pelotas*

pode ser lembrado como o clube representante da elite pelotense e que mais teve resistência ao movimento de miscigenação racial no esporte local, de acordo com o estudo do autor citado.

No entanto, Osório e Amaral (2008) assinalam que houve diversas tentativas do *Esporte Clube Pelotas* de colocar em sua equipe jogadores negros – unicamente sujeitos brancos eram aceitos, na maioria de origem alemã com sobrenome Muller, Rheingantz e Essenfelder –, mas somente em 1945 Laerte foi contratado, rompendo as barreiras sociais entre o clube e os sujeitos negros. Levando essa afirmação em conta, deixamos a seguinte questão, a fim de refletirmos mais sobre o assunto: será mesmo que as barreiras sociais de raça e de classe foram rompidas?

Rigo (2004, p. 154) propõe que

A postura bastante divergente assumida pelas duas principais equipes da cidade perante a aceitação ou não de jogadores negros fez com que se acirrasse ainda mais a rivalidade que já vigorava entre o G. E. Brasil e E. C. Pelotas, que passou-se a expressar-se no seguinte slogan: “Negrinhos da estação versus fidalgos da avenida”. Oriunda do próprio meio futebolístico, difundida por toda a cidade e passada para as novas gerações, além de lembrar as procedências socioespaciais específicas de cada clube – Brasil próximo à estação ferroviária e Pelotas junto a uma das avenidas centrais da cidade –, a frase incita a rivalidade e ressalta a posição de ambos, na época, quanto à questão racial (RIGO, 2004, p. 154, grifo do autor).

Osório e Amaral (2008, p. 51) também registram a sentença “Fidalgos da Avenida x Negrinhos da Estação” e, em sua ótica, a questão racial e a violência andam de mãos dadas, em especial no futebol. Nas palavras dos autores, “é horrível ver um torcedor ou um grupo deles cantarem versos racistas, jogarem bananas no campo, imitarem macacos e insultarem jogadores que não são de sua ‘raça superior’” (OSÓRIO; AMARAL, 2008, p. 51, grifo dos autores), como é horrível também apresentarem atitudes como socos, pontapés, tiros, pedradas, brigas com a polícia e depredações do patrimônio público – esse é o lado mais condenável do futebol para eles.

Em nosso entendimento, gostaríamos de enfatizar que não se trata somente da questão racial, conforme estamos nos posicionando, mas também da questão econômica dos dois clubes que não deve ser dissociada nem da história do futebol

nem da história da nossa cidade, pois é nessa base que nossa sociedade se consolida e se desenvolve. É claro que hoje a divisão entre os torcedores considerados ricos e brancos e negros e pobres, respectivamente relacionada aos clubes *Pelotas* e *Brasil*, não se dá de forma categórica e exata como nas primeiras décadas do futebol em Pelotas. Mas não podemos deixar de observar os sentidos dessa divisão inicial que ainda são mobilizados nas relações e nas práticas de subjetivação dos sujeitos tatuados torcedores de ambas as torcidas.

No ponto de vista de B. 10H (2017) sobre a questão da divisão de classes presente no futebol pelotense, temos a seguinte opinião:

É, eu acho que antigamente era mais forte assim, era era mais clara a divisão de classes entre os clubes porque é só tu pegar a história do Brasil e a do Pelotas que tu vai ver, o Pelotas por muito tempo, assim como o Grêmio, eles não aceitavam negros, hã, a torcida, o time se situava no centro da cidade, no espaço onde tem, onde circula... / ((Segundo eles isso acabou em 1960 e poucos)) / É... (SUJEITO B. 10H, 2017).

Podemos perceber em suas palavras o reconhecimento dessa historicidade divisória tratando-se de raça e de base econômica pelo espaço geográfico em que os clubes se situavam, no passado; mas dando seguimento a nossa leitura, refletimos sobre os sintagmas “mais forte” e “mais clara” utilizados por ele. Nos dois recortes podemos observar o uso do advérbio de intensidade “mais” indicando comparação ao que já existiu, se “antigamente era mais forte”, hoje é fraco, se “era mais clara”, hoje é escura.

Esse jogo de antagonismo entre os sintagmas nos dá pista para compreendermos os efeitos de sentido que ressoam nas palavras do sujeito tatuado torcedor, que não nega a existência da divisão nas relações de produção, mesmo que esse funcionamento esteja encoberto por pressupostos ideológicos futebolísticos, que estamos entendendo como ideologia da bola, aos quais não permitem a circulação desses sentidos dualísticos e discriminatórios entre os dois clubes.

No decorrer de sua formulação, o sujeito tatuado torcedor rubro-negro logo assume a sua posição na seguinte consideração: “Ah, eu acho que não dá mais

para chamar isso tão categoricamente porque o próprio Brasil de uns tempos para cá está *elitizando a torcida*, o que *eu sou contra*” (SUJEITO B. 10H, 2017, grifos nossos). Ou seja, no *Grêmio Esportivo Brasil* não haveria espaço para sujeitos torcedores de uma classe econômica alta, o que confirma o nosso entendimento do futebol enquanto uma prática que funciona como um processo que pode forjar tensões entre instâncias distintas.

Outro exemplo que pode ser citado que diz respeito a essa historicidade de sentidos dualísticos e discriminatórios, referentes à classe social, refere-se à opinião de um sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo que, ao saber o local onde aconteceria a próxima entrevista, um posto de gasolina, enunciou: “Para ser frentista, só podia ser xavante!” (SUJEITO P. 04H, 2016)⁵². Tais palavras (re)produzem sentidos que discriminam o sujeito, sua classe social e seu time de preferência, relacionando os três itens como se fossem um só, por isso, pensamos que os pressupostos ideológicos futebolísticos também constituem o sujeito torcedor. Para nós, não poderia um sujeito torcedor áureo-cerúleo trabalhar como frentista num posto de gasolina?

Vejamos bem, o nosso objetivo aqui não é caracterizar um clube e outro, uma torcida e outra, quanto à classe social dos torcedores, porém, acreditamos necessário reparar como os sentidos da construção de cada clube, o seu enredo histórico, ainda perpassam os dizeres dos sujeitos tatuados torcedores de tal forma que fazem funcionar o motor da ideologia na cidade de Pelotas, que é a luta de classe no viés pecheuxtiano. E esse funcionamento pode fomentar sentidos de superioridade e de inferioridade, de inclusão e de exclusão, incitando a violência num espaço social comum, numa prática que deveria ser somente benéfica aos próprios sujeitos.

Levando esse entendimento em consideração não deixamos de prestar atenção nas outras opiniões dos sujeitos tatuados torcedores por nós entrevistados, como é o caso de P. 02M (2016)⁵³. Em sua opinião:

⁵² A entrevista completa encontra-se no anexo 5.

⁵³ Essa entrevista encontra-se no anexo 6.

((... tu achas que ainda existe uma divisão de classes entre os dois clubes ou que a gente ainda pode falar que o Pelotas é o time dos ricos e o Xavante é o dos pobres?)) Eu acho que hoje em dia não, hoje não tem essa diferença, tanto porque eu convivo nos jogos e vejo que o Pelotas não é um time de gente rica, talvez há há tempos atrás, talvez antes de eu ter nascido ou quando eu era muito pequena, talvez realmente tenha havido, é uma questão histórica já né que foi contado, mas eu acredito que não, que hoje em dia não seja dessa forma, assim como também no Brasil não existe, não é só torcida de pobre lá e rica no Pelotas, eu acho que é muito mista, e eu acho isso importante também, porque tem que existir todas as classes possíveis dentro dos dois, tinha que parar com essa coisa de 'Ah! Pelotas é de rico, Xavante é dos pobres!', não, isso não é mais, eu não acredito que possa existir isso ainda, até porque o Xavante está num patamar diferente do Pelotas, claro (+) se mostrou dentro do campo melhor, mas tem mais patrocínio, envolve mais dinheiro, tem mais sócios, bem mais, então (+) eu acho que isso já já fugiu já da (+) da realidade (SUJEITO P. 02M, 2016).

O fato é que existe um imaginário que perpassa as representações dos sujeitos tatuados torcedores, na medida em que seu discurso é constituído em relação ao imaginário que têm do lugar social de que fala. Portanto, convém explicitarmos que tais representações se dão a partir de posições e estão inscritas no todo complexo das formações ideológicas (FI), e, por isso também que, retomamos a historicidade da dupla Bra-Pel para entendermos o imaginário que perpassa as formações discursivas (FD) em que os sujeitos tatuados torcedores estão imaginariamente inscritos, e, por conseguinte, entendermos a FI do futebol.

Para Pêcheux (2010 [1990], p. 81, grifos do autor), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. A respeito, Orlandi (2012a, p. 40) escreve que todos os mecanismos de funcionamento do discurso repousam nas formações imaginárias. Nesse viés, segundo ela,

não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade [...], mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem ao sujeito passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições (ORLANDI, 2012a, p. 40).

As posições-sujeito – sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo e sujeito tatuado torcedor rubro-negro – assim, são significantes no discurso. Elas significam

em relação ao contexto sócio-histórico e à memória discursiva, pois o mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, dos clubes e do objeto do discurso, neste caso, a sua tatuagem, o seu clube e o adversário. E ainda, mobilizam um dizer que remete a alguns sentidos e não a outros.

No jogo entre as duas instâncias, Bra-Pel, o sujeito torcedor que se tatua atribui sentidos a sua tatuagem a partir do lugar que imaginariamente ocupa, em consonância aos saberes que estão no interior da formação discursiva na qual se inscreve. Para Pêcheux (2009 [1988], p. 147, grifo do autor), “chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina ‘o que pode e deve ser dito’”. Em outras palavras, o sujeito tatuado torcedor é interpelado a atribuir sentido pela FD que representa a formação ideológica que lhe subjaz, tanto quando se subjetiva na/pela língua ou na/pela *tattoo*.

Isso posto, pensamos que, na nossa pesquisa, podem ser configuradas duas FDs, pela leitura do nosso arquivo, em que os sujeitos tatuados torcedores ao se identificar com o *Esporte Clube Pelotas* ou com o *Grêmio Esportivo Brasil*, mobilizam saberes que remetem a determinados sentidos, estes relacionados à historicidade de cada clube a qual tratamos neste tópico.

Configuramos⁵⁴, então, pelo nosso gesto interpretativo, a FD Áureo-cerúlea (que acolhe discursos do *Pelotas*) e a FD Rubro-negra (que acolhe discursos do *Brasil*), que, sofrendo os efeitos das relações de força reguladas internamente por uma forma-sujeito e externamente pela tensão com outras FDs, determina o que se diz e o que não se diz, o que é desenhado e o que não é desenhado e, mais, onde é desenhado.

E quais sentidos são esses? Com respeito à FD Áureo-cerúlea, circulam sentidos que produzem efeitos de superioridade com relação ao time adversário, o *Brasil de Pelotas*. Nessa FD, são (re)produzidos saberes historicamente construídos

⁵⁴ Cazarin (2014) assinala que embora a FD seja determinada pelo interdiscurso, esta se configura como um gesto de interpretação do analista. Em seu entendimento, a configuração da formação discursiva é de responsabilidade do pesquisador, que precisa considerar a historicidade do discurso que está sendo analisado. Utilizando-nos de suas palavras “não seria, como postulam alguns, o gênero discursivo que iria definir essa questão” (CAZARIN, 2014, p. 11), pois é o olhar do analista que delimita a FD, mas não pode ser qualquer olhar, é preciso que o discurso sustente teoricamente a sua configuração.

acerca do imaginário do próprio clube enquanto um clube elitista que tem como torcedores uma parcela mais privilegiada economicamente e de raça branca. Aqui, sentidos como nós somos melhores, nós temos estádio, o time lá de baixo, time de pobre, da negrada, de pepino etc., emergem nas palavras dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos quando questionados sobre o time adversário. Tais sentidos, por nós observados, ressoam no discurso, embora o que pode e deve ser dito nessa FD, na atual condição de produção da cidade, é que a diferença de raça e de classe social entre os dois clubes não existe mais.

Já na FD Rubro-negra, circulam sentidos que produzem efeitos de inferioridade com relação ao time adversário, o *Pelotas*. Nessa, são (re)produzidos saberes historicamente construídos acerca do imaginário do próprio clube enquanto um clube do povo que tem como torcedores uma parcela mais humilde economicamente e de raça negra. Sentidos como nós somos povão, nós somos massa, eles são idiotas, babacas, *playboys*, filhinhos de papai, guri de apartamento, riquinhos etc., emergem nas palavras dos sujeitos tatuados torcedores rubro-negros quando tratavam de si e questionados sobre o rival. E, do mesmo modo da FD Áureo-Cerúlea, o que pode e deve ser dito em nossas CPs, é que a diferença de raça e de classe social entre os dois é passado, sentido disseminado pela ideologia da bola que busca diluir as dissimetrias das relações de produção.

Dessa forma, nas duas FDs inscrevem-se distintas posições-sujeito, próprio da heterogeneidade constitutiva de cada uma, que movimentam diferentes saberes. Há, nessas Formações Discursivas, posições-sujeito que se identificam a esses sentidos dualísticos e discriminatórios, reproduzindo-os em seu dizer (pela língua ou pela *tattoo*), e, também, há posições-sujeito que se contraidentifica com esses sentidos, produzindo o diferente.

Refletindo sobre o que antecede, gostaríamos de traçar um diálogo com Arantes (2000), quando o autor escreve que

Os habitantes da cidade deslocam-se e situam-se no espaço urbano. Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam, ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas múltiplas relações (ARANTES, 2000, p. 106).

Se bem entendemos e podemos fazer a relação que segue, ao considerarmos o espaço e o tempo em que o corpo dos sujeitos tatuados torcedores ganha corporeidade e, também, em que sua *tattoo* ganha visibilidade, observamos que se instaura uma fronteira simbólica, na medida em que o sujeito se identifica a um time e se distancia do outro, do time adversário, por meio dos funcionamentos de identificação e de resistência nos quais temos especial interesse – e que são explicitados no capítulo 4 desta tese.

Somos partes de um mundo só. Estamos todos juntos, mas não estamos no mesmo mundo. Você, se entrar no meu mundo, é estranho; eu, se entrar no seu, sou estranho. Você não ia me aceitar se soubesse que eu tenho passagens na polícia, e eu não ia te aceitar sabendo que você nunca roubou. Você tem um mundo e eu tenho outro mundo (ARANTES, 2000, p. 106).

Nessa adversidade, perguntamo-nos, assim como o autor: “Qual é a natureza dessas fronteiras contraditórias que, a um só tempo, separam práticas sociais e visões de mundo antagônicas e as põem em contato, tornando possível tal diálogo?” (ARANTES, 2000, p. 106). A hipótese de resposta do autor é que a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, reconhecendo em seu conjunto as fluidas fronteiras de um lugar compartilhado. A nosso ver, a natureza dessas fronteiras, entendidas como uma linha imaginária que divide, mas que também entrelaça distintas instâncias, encontra explicação na historicidade e se perpetua na (re)produção de determinados sentidos.

Arantes (2000), ao estudar a cidade de São Paulo, relata que, pelo processo de construção de fronteiras,

ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de ‘pertencimento’” (ARANTES, 2000, p. 106, grifo do autor).

Para nós, com relação ao nosso objeto de estudo, o corpo torna-se suporte físico de significações e lembranças, e materializa discursos de paixão e de orgulho quando o sujeito identifica-se com um dos clubes, ou discursos de desafeto e de aversão, quando o sujeito não se identifica. Orlandi (2012b), ao tratar da *tattoo* na sociedade contemporânea, salienta que o gesto de se tatuar interfere nos processos de individualização do sujeito. Nesse caso, ao textualizar no corpo uma tatuagem de um time é colocar em pauta ambos funcionamentos, de identificação e de resistência, pois ao se filiar num grupo, numa FD clubística, ao mesmo tempo, o sujeito antagoniza-se do outro, construindo uma fronteira simbólica/imaginária, produzindo os mais variados sentidos, dos quais não temos controle.

Sobre esse modo de interpelação futebolística, a leitura de outra crônica de Veríssimo (2010) sobre o futebol, no livro *Time dos Sonhos: paixão, poesia e futebol*, nos fez pensar na força ideológica que perpassa esse esporte. Nessa, chamada *Infantilidades*, o cronista destaca o seguinte:

Só o futebol permite que você sinta aos 60 anos exatamente o que sentia aos 6. Todas as outras paixões infantis ou ficam sérias ou desaparecem, mas não há uma maneira adulta de ser apaixonado por futebol. Adulto seria largar a paixão e deixar para trás essas criancices: a devoção a um clube e às suas cores como se fosse a nossa outra nação, o desconsolo ou a fúria assassina quando o time perde, a exultação guerreira com a vitória. Você pode racionalizar a paixão, e fazer teses sobre a bola, e observações sociológicas sobre a massa ou poesia sobre o passe, mas é sempre fingimento. É só camuflagem. Dentro do mais teórico e distante analista e do mais engravatado cartola aproveitador existe um guri pulando na arquibancada (VERÍSSIMO, 2010, p. 25).

Osório e Amaral (2008, p. 16), por sua vez, ao tratar da dualidade Bra-Pel, questionam: “quem nunca se emocionou com uma vitória do seu time sobre o rival, seja xavante ou áureo-cerúleo? Ou, ainda, quem nunca flauteou o amigo torcedor do outro clube no dia seguinte ao jogo?”. Na opinião de P. 12H (2017)⁵⁵, “sem Bra-Pel a cidade não tem graça, a cidade está morta, é um num canto, o outro no outro...”. B. 04H (2016)⁵⁶ evidencia que “acho que não não existiria um Xavante sem um Lobo,

⁵⁵ A entrevista completa encontra-se no anexo 7.

⁵⁶ Essa entrevista encontra-se no anexo 8.

entendeu?! E não teria a mesma graça torcer para o Brasil, se não pudesse tirar o sarro do Pelotas...”.

Éder (2010, p. 153, grifo do autor) comenta que o técnico *do Grêmio Esportivo Brasil*, Galego, “motivava seus jogadores, agitava sua torcida, mas pedia respeito ao adversário. ‘São seres humanos que convivem a cada dia dentro da nossa cidade’, dizia”. Mas em termos práticos, o clima de rivalidade em nossa cidade esquentava antes mesmo da bola rolar; P. 08H (2017), por exemplo, considera o Bra-Pel “um dos maiores clássicos do país né, não é nem do Rio Grande do Sul, é do país, então tem que existir”, e essa proposição parece que circula também entre os sujeitos tatuados torcedores adversários como nas considerações de B. 01H (2016)⁵⁷ quando ele se refere à rivalidade, “só tem a crescer o nosso futebol e a cidade também”.

E pensando nisso, outra questão põe-se em pauta, questão fundamental para nossa reflexão que procura compreender os pressupostos ideológicos que constituem o futebol, já que bem entendemos a ideologia, parafraseando Pêcheux (2010 [1990]), como um processo que produz e mantém as diferenças necessárias ao funcionamento das relações sociais de produção em uma sociedade dividida em classes.

Logo, adentramos no tópico *A Ideologia da bola*.

2.3 A Ideologia da bola

Outro dia chamou-me a atenção uma crônica do cineasta Walter Salles onde ele apontava o século XX como o século do cinema. Outros, diferentemente, acreditam que foi o século das guerras. Talvez tenha sido o século das guerras e do cinema. Da ciência, da técnica, da riqueza e da miséria dos povos, de muitas utopias e dos seus fins. E muito mais, como por exemplo, o século do futebol. Ou seria essa afirmação uma blasfêmia? Seria dar demasiado crédito histórico ao futebol? Não interferiu ele na vida do sujeito ocidental do século XX tanto quanto o cinema e as guerras? (RIGO, 2004, p. 248).

⁵⁷ Essa entrevista encontra-se no anexo 9.

Iniciamos esse tópico, na tessitura de nossa pesquisa, com as palavras finais de Rigo (2004), na verdade, sua inquietação diante da importância que o futebol assume na vida dos sujeitos torcedores, pois, ao ler esse parágrafo, acreditamos pertinente respondê-lo já que seu trabalho muito contribuiu com nossas reflexões. Então, justo trazermos suas palavras para afirmar, diante nosso estudo, que o futebol não só interfere na vida dos sujeitos torcedores pelotenses, nosso foco, mas os constituem, e, assim sendo, não seria dar demasiado crédito histórico a esse esporte.

Paul Henry (2010 [1990]), bem nos lembra que, o funcionamento do discurso não se produz explicitamente, há uma ideologia trabalhando como um mecanismo estruturante do processo de significação. Orlandi (2012a, p. 10), por sua vez, explica-nos que “apagam-se os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes”, ponto que buscamos demonstrar ao longo de nossa escrita.

Nesse fio que nos conduz, em outro texto, a autora propõe que “os sentidos são no meio de outros e há mais espaço para incertezas do que para afirmações categóricas quando se trata de pensar os sentidos, no modo como eles funcionam pela ideologia em um mundo a significar” (ORLANDI, 2004, p. 128). Com respeito aos sujeitos tatuados torcedores, participantes de nossa pesquisa, os seus discursos, materializados na/pela língua ou na/pela tatuagem, são perpassados pela ideologia e pela história tal como compreendemos.

Dessa forma, entendendo que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua e/ou o corpo, ao analisar nosso objeto teórico-analítico seguimos as orientações pecheuxtianas, pois acreditamos que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, já que o indivíduo é desde sempre interpelado em sujeito. À vista disso, o corpo é concebido como “algo que possui massa, ocupa lugar no espaço e está sujeito à ideologia, pela constituição do sujeito” (ORLANDI, 2012d, p. 96). Sendo assim, é que podemos pensar o discurso do corpo do sujeito torcedor futebolístico, sua materialidade, compreendendo que ele somente pode ser estudado na perspectiva da AD porque ocupa um lugar no espaço e está submetido a processos contínuos de identificação e de resistência à mercê da ideologia que o constitui.

Se bem sabemos que a ideologia não são ideias, mas práticas, na vertente teórica de Michel Pêcheux (2009 [1988]), podemos concluir que as práticas são a concretude da ideologia, materializando-a. Orlandi (2004, p. 57, grifos da autora) escreve que “a ideologia não é ‘x’, mas o mecanismo de produzir ‘x’. No espaço que vai da constituição dos sentidos (o interdiscurso) à sua formulação (o intradiscurso)”. No caso da presente tese, então, cabe-nos refletir acerca dos mecanismos que fazem do futebol um Aparelho Ideológico de Estado, interpelando sujeitos torcedores, especificamente na cidade gaúcha de Pelotas.

Pêcheux (2009 [1988]) afirma que

Se é verdade que a ideologia “recruta” sujeitos entre os indivíduos [...] e que ela recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os “voluntários” são designados nesse recrutamento, isto é, de que modo todos os indivíduos recebem *como evidente* o sentido do que ouvem e dizem, leem ou escrevem (do que eles *querem* e do que se *quer* lhes dizer), enquanto “sujeitos falantes” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 144, grifos do autor).

Nesse caminho, segundo o autor, compreender esse funcionamento é o meio de evitarmos, enquanto analistas de discurso, colocar o sujeito como origem de seu discurso, pois, ao contrário disso, ele é constituído pela ideologia e pelo inconsciente. Tratando-se dos sujeitos tatuados torcedores dos clubes *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, convém retomarmos que não podemos ignorar a condição de raça nem as determinações econômicas construídas historicamente acerca dos dois clubes, para a explicitação das “condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção”. Para Pêcheux (2009 [1988], p. 129), se há o destaque das

“condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção”, é porque a área da ideologia não é, de modo algum, *o único elemento* dentro do qual se efetuará a reprodução/transformação das relações de produção de uma formação social; isso seria ignorar as determinações econômicas que condicionam “em última instância” essa reprodução/transformação, no próprio interior da produção econômica [grifos do autor] (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 129).

Dessa forma, ao pensarmos as relações de reprodução/transformação, estamos pensando, ancoradas nessa perspectiva a qual nos filiamos, no caráter contraditório “*de todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo ‘princípio’ é a luta de classes*” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 130, grifos do autor). Isso significa afirmar que a luta de classes atravessa o modo de produção, ou seja, as relações e as práticas dos sujeitos, em especial, dos sujeitos tatuados torcedores pelotenses que estamos estudando.

Marx e Engels (2009 [1848], p. 07), no manifesto intitulado *O manifesto Comunista*⁵⁸, alertam-nos, já em suas primeiras palavras: “a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes”. E continuam,

Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda a parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. [...] e, em quase que em cada uma destas classes, novas divisões hierárquicas.

A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não suplantou os velhos antagonismos de classe. Ela colocou no lugar novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta.

Entretanto, a nossa época – época da burguesia – caracteriza-se por ter simplificado os antagonismos de classe (MARX; ENGELS, 2009 [1848], p. 07-08).

Na esteira desse pensamento, por mais que esse trecho tenha sido escrito quase dois séculos atrás, parece-nos coerente hoje também, a simplificação dos antagonismos de classe na sociedade em que vivemos. O fato primordial de ser pensado para os autores é que a história de toda a sociedade consiste no desenvolvimento do antagonismo de classe, antagonismos que foram revestidos de formas diferentes em cada época e em cada sociedade, mas qualquer que tenha sido a forma desses antagonismos, a característica da exploração de uma parte da sociedade é sempre comum.

⁵⁸ Chamamos atenção para as obras Marx e Engels (1989 [1845]) e (2009 [1848]) e Marx (2013 [1967]), pois, nelas, o conceito de ideologia tem caráter idealista, diferente do que propõe Althusser (1970), e, logo, Pêcheux (2009 [1988]).

Em *O Capital*, Marx (2013 [1967]) teoriza que a luta de classes precisa ser estudada nas articulações do modo de produção capitalista como um todo. Mas do que se trata o modo de produção nessa vertente marxista? O modo de produção, numa simples formulação, designa a sociedade a partir de um fator básico: a produção. Para nos ajudar nessa questão trazemos o estudo de Guareschi (1986), pela didática empreendida, para explicitar o conceito.

Inicia o autor: “O que é necessário para viver? [...] para viver são necessárias muitas coisas, mas principalmente comer. Ninguém vive sem comer. [...] Como se conseguem as coisas para comer? Conseguem-se as coisas para comer *trabalhando*” (GUARESCHI, 1986, p. 33, grifo do autor). Logo, concluímos que se precisa trabalhar para conseguir o alimento, e o meio de produção é o que produz riqueza.

Nessa perspectiva, trabalho, para Guareschi (1986), é o ponto fundamental, somado ao capital que significa a fonte, pois as terras e as fábricas são a fonte de onde provém a riqueza. Trabalho e capital, portanto, são as forças de produção. Em seu entendimento, a maneira como se conseguem as coisas para sobreviver é através do modo de produção, e isso caracteriza a sociedade.

Como nenhuma sociedade sobrevive sem sua produção, as relações de produção tornam-se básicas e indispensáveis, isso porque “ninguém vive sem comer, e nenhuma sociedade vive sem produção” (GUARESCHI, 1986, p. 37). A produção movimenta a sociedade, e se quisermos saber por que alguns ganham pouco e outros ganham muito, temos de ver, segundo o autor, o lugar que cada um ocupa no processo de produção, pois há duas posições essenciais, os que trabalham e os que possuem os meios de produção. Entre essas duas posições estabelecem-se as relações de produção que, no caso do sistema capitalista, são de dominação dos que detêm o capital sobre os que trabalham, e de exploração, dos que trabalham pelo capital. E o que determina as classes, nesse viés, é a posição que cada sujeito ocupa nesse sistema de produção.

Por meio desse esboço da formação de uma sociedade que apresenta seus dois elementos essenciais, as forças e as relações de produção, podemos acrescentar que ambos são apenas uma parte, “a parte de baixo”, a base da sociedade, que é chamada de infraestrutura. Todo agrupamento humano, utilizando-

nos das considerações de Guareschi (1986), na medida em que vai se organizando, necessita criar normas, leis etc., e depois de certo tempo de existência, as tradições são importantes para sua definição. Assim, dentro do grupo, criam-se crenças, costumes, que lhe legitimam e lhe fortificam, reproduzindo-se ao longo dos anos pelas práticas dos membros, e isso constitui a superestrutura do grupo.

Na tentativa de explicitar esse funcionamento da sociedade fundamentada na infraestrutura e na superestrutura, Guareschi (1986) exemplifica utilizando-se da metáfora do edifício de Marx e Engels (1989 [1845])⁵⁹, citada em *Ideologia Alemã*. Em sua formulação:

Pode-se até usar a imagem dum edifício para melhor compreender o que se passa na sociedade.

Assim como nenhum edifício pode subsistir sem que tenha uma base, isto é, fundamentos sólidos e garantidos, assim também numa sociedade são necessários os fundamentos. Esses fundamentos, essa base é a infra-estrutura, que é constituída pela produção: as forças e relações de produção. Sem produção não existe possibilidade duma nação sobreviver.

Mas num edifício existem também os andares superiores. E normalmente o que nós vemos primeiro são os andares, e nem prestamos atenção aos fundamentos dum edifício. Mas se tirarmos os fundamentos, os andares caem. Assim muita gente, quando vai definir uma sociedade, parte logo da colocação e descrição dos andares superiores, esquecendo de tomar em consideração a base (GUARESCHI, 1986, p. 58).

Portanto, podemos concluir, de acordo com o marxismo, que o modo de produção material da sociedade condiciona o processo da vida social, as relações entre os sujeitos. Isso equivale afirmar que as relações econômicas estabelecidas socialmente determinam a existência de diferentes formas de Estado⁶⁰ que serão adequadas ao funcionamento e à sustentação das próprias relações. Criam-se,

⁵⁹ Althusser (1970, p. 26-29), do mesmo modo, apoia-se na metáfora do edifício para tratar da representação estrutural da sociedade, base ou infraestrutura e superestrutura, mas esclarece o inconveniente dessa representação que leva a permanecer apenas na descrição, e não busca compreender o que caracteriza o essencial da existência e da natureza da superestrutura.

⁶⁰ Na explicação de Althusser (1970, p. 36-37, grifo do autor), “o Estado (e sua existência no seu aparelho) só tem sentido em função do *poder de Estado*. Toda a luta de classes política gira em torno do Estado. Quer dizer: em torno da detenção, isto é, da tomada e da conservação do poder de Estado, por uma certa classe, ou por uma aliança de classes ou de frações de classes. Esta primeira precisão obriga-nos portanto a distinguir o poder de Estado (conservação do poder de Estado ou tomada do poder de Estado), objectivo da luta de classes política por um lado, e o aparelho de Estado por outro lado”.

assim, diversos mecanismos estruturais para reprodução e manutenção da sociedade.

Na explicação de Guareschi (1986, p. 62),

Todo agrupamento humano precisa assegurar sua existência e sua permanência, sua reprodução. A sobrevivência é assegurada pela produção, e a reprodução é assegurada por diversos aparelhos, ou mecanismos, que a sociedade cria [...] para se legitimar e se fortificar, podendo garantir sua continuidade (GUARESCHI, 1986, p. 62).

Nesse sentido, Althusser (1970), em seus dois textos reunidos na obra intitulada *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*, procura compreender e elucidar como as relações de produção são asseguradas materialmente, como o próprio sustenta, pela existência de realidades complexas designadas como “aparelhos ideológicos de Estado” (AIE). Ainda, o autor estabelece seu entendimento sobre a ideologia, enquanto uma relação imaginária dos indivíduos materializada em práticas, com as suas condições de existência, e relaciona o conceito com o marxismo e com a psicanálise.

Em sua reflexão inicial, Althusser (1970) salienta a necessidade de renovação dos meios de produção para que a produção seja possível, já que

até uma criança sabe que se uma formação social não reproduz as condições de produção ao mesmo tempo que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja. A condição última da produção é portanto a reprodução das condições de produção (ALTHUSSER, 1970, p. 09).

A reprodução das condições materiais de produção, então, coloca em causa as evidências da prática de produção que “estão de tal maneira embutidas na nossa ‘consciência’ cotidiana” (ALTHUSSER, 1970, p. 10, grifo do autor), que é difícil observá-las. Visto isso, o autor retoma da corrente marxista e reafirma que toda a formação social estrutura-se num modo de produção dominante, em que o processo de produção põe em movimento as forças produtivas existentes e as relações de produção que são definidas. A reprodução das forças produtivas dá-se pela

reprodução da força de trabalho e essa reprodução é assegurada pelo salário, sua condição material.

No desenvolvimento das forças produtivas encontra-se a urgência de qualificação, segundo as exigências do trabalho. E no seio de um regime capitalista, a qualificação da força de trabalho não se dá mais na própria produção, mas assegura-se através do sistema escolar e de outras instâncias e instituições. Na Escola aprendem-se, portanto, “saberes práticos” e “regras” dos bons costumes, comportamento que todo agente de produção deve observar de acordo com o lugar que ocupa, e também, ensina-se a “bem falar”, a “redigir bem” que significa um futuro promissor de “mandar bem”, “falar bem”, como configura o teórico.

Enunciando este facto numa linguagem mais científica, diremos que a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também “pela palavra”, a dominação da classe dominante (ALTHUSSER, 1970, p. 21-22, grifo do autor).

Em outras palavras, na compreensão de Althusser (1970, p. 22, grifos do autor), “a Escola (mas também outras instituições de Estado como o Exército) ensinam ‘saberes práticos’ mas em moldes que asseguram a *sujeição à ideologia dominante* ou o manejo da ‘prática’ desta”. É nas formas e sob as formas de sujeição ideológica que é assegurada a reprodução da força de trabalho, e, assim reconhece-se o poder de Estado e o aparelho que funciona a seu favor, o “Aparelho de Estado” (AE), como também, avança-se na teoria demonstrando outras realidades denominadas pelo autor como “Aparelhos Ideológicos de Estado” (AIE).

O Aparelho de Estado, na teoria althusseriana, compreende o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões etc., que constituem na visão de Althusser (1970, p. 43) o Aparelho Repressivo de Estado, indicando que funcionam pela violência, “pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo administrativa, pode revestir formas não físicas”.

E os Aparelhos Ideológicos de Estado, na sua elaboração, dizem respeito a “um certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1970, p. 43), como o AIE religioso (o sistema das diferentes Igrejas), o AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE familiar, o AIE jurídico – sendo o Direito pertencente a ambos, Aparelho Repressivo de Estado e ao sistema AIE –, o AIE político (o sistema político de que fazem parte os diferentes partidos), o AIE sindical, o AIE da informação (imprensa, rádio, televisão etc.) e o AIE cultural (Letras, Belas Artes, desportos etc.).

As diferenças entre os AIE e o Aparelho Repressivo de Estado podem ser listadas em duas básicas: i. existe um Aparelho Repressivo de Estado, enquanto há uma pluralidade de Aparelhos Ideológicos de Estado que são unificadas num corpo invisível; e, ii. o Aparelho Repressivo de Estado pertence ao domínio público e a maioria dos AIE (na sua dispersão aparente) são de domínio privado. Mas, ainda, há outro fator essencial de distinção entre eles, o Aparelho Repressivo de Estado funciona pela violência, tal como já vimos, em contrapartida, os AIE funcionam pela ideologia.

Em seguida Althusser (1970) retifica sua proposição escrevendo que qualquer Aparelho de Estado, repressivo ou ideológico, funciona simultaneamente pela violência e pela ideologia. Mas o primeiro funciona de uma maneira em que prevalece a repressão, embora funcione secundariamente pela ideologia. E o segundo, os AIE, funciona de um modo massivamente prevalente pela ideologia, embora funcione secundariamente pela repressão, mesmo que no limite, atenuada, dissimulada ou até simbólica.

A função desses aparelhos que funcionam pela ideologia é assegurar a reprodução das relações de produção, pois juntamente ao funcionamento material da reprodução das relações de produção, estão presentes as relações ideológicas. A sociedade, nesse entendimento, é assegurada pela superestrutura jurídico-política e ideológica.

Compreendendo esses mecanismos estruturantes da formação social e dos processos de significação, acreditamos que agora estamos em condições de expandir nossa reflexão para o estudo da tese de Ramos (1984) cujo título é

Futebol: Ideologia do Poder, para pensarmos sobre o papel do futebol em nossa sociedade. Pois, conforme acentua Guareschi (1984, p. 09) no prefácio dessa tese, “nos jornais, em qualquer dia da semana, há muito mais espaço para futebol do que para a economia e para política. Come-se futebol, dança-se futebol, bebe-se futebol, respira-se futebol, dorme-se futebol...”.

E qual a razão dessa deificação e idolatria do futebol? Questiona o autor. A resposta vem logo em seguida:

O ponto central e fatal: é preciso manter o trabalhador adormecido! É preciso fornecer-lhe alimento, dia e noite, para que ele não pare para pensar! É preciso mantê-lo fora de sua realidade concreta do dia-a-dia. Ele não pode pensar na dureza de seu trabalho, não pode saber que ser trabalho está enriquecendo os outros... Ele tem que continuar beijando os grilhões que o aprisionam” (GUARESCHI, 1984, p. 10).

Diante do que o autor escreve, impossível não lembrarmos as palavras do sujeito tatuado torcedor rubro-negro sobre a importância do clube em sua vida: “o Brasil é a minha vida né, eu devo tudo, todos os momentos de alegria da minha vida 99% tem o Brasil no meio” (SUJEITO B. 02M, 2016). Ou ainda as considerações do sujeito torcedor áureo-cerúleo P. 05M (2016)⁶¹ quando solicitado a resumir o sentimento pelo seu clube de preferência, que respondeu: “Paixão, amor, amizade, estar aqui no Esporte Clube Pelotas me deu muita amizade, me mostrou muita coisa. [...] é um amor para toda a vida”. E também, o relato de outro sujeito tatuado torcedor rubro-negro B. 05M (2016),

Hã... assim, eu comecei a respirar o Brasil, tudo era Brasil, tudo... eu queria, eu quis comprar camiseta, comprar mais camisetas, eu ia a todos os jogos, sou sócia desde os 8 anos de idade, sócia do clube (+) e a minha prioridade começou a ser camisa de futebol ao invés de uma blusinha normal de menina, hã... comprar meia, calção, uniforme do Brasil, tudo o que saía, ir a treino, começou a me despertar uma vontade louca de estar sempre vivendo em torno do Brasil. [...] Hoje em dia mesmo eu tenho 70 e tantas camisas do Brasil oficial, fora essas assim de malha, sabe, eu tenho, eu dou prioridade para comprar camisa, se sai uma camisa eu saio bem louca para comprar, se eu não tenho dinheiro eu dou um jeito para comprar, eu tenho camisas com etiquetas que eu não usei ainda, só pelo prazer de ter, para ajudar o clube, e sou sócia para ajudar o clube mesmo, não espero nada

⁶¹ Entrevista completa no anexo 10.

em troca do clube para mim, eu ganho se eu puder, se eu pudesse dava muito mais para o Brasil, muito mais. ((Se fosse resumir, talvez, em palavras seria motivação?)) – balance a cabeça – ((Não?)) – balance a cabeça novamente – ((Paixão?)) – balance a cabeça outra vez – ((Também não?)) Me ajuda muito, eu tive depressão, eu tive depressão, e a minha psiquiatra, a minha psicóloga, me incentivaram a... me indicaram a me apegar a alguma coisa que eu gostasse muito, a primeira coisa que me veio na cabeça foi o Brasil (SUJEITO B. 05M, 2016).

De acordo com a concepção de Ramos (1984), essa sensação de felicidade nos êxitos esportivos possibilita ao sujeito torcedor uma fuga de sua realidade material, todavia, o alívio das coerções e frustrações que lhe constituem não as anulam, apenas contribui para reprimi-las.

Face ao exposto, compartilhamos da ideia de Ramos (1984, p. 11) escrita logo no primeiro período de seu texto, sobre o futebol, quando ele afirma que “o futebol é mais do que um esporte no Brasil. Ocupa espaços imensuráveis na vida de todos [...] O futebol não se restringe aos estádios. A bola penetra nos locais mais diversos permanentemente”. O futebol está na sociedade! O futebol constitui a sociedade!

Assim sendo, em sua opinião, a concentração futebolística traz reflexos sobre a realidade social dos sujeitos torcedores, na medida em que ocorre o esvaziamento da percepção das condições materiais, sociais e históricas, resultando no disfarce/ocultação da organização política e de classe. E por isso, por essas considerações expostas, é que o próprio questiona o futebol como um Aparelho Ideológico de Estado no molde althusseriano.

Para ele,

O futebol é um aparelho ideológico de Estado. Reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas. Trabalha, em silêncio, com uma pretensa neutralidade, o que significa comprometimento. Mistifica as relações de produção, legitimando o capitalismo (RAMOS, 1984, p. 23).

Essa conclusão sobre o papel ideológico do futebol é construída a partir de três hipóteses, sejam elas:

- i. *O futebol é um aparelho ideológico de estado* – ele apresenta a sociedade sublimada, descontextualizando-a da sua própria realidade, ao mesmo tempo em que reproduz certas relações sociais. Esse esporte reprime o conflito de classes pacificamente onde todas as classes sociais tornam-se torcedores⁶².
- ii. *O futebol mistifica a realidade* – ele reduz a compreensão das condições materiais e sociais existentes, pois preenche a falta dos sujeitos torcedores. Aqui os meios de comunicação assumem significativa importância dada sua contribuição para a movimentação do esporte em notícias, propagandas etc. Utilizando-nos da explanação de Ramos (1984, p. 91, grifo do autor), “os meios de comunicação enfiam o futebol goela abaixo das pessoas. Há a intencionalidade capitalista de faturar. O futebol reproduz o lucro duplamente. Garante a integridade dos privilégios da burguesia e é um bom mercado para investir em diversos produtos. Todos possuem uma mídia bem-explorada: a ‘paixão clubística’”.
- iii. *O futebol legitima o capitalismo* – ele despolitiza e desmobiliza a organização da classe trabalhadora, dividindo-os em diversos clubes. Na proposição de Ramos (1984, p. 34), “o futebol esconde o real e o reproduz em outros níveis. As injustiças sociais são minimizadas num estádio”.

Nesse sentido, o autor afirma que o futebol é eficiente. Esse esporte extingue as relações capitalistas diariamente enquanto o carnaval, por exemplo, desestabiliza o conflito de classes somente em quatro dias. E, além disso, dispõe de

⁶² Ramos (1984, p. 33), sobre esse ponto, escreve que há democracia nos estádios, onde aparentemente a liberdade de expressão atinge níveis irrestritos. Em suas palavras, “o trabalhador se projeta no árbitro, no jogador e no adversário. Descarrega toda a sua agressividade, acumulada no trabalho, onde ele é oprimido e silenciado. Quando termina o jogo, ele está em perfeitas condições psicológicas para obedecer ao patrão”. Pensando em tal conclusão, talvez não concordamos com o autor com respeito a sua posição sobre a democracia, pois tratando-se de relações de gênero, por exemplo, ainda podemos observar nos estádios diferenças entre sujeitos torcedores homens e sujeitos torcedores mulheres tanto que esse sentido de discriminação por gênero emergiu nas palavras de alguns sujeitos tatuados torcedores mulheres quando por nós entrevistados. Então, não seria conveniente afirmar “a democracia é total e estável nos estádios” (RAMOS, 1984, p. 33). Mas nesta tese não entramos no mérito de gênero e explicamos nossa posição quando tratamos da torcida e dos torcedores.

um discurso competitivo que se retroalimenta, engendrando conceitos de identificação e divergência clubística.

Nesse ponto, ele propõe que sujeitos torcedores ricos e pobres são sujeitos torcedores, a diferença principal que os distingue dentro de campo é a preferência clubística, “a injustiça social ganha outra dimensão. Sobrevive nos estereótipos, que relacionam os torcedores e os clubes” (RAMOS, 1984, p. 105). Tal proposição faz-nos pensar na dupla Bra-Pel, precisamente nas considerações dos sujeitos tatuados torcedores que se referem a posições-sujeito inscritas na FD Áureo-Cerúlea e na FD Rubro-Negra, que ultrapassam as posições de classe e de raça, branco/rico e negro/pobre, primárias.

Por mais que concordemos com os sujeitos, assumindo que existem essas posições-sujeito inscritas nas duas formações discursivas em questão, podemos pensar também que, dentro e fora de campo, é o estereótipo construído e perpassado historicamente acerca dos dois clubes que representa as torcidas e, conseqüentemente, os seus torcedores. Além da própria organização interna dos clubes quanto a seus espaços pagantes, que também coloca em pauta o fator econômico. Daí as conseqüências simbólicas diante à administração de determinados sentidos em um espaço social comum, que podem fomentar a divisão, a exclusão, a divergência, enfim, “fazer girar o motor da ideologia”.

E adiantando mais alguns passos na nossa reflexão, perguntamo-nos: por que Ramos (1984) caracteriza o futebol como um aparelho se Althusser (1970) já o inclui no aparelho cultural? A explicação vem ao encontro de nosso incômodo que justifica a presente tese, tratando-se da representação do futebol no Brasil, e em Pelotas especificamente, quando questionamos seu funcionamento em nossa sociedade, seus mecanismos ideológicos, seu papel na (re)produção de determinados sentidos e estereótipos, e o modo como ele interpela os sujeitos torcedores.

O futebol, segundo o autor, utilizando-se de um comentário de um radialista no *Show dos Esportes*,

é uma questão de segurança nacional. Se fosse marcado um movimento revolucionário num determinado dia, não haveria problema. Era só programar um clássico em cada cidade brasileira para acabar com a revolução. O movimento seria adiado para depois dos jogos. Entretanto, se houvesse uma partida de vôlei, o Palácio seria tomado a bala (RAMOS, 1984, p. 94).

Dessa forma, um clássico futebolístico evitaria uma revolução e um jogo de vôlei não, isso porque o vôlei, e acrescentamos qualquer outro esporte, não desfruta da mesma cobertura da mídia, não possui a mesma representação e importância na vida dos sujeitos torcedores brasileiros. Ramos (1984, p. 95) escreve que os meios de comunicação “promovem toda a grandiosidade do futebol e sua pertinência. Há um tratamento novelesco, sem fim. Cada dia passa um capítulo das atividades dos jogadores, dos clubes e dos campeonatos”. Os programas até são chamados esportivos, mas raramente outro esporte destaca-se, o futebol sempre ganha conteúdos exclusivos.

O futebol ainda cumpre um papel de legitimação do poder que nenhum outro esporte é capaz, e, para observar esse funcionamento, basta retomarmos o tópico 1.3 deste texto, *A relação com a política*. Ramos (1984, p. 111) também defende que o futebol “proporciona grandes transações para os donos do capital na infraestrutura”, e nesse viés, na superestrutura, ele atua ideologicamente como um AIE que se apresenta sob a forma de instituições como os clubes, as federações e as confederações, sendo auxiliado por outros AIE como o AIE familiar, o AIE jurídico e o AIE da informação⁶³, em nossa opinião⁶⁴.

Levando em consideração esse entendimento, retomamos a tese de Althusser (1970, p. 84): “uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática

⁶³ No caso do futebol, a Família desempenha uma função bastante importante com pressupostos de tradição familiar de identificação a determinado clube. Em nosso arquivo da pesquisa, observamos a recorrência de sentidos familiares na identificação/resistência a um dos clubes em questão. O Direito também funciona na manutenção das condições materiais, por meio dos Artigos 215 e 217 da Constituição Federal que garante o exercício dos direitos culturais e fomenta as práticas desportivas, respectivamente. E a Mídia, por sua vez, atribui um valor mágico ao futebol, o fetichiza conforme entende Ramos (1984).

⁶⁴ Diferente do que estamos pensando, Althusser (1970, p. 62-63), em seu estudo, escreve que “todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para um mesmo resultado: a reprodução das relações de produção” e, mais, “cada um deles concorre para este resultado da maneira que lhe é própria”. A nosso entender, levando em consideração a leitura de Pêcheux (2009 [1988], p. 131), a formação social comporta um “conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado”, com relações de “contradição-desigualdade-subordinação” entre seus elementos, que não contribui de maneira igual, é claro, para a reprodução das relações de produção e para sua possível transformação, mas que funcionam simultaneamente.

ou suas práticas. Esta existência é material”. Formulamos, assim, com respaldo althusseriano, que os AIE mencionados e as práticas destes materializam a ideologia. É claro, reconhecendo que, seguindo o próprio autor, “a existência material da ideologia num aparelho e nas suas práticas não possui a mesma modalidade que a existência material de uma pedra ou de uma espingarda” (ALTHUSSER, 1970, p. 84).

É importante destacarmos que os Aparelhos Ideológicos de Estado não são puros instrumentos da classe dominante, conforme a concepção de Pêcheux (2009 [1988]) em sua leitura de Althusser (1970). Na leitura pecheuxtiana, os AIE não são “máquinas ideológicas que reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 131), o que significa que eles “constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção”⁶⁵ (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 131).

Nesse sentido, acompanhando a ótica de Pêcheux (2009 [1988]), p. 131-132,

essas condições contraditórias são constituídas em um momento histórico dado, e para uma formação social dada, pelo *conjunto complexo dos aparelhos ideológicos de Estado* que essa formação social comporta. Digamos bem, conjunto *complexo*, isto é, com relações de contradição-desigualdade-subordinação entre seus “elementos”, e não uma simples lista de elementos: na verdade, seria absurdo pensar que, numa conjuntura dada, *todos os aparelhos ideológicos de Estado* contribuem de *maneira igual* para a reprodução das relações de produção e para sua transformação. De fato, suas propriedades “regionais” – sua especialização “evidente” na religião, no conhecimento, na política etc. – condicionam sua importância relativa (a desigualdade de suas relações) no interior do conjunto dos aparelhos ideológicos de Estado, e isso em função do estado da luta de classes na formação social considerada (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 131-132, grifos do autor).

Se o compreendemos de forma correta, as relações de classes (a luta de classes, não só econômica), asseguradas materialmente pelos AIE, caracterizam-se pelo fato de colocarem em jogo a dualidade de posições, no interior mesmo desses aparelhos,

⁶⁵ Por isso, utilizamos a expressão reprodução/transformação das relações de produção.

que não constituem a maneira de ser dos indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 163, grifos do autor).

Com isso, no que diz respeito à cidade de Pelotas, no âmbito futebolístico, interessa-nos compreender o modo de produção e sua ligação com a superestrutura ideológica, considerando que a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção, consiste no assujeitamento do sujeito, ou seja, na sua interpelação, que faz com que cada um seja “conduzido”, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar no controle de sua vontade, a “ocupar o seu lugar” no modo de produção.

Sobre esse ponto, Althusser (1970, p. 84-85) indaga-se:

vejamos o que se passa nos ‘indivíduos’ que vivem na ideologia, isto é, numa representação do mundo determinada (religiosa, moral, etc.), cuja deformação imaginária depende da relação imaginária destes indivíduos com as suas condições de existência, com as relações de produção e de classe (ALTHUSSER, 1970, p. 84-85, grifo do autor).

É a ideologia que interpela os indivíduos como sujeitos, propõe o autor, e Pêcheux (2010 [1990], p. 164) fundamentado em suas duas teses⁶⁶, escreve que esta lei constitutiva da ideologia “nunca se realiza ‘em geral’, mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas” – retornamos ao conceito de interpelação no capítulo 4 desta tese.

Assim sendo, consideramos a formação ideológica do futebol que constitui no modo de produção capitalista, a forma da ideologia dominante⁶⁷. Essa formação ideológica realiza “a interpelação dos indivíduos em sujeitos” através de determinados Aparelhos Ideológicos de Estado “especializados”, como os clubes,

⁶⁶ Sejam elas: i. Só existe prática através e sob uma ideologia; e ii. Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos (ALTHUSSER, 1970, p. 89).

⁶⁷ Propomos esse parágrafo com base no exemplo dado por Pêcheux (2010 [1990], p. 164-165).

por exemplo, nas relações de identificação dos sujeitos, na forma específica dos jogos, que, sob a figura do esporte, intervêm, em realidade, nas relações jurídicas e na produção econômica e social, portanto no próprio interior das relações de produção capitalistas. Na realização das relações ideológicas de classe, existem diversas formações discursivas em que imaginariamente os sujeitos torcedores se inscrevem, que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma determinada posição.

Importante frisarmos que, o que estamos propondo não é a divisão da cidade de Pelotas em brancos/ricos e negros/pobres com relação aos dois clubes predominantes que compõem o clássico citadino, *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, como se fosse um reflexo superestrutural da economia e de uma ideologia dominante. Caso assim estivéssemos compreendendo, não estaríamos levando em conta a história do futebol na cidade nem a conjuntura atual dos próprios clubes. O que estamos propondo é refletir sobre os efeitos de sentido que emergem da historicidade da dupla Bra-Pel e do imaginário construído acerca dela, sentidos que movimentam a cidade no que tange ao contexto futebolístico, ou seja, a nosso ver, faz-se necessário expor o “olhar leitor” à opacidade da contradição da formação social que é a luta de classes.

Dessa maneira, procuramos demonstrar como o futebol – importante, por si, como atividade física – é transformado num grande auxiliar do sistema capitalista, funcionando ideologicamente nas relações de produção dos sujeitos torcedores pelotenses, e produzindo determinados sentidos. Com isso, queremos enfatizar que

na análise do discurso, não menosprezamos a força que a imagem tem na constituição do dizer. O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder (ORLANDI, 2012b, p. 42, grifo da autora).

Fundamentadas no que precede, se bem entendemos que a ideologia, em nossa perspectiva, é prática, e estamos tratando do futebol, precisamente das práticas discursivas dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros, de onde decorrem os processos de subjetivação, denominamos esse tópico como A

Ideologia da bola. Assim, interpelados ideologicamente, os sujeitos torcedores subjetivam-se e transitam na cidade pelotense, produzindo sentidos por meio da língua e de suas tatuagens alusivas ao seu time de preferência que dão materialidade aos seus discursos.

Como não trabalhamos, na perspectiva teórica da AD, de forma a considerar o sujeito dentro e fora da ideologia, pois desde sempre ele é interpelado em sujeito, a nosso entender, a ideologia da bola é um mecanismo estruturante que produz e mantém as diferenças necessárias entre x e y, ou melhor, entre dois clubes futebolísticos distintos, em que contam as formações imaginárias e o desejo nos processos de subjetivação dos sujeitos torcedores.

Nossa proposta ao tratar a ideologia da bola, busca observar o político, ou seja, as relações de força da luta de classes, analisando a constituição de sentidos por meio da língua e da tatuagem que tem como característica a identificação a determinado clube de futebol e o antagonismo em relação ao seu adversário. Isso implica considerar os processos de subjetivação e de construção de sentido que possam configurar a especificidade da relação que se estabelece entre o “eu” e o “outro” na cidade de Pelotas.

Para nós, há também fatores de ordem sócio-histórica envolvidos nesse processo de atribuição de sentidos. Na realidade, o que está em jogo, em nossa concepção, é a relação linguagem, corpo do sujeito torcedor e o Outro da ideologia da bola que o faz se subjetivar, na tentativa de suprimir a falta que lhe é constitutiva através desse Outro que o constitui.

Partimos, pois, do pressuposto de ser a configuração ideológica da atualidade a responsável pelo aumento crescente de casos de violência simbólica tratando-se do futebol em que se incita a exclusão, a dualidade, as diferenças num espaço social comum, embora ela não seja um sintoma novo da própria sociedade. Chamamos atenção aqui ao postulado marxista de que o que é representado na ideologia não é o sistema das relações reais dos indivíduos, mas a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais em que vivem, e aí a importância de considerarmos a força do imaginário no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas por relações de poder.

3 DELIMITAÇÕES METODOLÓGICAS

Antes, porém, de darmos continuidade à questão da interpelação do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo ou rubro-negro e tratarmos dos dois processos de subjetivação que nos interessam, é necessária uma digressão para apresentarmos as delimitações metodológicas que dão suporte e orientam nosso gesto analítico.

Importante retomarmos que, com Rigo (2004, p. 247), compartilhamos o propósito de

descentrar um pouco mais a historiografia do futebol brasileiro, ao meu ver, ainda excessivamente voltada para o eixo Rio-São Paulo. Aliado a isso, procurei não personalizar a história das práticas futebolísticas, por isso evitei ao máximo prender-me a trajetória particular de um ou outro clube, desse ou daquele jogador ou dirigente esportivo (RIGO, 2004, p. 247).

Também, podemos salientar que não trazemos um levantamento exaustivo de formulações dos sujeitos tatuados torcedores, suas considerações a respeito de sua tatuagem futebolística, de sua identificação a um dos dois clubes que compõem o clássico do futebol pelotense e de seu antagonismo ao adversário. A nosso ver, o importante é refletirmos, expondo o olhar-leitor, sobre a eficácia material do processo histórico e imaginário que faz com que determinados sentidos componham evidências acerca do *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil* e de seus torcedores.

Um processo de atribuição de sentidos que podemos relacionar a discursos fundadores, conforme entende Orlandi (1993, p. 07), sendo aqueles que “funcionam como referência básica no imaginário constitutivo desse país”, aqui, da cidade em questão. Lembrando que um discurso é sempre atravessado por discursos que lhe antecedem, é por meio da memória discursiva que os dizeres formulados outrora – os já-ditos – repercutem na atual conjuntura, mesmo que seu retorno explícito seja interdito em ambas as formações discursivas nas quais os sujeitos tatuados torcedores se inscrevem.

Compreendendo dessa forma, assumimos que é a partir da edificação dos dois clubes citadinos e da história construída acerca deles, fruto também do imaginário social, que os sujeitos participantes de nossa pesquisa produzem sentidos, e nesse caso, enquanto analistas de discurso, precisamos estar atentas; por isso, acreditamos ter sido pertinente os capítulos anteriores na medida em que entendemos esses discursos funcionando como referência, como efeito-fundador.

Dito isso, explicamos, ancoradas num pressuposto clássico da Análise de Discurso, que nosso precursor teórico ao propor essa teoria não pretendeu instituir especialistas da interpretação que dominassem “o” sentido dos textos, ao contrário, enquanto uma ciência interpretativa, ele pretendeu construir procedimentos teórico-metodológicos que expusessem o leitor a níveis opacos à ação estratégica do sujeito.

No caso do presente estudo, acreditamos que se tratam de estratégias utilizadas por Aparelhos Ideológicos de Estado, tal como vimos, funcionando à revelia de uma *ideologia da bola*, cujos pressupostos ideológicos asseguram a reprodução das relações de produção em nossa sociedade, em diferentes contextos sócio-históricos.

Podemos pensar, talvez, que estamos diante de um dos aparelhos ideológicos mais centrais e abrangentes de nossa sociedade atual, podendo estar em seu funcionamento a explicação de existir uma sociedade com tantas contradições e injustiças, que não consegue se desprender de estigmas do passado como era de se esperar. O futebol, assim, a nosso entender, funciona como um mecanismo de manutenção de estereótipos sociais: raciais e econômicos.

A primeira vista, muitos leitores podem elaborar: “Então, o futebol é um aparelho ideológico? Sempre pensei que o futebol existisse para entreter as pessoas, levar à diversão, e que os clubes existissem para proporcionar momentos de lazer”. E esse é um dos pontos que gostaríamos de deixar claro: uma coisa é o que o futebol e os clubes representam no imaginário social, outra coisa é o seu funcionamento ideológico, estabelecido a partir de interesses que estão em jogo. Consequentemente, o nosso trabalho não está isento à insatisfação dos sujeitos leitores sobre o nosso entendimento do futebol como um AIE a serviço da reprodução das relações sociais, principalmente em Pelotas.

No entanto, cabe a nós, na nossa prática de leitura empreendida aqui, explicitar como um objeto simbólico (a língua ou a *tattoo*) produz sentidos, o que implica saber, conforme escreve Orlandi (1996, p. 64), “que o sentido sempre pode ser outro, porém não pode ser qualquer um, pois não dá para ler o que o texto não nos permite”. Nessa forma de conceber nossa prática, não nos compete o papel de atribuir sentido(s) às considerações e às tatuagens dos sujeitos torcedores entrevistados, mas de explicitá-las observando os discursos que as constituem.

Daí nosso compromisso ético e político, tanto com o fazer científico quanto com seu retorno à sociedade enquanto uma reflexão séria e coerente. Nessa perspectiva teórica da AD, não buscamos um sentido verdadeiro que estaria oculto nas palavras dos sujeitos torcedores entrevistados e nas suas tatuagens, como se tivéssemos uma chave que abriria a porta do segredo. Trata-se de desvendar, com base nos pressupostos teóricos, os processos discursivos que levam a determinados sentidos como evidência, bem como o que esses mesmos processos deixam de fora.

Por isso, ocupamo-nos em nossa investigação da compreensão de como os sentidos foram formulados e/ou textualizados na pele dos sujeitos torcedores do *Pelotas* ou do *Brasil de Pelotas*, e para tanto, procuramos construir uma metodologia que se sustente e que seja capaz de sustentar nossas análises. Pois, como lembramos Orlandi (2012a, p. 27), “face ao dispositivo teórico da interpretação, há uma parte que é da responsabilidade do analista e uma parte que deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise de Discurso”.

Nesse caminho que seguimos, vejamos a seguir a explicitação dos princípios de formação do nosso arquivo e do *corpus* e, por conseguinte, explicamos a construção da metodologia por nós adotada que conduz as nossas análises. Somado à delimitação da metodologia, adentramos no tópico *A interpretação na Análise de Discurso* para que possamos encaminhar o texto à leitura que fazemos sobre os processos de subjetivação dos sujeitos tatuados torcedores.

3.1 O arquivo, o *corpus* e a construção da metodologia

O arquivo, material por nós coletado, que compõe a pesquisa refere-se a entrevistas de sujeitos tatuados torcedores, homens e mulheres, a respeito de sua relação com seu time de preferência – *Esporte Clube Pelotas* ou *Grêmio Esportivo Brasil* –, e também, de sua relação com o outro, o time adversário. As entrevistas constituem-se de depoimentos⁶⁸ e, ainda, abrangem os efeitos da relação desses sujeitos com seu próprio corpo, a inspiração e a motivação para materializar uma tatuagem representativa de um dos dois clubes citadinos em questão, nesse espaço de significação. Tais considerações somam-se às fotografias das tatuagens relatadas em cada entrevista.

Entendemos que se trata de entrevistas orais semiestruturadas com preponderância à aberta, pois a metodologia aplicada não foi de perguntas e respostas, visto que acreditamos que poderíamos restringir as possibilidades de respostas dos sujeitos tatuados torcedores caso fosse uma entrevista de estrutura fechada, e também, porque em alguns momentos houve nossa interferência a fim de mantermos uma melhor comunicação com eles. Nesse sentido, a partir da apresentação da pesquisa, foi proposto um roteiro aos sujeitos com alguns pontos necessários a serem abordados, esses relacionados aos objetivos do trabalho. Mas isto foi somente uma tática de apoio para o sujeito, na medida em que ele poderia utilizar o tempo que entendesse conveniente para se expressar, acrescentando aos pontos iniciais o que julgasse pertinente diante sua história de torcedor.

O roteiro entregue aos sujeitos segue a seguinte sequência:

Figura 22 – Roteiro da entrevista

⁶⁸ Os depoimentos foram gravados através do aplicativo para gravação de voz num telefone celular *smartphone* e, posteriormente, transcritos para fazerem parte do arquivo da pesquisa. Todas as etapas da coleta de material foram realizadas por nós.

Fale-me sobre os pontos abaixo:

- Tatuagem/desenho: o que é?
- O lugar do corpo em que a *tattoo* está localizada
- A inspiração para o desenho
- A motivação para tatuar
- A data em que se tatuou
- O significado da tatuagem para você
- O significado da tatuagem para a sociedade – alguma opinião já ouvida
- Qual sua opinião sobre o time rival

Fonte: Disponível em: Elaboração própria.

Em síntese, a entrevista realizada destinou-se a recolher informações sobre as tatuagens futebolísticas, sobre o clássico Bra-Pel e sobre as relações estabelecidas entre os torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros tanto com seu próprio clube quanto com o outro, na tentativa de buscarmos compreender os sentidos mobilizados por tais sujeitos, sentidos esses materializados na/pela língua ou na/pela textualização de suas *tattoos*.

Para que essa etapa pudesse acontecer, o projeto da presente tese, intitulado *Tatuagens: identificação e/ou resistência?*, foi submetido ao sistema da Plataforma Brasil⁶⁹, sendo aprovado para continuidade sob o número de aceite CAAE: 56773316.9.0000.5339. Os sujeitos tatuados torcedores, então, foram convidados a participar desta pesquisa como voluntários, nas condições de sigilo de identidade e mediante a assinatura de um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) (anexo 11).

⁶⁹ A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep.

O contato com esses sujeitos ocorreu de formas distintas: alguns deles foram encontrados pelo site de relacionamento *Facebook* através de suas fotografias pessoais em que exibiam as suas tatuagens, outros por sugestão de sujeitos que conheciam a pesquisa ou por intermédio daqueles que participaram, e, ainda, por meio de nossa abordagem em frente aos estádios, *Boca do Lobo* e *Bento Freitas*, antes de algum jogo.

Como na teoria a qual nos filiamos não nos interessam os sujeitos empíricos, mas a sua posição-sujeito em determinada formação discursiva, nomeamos os sujeitos entrevistados da seguinte forma: letra inicial do time ao qual se identifica, número da ordem que ocorreu a entrevista e letra representativa do seu sexo (H (Homem) ou M (Mulher)). Exemplo: P. 01H – Pelotas, entrevista número 01, homem. Para visualizar melhor o exposto, vejamos a figura abaixo:

Figura 23 – Arquivo da pesquisa

<i>Esporte Clube Pelotas</i>				<i>Grêmio Esportivo Brasil</i>			
Homens	Tempo	Mulheres	Tempo	Homens	Tempo	Mulheres	Tempo
P. 01H	02: 14	P. 01M	15:55	B. 01H	12:02	B. 01M	04:08
P. 02H	04:03	P. 02M	07:48	B. 02H	01:56	B. 02M	09:19
P. 03H	06:59	P. 03M	04:23	B. 03H	09:29	B. 03M	06:57
P. 04H	02:06	P. 04M	07:08	B. 04H	07:20	B. 04M	04:22
P. 05H	05:06	P. 05M	03:48	B. 05H	04:25	B. 05M	17:27
P. 06H	04:02	P. 06M	04:03	B. 06H	05:57	B. 06M	20:09
P. 07H	02:42	P. 07M	02:31	B. 07H	02:55	B. 07M	26:06
P. 08H	16:18	P. 08M	02:11	B. 08H	18:32	B. 08M	03:12
P. 09H	03:06	P. 09M	06:14	B. 09H	04:20	B. 09M	08:08
P. 10H	02:22	P. 10M	06:32	B. 10H	24:08	B. 10M	06:42

P.11H	01:57			B. 11H	02:23	B. 11M	12:18
P. 12H	02:52						
P. 13H	06:54						

Fonte: Disponível em: Elaboração própria.

Inicialmente, nosso propósito para formar o presente arquivo era encontrar dez sujeitos homens e dez sujeitos mulheres de cada clube, mas no processo de construção do mesmo apareceram outros sujeitos dispostos a participar da pesquisa. As entrevistas aconteceram em lugares aleatórios de Pelotas, conforme a necessidade dos próprios sujeitos tatuados torcedores, como, por exemplo, os seus ambientes de trabalho e moradia, as dependências ou arredores dos clubes e alguns pontos da cidade como a Universidade Católica de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório e o Mercado Público.

Para a transcrição dos depoimentos utilizamos como base o código definido por Marcuschi (1998), quando o autor trata da transcrição de conversas, a partir de seus estudos de conversação entre falantes. Em sua concepção, é necessário reproduzir empiricamente todos os aspectos relevantes que houver no momento da conversação, ou seja, é indispensável materializar linguisticamente detalhes verbais e não-verbais que compõem a situação de enunciação.

Trata-se de uma questão complexa definir com clareza o que e quanto assinalar na superfície de uma conversação. Não existe a *melhor* transcrição. Todas são mais ou menos boas. O essencial é que o analista saiba quais os seus objetivos e não deixe de assinalar o que lhe convém. De um modo geral, a transcrição deve ser limpa e legível, sem sobrecarga de símbolos complicados (MARCUSCHI, 1998, p. 09, grifo do autor).

Por tratar-se de oralidade, convém explicarmos que nem sempre se apresentam parágrafos coesos e coerentes, podendo aparecer também vozes sobrepostas dos sujeitos envolvidos, interferência de terceiros ou interrupções por

barulhos externos, o que não desqualifica o material. Portanto, para que a transcrição seja acessível ao sujeito leitor ao mesmo tempo em que fiel à situação e aos sentidos atribuídos pelos sujeitos, são utilizados sinais que correspondem a uma formatação da conversação para que tenhamos uma transcrição “limpa e legível”⁷⁰.

Utilizamos, dessa forma, a partir de nossa leitura de Marcuschi (1998), os seguintes sinais quando necessário:

- [] – sobreposições de falas: quando há sobreposição de falas dos sujeitos envolvidos.
- (+) – pausas e silêncios: quando há pequenas pausas de até 0.5 segundos utilizamos o sinal de (+); para pausas maiores, indicamos o tempo cronometrado.
- / – truncamentos bruscos: quando um sujeito corta uma formulação do seu interlocutor.
- (()) – comentários da pesquisadora: quando há interação de nossa parte.
- - - - risos: quando um dos sujeitos envolvidos apresenta essa expressão.
- (x) – ininteligível: quando, por algum motivo, não se entende a formulação.

Assim, de posse dos depoimentos devidamente transcritos e das fotografias, para constituir o *corpus* discursivo da pesquisa passamos a explorar o nosso arquivo em busca de pistas do modo como os sujeitos tatuados torcedores subjetivavam-se em relação ao imaginário de cada clube e aos discursos (re)produzidos acerca

⁷⁰ Na transcrição, seguimos a orientação de Marcuschi (1998) quanto à preferência à escrita-padrão da língua portuguesa. E nesse caso, foi nos questionado se havia diferença na linguagem entre os sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleo e rubro-negro, levando em consideração o imaginário que perpassa a representação de cada torcida. Pensando nisso, retornamos aos áudios com atenção e observamos que não há diferença entre as formulações feitas por um sujeito lobão ou um sujeito xavante no que compete ao uso da língua.

deles. Para tanto, empregamos, como ponto de partida, a sistematização de Ernst (2009), já referida no tópico 2.2, sobre “falta” e “excesso”, acrescentando a noção de “estranhamento” referida pela autora, que julgamos satisfatória para nos auxiliar no trabalho de leitura do material empírico em questão.

Nas palavras da autora,

Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de seqüências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos, funcionando como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista ou empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer (ERNST, 2009, p. 02).

Nesse viés teórico, à medida que a leitura do arquivo se verticalizava, fomos percebendo, nas formulações dos sujeitos tatuados torcedores distintas formas de relacionamento com seu time de preferência e com o outro, tanto na materialidade da língua quanto na materialidade da *tattoo*. Observamos também, a recorrência da textualização de alguns desenhos como os símbolos dos clubes, porém, em cada depoimento surgia um sentido relacionado, principalmente, à “memória afetiva” (cf. SILVA, R., 2010) do sujeito.

Sobre a verticalização⁷¹, importa salientarmos que não construímos uma análise exaustiva, tentando dar conta de todos os funcionamentos discursivos observados na leitura do arquivo, mas procuramos trabalhar profundamente sobre alguns que nos causaram maior interesse e que correspondem aos objetivos propostos para esta pesquisa. Nesse sentido, a construção do *corpus* e a análise

⁷¹ A respeito, Orlandi (2012b, p. 63, explicação e grifos da autora) afirma que “a exaustividade almejada – que chamamos vertical – deve ser considerada em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Essa exaustividade vertical, em profundidade, leva a consequências teóricas relevantes e não trata dos ‘dados’ como meras ilustrações. Trata dos ‘fatos’ da linguagem com sua memória, sua espessura semântica, sua materialidade linguístico-discursiva”. Diante desse entendimento, o foco não está no número de fotografias e entrevistas que coletamos, mesmo que tenhamos apresentado o arquivo anteriormente, mas interessa-nos entender aquelas que estão de acordo com os objetivos da pesquisa, com base nas noções teóricas que permitem chegar a sua compreensão. Ainda para a autora, “esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos” (ORLANDI, 2012b, p. 63). Assim sendo, praticamos nosso gesto de leitura do *corpus* discursivo com interesse de refletir sobre algumas questões já elencadas, relacionando-as aos objetivos propostos, e compreendendo a língua e as tatuagens como formas materiais do discurso. Frisamos: o *corpus* não está dado, nosso gesto analítico o construiu.

ocorrem simultaneamente, pois na construção do *corpus* entendemos que já há um gesto de interpretação do analista.

Pêcheux (2014 [1998], p. 294, grifo do autor) enfatiza que é de fundamental importância, àqueles que trabalham com a AD, que se construam interpretações “sem jamais neutralizá-las nem no ‘não-importa-o-quê’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal”. Tendo esse pressuposto em mente, reforçamos nosso entendimento sobre o futebol, e focamos nosso olhar na opacidade do nosso arquivo, no que é dito pelos sujeitos entrevistados, mas também no que é silenciado, sentidos que se sustentam na sua aparente homogeneidade e transparência de um significado ao qual bastaria uma leitura literal para compreendê-los, como se não fosse necessário pensar politicamente.

No que compete ao nosso fazer analítico, em nosso primeiro gesto interpretativo, entendemos que se trata de dois modos de subjetivação do sujeito tatuado torcedor por nós entrevistado, o que implica pensar que são duas materialidades específicas do discurso, precisamente a língua e o corpo-tatuado – tratamos disso no próximo capítulo. Em outras palavras, compreendemos que o nosso arquivo está dividido em duas formas materiais do discurso que podem ser destacadas em dois recortes:

Figura 24 – Recorte do *corpus*

Recorte 1	Recorte 2
O discurso materializado na/pela língua	O discurso materializado na/pela tatuagem

Fonte: Disponível em: Elaboração própria.

Nas constantes visitas ao arquivo, na continuidade de nosso gesto empreendido, observamos o “estranhamento” como princípio norteador do nosso

olhar, pois como bem formula Braga (2017, p. 62) com respaldo no estudo de Ernst (2009):

Aquilo que é dito demais, estranha; aquilo que é dito de menos, estranha; e aquilo que não parece caber ser dito, estranha duplamente. Estranha-se, portanto, momentos de incidência/reiteração/agitação de saberes ideológicos e suas implicações para o trabalho de leitura, como a tomada de uma e não outra direção interpretativa e as continuidades ou descontinuidades em torno desse gesto (BRAGA, 2017, p. 62).

Nesse sentido, entendendo também que as três noções de Ernst (2009) não são dissociadas *a priori*, podemos escrever que elas, o “excesso”, a “falta” e o “estranhamento” estranharam nosso olhar de analistas e nos levaram a algumas direções. Por esse ângulo, selecionamos e relacionamos para uma possível análise, seis sequências discursivas de referência (SDr)⁷² que dizem respeito a dois funcionamentos discursivos diferentes. A análise, portanto, é apresentada em dois recortes, cada um composto por três SDs, cujos funcionamentos que conduzem nossa interpretação são os seguintes:

Figura 25 – Metodologia de análise

Recorte 1 O discurso materializado na/pela língua	Recorte 2 O discurso materializado na/pela tatuagem
Funcionamento da Formação Discursiva Funcionamento de sobredeterminação	Funcionamento da Formação Discursiva Funcionamento de sobredeterminação

Fonte: Disponível em: Elaboração própria.

⁷² Utilizamos a noção “sequência discursiva de referência” (SDr) como denominou Courtine (1981 [2009]) em sua tese, em que, metodologicamente, é representativa de uma série de outras sequências que possuem similaridade no funcionamento discursivo em análise.

Trabalhamos, dessa forma, as etapas da análise, nas quais observamos os efeitos da ideologia da bola e do imaginário, e a materialização de ambos na língua e na tatuagem, pois, lembramos que no nosso estudo há a materialização do discurso na carne, na própria pele dos sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel. Logo, cumpre-nos analisar os discursos (re)produzidos por tais sujeitos na tentativa de compreendermos o funcionamento da ideologia, do imaginário e do inconsciente no contexto futebolístico da cidade de Pelotas. Fazemos isso ancoradas no legado pecheuxtiano, segundo o qual a análise precisa buscar, num mesmo batimento, a descrição e a interpretação, relacionando as pistas (verbais e não-verbais, no nosso caso) e as marcas enunciativas às condições de produção.

3.2 A interpretação na Análise de Discurso

Nesse percurso teórico-metodológico que fazemos, iniciamos esse tópico *A interpretação na Análise de Discurso*, partindo da compreensão sobre a implementação e consolidação da própria teoria em nosso país, por meio da especificidade do discurso como seu objeto teórico. Piovezani e Sargentini (2011, p.15) esclarecem que:

Se outras vertentes dos estudos linguísticos se debruçam sobre vários aspectos dos usos da língua, somente a Análise do Discurso busca descrever e interpretar a constituição, a formulação e a circulação dos sentidos na sociedade, mediante a articulação necessária e indissociável da língua com a história. Em meio às relações sociais de acordo e de disputa das condições de produção, é a ordem do discurso que controla o dizer e produz o sentido, ao engendrar as paráfrases que estabelecem limites para a interpretação diante a constitutiva polissemia da linguagem (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 15).

O empreendimento epistemológico de Michel Pêcheux quando articulou a linguística e a psicanálise sob a égide do materialismo histórico, possibilitou, nessa conjuntura, a emergência de um domínio teórico em que a língua, o sujeito, o sentido e a história fossem concebidos no interior de relações sociais e que contassem no processo discursivo.

Assim, na articulação teórica para o estudo do objeto de pesquisa é essencial, seguindo o legado do autor, estabelecer a articulação entre a base linguística (língua) e o processo discursivo, analisando o funcionamento da base linguística em relação às representações colocadas em jogo nas relações sociais. Mas, aqui, não podemos esquecer o reconhecimento de outros suportes materiais de significação nos últimos anos de reflexões no país, como é o caso do corpo, da dança, das tatuagens, das escarificações, das pichações, do grafite, enfim, diferentes materialidades de produção de sentidos, que devem também estabelecer relação com seu processo discursivo. Nesse caso, precisamos pensar que não se trata mais só da língua como especificidade do discurso, existem outras materialidades que exigem do analista, gestos de análise específicos que coloquem em jogo a relação entre a própria forma material significante e a história.

Maldidier (2011, p. 61), explica que

[...] a Análise de discurso tornou-se uma disciplina interpretativa. Nem programa nem método, ela permanece como uma problemática. Por um processo que é no limite infinito, ela convida à construção de objetos discursivos numa tríplice tensão entre a sistematicidade da língua, da historicidade e da interdiscursividade. Ao fim do trajeto, há um lugar para o sujeito, mas o discurso resiste à subjetivação (MALDIDIER, 2011, p. 61).

Nessa ótica, um dos pontos primordiais da teoria refere-se à compreensão de que na interpretação, não se trata somente da natureza das palavras empregadas pelo sujeito, de sentidos fechados e acabados em si mesmos, mas, sobretudo das construções que determinam a significação que as palavras tomarão em dado contexto. Daí a ênfase na constituição dos sentidos em que “as palavras, as expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 146).

Precisamente, podemos escrever que as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva para outra e, assim sendo, pensando nas palavras utilizadas pelos sujeitos tatuados torcedores inscritos numa das duas formações discursivas por nós delimitadas, a FD Áureo-cerúlea e a FD Rubro-negra,

podemos observar que as palavras são opacas, na medida em que adquirem sentido de acordo com a posição-sujeito do sujeito tatuado torcedor.

A esse respeito, talvez, seja coerente citarmos o enunciado trabalhado por Pêcheux (2012 [1983]), no campo político, “On a gagné” (Ganhamos!), em que o autor mostra como é discursivizado um acontecimento, a eleição de François Mitterrand como presidente eleito por votação, a partir de posições-sujeito diferentes. Para ele, as formulações que circulavam sobre a eleição faziam trabalhar o mesmo acontecimento, todavia podia-se notar que eram ditas de posições diferentes, evidenciando o confronto entre elas. Nesse caso, os enunciados não estavam em relação interparafrástica, mesmo que referentes ao mesmo fato construíam diferentes significações.

Para elucidar o seu entendimento, Pêcheux (2012 [1983]) apresenta uma metáfora esportiva, já que, a seu ver, a materialidade discursiva desse enunciado coletivo não tinha forma, conteúdo ou estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. Em suas palavras,

“On a gagné” [“Ganhamos!”], cantado com um ritmo e uma melodia determinados (on-a-ga-gné/ dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 21, grifo do autor).

Dessa forma, no domínio esportivo, a evidência dos resultados de uma partida é sustentada pela sua apresentação em um quadro lógico: a equipe x derrotou a equipe y. Segundo o que propõe Pêcheux (2012 [1983], p. 22), o resultado desse jogo é, evidentemente, objeto de comentários de sujeitos envolvidos, pois sempre haverá outros jogos, mas enquanto tal, o resultado deriva de um universo logicamente estabilizado que pode ser descrito através de uma série de respostas a fatos como, por exemplo, “quem ganhou, x ou y?”.

Ainda que a questão do jogo seja logicamente definida como estando contida em seu resultado: a equipe x ganhou o jogo da equipe adversária;

simultaneamente, o enunciado “On a gagné” é profundamente opaco, conforme o autor, pois

sua materialidade léxico-sintática [...] imerge esse enunciado em uma rede de relações associativas implícitas – paráfrases, implicações, comentários, alusões etc – isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando sob diferentes registros discursivos, e com uma estabilidade lógica variável (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 23).

Diante do exposto, esse enunciado analisado não funciona como uma proposição estabilizada, ao contrário, faz-se necessário ao olhar do analista de discurso que atente às seguintes questões: quem ganhou? Ganhou o quê? Como? Por quê? E nesse processo de reflexão, devem ser explicitadas e descritas as montagens e os arranjos sócio-históricos da materialidade em questão.

Pensando no nosso arquivo de estudo, o enunciado “e... nós subimos”⁷³ repetido por alguns sujeitos tatuados torcedores discursiviza determinado acontecimento no campo do futebol. A materialidade discursiva desse enunciado é particular, pois constitui uma retomada direta do acontecimento, do grito coletivo dos torcedores do clube cuja equipe acabara de ganhar uma partida que lhe rendia o acesso ao Campeonato Gaúcho do ano seguinte.

Mas de fato, quem subiu, x ou y, ou melhor, o *Esporte Clube Pelotas* ou o *Grêmio Esportivo Brasil*? Respondendo tal questionamento pelo ângulo que aparece na mídia, por exemplo, o resultado apresenta uma univocidade lógica em que o universo das porcentagens munido de regras para determinar o vencedor é estabilizado, e desse ponto de vista, podemos escrever que, no ano de 2013, o *Grêmio Esportivo Brasil* quando disputava a divisão de acesso foi campeão, conquistando o acesso para o Gauchão 2014.

Ao mesmo tempo, o enunciado “e... nós subimos” é opaco, assim como o “On a gagné”, pois a sua materialidade léxico-sintática – em que temos um pronome pessoal do caso reto em posição de sujeito e um verbo transitivo indireto com ausência de complemento –, o coloca em dependência de uma rede de relações

⁷³ Especialmente, esse recorte foi feito das considerações do sujeito B. 02M.

associativas implícitas que só são compreendidas a partir de uma interpretação. Nesse viés teórico, o enunciado destacado não funciona como uma proposição estabilizada, a não ser que seja interpretado a partir de um ponto de vista de disjunção lógica em que não se interroga a referência do sujeito que ocupa o lugar do pronome, nem sobre o verbo e seu complemento elididos, mas assim sendo observado não trataria da AD.

A partir desses exemplos, a questão teórica que retomamos dos pressupostos pecheuxianos é a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando posições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca – é sim ou não, é x ou y – e formulações equívocas, colocando em causa o próprio do político.

Pêcheux (2012 [1983], p. 29) salienta que:

Supor que, pelo menos em certas circunstâncias, há independência do objeto face a qualquer discurso feito a seu respeito, significa colocar que, no interior do que se apresenta como o universo físico humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), “há real”, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode ser “assim”. (O real é o impossível... que seja de outro modo) (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 29, grifos do autor).

Nesse fio que nos conduz, não descobrimos o real, mas deparamo-nos com ele através de nossas interpretações. Na concepção de Pêcheux (2012 [1983], p. 43), trata-se de “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos”. O nosso gesto de interpretação, à vista disso, intervém no real do sentido, por meio da sua materialidade significativa; não há como não interpretar, pois diante de qualquer objeto simbólico somos levadas à interpretação, a produzir sentidos. Nós, analistas, trabalhamos os/nos limites da interpretação, pois não estamos fora do simbólico, da ideologia. Por isso, salientamos que a interpretação nunca é neutra e sempre pode ser outra, mas não pode ser qualquer uma.

A trilogia Marx, Freud e Saussure face à constituição da AD, possibilitou que pudéssemos com base teórica desnaturalizar a evidência do sujeito e do sentido. O movimento intelectual denominado *Estruturalismo*, tal como se desenvolveu na França nos anos de 1960, pode ser considerado uma tentativa anti-positivista que visava levar em conta o real. Assim,

Novas práticas de leitura (sintomáticas, arqueológicas⁷⁴, etc...) aplicadas aos monumentos textuais, e de início aos Grandes Textos (Cf. *Ler o Capital*), surgiram desse movimento: o princípio dessas leituras consiste, como se sabe, em multiplicar as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de “entender” a presença de não-ditos no interior do que é dito (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 44, grifos do autor).

Por esse viés, ancorado na leitura althusseriana, *Ler O Capital* (1965), Pêcheux (2012 [1983], p. 45) retoma as palavras iniciais do autor:

“Foi a partir de Freud que começamos a suspeitar do que escutar, logo do que falar (e calar) quer dizer: que este ‘quer dizer’ do falar e do escutar descobre, sob a inocência da fala e da escuta, a profundidade determinada de um fundo duplo, o ‘que dizer’ do discurso do inconsciente – este fundo duplo do qual a linguística moderna, nos mecanismos da linguagem, pensa os efeitos e condições formais” (p.14-15) (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 45, grifos do autor).

É, então, numa maneira séria e responsável de trabalhar sobre as materialidades discursivas implicadas em rituais ideológicos que a Análise de Discurso se posiciona. Pêcheux (2009 [1988]), em outra obra, afirma que o sentido não é dado *a priori*, não preexiste à FD que o constitui, ao contrário, é sim determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no interior da FD.

⁷⁴ A prática de leitura sintomal, a qual nos interessa, segundo Mariani (2010, p. 117), “distancia-se da leitura literal, que supõe uma espécie de inocência de um leitor desprovido de ideologia e apto a encontrar o conteúdo do texto, e distancia-se também de uma leitura hermenêutica, que supostamente encontraria nas entrelinhas o sentido oculto do texto”. Esse tipo de leitura, em termos althusserianos denominada como sintomal, privilegia a noção de estrutura discursiva, recusando a tese central do idealismo humanista que coloca o homem como centro e origem de tudo, e a prática de leitura arqueológica pensada também pelo autor contrapõe-se ao conteudismo.

Segundo Orlandi (1996), como já registrado, é preciso considerar que a língua ou qualquer outra materialidade significa porque a história intervém. Interpretar, portanto, não consiste apenas num gesto de decodificação ou de apreensão dos sentidos. Reiteramos, por conseguinte, que, em AD, não procuramos um/o sentido verdadeiro, mas o efeito de sentido produzido na/pela materialidade significante.

Isto posto, explicamos que nosso interesse é, levando em conta as condições sócio-históricas dos referidos clubes e os gestos de interpretação dos sujeitos tatuados torcedores por nós entrevistados, em diferentes condições de produção, analisar o funcionamento do discurso materializado na/pela língua e na/pela tatuagem para compreender os efeitos de sentido que são produzidos e reproduzidos na cidade, circulando num espaço social que é comum a ambos os torcedores, áureo-cerúleos ou rubro-negros.

Nesse aspecto, compreendemos que, ao abordar as noções teóricas de sujeito e de sentido, ligadas à questão da interpretação, estamos contemplando o núcleo central da teoria que sustenta esta tese. É possível entendermos, a partir do que escreve Pêcheux (2010 [1990], p. 57), que ao analista cabe realizar descrições regulares de montagens discursivas para observar “os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados”.

São essas tomadas de posição do sujeito, em especial dos sujeitos tatuados torcedores do Bra-Pel, enquanto gestos de interpretação, por sua vez já marcados pela história e pela ideologia, que nos permitem, na análise, compreender como tais sujeitos constroem seu processo de identificação com determinada FD e de antagonismo com a outra, num espaço social constituído por relações de raça e de classe social, em outras palavras, atravessada pelo político.

Com isso, queremos enfatizar que as análises as quais realizamos levam em conta o até aqui exposto. E nesse caminho, estamos atentas ao fato de que os sujeitos tatuados torcedores ao enunciar, ao versar sobre sua relação com seu time de preferência, com o outro e com seu próprio corpo (*discurso sobre*), também estão interpretando, na medida em que todos nós somos sujeitos de linguagem, interpelados ideologicamente e afetados pelo inconsciente, (re)produzindo práticas e

dizeres em determinadas condições materiais pela identificação com saberes constituídos historicamente.

Assim, apresentadas as delimitações metodológicas em que dedicamos atenção a três pontos que julgamos chave ao nosso gesto analítico, sejam eles: i. a explicação do nosso arquivo de pesquisa; ii. a observação do *corpus* de trabalho; e iii. a explicitação dos procedimentos por nós adotados que conduzem as nossas análises, seguido de como compreendemos a leitura no viés da AD, finalizamos este capítulo reforçando as instruções de Orlandi (1996), quando a autora sublinha que o analista de discurso não faz interpretação, ele compreende a interpretação do outro.

Ou seja, não se trata de atribuímos um sentido, a partir de nossa posição, às palavras ou às tatuagens dos sujeitos tatuados torcedores, mas de compreendermos os sentidos que tais sujeitos atribuíram quando entrevistados e que efeitos emergem de suas textualizações.

Dessa forma entendido, assumindo tudo o que antecede, damos continuidade a nossa escrita ingressando no capítulo dedicado às análises.

4 PRODUÇÃO DE UM GESTO ANALÍTICO

Esse capítulo, então, destinado a entrelaçar teoria e prática, busca concertar os aspectos desenvolvidos nesta tese, precisando alguns conceitos e efeitos de sentido que, em nossa visão, ainda devem ser aclarados. Denominamos essa parte textual como *Produção de um gesto analítico*, devido ao nosso entendimento de que a interpretação é uma possibilidade dentre outras possíveis.

Nesse viés de trabalho, nosso gesto analítico esforça-se por um olhar atento, pronto para observar como funcionam na língua e nas tatuagens as relações sócio-históricas que determinam os dizeres (por meio do *discurso sobre* e do *discurso da tattoo*) dos sujeitos tatuados torcedores. Buscamos, assim, descrever e compreender as práticas discursivas que põem em movimento sentidos positivos, de afetos, e negativos, de desafetos, no contexto futebolístico pelotense.

Dessa forma, produzimos uma análise com respaldo na Análise de Discurso de tradição pecheuxtiana, partindo de nossa leitura sobre os processos de subjetivação para, posteriormente, apresentarmos nossos dois recortes.

4.1 Uma leitura sobre os processos de subjetivação

Retornando às considerações às quais tratávamos sobre sujeito e sentidos no capítulo 2 deste texto, buscamos agora, nessa fase de reflexão, tecer certas conexões teóricas indicadas por Pêcheux (2009 [1988]) acerca de um dos fundamentos centrais da teoria da AD em que compreende a constituição do sujeito relacionada à constituição dos sentidos, de forma que ambas precisam ser pensadas e articuladas no que tange à questão dos processos de interpelação que constituem o sujeito.

Juntamente a esse propósito, recuperamos a nossa concepção sobre o futebol enquanto um esporte que determina ideologicamente os sujeitos na sociedade, em especial, no que compete às questões de raça e de classe social tal

como temos examinado; fazemos essas menções para podermos dar um passo adiante no nosso gesto de leitura e tratarmos dos dois processos de subjetivação que nos interessam, na/pela língua e na/pela tatuagem.

A presente reflexão, então, parte de estudo anterior, Silva, N. (2014), esse entendido como primeiro interesse e parte do conhecimento acerca da subjetividade na Análise de Discurso, que tem a oportunidade de ser ressignificado e aprofundado a partir de outras leituras. No trabalho citado, entendemos a necessidade de Pêcheux (2010 [1990]) em trabalhar com uma teoria da subjetividade devido à concepção de linguagem, utilizada na época, que a reduzia a um instrumento de comunicação.

E para romper com essa concepção instrumental e tradicional da linguagem o filósofo fez intervir o discurso, tal como explica Paul Henry (2010 [1990]), elaborando teoricamente uma concepção original sobre essa noção. O discurso, assim, como foi postulado por Pêcheux (2010 [1990]), é entendido como efeito de sentido entre locutores, o que nos remete a uma compreensão da linguagem enquanto prática simbólica, uma prática que se constitui por meio de funcionamentos em que trabalham a ideologia e o inconsciente, e que faz sentido no/pelo uso do sujeito.

Não se trata, pois, nesse viés teórico, de um indivíduo nem de uma realidade empiricamente localizáveis, ao contrário, a AD criticando as teorias idealistas que concebiam a linguagem como transparente e utilizada por sujeitos concebidos como origem e fonte dos sentidos, entende que o sujeito é constituído e mediatizado pelo simbólico. Paul Henry (1992), em texto distinto, explica que a noção de simbólico diz respeito àquilo que, na linguagem, é constitutivo do sujeito como efeito, assim sendo, rompe com a noção de forma e substância.

Ou seja, o simbólico, utilizando-nos do esclarecimento de Mariani (1998, p. 88), enquanto estruturado por linguagem, “está relacionado ao processo do significante e do sócio-histórico na constituição do sujeito de tal forma que, posto em relação à experiência no mundo, possibilita que sentidos sejam sempre produzidos”.

Nesse caminho, o filósofo francês precursor da AD pretendeu trabalhar as relações entre “sujeito da linguagem” e “sujeito da ideologia”, tratando

“precisamente, de discernir mais claramente as relações entre esses dois sujeitos, ou seja, as relações entre a ‘evidência subjetiva’ e a ‘evidência do sentido’” (HENRY, 2010 [1990], p. 36, grifos do autor), incluindo o discurso entre a linguagem e a ideologia para observar os efeitos de sentido decorrentes de um processo discursivo em determinado contexto sócio-histórico.

É através do discurso, portanto, que os analistas podem observar como os sujeitos significam e se significam no espaço social em que vivem. Para tanto, entendendo que a materialidade da ideologia é o discurso e a materialidade do discurso é a língua e/ou o corpo, seguimos as orientações pecheuxtianas de que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, pois o indivíduo é desde sempre interpelado em sujeito e é assim que a língua e/ou o corpo fazem sentido.

Esse pressuposto basilar da teoria – “a ideologia interpela indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 141) – resgata as duas teses de Althusser (1970): “i. Só existe prática através e sob uma ideologia; e ii. Só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos” (ALTHUSSER, 1970, p. 89), que afirmam que a ideologia está intrinsecamente relacionada à subjetividade. Para Althusser (1970, p. 94, explicação e grifo do autor), “toda a ideologia tem por função (que a define) ‘constituir’ os indivíduos concretos em sujeitos”.

Assim, Althusser (1970, p. 95) completa sua arguição salientando:

Como todas as evidências, incluindo as que fazem com que uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possua um significado’ (portanto incluindo as evidências da ‘transparência’ da linguagem), esta ‘evidência’ de que você eu somos sujeitos – e que esse facto não constitui um problema – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar⁷⁵ (ALTHUSSER, 1970, p. 95, explicação e grifos do autor).

Pêcheux (2009 [1988], p. 139), a partir de sua leitura, conclui:

⁷⁵ O autor entende por “efeito ideológico elementar” o fato dos sujeitos, inseridos em dada formação social com determinada relação de produção, desconhecerem o jogo dos efeitos ideológicos em todos os discursos. Em suas palavras, “aliás, é o próprio da ideologia impor (sem o parecer, pois que se trata de ‘evidências’) as evidências como evidências, que não podemos deixar de ‘reconhecer’, e perante as quais temos a inevitável reacção de exclamarmos (em voz alta ou no ‘silêncio da consciência’): ‘é evidente! É isso! Não há dúvida’” (ALTHUSSER, 1970, p. 96, explicação e grifos do autor).

Ora, eis o ponto preciso que surge, a nosso ver, a necessidade de uma teoria materialista do discurso; essa evidência da existência espontânea do sujeito (como origem ou causa de si) é imediatamente aproximada por Althusser de uma outra evidência, presente, como vimos, em toda a filosofia idealista da linguagem, que é a evidência do sentido (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 139, explicação do autor).

A evidência do sujeito e do sentido pressuposta nas teorias idealistas, nesse contexto, é discutida por Pêcheux (2009 [1988], p. 140) quando aponta o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência; a resposta “sou eu” à pergunta “quem é?”, por exemplo, é sustentada em um “teatro da consciência” em que o sujeito acredita que pensa, fala, vê e ouve, apagando o fato de que “se fala *do* sujeito e que se fala *ao* sujeito” muito antes que ele possa dizer “sou eu”, “eu falo”.

Dessa forma, conforme discutimos anteriormente, a ideologia em termos althusserianos representa a relação imaginária dos indivíduos com as relações materiais sob as quais vivem em determinada relação de produção. E é nesse viés que o sujeito se reconhece como “eu” e que a constituição de sua identidade relaciona-se ao processo de interpelação ideológica que, além de garantir a constituição de uma ilusória identidade impecável, sempre corrobora a manutenção das condições de produção relacionadas à determinada ideologia.

A ilusão do reconhecimento do sujeito como unidade, destacado pelos dois autores, Althusser (1970) e Pêcheux (2009 [1988]), funda-se assim no esquecimento necessário ou, também, no desconhecimento das determinações históricas e ideológicas que o constituem como tal. Nas palavras de Althusser (1970, p. 98),

o reconhecimento de que somos sujeitos e que funcionamos nos rituais práticos da vida quotidiana mais elementar [...] dá nos apenas a ‘consciência’ da nossa prática incessante (eterna) do reconhecimento ideológico, – sua consciência, isto é, o seu *reconhecimento*, – mas de maneira nenhuma nos dá o *conhecimento* (científico) do mecanismo deste reconhecimento (ALTHUSSER, 1970, p. 98, explicação e grifos do autor).

Podemos sintetizar: “Somos sempre já sujeitos”!

Que um indivíduo seja sempre-já sujeito, mesmo antes de nascer, é no entanto a simples realidade, acessível a cada um e, de maneira nenhuma, um paradoxo. Quando sublinhou o ritual ideológico de que se rodeia a expectativa de um 'nascimento', esse 'acontecimento feliz', Freud mostrou que os indivíduos são sempre 'abstratos' relativamente aos sujeitos que eles são sempre-já. Todos sabemos quanto e como uma criança que vai nascer é esperada. O que equivale a dizer muito prosaicamente, se pusermos de lado os 'sentimentos', isto é, as formas da ideologia familiar, paternal/maternal/conjugal/fraternal, nas quais a criança que vai nascer é esperada: está previamente estabelecido que terá o Nome do Pai, terá portanto uma identidade, e será insubstituível (ALTHUSSER, 1970, p. 102-103, grifos do autor).

Logo, mesmo antes de nascer, a criança é consequentemente “sempre-já sujeito”, designado a sê-lo na e pela configuração ideológica familiar específica em que é esperada. Essa evidência do sujeito como único, insubstituível e idêntico a si mesmo é entendida na AD como resultante da sua identificação com as formações discursivas, apagando-se o fato de ele ser resultado de um processo de representação a partir de sua entrada no simbólico, via linguagem. Desse modo, ao mesmo tempo, o que se apresenta como evidente aos sujeitos, a evidência de uma identidade, por exemplo, encobre sua interpelação e sua identificação.

Pêcheux (2009 [1988], p. 145) resume o que precede afirmando que:

sob a *evidência* de que “eu sou realmente eu” (com meu nome, minha família, meus amigos, minhas lembranças, minhas ‘ideias’, minhas intenções e meus compromissos), há o processo da interpelação-identificação que *produz* o sujeito no lugar deixado vazio: “aquele que...”, isto é, x, o quidam que *se achará aí*; e isso sob diversas formas, impostas pelas “relações sociais jurídico-ideológicas” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 145, explicação e grifos do autor).

O sujeito, nessa perspectiva, não é nem dono nem fonte daquilo que diz; ao contrário, encontra-se submetido ao inconsciente e à ideologia, vivendo na ilusão de subjetividade. Haroche (1992, p. 178, grifo da autora) quando trata do assujeitamento, da ilusão do sujeito quanto a sua autonomia, escreve que “o assujeitamento, ligado à ambiguidade do termo sujeito, exprime bem esta ‘fixação’ de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas, para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete”.

Esse apagamento do fato de que o sujeito é resultante de um processo, enquanto um apagamento necessário, tem como consequência, para Pêcheux (2009 [1988]), o “efeito fantástico” pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito. A esse “efeito fantástico” é atribuído o nome de “efeito Munchhausen” em memória do personagem Barão de Munchhausen, que, em perigo, quando saltou com seu cavalo para um ponto onde não conseguiu chegar, caiu na lama que o atolou até o pescoço, mas subiu aos ares puxando-se pelos próprios cabelos (cf. PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 32 e 144).

Todavia, esse processo de interpelação-identificação conforme entende o autor não é completo ou total, pois há espaços de resistências e de falhas, e tal constatação coloca em causa dois pontos incontornáveis da teoria pecheuxtiana, em que: i. não há dominação sem resistência – primado prático da luta de classes; e que ii. ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja – primado prático do inconsciente (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 281).

Mariani (1998, p. 90) explica que,

Se, por um lado, no teatro da consciência se organiza sócio-ideologicamente a relação imaginária do sujeito com a transparência dos sentidos, ou seja, com as “evidências da realidade” daquilo que lhe é dado a falar, ver, ouvir, pensar, apagando o fato de que o sujeito resulta de um processo, por outro, instauram-se na ordem própria do significante as repetições (paráfrases, entendidas não como reprodução do idêntico) e deslocamentos (processos metafóricos) que tanto podem reinstaurar uma ilusão do “mesmo” como, dando suporte ao imprevisível, abrir para a multiplicidade (polissemia), desarticulando, deste modo, na realidade imaginária, a identificação com o outro (MARIANI, 1998, p. 90, grifos e explicações da autora).

Assim, o sujeito pode fazer irromper em seu discurso o inesperado, ao passo que é identificável e responsabilizado pela ordem jurídico-ideológica com relação ao que diz e, também, com relação ao que faz. Sobre esse último aspecto, Ernst (2011, p. 17), elabora que

A emergência do sujeito de direito responsável por suas ações, ao qual a história foi atribuindo direitos e deveres, está diretamente vinculada à emergência do Estado, pois com o enfraquecimento do poder religioso

frente ao poder do Estado, instaura-se uma política da subjetividade. Assim, o sujeito religioso, totalmente submisso à ideologia cristã, cedeu lugar ao sujeito-de-direito, imposto pelas modificações econômicas do séc. XIII – passou-se de uma economia rural de subsistência a uma economia artesanal e urbana – que trouxeram em seu bojo a ideia de lucro. O comércio sedentarizou-se, ocorreu o progresso da instrução e da comunicação escrita com o consequente avanço do aparelho jurídico, uma vez que os artesãos, mercadores e camponeses começaram a reivindicar seus direitos e liberdades. Todavia, a ideologia jurídica, que se estabeleceu, instalou uma ambiguidade no sujeito, pois, concomitantemente, percebe-se, ele, como ser único, senhor e responsável e é percebido como parte de uma massa uniforme de sujeitos assujeitados, que se iludem achando que são iguais (ERNST, 1991, p. 17).

Só que, ainda na concepção da autora, na posição do Estado há determinada hierarquia social, de poder e de autoridade, apesar das tentativas desse aparelho de minimizar ou neutralizar as diferenças dos indivíduos. Dessa forma, segundo ela, é estabelecido um “jurismo nas relações interpessoais”, já que se reconhecem essas relações como tensas, desiguais e conflituosas, permeadas por direitos e deveres. Assim sendo, esse jurismo faz com que o sujeito internalize a ideia de coerção e de autonomia, simultânea e contraditoriamente.

Haroche (1992, p. 21, grifo da autora), em obra já citada, entende que “o poder, o Estado, o direito, coagem o sujeito, insinuam-se nele de forma discreta; todos tornam-se claros processos que derivam de uma técnica particular de poder que Foucault, em um dos últimos textos, designa como sendo de ‘governo pela individualização’”. Nesse sentido, a individualização é incitada por meio de mecanismos coercitivos impostos aos indivíduos pelo Estado, dado o seu poder de legitimidade na sociedade.

Levando isso em conta, podemos entender, pelo que propõe Ernst (1991) e Haroche (1992), que há uma individualização em sujeito-de-direito que responsabiliza o sujeito pelo que diz e faz, portanto, o sujeito é levado, na ordem jurídica, a responder por si, por seus dizeres, transformado pelo Estado em um indivíduo individualizado, corporificado. Orlandi (2012b), do mesmo modo posiciona-se quanto à relação indivíduo e sociedade, pensando na interpelação desse

indivíduo em sujeito pela ideologia que constitui, a seu ver, a forma-sujeito-histórica⁷⁶.

Para as três autoras recém citadas, a forma-histórica do sujeito que se apresenta é a forma capitalista, caracterizada pelo sujeito jurídico, com seus direitos e deveres e livre circulação social, e é através dessa forma-sujeito constituída que se dá o processo de individualização. Utilizando-nos das palavras da última autora elencada para reforçar o que estamos reconstruindo, podemos resumir que “as formas de individua(liza)ção do sujeito, pelo Estado, estabelecidas pelas instituições, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade” (ORLANDI, 2012a, p. 187).

Diante do exposto, podemos concluir que o sujeito-de-direito e o sujeito ideológico são ligados pelos processos de interpelação ideológica, processos que são responsáveis pelas evidências tanto do próprio sujeito quanto dos sentidos. A esse respeito, Pêcheux (2009 [1988]) reforça esse modo de concepção sobre a interpelação dos indivíduos em sujeitos, e, especificamente, em sujeitos de seu discurso, pelo funcionamento da ideologia que se realiza através das formações ideológicas, fornecendo a “cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas e aceitas. Nas palavras do autor:

Ao dizer que o *EGO*, isto é, o imaginário no sujeito (lá onde se constitui para o sujeito a relação imaginária com a realidade), não pode reconhecer sua subordinação, seu assujeitamento ao *Outro*, ou ao *Sujeito*, já que essa subordinação-assujeitamento se realiza precisamente no sujeito sob a *forma da autonomia*, não estamos, pois, fazendo apelo a nenhuma “transcendência” (um *Outro* ou um *Sujeito reais*); estamos, simplesmente, retomando a designação que Lacan e Althusser – cada um a seu modo – deram (adotando deliberadamente as formas travestidas e “fantasmagóricas” inerentes à subjetividade) do processo natural e sócio-histórico pelo qual se constitui-reproduz o efeito-sujeito como *interior* sem *exterior*, e isso pela *determinação do real (exterior)*, e especificamente – acrescentaremos – *do interdiscurso como real (exterior)* (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 149-150, explicação e grifos do autor).

⁷⁶ Pêcheux (2009 [1988]) explica que a expressão “forma-sujeito” é introduzida nos estudos de Althusser (1978), no texto *Resposta a John Lewis*, referindo-se a postura de que todo indivíduo, social, só pode ser agente de práticas se se revestir da forma de sujeito. Assim sendo, a forma-sujeito é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 150).

Nesse fio que nos conduz, fundamentadas nessa teoria interpretativa que tem por base a concepção materialista de subjetividade, pela retomada de Michel Pêcheux (2009 [1988]), mas que com seu gesto de leitura se ampara também na psicanálise para dar conta do desejo e da falta que afetam o sujeito, entendemos que quando pensamos na subjetividade devemos ter em mente a noção de um sujeito incompleto, que anseia a completude; assim, o sujeito, diante desse olhar conceitual, é constituído tanto pelo desejo quanto pelas determinações ideológicas da formação social a qual ele está inserido.

Nessa base teórica, a trilogia (Marx, Freud e Saussure), a qual nos referimos nas recentes páginas, possibilitou a emergência de estudos que contemplassem a subjetividade desvinculada de uma perspectiva redutora, ligada ao sujeito cartesiano, racional. Pêcheux (2009 [1988], p. 45) escreve que “o efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure foi um desafio intelectual engajando a promessa de uma revolução cultural, que coloca em causa as evidências da ordem humana como estritamente bio-social”.

Dessa forma, entendemos que a subjetividade da qual tratamos nesta tese diz respeito a uma construção ligada a processos de subjetivação em que a língua não é apenas instrumento de comunicação e o corpo não é apenas biológico e empírico, mas, ambos, são compreendidos como a forma material da subjetividade.

A importância da psicanálise no quadro teórico-epistemológico da Análise de Discurso no que diz respeito à questão da subjetividade é de importância inegável, se não a reconhecêssemos estaríamos renunciando ao postulado por Pêcheux e Fuchs (1997) sobre o atravessamento da teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) na articulação das três regiões do conhecimento científico no quadro da AD. Dessa forma, o nosso percurso para abordar o entendimento da psicanálise quanto à subjetividade valeu-se dos estudos de Vinhas (2014, 2015 e 2018), que formam um conjunto de discussões acerca da subjetividade e das diferentes concepções de sujeito presentes no quadro teórico-analítico da AD.

Com relação ao sujeito, Vinhas (2014, p. 102) salienta que

Na AD, em um primeiro momento, tem-se o sujeito estrutura, suporte, servo assujeitado dos discursos. Ele é gradativamente conduzido ao conceito de

sujeito barrado, capaz de identificações, contraidentificações e desidentificações. Surge, em seguida, o sujeito inserido em um ritual com falhas, povoado por lapsos e atos falhos, os quais permeiam o processo de interpelação ideológica (VINHAS, 2014, p. 102).

Já com relação à subjetividade, no estudo em questão, a autora explica que devido à existência do real, é necessário que levemos em conta em nosso gesto analítico que tudo é lacunar. E tendo esse pressuposto em mente, é que podemos compreender que no encontro da opacidade da língua, da história e do corpo a subjetividade se constitui. Em suas palavras,

É entre faltas que o sujeito se torna sujeito e, ao passar entre essas faltas, através de materialidades incompletas de sentido (posto que são significantes, e um significante substitui outro significante na cadeia discursiva) o sujeito vai se subjetivando através de processos de subjetivação, encontrando uma *identidade* num mundo ilusoriamente completo, onde é ilusoriamente impelido a ser Um e consciente de quem *verdadeiramente é* (VINHAS, 2014, p. 166, grifos da autora).

Nesse sentido, a subjetividade para Vinhas (2014, p. 04-05) pode ser entendida

enquanto o conjunto possível dos processos de subjetivação constitutivos de um sujeito, de forma que o sujeito se subjetiva quando se inscreve (é inscrito) em uma formação discursiva (compreendida como heterogênea) – reconhecendo que, nessa inscrição o sujeito pode se deparar com a deriva, com a falha, com o discurso-outro, com aquilo que não pode e deve ser dito, relacionado àquilo que não pode e não deve se fazer consciente, ou seja, com a censura constitutiva da formação discursiva com a qual se identifica. Assim, os processos de subjetivação dizem respeito às identificações do sujeito a discursos, identificações que colocam em jogo tanto o recalque inconsciente quanto o assujeitamento ideológico materialmente ligados (VINHAS, 2014, p. 04-05).

No viés que percorre, em texto distinto que retoma sua tese, Vinhas (2018) bem lembra que o sujeito se constitui na relação entre discurso, corpo e linguagem, e salienta que o processo de interpelação ideológica não pode ser visto como pleno e sem falhas. Ao contrário, “a barreira da interpelação é rachada, e as rachaduras

são por onde passa uma subjetividade sempre inquieta porque incompleta, posto que atravessada pela linguagem (e pelo corpo)” (VINHAS, 2018, p. 81).

Diante do até aqui exposto, podemos concluir assim, que a identidade do sujeito, na perspectiva da AD, pode ser concebida como momentos de identificação, na medida em que faz parte de processos capazes de serem transformados a partir da posição do sujeito. É importante destacarmos também, que “todo sujeito é constitutivamente *colocado como* autor de e responsável por seus atos [...] em cada prática que se inscreve” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 198, grifos do autor), isso pela determinação da FI e, em especial da FD, nas quais ele é interpelado em “sujeito-responsável”, ou seja, aquele que, na formação social, responde imaginariamente, de forma não consciente, às determinações ideológicas.

Nesse caminho, no entendimento de Pêcheux (2009 [1988]), a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela sua identificação à determinada FD, e tais identificações do sujeito são representadas por três modalidades, estas denominadas como identificação, contraidentificação e desidentificação, sendo uma tentativa de formalização dos próprios processos de subjetivação.

Tratando-se dessa primeira modalidade discursiva de funcionamento subjetivo, a identificação, conforme propõe o autor, refere-se a uma

superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livre consentido”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 199, grifos do autor).

Nessa modalidade, o sujeito ao se identificar com certos saberes de uma formação discursiva, na qual se inscreve, (re)produz em seu discurso os efeitos dessa determinação, “em plena liberdade” tal como descreve o autor⁷⁷, e essa

⁷⁷ No entendimento de Beck (2015), ancorado em texto anterior (cf. BECK; ESTEVES, 2012), na primeira reflexão de Pêcheux (2009 [1988]) sobre a modalidade de identificação, haveria uma identificação plena do sujeito tanto aos sentidos que circulam na FD ao qual se inscreve quanto ao lugar que ocupa no âmago de uma dada formação social, não sendo levada em consideração a questão do inconsciente. Então, em sua retificação em *Só há causa daquilo que falha*, anexo 3, o

(re)produção pode se dar em diferentes materialidades. Essa modalidade específica caracteriza o discurso do “bom sujeito”, seja ele, aquele que em seu discurso reflete espontaneamente os sentidos que circulam no interior da FD que está inscrito.

A segunda modalidade, nos termos que Pêcheux (2009 [1988], p. 199) formulou,

caracteriza o discurso do “mau sujeito”, discurso no qual o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma “tomada de posição” que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 199, grifos do autor).

Nessa, o sujeito contraidentifica-se a certos saberes que circulam na FD em que se inscreve, e essa reversão apresenta marcas que possibilitam ao analista compreender sua posição. Beck (2015, p. 70) escreve que “o que parece caracterizar o funcionamento dessa modalidade é a crítica autolimitada tanto em termos subjetivos, quanto em termos políticos”, ou seja, o sujeito assume uma “posição crítica conformada” em que adota certo distanciamento de determinados saberes sem, no entanto, acreditar ou engajar-se na possibilidade de sua transformação.

Nas duas modalidades subjetivas apresentadas, Pêcheux (2009 [1988], p. 200) ressalta que “o interdiscurso continua a determinar a identificação ou a contra-identificação do sujeito com a formação discursiva, na qual a evidência do sentido lhe é fornecida, para que ele se ligue a ela ou que a rejeite”. Assim, se bem o entendemos, tanto na primeira quanto na segunda modalidade de tomada de posição, ocorre a identificação do sujeito com os saberes da FD em que está inscrito, todavia, a contraidentificação pode ser tão forte a ponto de levar o sujeito à terceira modalidade que funciona sob o modo da desidentificação.

Assim, a terceira modalidade subjetiva toma a forma de desidentificação, “uma tomada de posição não-subjetiva” utilizando-nos da formulação de Pêcheux

autor pondera o atravessamento do inconsciente, salientando que apesar dele, o assujeitamento persiste camuflado em sujeito “livre e responsável”.

(2009 [1988], p. 201). E se esse for o caso, o sujeito irá inscrever-se em outra FD ou até instaurar uma nova, mas sempre estará contaminado pelos pressupostos ideológicos que lhe constituíram⁷⁸.

Diante do exposto, nosso interesse aqui é focalizar a modalidade de identificação, a primeira modalidade disposta por Pêcheux (2009 [1988]). Em especial porque nos casos em análise desta tese, entendemos que a interpelação do indivíduo em sujeito enunciador se realiza pela identificação do sujeito tatuado torcedor tanto com a FD clubística que o domina, como com a P-S em que está inscrito, e é esse funcionamento que nos permite compreender como o sentido é (re)produzido sob a forma de evidência por esse sujeito.

Especificamente, é essa modalidade de subjetivação dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros que analisamos, buscando entender o que interfere nesse processo de identificação e que efeitos de sentido são (re)produzidos pelo discurso no espaço-tempo recortado para a leitura, os anos de 2017 e 2018. Acreditamos que nesse processo de identificação, os sujeitos tatuados torcedores buscam identificar-se pelas suas semelhanças, procurando espaço para sua singularidade, e nessa busca eles se unem a outros sujeitos, ao mesmo tempo em que se distanciam do adversário, diferenciando-se. Dito isso, podemos escrever assim que, ao tratar do funcionamento de identificação, estamos diante de duas características opostas: semelhanças e diferenças.

Ao referirmo-nos às semelhanças, à identificação dos sujeitos em questão a outros sujeitos e/ou grupos, devemos pensar nas torcidas já que estamos tratando do contexto futebolístico. Damo (2002) em seu livro *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*, escreve que o futebol funciona através de um sistema de lealdades, sendo o sujeito incitado a torcer pelo seu time mesmo quando este não obtém bons resultados em campo.

Para o autor, participar do contexto futebolístico exige do sujeito estabelecer um “clube do coração” e uma vez identificado ao clube, ele passa a pertencê-lo. Nesse entendimento, torcer significa pertencer, e é por esse sentimento ser tão forte que não são bem vistos aqueles sujeitos que, por algum motivo, identificam-se a

⁷⁸ Beck (2015) critica essa noção ao salientar que essa modalidade é antes um processo de ruptura ideológica, um movimento, do que uma posição, uma forma ou estado subjetivo estabilizado.

outro clube ou até mesmo trocam de clube, os chamados taxativamente de “vira-casaca”. Dessa forma, pertencer a algum clube significa ser leal a ele, vibrar quando ganha e sofrer quando perde.

Ainda na sua concepção, sendo esse esporte tão popular no Brasil, parte-se do pressuposto de que todos os sujeitos são interessados nele e, por conseguinte, são capazes de falar e de se posicionar em assuntos da bola. Assim sendo, tratar de futebol passa a ser uma forma de falar sobre nosso país e sobre nossa identidade. Para Damo (2002), ao contrário de outras paixões, a do futebol é eterna.

Na opinião de Toledo (2010, p. 177)⁷⁹, em seu texto *Torcer: a metafísica do homem comum*, “o universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros”. De tal modo entendido, torcer é vivenciar interações e integrações.

Para ele, o gesto de torcer relaciona-se ao domínio da sensibilidade, aproximando o olhar dos sujeitos torcedores às práticas dos sujeitos jogadores, em que o suor dos jogadores se liga às lágrimas dos torcedores, no constante desejo de torcer. Todavia, nas últimas décadas, estão aparecendo diversas tentativas de normatizar as performances dos torcedores nos estádios, estratégias que podem ser relacionadas à necessidade mercadológica de comercialização da transmissão de jogos que instaura uma posição-sujeito denominada “torcedor de poltrona”, aquele que paga para ver seu time pelo sistema *pay-per-view*, um serviço fechado oferecido pelos canais televisivos esportivos.

Ao abordar sobre as formas de torcer, Toledo (2010, p. 180) enfatiza que

Não se trata somente de maneirismos reativos ao espetáculo, mas uma postura que leva à emoção. A inteligibilidade do jogo, que diz respeito à relação entre os que jogam e os que assistem, passa necessariamente por essa adesão corpórea existente “fora das quatro linhas”. Torcedores não jogam, é sabido, mas se contorcem, leem uma partida com os gestos, chutam juntos com os jogadores, como se diz comumente. A luxuriante gestualidade observada nos estádios, inibida aqui e acolá em nome de propaladas necessidades operacionais calculistas, não tem somente por

⁷⁹ O estudo do autor trata, principalmente, das torcidas organizadas, assunto que não vamos estender aqui.

função edulcorar o espetáculo, mas, antes, o constituir na sua totalidade [...] (TOLEDO, 2010, p. 180, grifo do autor).

E, ainda, escreve que

Na expressão genérica “sou torcedor do time X” parece que estão em jogo formas múltiplas e negociadas de apropriação simbólica se tomadas do ponto de vista solitário das vontades que habitam cada torcedor. Torcer não é como portar o RG, garantia de estabilidade do eu ante as razões de Estado, pois torcer faz parte de um universo de experimentações mais sujeitas às instabilidades de toda ordem. Está ou é o próprio fluxo da vida. Somos mais fanáticos numa determinada época das nossas vidas, amortecemos a paixão em alguns momentos para voltarmos a nos apaixonar em outros, inventamos novas rivalidades, reavivamos e reivindicamos a emoção torcedora na chegada de um filho, escutamos, de torcedores nos estádios, geralmente após derrotas humilhantes ante arqui-inimigos, que não voltarão mais a torcer, para tudo recomeçar novamente num outro instante, enfim, infinitas situações põem à prova a vontade torcedora, contorcendo a identidade (clubística, nacional) a todo instante (TOLEDO, 2010, p. 183, grifo do autor).

Em conclusão, para Toledo (2010, p. 184), torcer coloca em prática dois aspectos fundamentais do sujeito, o da semelhança já que “ninguém torce sozinho”, e o da diferença já que “ninguém torce a favor de um time sem se contorcer por outros”. Ou seja, há gradações do torcer que variam da adesão incondicional ao ódio mortal, e essa dualidade coloca em movimento na dinâmica do contexto urbano as semelhanças e as diferenças raciais, sociais e ideológicas, “condições que nos agregam e diferenciam dentro desse feixe de sistemas classificatórios justapostos que nos moldam” (TOLEDO, 2010, p. 186).

Diferente dos estudos que tratam das torcidas dos clubes das grandes cidades, Jahnecka, Rigo e Silva (2013), em *Olhando futebol: jeitos xavantes de torcer*, analisam as práticas torcedoras da torcida do *Grêmio Esportivo Brasil*, antes, durante e após os jogos. No ponto de vista dos autores, o gesto de torcer pode ser entendido como as diferentes expressões, comportamentos e posturas dos sujeitos que revelam um envolvimento emocional e uma preferência por um determinado clube de futebol.

Para os frequentadores dos estádios, o gesto de torcer pode se dar por atitudes como usar adereços clubístico, xingar, entoar cantos, bater palmas, gritar, soltar foguetes, movimentar bandeiras, balões, camisetas ou outras vestimentas com as cores do clube. Tais práticas torcedoras, segundo os autores, criam e fortalecem afinidades entre sujeitos que se identificam a determinado time e clube.

Assim, de acordo com Jahnecka, Rigo e Silva (2013, p. 196) “o estádio de futebol é um microcosmo onde são travadas disputas entre duas equipes”. Diante sua análise, os autores perceberam que, no que se refere às formas de manifestação, as práticas da torcida xavante diferenciavam-se no decorrer do jogo. Para a maior parte dos torcedores, a excitação e a tensão do jogo estava relacionada e condicionada ao resultado da partida, sendo as suas práticas torcedoras diretamente associadas com a possibilidade de vitória ou de derrota e com a imprevisibilidade do jogo, o que produzia diferentes formas grupais de torcer.

Para eles, um dos momentos de maior tensão emocional dos torcedores é o gol, e quanto maior era a rivalidade ou a qualidade do adversário, maior era a excitação e o prazer dos torcedores nesse momento. Contudo, outros lances dos jogos como as advertências aos jogadores pelo árbitro, as cobranças de faltas próximas à goleira, os escanteios e os demais lances que ofereciam perigo de gols despertavam interesse e manifestações da torcida. E sem dúvida, as manifestações de contentamento ou descontentamento da torcida, incentivos e xingamentos, alteravam algumas ações do jogo.

A forma de torcer xavante identificada por Jahnecka, Rigo e Silva (2013) é denominada como formas de envolvimento que dizem respeito ao relacionamento e ao pertencimento que os sujeitos torcedores estabelecem com o clube. Por meio de seu estudo, eles identificaram distintos estilos de torcedores xavantes, classificados em torcedor-festa ou torcedor-militante, torcedor-observador e torcedor distanciado ou torcedor-consumidor. Em síntese, torcer por um time de futebol, a seu entender, em especial em uma cidade interiorana, é forjar laços de pertencimento, e assim compreendido, podemos escrever, mesmo com destacadas diferenças clubísticas, que os torcedores do *Esporte Clube Pelotas* igualmente torcem.

Franco Júnior (2007) ao posicionar-se sobre as torcidas e o gesto de torcer faz referência ao futebol enquanto religião. Para o professor, o futebol pode ser

pensado como metáfora religiosa na medida em que o clube é uma “divindade”, os jogadores são “deuses” a serem venerados, a camisa e a bandeira do clube são considerados “mantos sagrados”, os gols “espíritos”, as defesas “milagrosas” e seus autores “santos”, e por fim, o estádio um verdadeiro “templo sagrado”.

Desse modo entendido, em torno de cada divindade futebolística desenvolve-se uma espécie de seita composta por um grupo cuja adesão foi voluntária, para o qual a salvação é assunto pessoal e não de uma instituição que monopoliza a transmissão da graça divina, seja ela a vitória. Para toda seita, segundo ele, os sacramentos não concedem a graça, mas a testemunham, e é por tal razão que seus membros praticam o sacerdócio universal e o culto espontâneo.

Ora, como qualquer seita, toda torcida é negativamente rotulada pelas demais. No seu interior, entretanto, o sentimento é de pertencer ao lado correto da sociedade global. Seus membros reúnem-se espontaneamente no templo (estádio), onde todos têm igual função religiosa (orar pela mesma divindade, isto é, torcer pelo mesmo clube) (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 263, explicações do autor).

Nesse sentido, o clube, divindade reverenciada, é o elo entre os crentes e os deuses, ou seja, entre os torcedores e os jogadores. Franco Júnior (2007) sublinha que os crentes podem, em certos momentos, até se voltar contra os deuses/santos, mas contra o clube dificilmente; é mais comum o sujeito torcedor trocar de profissão, de cônjuge, de amigos, de religião, de estado, de país, de preferências gastronômicas e musicais do que de clube de futebol. Dessa forma, a fidelidade tende a ser irretocável no que concerne à divindade.

Se o futebol é religião e cada clube é divindade, toda a partida é rito com significados próprios, e o espaço ritual futebolístico é o estádio. Interessante as relações do professor quanto à bola ou quanto à forma arredondada dos estádios e o espaço geométrico do campo, bem como a duração de cada partida, a cruz que intermedeia os ângulos do terreno, o círculo central do campo e o símbolo que representa a divindade, uma espécie de linguagem religiosa universal, associações entre o céu e a terra.

Quando se está no santuário/estádio, o futebol é sem dúvida atividade sagrada. Fora dele, torna-se atividade literalmente profana: pro (“diante de”, “no exterior de”) e fanum (“templo”). Ou seja, excetuados os fanáticos (“pertencentes ao templo”), aqueles cegados pela paixão, o torcedor fora do estádio recupera a consciência individual e racional – sem negar, é claro, sua adesão ao clube do coração – e convive perfeitamente com fieis de outros clubes. Dentro do estádio, diante de sua divindade, tomados por sentimento potencializado pelos companheiros de fé e polarizado pela presença de infiéis, muitos indivíduos podem ultrapassar as fronteiras da civilidade, da aceitação da diferença (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 281, explicações do autor).

Seguir determinado clube, nessa linha de pensamento, é acreditar que ele vai vencer, e que a fé e os estímulos corroboram com a vitória, é, portanto, torcer. Na sua compreensão, Franco Júnior (2010) esclarece que torcer é, também, distorcer, e não apenas o presente, a partida que se tem diante dos olhos, no estádio ou na televisão, mas adulterar o passado e interferir no futuro, na esperança de alterar o destino.

Com isso, sendo tão penetrado por emoções religiosas, não é fortuito que o contexto futebolístico esteja repleto de práticas vistas como supersticiosas. Na indagação de Franco Júnior (2010, p. 296), “qual torcedor não tem talismãs e hábitos propiciatórios aos quais recorre antes e durante as partidas?”. E aqui, podemos destacar as palavras do sujeito tatuado torcedor rubro-negro B. 07M (2017)⁸⁰ sobre uma camiseta que considera da sorte:

eu lembro que eu tenho uma camiseta que eu troquei na rua com um cara, uma muito antiga, e o Mauro chama ela de o pano de chão, de tão velhinha que ela está, e eu digo que para mim ela dá sorte, ‘Essa aqui tem que guardar só para jogo decisivo’, e tipo, às vezes, está muito quente, mas hoje tem que colocar o pano de chão, ‘Tchê, mas está quente, ela é de lá!’, ‘Não, hoje é dia do pano de chão!’, aí eu acabo não indo com ela, eu levo ela, vou com outra, e na hora eu coloco ela (SUJEITO B. 07M, 2017).

Somado a ela, o mesmo sujeito também relata alguns gestos que julga essenciais na sua prática torcedora:

⁸⁰ Entrevista completa no anexo 12.

Em todos os jogos do Brasil eu faço *check-in* nas redes sociais. [...] E... – risos – (+) muitas pessoas costumam dizer isso, eu torço enlouquecida para o Brasil, dia que tem jogo não marca nada comigo, ninguém combina nada comigo, hã cedo eu tenho que ir para a baixada, hã... tem todo o meu ritual, a roupa tem que ser a mesma que está ganhando, quando perde eu vou trocando, hã... tem a catraca que eu entro sempre, é sempre a mesma, o caminho que eu faço, o lugar que a gente pára o carro tem que ser o mesmo, hã... comprar uma cerveja no Bar do Zé, se ganhou a gente tem que comprar no Bar do Zé de novo, senão eu páro de tomar cerveja até o Brasil ganhar de novo (SUJEITO B. 07M, 2017).

Além de todos esses gestos retomados pelo sujeito podemos incluir, ainda, o seu próprio gesto de materializar determinada tatuagem no corpo, que se deu a partir de uma promessa – e esse funcionamento não aparece apenas nas considerações desse sujeito, mas é recorrente em nosso arquivo. Nas palavras do sujeito B. 07M (2017) quando relatava a sua relação com seu clube de preferência e a sua motivação para tatuar algo alusivo ao time, especificou:

‘O dia que o Brasil subir para a série (+) A do Gauchão a gente a gente faz então uma parte do hino’ [...] em 2012 a gente já não tinha subido, não deu, 2013 então, começamos a perder a segundona e... e na hora de subir não deu, contra o São Paulo, aí eu disse: ‘Ah, não vai ser esse ano a tatuagem’, ainda tinha todo o segundo turno e veio a tatuagem com louvor com o título da segundona né de de campeão (SUJEITO B. 07M, 2017).

Em suma, Franco Júnior (2007) ao mesmo tempo em que destaca no futebol esse teor religioso, dentro e fora do gramado, realça sua atmosfera emocional. Assim percebido, o futebol pode ser entendido como uma “tela de projeção” de variados sentimentos sobre uma mesma entidade/divindade. No seu entendimento propõe que “sendo esse esporte coletivo, o futebol tem implicações e significações psicológicas coletivas, porém calcadas, ao menos em parte, nas individualidades que o compõem” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 304), daí sua relação com o individual e o social.

Desse ponto de vista, o torcedor pode ser considerado o personagem mais rico e contraditório do contexto do futebol, isso porque ser torcedor é renunciar em parte o individual para compor o coletivo. Ele forçosamente, nas considerações do professor, faz parte de um conjunto heterogêneo de sujeitos, que é homogêneo em

se tratando de seu aspecto anímico. E nessa personalidade coletiva que é a torcida, há alto nível de narcisismo, pois estar ali, torcendo, vibrando, é uma forma inconsciente de receber atenção e afeto, de se sentir amado e pertencente.

Torcer por um clube de futebol, assim, é uma das atividades emocionalmente mais intensas da sociedade contemporânea, e é por ser entendido como metáfora da vida na qual se projetam sonhos e frustrações que ele atinge um grande número de sujeitos torcedores. Nessa perspectiva, da qual trata Franco Júnior (2007, p. 347), um fator bastante positivo se sobressai: “cada partida, cada temporada oferece a esperança de novo recomeço”, e nesse caso, “reescrever periodicamente o script da vida só é possível no futebol”.

No entanto, no ponto de vista teórico da AD, o sujeito não é origem de si nem fonte de seu discurso, e assim entendido, não podemos perder de vista que seu processo de identificação a x ou à y, ou melhor, a uma FD clubística ou a outra, se representa pelo viés de seu próprio discurso, atravessado pelo interdiscurso, materializado aqui na/pela língua e/ou na/pela tatuagem. Dito diferentemente, a identificação do sujeito com uma FD, Áureo-cerúlea ou Rubro-negra, fundadora da sua unidade imaginária, apoia-se no fato de que o interdiscurso que constitui no discurso dos sujeitos os traços daquilo que os determinam, é (re)inscrito no discurso do próprio sujeito. Em suma, o indivíduo é interpelado, mas age na ilusão de não o ser.

Mas como tratar desse sujeito tatuado torcedor sem cair na armadilha do empirismo? Para darmos conta de responder a essa questão, é necessário trazermos ao texto as discussões propostas por Vinhas (2014, 2015 e 2018) sobre o corpo, já que este é a materialidade do sujeito. Segundo a autora, influenciada pelo estudo de Orlandi (2012c), “o sujeito não é somente carne, pois esta passou por um processo de simbolização, determinado ideologicamente” (VINHAS, 2015, p. 231). Assim sendo, ao mesmo tempo em que o corpo e a linguagem são materialidades concretas da ideologia e do inconsciente, eles constituem o sujeito e operam como elementos dos processos de interpelação e de resistência nas três modalidades de subjetivação.

No seu entendimento, “o processo de interpelação ideológica não é individual, pois visa à transformação do indivíduo em *sujeito social*, que responde

imaginariamente, de forma não consciente, às determinações ideológicas” (VINHAS, 2018, p. 82, grifo da autora). Nesse viés, faz-se necessário atentarmos à noção de “corpolinguagem discursivo” proposta por ela em estudo anterior, na medida em que tal noção “procura dar conta da dimensão social e individual do sujeito, partindo, principalmente, da proposta lacaniana do *ser falante*, mas o ser afetado pelo discurso de concepção pêcheuxtiana” (VINHAS, 2014, p. 232, grifo da autora).

Isso porque, parafraseando a tese da autora, considerarmos que o corpo é a materialidade do sujeito implica pensarmos em duas questões centrais: qual sujeito e qual corpo? Para tanto, pode-se considerar, segundo ela, que estamos diante de duas concepções diferentes de sujeito: de um lado, a concepção do materialismo histórico, e, de outro, a concepção da psicanálise, as quais podem ser entendidas, respectivamente, como um sujeito social e um sujeito individual.

Da mesma forma com que trabalha, podemos escrever que neste trabalho os sujeitos são tratados como sociais quando eles se identificam a determinada FD clubística, atentando ao fato que ao falar de uma posição não é tomado como pessoa, indivíduo, posto que são desde sempre interpelados em sujeitos pela ideologia. Mas também, tais sujeitos são tratados como individuais quando analisamos, com respaldo na teoria, as suas entrevistas e as suas tatuagens, buscando algo de sua singularidade. É por isso que, além da necessidade de considerar a linguagem nessa articulação, é imprescindível tratar do corpo enquanto “corpolinguagem discursivo”.

Essa conclusão é constatada por Vinhas (2014) e retomada em seu estudo posterior (cf. VINHAS, 2018), a partir da observação das três designações de corpo trabalhadas pelos analistas de discurso, as quais interferem diretamente em suas análises. As três designações elencadas pela autora dizem respeito ao corpo suporte, ao corpo discursivo e ao corpo linguagem discursivo.

A primeira forma de compreender o corpo na AD refere-se ao corpo suporte, esse entendido como base material para os processos discursivos. Segundo a autora, no caso da tatuagem ou do *piercing*, o corpo atua como um elemento biológico que o sustenta. Sobre essa noção de corpo enquanto suporte, acrescentamos o trabalho de Paveau (2010, p. 07) que se dedica às tatuagens escriturais, pois segundo ela, “a tatuagem escrita faz, com efeito, do corpo um

suporte de discurso no qual tudo leva a crer que ele possua, como todo discurso, um produtor, um receptor, uma forma e uma interpretação”.

Todavia, acreditamos pertinente pensar que o corpo ultrapassa esse funcionamento de suporte principalmente quando vinculado à tatuagem, pois entendemos que a *tattoo*, ao materializar-se no corpo, torna-o uma materialidade específica, na medida em que não há como separá-los, pois mesmo que o sujeito se submeta a um procedimento de remoção através de um tratamento a laser (ausência da imagem), ela, ou sua marca, cicatriz, continuará produzindo efeitos.

Seguindo as designações de Vinhas (2014), a segunda forma de compreender o corpo na AD compete ao seu entendimento como materialidade corpórea. Nessa postura teórica podem ser destacados os trabalhos de Ernst (2004), de Leandro-Ferreira (2011a e 2011b) e de Orlandi (2012b e 2012c), dentre outros já existentes. A primeira autora citada escreve que “o corpo é o lugar material em que acontece a significação, lugar de inscrição do poder, da subjetividade e da identidade” (ERNST, 2004, p. 03). Dessa forma concebido, o corpo substancializa o desejo do sujeito que é o desejo do próprio corpo (re)configurado incessantemente porque é exposto ao olhar do outro, e é a partir desse olhar que a identidade e a subjetividade se estabelecem. Para Ernst (2004, p. 03),

Na realidade, o “eu” é uma produção imaginária que se cristaliza a partir da imagem que o sujeito tem de seu próprio corpo e de auto-imagens refletidas para ele por outros, e isso se dá através do simbólico. O que interessa aqui, portanto, não é o corpo como estrutura orgânica (ossos, pele, órgãos, etc.), mas como objeto submetido à linguagem (ERSNT, 2004, p. 03, grifo da autora).

Na opinião de Leandro-Ferreira (2011b, p. 177), na mesma linha de entendimento de Ernst (2004), o corpo é “lugar de visualização do sujeito e da cultura que o constitui. O corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo que se expõe e que busca se tornar inescrutável, inapreensível”. Aproximando-se da psicanálise em texto distinto, ao escrever que o corpo fala ao mesmo tempo que falta, a autora o observa enquanto objeto discursivo, como “constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito” (LEANDRO-FERREIRA, 2011a, p. 95). Na sua explicação,

o objeto a ser analisado é, então, o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falha que lhe é constitutiva. Para trabalhar com esse objeto será trazido ao campo discursivo uma categoria que procede da psicanálise, que é o real do corpo. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo vem a ser, é o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste (LEANDRO-FERREIRA, 2011a, p. 95).

Nesse sentido, ao posicionar-se na definição do funcionamento do corpo na perspectiva da AD, Leandro-Ferreira (2011a) traz a relação da própria teoria com a psicanálise no que tange à concepção de corpo como objeto discursivo que, assim como a linguagem, funciona enquanto lugar de materialização de discursos, caracterizando-se também por sua opacidade já que se configura de forma não transparente.

Vinhas (2014), apoiada nesse trabalho de Leandro-Ferreira (2011a), retoma que o corpo pode ser compreendido como materialidade corpórea da mesma forma que a materialidade histórica e a materialidade linguística, tendo todas elas relação com a ideologia, e, além disso, não se pode esquecer que é nele que se marcam os efeitos do recalque inconsciente. Assim sendo, esse corpo designado como “corpo discursivo” por Leandro-Ferreira (2011a), é tomado como texto e constrói-se pelo discurso, servindo como objeto de interpretação porque significa e materializa os processos discursivos.

Na concepção de Orlandi (2012b, p. 190), é através do corpo que cada sujeito pode “desempenhar seu desejo de reconhecimento como reconhecimento de seu desejo e de seu ser”. Nesse caso, para ela, os dizeres transbordam dos *outdoors*, como um excesso de linguagem o tempo todo visível ao sujeito, para o próprio corpo resultando num excesso de marcas visíveis e necessárias para a afirmação de si.

Promovendo um paralelo entre a física e a AD, em texto distinto, a autora explica que “em física se diz que a matéria é qualquer coisa que possui massa, ocupa lugar no espaço e está sujeita a inércia” (ORLANDI, 2012d, p. 96), todavia, no olhar da AD, “o corpo é algo que possui massa, ocupa lugar no espaço e está sujeito à ideologia, pela constituição do sujeito” (ORLANDI, 2012d, p. 96). É dessa forma,

então, que ela pensa o discurso do corpo perpassado pela ideologia e pela história, e sua materialidade.

Nesse fio que a conduz, Orlandi (2012d, p. 85, grifo da autora) formula que “enquanto corpo empírico, ele é apenas carne. Todavia, quando o corpo é produzido em um processo de significação, onde trabalha a ideologia, ele é corpo simbólico, chamado de *corpodiscurso*”. Dessa maneira, a relação do sujeito com seu corpo não escapa às determinações ideológicas. Se considerássemos o sujeito distante da historicidade que o constitui, reduziríamos o estudo à noção de sujeito empírico, um sujeito estudado em teorias positivistas.

Contudo, como bem coloca Vinhas (2014), é necessário, em nossas práticas de análise, que se chegue ao próprio sujeito, na ordem social e individual, para que possamos compreender os processos de subjetivação, e para isso, é satisfatório seguir a noção de “corpolingagem discursivo” que a mesma propõe. Em sua proposta, o corpolingagem discursivo é “o próprio sujeito, constituído pela história, pelo corpo, pela linguagem e pelo discurso. O corpo, portanto, constitui a subjetividade e é constituído por ela, individualmente enquanto sintoma e socialmente enquanto desejo” (VINHAS, 2014, p. 235), “sendo ambos efeitos de uma construção social” (cf. VINHAS, 2018, p. 85).

A vista disso, o sujeito é entendido como individual e social ao mesmo tempo, na medida em que seu corpo é atravessado pela linguagem que torna possível a relação entre a ideologia e o inconsciente. Em seu trabalho, é através das falas das apenadas que a autora teve acesso ao corpo do sujeito, e a partir delas que concebe o corpo enquanto corpolingagem discursivo, o que o torna um objeto de estudo singular. Por isso, a seu ver, é fundamental que se acrescente o corpo no processo de interpelação do sujeito, na medida em que

Ele é sujeito à língua, ao corpo e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por eles. Ele é assim determinado, pois se não sofrer os efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua, ao corpo e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos. É por isso que propomos a noção de corpolingagem discursivo para dar conta de um sujeito afetado pela linguagem, pela história e pelo corpo (VINHAS, 2018, p. 86).

Levando essa proposta em consideração, assim como Vinhas (2014), tivemos acesso ao corpo dos sujeitos tatuados torcedores através de suas falas, das entrevistas que realizamos durante a construção do arquivo de nossa pesquisa. Consequentemente, a opacidade do corpo se dá pela opacidade da linguagem, na sua discursivização, não podendo também ser entendido senão como corpolinguagem discursivo.

No entanto, em nossa tese, o acesso ao corpo dos sujeitos torcedores dá-se, também, por meio de suas tatuagens que representam sua identificação a um dos clubes, o *Esporte Clube Pelotas* ou o *Grêmio Esportivo Brasil*. Sendo assim, acreditamos pertinente pensar que a tatuagem é uma especificidade desse corpolinguagem discursivo, pois, ao materializá-la, o sujeito torcedor se posiciona politicamente.

Ao analisarmos esse corpolinguagem discursivo tatuado, sua materialidade significativa e os efeitos de sentido produzidos enquanto corpo de um sujeito constituído pela linguagem, pela história e pelo corpo, estamos observando um corpo que assume uma posição ao textualizar uma *tattoo* alusiva a um time de futebol precisamente. Dito em outras palavras, em nosso trabalho, temos o interesse de compreender os efeitos da relação entre língua, corpo e tatuagem, materialidades estas que dão existência concreta (material) à ideologia da bola e ao inconsciente, ao mesmo tempo que constituem o sujeito e o significam em determinado contexto social.

Para tanto, assumindo a posição teórica de Vinhas (2014, 2015 e 2018) e acreditando na particularidade da tatuagem – que, ao incorporar-se no corpolinguagem discursivo, torna-o uma materialidade específica, na medida em que sempre produzirá efeitos de sentido mesmo que removida –, julgamos pertinente trabalharmos com a noção de corpo-tatuado. Essa noção por nós proposta não apaga a concepção de corpolinguagem discursivo da autora, ao contrário, apropria-se dela, especificando-a.

A nosso ver, o corpo-tatuado carrega uma característica que lhe é própria, a tatuagem, uma marca visível no corpo, um excesso, e é por tal característica que acreditamos necessário caracterizá-lo, nominalizá-lo, através do uso de um predicativo, “tatuado”, na linearidade da língua. Ernst (2004, p. 06) aponta que

Desnecessário dizer que a sintaxe, no caso específico o processo de nominalização não é aqui considerado algo asséptico, higienizado, sem contaminação da subjetividade e da historicidade; ao contrário, trata-se justamente de mostrar que a nominalização possibilita resgatar elementos do interdiscurso que não ocorrem na linearidade da cadeia significante, mas cujos efeitos fazem-se sentir (ERNST, 2004, p. 06).

Nesse caso, ao propormos a denominação corpo-tatuado estamos procurando demonstrar que não se trata, pois, de qualquer corpo, do corpo gordo, do corpo magro, do corpo escarificado, do corpo operado etc., mas, sim, do corpo tatuado, reconhecendo que cada um, a seu modo, funciona e produz efeitos de sentido diferentes. Dessa forma, a referência à tatuagem nesse corpolingüagem discursivo é fundamental, aspecto esse a que, em trabalho anterior (SILVA, N., 2014), não atentamos.

Baldini e Leonel de Souza (2012), nesse aspecto, salientam que

o corpo é discurso, antes mesmo da tatuagem. [...] *a tatuagem (o ato de se deixar tatuar), só significa na medida em que se dá no corpo. Fora do corpo não há tatuagem*; o desenho, antes de ser impregnado na pele, possui vida apenas por empréstimo da imaginação (BALDINI; LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 78, grifo nosso).

Nessa perspectiva, uma vez tatuado, o corpo é marcado, investido de sentidos cuja inscrição na pele é um modo de historicizar e publicizar os embates políticos e ideológicos dos sentidos já-ditos e daqueles a dizer, pois, ao se inserir na cadeia discursiva dos significantes, a tatuagem produz efeitos de memória “que vão além de uma individualidade e se configuram como espaços de interpretação socialmente construídos” (BALDINI; LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 80).

Para nós, assim, com base nas leituras que realizamos, o corpo-tatuado é um corpo investido de sentidos, que se posiciona de maneira ideológica e inconsciente por meio de uma marca que é a *tattoo*. E mais, o corpo-tatuado é construído pelo funcionamento de identificação e pelo desejo, uma trama que representa o sujeito tatuado que, ao mesmo tempo, é individual e social.

Nesse caso, marcar o corpo, a nosso ver, independente das motivações e da intensidade com que se pratica esse gesto (uma, duas, três tatuagens), evidencia o desejo do sujeito ou a falta que lhe é constitutiva. Dessa forma que a entendemos, a tatuagem mantém um laço importante ao desejo de gozar, e na ânsia desejante de uma imagem que lhe represente melhor do que ele mesmo saberia mostrar ou dizer, o sujeito tatua-se, sentindo não apenas poder sobre seu corpo-tatuado, num simples gesto de colocar tinta sob a sua pele, mas num sentimento de fisgar imagens de dentro de si, do que é ou do que acredita ser. O sujeito P. 03H, por exemplo, quando no *discurso sobre* a sua tatuagem, salienta que as palavras seriam insuficientes para expressar tamanho amor pelo seu time, em consequência, tatuou seu corpo.

Sobre o desejo do sujeito, valemo-nos do entendimento de Ernst (2004, p. 02): “o desejo do sujeito é o desejo do corpo e do outro, corpo exposto ao olhar desse outro e, por isso, (com)figurado e (re)configurado incessantemente, pois é a partir desse olhar que a identidade e a subjetividade se estabelecem”. Para ela, conforme tratado outrora com base na psicanálise, o eu é uma produção imaginária da imagem que o sujeito tem de seu próprio corpo e de auto-imagens refletidas para ele por outros sujeitos, e esse funcionamento se materializa através do simbólico.

Logo, o desejo desse sujeito tatuado torcedor, pode ser apreendido pelas pistas linguísticas “queria fazer”, “vou fazer”, “eu tinha que fazer” recorrentes em nosso arquivo da pesquisa. Nessa direção que trilhamos, se utilizarmos Orlandi (2012b), podemos relacionar o desejo do sujeito de se tatuar aos processos de individua(liza)ção que interferem, segundo ela, na construção de sua identidade; se utilizarmos Silva, B. (2010), podemos relacionar o desejo do sujeito à aspiração de um diferencial em seu corpo, seja como adorno, a fim de embelezamento, ou para expressar um sentimento; já na visão de Costa (2002), o que está em pauta é o desejo em ser visto/notado/olhado/desejado pelo outro; para Ernst (2004), o desejo do sujeito é o desejo do corpo, corpo este exposto ao olhar desse outro; e Marques (2007) ressalta que, além de se tratar de um desejo de ser atração em que se estimula e se atrai o olhar do outro, o desejo pode estar relacionado à vaidade do sujeito, pois na contemporaneidade contempla-se não só a imagem, mas o bem-estar, o consumismo e a adoração ao corpo.

Enfim, na realidade, o que está aqui em jogo é a relação entre linguagem, corpo-tatuado e o Outro da ideologia da bola que faz o sujeito torcer, se identificar e/ou se afastar de determinado clube e do outro, na tentativa de obliterar a falta que lhe é constitutiva através desse Outro que lhe constitui. Mas não nos esqueçamos de que a condição para ser sujeito, afetado pelo inconsciente, interpelado pela ideologia e individualizado pelo Estado, é a de entrar na linguagem (através da língua ou da *tattoo*) em dada formação social. Ao falar, o sujeito tatuado torcedor nada sabe do que lhe falta nem do que o determina e, assim sendo, ele está submetido à teatralização da consciência cuja ficção sustenta sob efeitos sua identificação, o que imagina ser e o que imagina querer.

Concomitantemente, entendemos que a tatuagem é uma prática social, de um sujeito que se inscreve numa FD, e faz parte de um conjunto de práticas simbólicas que nos permitem observar o funcionamento de identificação, pois de acordo com o nosso *corpus*, por exemplo, os sujeitos tatuados entrevistados defendem um clube específico, uma filiação. De maneiras diferentes, todos se posicionaram em relação às “escolhas” que tomaram sobre o próprio corpo, sobre o gesto de se tatuar, e sobre o modo de se aproximar ou se afastar do *Pelotas* ou do *Brasil de Pelotas*, apontando certo fechamento discursivo, que é mera ilusão de completude.

Os sujeitos ao dedicarem-se à criação de suas tatuagens, revisitaram sua própria história, trazendo memórias, delimitando interesses e entregando-se, sem perceber, a um processo de identificação que os caracteriza e, por isso, o corpo-tatuado é considerado por nós como singular. Não se trata de uma imagem qualquer no corpo do sujeito, mas de um símbolo que o representa ou que lhe pareça algo fundamental naquele momento de sua vida. Assim, à sua revelia, identificações deixam suas marcas no corpo-tatuado que o caracteriza.

Com respeito, aproximamo-nos de Courtine (2013), quando o autor pensa, ancorado em pressupostos foucaultianos, na articulação entre corpo e história, sendo o corpo uma “superfície de inscrição” em que aparece impregnado de história. Nessa linha de pensamento, é necessário que se observe tal impregnação histórica no corpo, antes que ela mesma a apague. Consideração essa interessante ao nosso estudo, na medida em que propomos refletir acerca da historicidade dos sentidos

materializados nas tatuagens futebolísticas alusivas à dupla Bra-Pel em que são legitimados, naturalizados e estabilizados alguns e silenciados ou apagados outros.

Outro ponto que nos permite a aproximação refere-se à compreensão de Courtine (2013) quanto à concepção das sociedades democráticas sobre o corpo ordinário em que o transforma num espaço de conflito entre razão política e singularidade do olhar. De acordo com ele,

a razão política reivindicando o tratamento igualitário dos indivíduos, não importando suas aparências, a singularidade do olhar registrando o desconforto diante da deformidade corporal, mesmo que simultaneamente percebida e gomada, lembrada e negada, na multiplicação do que hoje chamamos de diferenças (COURTINE, 2013, p. 141-142).

Nessa questão precisamente, podemos pensar que, na tomada desse corpo-tatuado que identifica sua P-S enquanto sujeito torcedor, há uma política da tolerância ao mesmo tempo em que há o olhar do outro sobre a diferença marcada pela tatuagem. Na opinião de Fonseca (2012), o discurso de tolerância ao “diferente”, somente evoca um problema maior na sociedade, pois reforça e legitima o preconceito existente. Na sua explicação,

a tolerância de tudo e de todos também significa tolerar uma(s) classe(s) dominante(s), com discursos e sentidos dominantes. Nesse jogo de tolerâncias há sensações de pertencimento que atuam de forma ilusoriamente líquida. [...] O sujeito interpelado por esse nexos social líquido se diz livre para fazer o que bem entender, porque nada deve a ninguém e porque é cidadão do mundo. Nesse sentido, é-se tolerante a homossexuais, travestis, muçulmanos, negros, brancos, índios, judeus etc.; mas não se admite partilhar de seus sentidos: o espaço é heterogêneo, capitalista, plural, mas aos sujeitos não cabe muita escolha a não ser escolher seu rótulo (FONSECA, 2012, p. 8-9).

De todo modo, entendemos que há um corpo que “comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro” (LEANDRO-FERREIRA, 2013, p. 105). Nessa direção, assumimos que o sujeito que customiza seu corpo com uma tatuagem,

transformando-o em corpo-tatuado, em busca estética, narcísica ou de pertencimento, se vê enredado na trama entre ideologia e inconsciente.

No presente estudo, consideramos, então, a língua e o corpo-tatuado como formas materiais de subjetivação e textualização discursiva dos sujeitos torcedores tatuados, assunto que aprofundamos nos próximos itens.

4.1.1 Recorte 1: O discurso materializado na/pela língua

[...] estando os processos discursivos na fonte da produção dos efeitos de sentido, a língua constitui o *lugar material* onde se realizam estes efeitos de sentido (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 171, grifo do autor).

Conforme temos escrito durante esta tese, para compreender as questões políticas e filosóficas suscitadas no contexto francês da década de 1960, Pêcheux (2010 [1990]) propôs a Análise de Discurso, como uma prática científica que pensava a relação entre a língua e a ideologia de forma materialista. Até esse momento, no desenvolvimento da ciência linguística, marcada, principalmente, pelos estudos de Saussure no *Curso de Linguística Geral*, a língua era estudada em suas modalidades normativas e descritivas; como bem explica o autor, “estudar uma língua era, na maior parte das vezes, estudar *textos*” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 59, grifo do autor), e, nessa postura teórica, excluía-se a fala e, conseqüentemente, o sujeito e a exterioridade⁸¹.

Pêcheux (2010 [1990]) instaurava, assim, diante de suas preocupações, uma ruptura com as ciências positivistas ao assumir pensar, dentre outras questões propostas, a língua enquanto equívoco, trabalhando a sua não transparência. A língua de que trata(va) a AD, portanto, é (era) entendida como base material do discurso e, assim vista, é (era) trabalhada como processo discursivo, inscrito na história, cujo funcionamento está(va) ligado às condições extralinguísticas e ao

⁸¹ Acreditamos importante o estudo do texto *A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso*, escrito por Haroche, Pêcheux e Paul Henry (1971).

sujeito, este duplamente afetado, pela ideologia e pelo inconsciente tal como vimos no capítulo anterior.

Dessa forma, como analistas de discurso, partimos do pressuposto basilar de que não há sentido evidente porque as palavras são revestidas de opacidade, nem o sujeito é intencional. Os sentidos, os sujeitos e os discursos não são transparentes, pois estão submetidos às determinações histórico-sociais. Por conseguinte, a língua não é fechada em si mesma, visto a sua incompletude, tampouco o discurso é visto com uma liberdade em ato. Em ambos, na língua e no discurso, existe uma sistematicidade não homogênea que são as condições materiais de base sobre as quais se desenvolvem os processos discursivos. A língua é, assim, condição de possibilidade do discurso, a sua base material, e o discurso é a materialidade da ideologia.

Para compreender, então, o discurso na sua ordem própria, realizando-se na/pela língua, na ordem do que foi dito, do enunciável, e não do gramatical apenas – como “uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” conforme escreve Pêcheux (2010 [1990], p. 81) –, precisamos observar os lugares (A e B) designados aos sujeitos na estrutura de uma formação social, já que “o que funciona nos processos discursivos é uma série de representações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 81, grifos do autor).

Com respeito, Grigoletto (2007, p. 31) escreve que

tomarmos a língua numa perspectiva discursiva significa ir além do sistema e da norma. Significa considerá-la incompleta, como um corpo atravessado por falhas, fissuras, lapsos e silêncios, os quais produzem sentidos pela inscrição do sujeito e, por sua vez, da língua na história (GRIGOLETTO, 2007, p. 31).

Assim, a materialidade da língua não garante o acesso a sua ordem, por isso, é necessário intervir a história, para dar conta da historicidade dos sentidos. Com o reconhecimento da historicidade podemos pensar no equívoco e no funcionamento da ideologia, sendo a interpretação fundamental para que se

compreendam os processos discursivos. Para Orlandi (1996), o sentido já é uma interpretação, e esta, por sua vez, é uma prática do sujeito que não descobre sentidos já-dados, mas os (re)produz, e nessa perspectiva, o dizer não é propriedade particular do sujeito porque o dito em outro lugar e até de outra maneira ressoa em suas palavras, significa, produz sentidos. O sujeito pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem, na medida em que todo o dizer movimenta dois eixos, o da memória e o da atualidade.

Nesse ponto, a autora chama a atenção para a distinção entre “ordem” e “organização” da língua. Em sua opinião, “começaríamos, então, por dizer que a ordem para nós não é o ordenamento imposto, nem a organização enquanto tal, mas a forma material. Interessa ao analista não a classificação mas o funcionamento” (ORLANDI, 1996, p. 45). Para nós, o que interessa, assim, é a ordem da língua, enquanto um sistema significante material, e a ordem da história, enquanto materialidade simbólica, sempre com atenção na relação existente entre elas: na ordem da língua, da maneira como o sujeito enuncia, e na ordem da história, da maneira como o sujeito é tomado por ela sob o modo da ordem institucional/social. Em resumo, Orlandi (1996, p. 45) esclarece que “parte-se do princípio de que há um real da língua e um real da história, e o trabalho do analista é justamente compreender a relação entre essas duas ordens de real”.

Na leitura de Mariani (1998, p. 91-92), pela perspectiva pecheuxtiana entende-se que

O real da língua aponta para a ligação intrínseca com o impossível que, como real, sempre retorna. O que causa questão neste ponto é a impossibilidade de completude da língua, mas não da instauração de um processo de significação. Como se diz na Análise do Discurso, o real da língua é a condição para que a discursividade – efeito de sentido entre locutores – se dê como tal. Não se pode dizer tudo porque existe um impossível e este se encontra inscrito na ordem da língua. Trata-se do impossível que é próprio da ordem da língua (MARIANI, 1998, p. 91-92).

Dessa posição teórica, na continuidade da autora, com a articulação do real da língua (impossível linguístico) com o real da história (contradição) introduziu-se a

noção de equívoco, como “ponto em que a língua toca à história e ao inconsciente” (MARIANI, 1998, p. 92). Trata-se, segundo ela, do que comparece à revelia do sujeito, apontando para o que está além do seu controle, sendo, ao mesmo tempo, e em função mesmo de sua ausência, constitutivo dele.

se o sujeito está *na* língua é porque está sendo trabalhado *pela* língua. Se ele é “preso” nas redes significantes, estas tanto podem articular como desorganizar sua inserção no simbólico. Em outras palavras, ser trabalhado pela língua diz respeito à entrada do sujeito em um mundo já dotado de sentidos que o antecedem. Há, nesta entrada, uma memória discursiva já organizando este mundo para o sujeito. O processo de identificação-interpelação, portanto, se realiza nas filiações constituídas pelas redes de memória, memória atravessada ao mesmo tempo pelas relações inconscientes e determinações históricas (MARIANI, 1998, p. 90, grifos da autora).

Se bem entendemos Mariani (1998), o sujeito não escolhe um modo pela qual será interpelado, ele é interpelado porque é afetado pelas determinações históricas e inconscientes. Para a AD, portanto, sentido e sujeito definem-se por uma relação de processos significantes que não se realizam soltos, mas na historicidade, e, assim sendo, “estar exposto ao equívoco e à falha é mergulhar na opacidade dos sentidos, é estar exposto à contradição, à não-coincidência entre as palavras e as coisas, entre o que se diz e o que se quer dizer” (MARIANI, 1998, p. 92).

E aqui retomamos um dos pontos principais desta tese que diz respeito à questão da constituição dos sentidos acerca do futebol, precisamente dos sentidos (re)produzidos acerca dos dois times predominantes da cidade de Pelotas denominados *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, pois como bem lembra Orlandi (2012a, p. 53),

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também, por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as formações ideológicas (ORLANDI, 2012a, p. 53).

Nesse fio que nos conduz, a constituição do discurso é da ordem do interdiscurso, e a sua formulação é da ordem do dizer, do intradiscurso. Em texto distinto, a autora retoma que é no eixo da formulação que “a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)” (ORLANDI, 2012c, p. 09).

Logo, podemos escrever que é na materialização do discurso, por meio de sua formulação no nível intradiscursivo que a memória se atualiza. Materializado, o discurso circula e movimenta-se, e nesse trajeto dos dizeres, é preciso observar o funcionamento do que é produzido, repetido, apagado e/ou renovado. Em outras palavras, desejamos ao analisar as entrevistas (*discurso sobre as tatuagens*) dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleo e rubro-negro, entender o que foi dito, o que se repete, o que se apaga, o que rompe, o que renova. Para tanto, dedicamo-nos agora a dois funcionamentos discursivos selecionados na leitura do nosso arquivo, sejam eles: o funcionamento da formação discursiva e o funcionamento de sobre-determinação. Vejamos:

- Funcionamento da formação discursiva

Na perspectiva da Análise de Discurso, a formação discursiva é o lugar da produção de sentido. Nesse caminho teórico, diante do que pensamos e desenvolvemos ao longo desta tese, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo ou rubro-negro atribui sentidos (lembramos que nesse momento nos interessam aqueles materializados na/pela língua quando no *discurso sobre a tatuagem*) a partir do lugar que imaginariamente ocupa, mobilizando saberes que circulam no interior da FD⁸² em que se inscreve.

⁸² Não podemos deixar de mencionar o estudo de Foucault (1972) sobre a noção de formação discursiva, que contribuiu ao entendimento da AD no viés pecheuxiano. Ao tratar das grandes famílias de enunciados, o autor propôs descrever sua dispersão, entendida, por ele, como a delimitação de uma regularidade, de uma ordem em seu aparecimento sucessivo, de correlações em sua simultaneidade e de posições assinaláveis. Ou seja, na leitura do arquivo, se houvesse certa regularidade de enunciados com relação a objetos, temática, conceitos, o analista estaria frente a uma FD. Todavia, nessa postura teórica evidenciada como importante por Pêcheux (2012), não é abordada a noção de contradição e, para ele, é impossível caracterizar uma FD como um espaço

Entendemos, assim, parafraseando Orlandi (2012a), o funcionamento da formação discursiva como sendo determinante na produção de sentidos, já que eles existem nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais certa FD vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. Tal afirmação apoia-se no postulado pecheuxtiano de que as palavras, as expressões e as proposições recebem seus sentidos da FD à qual pertencem, e simultaneamente, a transparência desse sentido que se constitui na FD mascara a dependência dessa última em relação ao interdiscurso⁸³.

Todavia, é necessário destacarmos que um discurso deve ser analisado, segundo Pêcheux (2012 [2002]), a partir da rede de memória e do trajeto social em que tem origem, considerando a possibilidade de desestruturação-reestruturação dessa rede e desse trajeto. Em seus próprios termos:

todo o discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele se constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo (PÊCHEUX, 2012, p. 56, grifo do autor).

No caso da materialidade específica da língua, no *discurso sobre* a sua *tattoo*, o sujeito, ao se identificar com a Formação Discursiva Áureo-cerúlea ou com a Formação Discursiva Rubro-negra – por nós configuradas no item 2.2 quando tratamos da constituição histórica de cada clube futebolístico –, (re)produz,

fechado, pois na constituição pode ser que apareça um elemento vindo de outro lugar, sob a forma de pré-construídos e de discursos transversos.

⁸³ Entendemos o interdiscurso nesta tese como sendo diferente da noção de memória discursiva tal como propõe Cazarin (2010). Segundo a autora, “o interdiscurso fornece elementos para a reconstituição/restabelecimento da memória discursiva, que é da ordem do interdiscurso, mas que, para produzir sentidos, precisa ser mobilizada pela posição-sujeito. Mobilização essa que funcionaria, então, tanto como gesto de interpretação, quanto como categoria de análise, nos moldes do trabalho de Courtine (1981). Isso nos levaria a aceitar, como já sinalizamos, que a memória discursiva é lacunar (pois aí interfere a posição-sujeito que a mobiliza), ao passo que o interdiscurso é saturado de sentidos – tudo está lá. Se nosso entendimento se sustenta, a noção de interdiscurso, então, não poderia ser colocada numa relação de equivalência com a de memória discursiva” (CAZARIN, 2010, p. 05).

interpelado a atribuir sentido pela FD que representa a formação ideológica que lhe subjaz, saberes x ou y.

Tratando-se da Formação Discursiva Áureo-cerúlea, por exemplo, os saberes, por nós já referidos, que aí circulam dizem respeito ao imaginário historicamente construído acerca do *Esporte Clube Pelotas* e de seus torcedores, como sendo um clube elitista, cuja classe social econômica é satisfatória no meio de produção capitalista e a raça é predominantemente branca. Assim, pelo viés da memória discursiva, são recuperados sentidos com essa carga semântica de dualidade com relação ao próprio clube e ao outro, o *Grêmio Esportivo Brasil*. Na Formação Discursiva Rubro-negra, por sua vez, os sujeitos tatuados torcedores que se identificam a ela, (re)produzem em seu discurso sentidos, que recuperam pelo viés da memória, o imaginário de um clube do povo, cuja classe social abrange aquela parcela da sociedade economicamente desfavorecida e de raça negra.

Nesse viés, embora reconhecendo que a formação discursiva é heterogênea e provisória, buscamos investigar por meio de nossa leitura, qual eixo condutor nos permite afirmar que, no decorrer do espaço-tempo recortado para análise, os sujeitos tatuados torcedores, inscritos em uma das duas FDs citadas, continuam, na sua posição-sujeito de torcedor, a reproduzir na cidade de Pelotas saberes relacionados às questões de classe social, econômica e de raça.

Consideramos, assim, que o sentido não é dado *a priori*, ou seja, não preexiste, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, no interior da FD. Na explicação de Pêcheux (2009 [1988], p. 238):

Um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é “produzido como causa de si” na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 238, grifo do autor).

Com relação aos nossos casos em análise que vamos apresentar logo em seguida, acreditamos que a interpelação do indivíduo em sujeito enunciator quando no *discurso sobre* a sua tatuagem, se realiza, portanto, pela sua identificação tanto

com a formação discursiva que o domina, como com a posição-sujeito torcedor em que está inscrito. E tal fato nos permite compreender como os sentidos são produzidos como evidentes pelos dois sujeitos tatuados torcedores por nós selecionados.

É justamente esse processo de identificação dos sujeitos tatuados torcedores que desejamos agora analisar, buscando compreender que efeitos de sentido são (re)produzidos. Vejamos as duas sequências discursivas recortadas do nosso arquivo:

Figura 26 – SDs representativas do funcionamento da formação discursiva

Funcionamento da formação discursiva	
SD 1: “Eu tenho [...] um sentimento de repulsa contra a maior torcida organizada que eles têm. Eu acho que eles são extremamente babacas [...] Tem um cara que é o líder deles (...) é um idiota [...] filhinho de papai . Para mim ele simboliza essa torcida [...] coisa de guri de apartamento ” (SUJEITO B. 10H, 2017, grifo nosso).	SD 2: Eu creio que divisão de classes não existe, existe muito preconceito, mas existe pelas duas partes pelo que eu posso observar. Mas divisão de classes? Dizer que a parte mais rica é Pelotas e que a classe mais baixa torce pelo Brasil, isso é totalmente, não existe , para mim, não existe . Existe preconceito, já vi, muitas vezes (SUJEITO P. 06H, 2017, grifo nosso) ⁸⁴ .

Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

De acordo com o nosso gesto analítico, podemos pensar que, na sequência discursiva 1, o sujeito tatuado torcedor rubro-negro, denominado B. 10H, produz na materialidade do intradiscurso, determinados efeitos de sentido em consonância à FD Rubro-negra, e na sequência discursiva 2, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, P. 06H, produz outros, consoante aos saberes que, em nossa opinião, também circulam na FD a qual se inscreve, a FD Áureo-cerúlea.

Pensamos dessa forma, seguindo o trabalho de Indursky (1998) quando a autora se refere às diferentes possibilidades do sujeito de se relacionar com a FD. Para ela,

⁸⁴ A entrevista completa encontra-se no anexo 13.

O sujeito, ao relacionar-se com a forma-sujeito, pode assumir diferentes posições de sujeito, as quais vão desde sua plena identificação com a forma-sujeito, refletindo o saber de sua formação discursiva, até divergir desse domínio de saber, aí introduzindo o diferente e o divergente que instauram a contradição (INDURSKY, 1998, p. 116).

Nesse modo de entender a produção de sentidos, levamos em consideração a possibilidade de que eles se movam, deslizem e desloquem, sob dadas condições de produção. E nesse processo, o que nos interessa é observar o político, no movimento de reprodução de determinamos sentidos ou no movimento de ruptura, isto é, no jogo entre o mesmo e o diferente no interior de cada FD em análise.

Na sequência discursiva 1, primeiramente:

Eu tenho [...] um sentimento de repulsa contra a maior torcida organizada que eles têm. Eu acho que eles são extremamente *babacas* [...] Tem um cara que é o líder deles (...) é um *idiota* [...] *filhinho de papai*. Para mim ele simboliza essa torcida [...] coisa de *guri de apartamento*” (SUJEITO B. 10H, 2017, grifos nossos).

podemos observar que ao se identificar com a FD Rubro-negra, retomando a modalidade discursiva de funcionamento subjetivo de identificação proposta por Pêcheux (2009 [1988]), o sujeito tatuado torcedor ao tomar uma posição sobre o outro, quando questionado sobre o time adversário, assume uma posição-sujeito refletindo espontaneamente o discurso do “bom sujeito” dessa FD.

Nossa interpretação fundamenta-se nos sentidos constituídos e perpassados ao longo da história a partir do imaginário acerca dos dois clubes futebolísticos em questão, o *Esporte Clube Pelotas* e o *Grêmio Esportivo Brasil*. Recuperando o que já tratamos, lembramos que, enquanto o primeiro é considerado o clube representante da elite pelotense, o segundo carrega uma memória de um clube popular. E talvez, a expressão que se destacou ao marcar essas posições, seja a utilizada pelos autores Osório e Amaral (2008, p. 51) ao resgatarem a sentença “Fidalgos da Avenida x Negrinhos da Estação”, cujos efeitos de sentido movimentam as relações de força presentes em nossa cidade.

Nesse caso, o sujeito tatuado torcedor rubro-negro, inscrito na FD Rubro-negra, ao materializar no fio de seu discurso as expressões pejorativas “babacas”, “idiota”, “filhinho de papai” e “guri de apartamento” para se referir a um sujeito torcedor do clube adversário, recupera e (re)produz sentidos relacionados a esse imaginário dualístico e discriminatório, historicamente construído acerca dos dois clubes, não só aquele que diz respeito ao clube adversário como sendo “de elite”, mas também, reconhecendo e se posicionando no lugar que ocupa, num “clube popular”.

De acordo com Orlandi (2012a, p. 43),

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 2012a, p. 43).

Assim entendido, para nós, o uso de quatro expressões pelo sujeito tatuado torcedor rubro-negro, B. 10H, para se referir ao outro, significa. Como pista linguística que marca o excesso (cf. ERNST, 2009), tais expressões produzem efeitos de sentido pejorativos que não são linguisticamente os mesmos utilizados antigamente, em outras CPs, quando na construção dos clubes ou nos seus primeiros sinais de rivalidade, mas recuperam os efeitos que antes também produziam.

Tendo como pressuposto que “em princípio não há sentido sem metáfora” (ORLANDI, 2012b, p. 44), esse sentido característico da FD Rubro-negra ancora-se numa matriz de sentido, e pelo efeito metafórico, fenômeno produzido por uma substituição contextual tal como conceitua (PÊCHEUX, 2010 [1990]), possibilita que ele deslize e seja materializado dessa maneira.

Para tal proposição, partimos do proposto por Pêcheux (2010 [1990], p. 96),

Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo de “sentido” designado por x e y: esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural” [...]

Vê-se, então, que é fundamentalmente necessário dispor de uma série de sequências representativas de um *lx* dado para poder colocar em evidência os *pontos de ancoragem semântica* que se definem pelo recorte das metáforas (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 96, grifos do autor).

Nesse entendimento, o funcionamento da metáfora possibilita a substituição de uma palavra por outra, “cujo efeito é manter uma ancoragem semântica através de uma variação da superfície do texto” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 97). Por meio do esquema apresentado pelo autor, nesse texto, podemos compreender que o sentido atribuído pelo sujeito, no limite, pode não conter mais nenhum dos termos que pertenciam à matriz de sentido, no entanto, os efeitos produzidos são semanticamente equivalentes.

Nessas condições, o confronto recíproco das formas variadas da superfície permite, ao multiplicar a presença do discurso por ele mesmo, manifestar a estrutura invariante do processo de produção para um estado dado, estrutura esta cujas variações são o sintoma (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 98).

Esse confronto de possibilidades permite-nos retomar que uma palavra, uma expressão ou uma proposição “não tem um sentido que lhes seria próprio, preso a sua literalidade” bem como recupera Pêcheux (2009 [1988]) em obra distinta. O sentido, assim, é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por outra palavra, expressão ou proposição, e esse relacionamento metafórico pelo qual se “revestem de sentido” se dá no interior de uma formação discursiva.

Não levarmos esse relacionamento metafórico em consideração em nosso gesto analítico, seria, tal como afirma o autor, “admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de *sentidos*, que têm primeiramente *sentido* ou *sentidos*, antes de ter um *sentido*” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 240, grifos do autor). Nesse aspecto, utilizando-nos das próprias palavras do autor,

o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações de sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. Simultaneamente, a transparência do sentido que se constitui em uma formação discursiva mascara a dependência desta última em relação ao interdiscurso. Na verdade, a metáfora constitutiva do sentido, é sempre determinada pelo interdiscurso, isto é, por *uma região* do interdiscurso (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 240, grifo do autor).

Ancorada nos estudos pecheuxtianos, Orlandi (2003) escreve sobre a sua insistência na prática de análise discursiva que relaciona a paráfrase, pensada em relação à configuração da FD, como base da noção de deriva que, por sua vez, se liga ao que é definido como efeito metafórico. Nesse entendimento, sinaliza o fato de que o analista trabalha a possibilidade de descrever/interpretar um funcionamento discursivo “lidando/operando” com a paráfrase e a metáfora.

Com interesse na metáfora, em outro trabalho, a autora explica que:

O ponto de partida (a, b, c, d, e, f) e o ponto de chegada (g, h, i, j, k, l), através de deslizamentos de sentidos, de próximo em próximo, são totalmente distintos. No entanto, algo do mesmo está nesse diferente; pelo processo de produção de sentidos, necessariamente sujeito ao deslize, há sempre um possível “outro” mas que constitui o mesmo (o deslize de sentido de a para g faz parte do sentido de a também) (ORLANDI, 1996, p. 81, grifos da autora).

Ou seja, o que a autora enfatiza é que há relação entre a língua e a historicidade do discurso no processo de produção de sentidos. Nesse fio que nos conduz, retomando o que escrevemos, em que o funcionamento da metáfora possibilita a substituição de uma palavra por outra e seu efeito é manter uma ancoragem semântica mesmo que se tenha uma variação da superfície do texto (cf. PÊCHEUX, 2010 [1990]), podemos pensar que o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor rubro-negro não contém mais nenhum dos sentidos que pertenciam à matriz de sentido, no entanto, os efeitos produzidos são semanticamente equivalentes a outrora.

A expressão “babacas”, por exemplo, reforçada pela expressão “idiota”, foi utilizada, a nosso entender, para designar, de forma insultiva, o sujeito torcedor do

time adversário, como um sujeito tolo, otário. Seguida da expressão “filhinho de papai” que significa socialmente um sujeito filho de pais economicamente bem-sucedidos, que não precisa, muitas vezes, trabalhar para usufruir de facilidades e confortos.

Essa última expressão por si só já produziria determinado efeito de sentido, isto é, pelo viés da memória discursiva recuperaria sentidos já-ditos com relação ao *Pelotas* como sendo elitista, um clube composto por sujeitos torcedores de uma parcela economicamente privilegiada de nossa formação social. Mas além da expressão, podemos observar também a pista linguística “inho” utilizada pelo sujeito tatuado torcedor no sintagma “filhinho”, por nós sublinhada. A nosso ver, o uso do diminutivo pelas normas gramaticais da Língua Portuguesa pode significar diferentemente de acordo com o contexto em que é utilizado, portanto, sua função não deve ser considerada como apenas diminuição de tamanho. Ao utilizar o substantivo “filho” marcado pelo grau “diminutivo”, “*filhinho*”, no caso em análise, o sujeito B. 10H, em nosso entendimento, posiciona-se com desprezo, com preconceito ao outro sujeito torcedor do clube adversário.

Nessa circunstância, reparamos que são produzidos sentidos negativos de desafetos com relação ao outro no contexto futebolístico de *Pelotas*. Sentidos esses que são naturalizados e estabilizados, sendo uma evidência que a FD Rubro-negra impõe. O que nos preocupa, nesse aspecto, diz respeito à exclusão, à divisão, à violência e o preconceito que tais efeitos de sentido podem significar quando os sujeitos se subjetivam e transitam nas ruas da cidade, visto que o lugar social em que o sujeito tatuado torcedor B. 10H está inscrito lhe permite enunciar tanto para seus semelhantes quanto para os sujeitos torcedores do clube contrário.

Com relação ainda à SD 1, especificamente a segunda expressão, “filhinho de papai”, que levantamos para análise, num exercício parafrástico, os sintagmas “playboy”, “riquinho”, “mimado”, “metido”, “Mauricinho”, “exibido”, são produções possíveis de substituição já que seus efeitos de sentido seriam admitidos nessa FD. As metáforas produzidas, a partir do movimento de reformulação-paráfrase, de deslize, caracterizam essa FD e determinam o enunciável para o sujeito e o efeito de memória do que enuncia. Assim, ao produzir “x” e não “y” o sujeito B. 10H reproduz o mesmo em seu discurso, constituído por relações de força.

Da mesma forma, ainda que tais expressões produzam sentidos diferentes, ao utilizar em sua formulação a expressão “guri de apartamento” o sujeito tatuado torcedor rubro-negro posiciona-se de acordo com o imaginário que tem de si e do outro, pois esta não é uma expressão fortuita. Socialmente, principalmente na região sul do RS, “guri de apartamento” define um sujeito que não tem conhecimento nem experiência sobre os afazeres de trabalho doméstico ou rural, pois cresceu em lugar diferente, considerado um lugar privilegiado, de *status* social.

Novamente, são recuperados sentidos que carregam uma memória, uma historicidade ligada ao ideológico. Sobre isso, Orlandi (2012a, p. 32) escreve algo importante:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer quando disse “x” (ilusão da entrevista in loco). O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentido estão ali presentificados (ORLANDI, 2012a, p. 32, grifos da autora).

Dessa forma, entendemos que há sempre um já-dito que sustenta a possibilidade de todo dizer. O interdiscurso, assim, permite-nos remeter o discurso do sujeito a sua filiação de dizeres, a certa memória, e a identificá-lo em sua historicidade compreendendo seus efeitos ideológicos e políticos.

Nesse caminho, ao tomar uma posição, o sujeito B. 10H relaciona-se com a forma-sujeito da FD Rubro-negra, caracterizando o seu discurso como o discurso do “bom sujeito” em que (re)produz sentidos “x” através de sua identificação à FD. Ainda que não se dê conta desse funcionamento, próprio dos esquecimentos necessários a ele, B. 10H está assujeitado à FD a qual se inscreve e, ao materializar seu discurso na/pela língua, textualiza no nível intradiscursivo, ou seja, na materialidade linguística, os interesses sociais, econômicos e políticos próprios da ideologia da bola.

Pela nossa leitura, nas três expressões utilizadas em seu enunciado, que mantêm uma relação parafrástica entre os termos, o sujeito tatuado torcedor rubro-

negro, materializa sentidos que significam em relação à história, recuperando estereótipos sociais que se consagram no tempo – conforme pode ser retomado de maneira detalhada na leitura do capítulo 2 desta tese. Essa produção de sentidos, por nós analisada, resgata as formações imaginárias de Pêcheux (2010 [1990]), em que o sujeito em questão, ao investir-se de uma posição-sujeito, constrói imagens de si e do outro, como também do lugar que ambos imaginariamente ocupam no meio futebolístico pelotense.

Com respeito, vale destacarmos que essas regras de projeção funcionam categoricamente no campo do futebol, e todos os processos discursivos de subjetivação (não só na/pela língua) supõem a existência dessas formações imaginárias. Como bem nos lembra Orlandi (2012a), na AD, a imagem tem força na constituição do dizer.

Retomando as suas próprias palavras, “o imaginário [...] é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder (ORLANDI, 2012a, p. 42, grifo da autora). Nesse sentido, a imagem que temos dos clubes *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil*, bem como de seus torcedores, “não cai do céu” tal como escreve Orlandi (2012a, p. 42), mas se constitui no confronto entre o simbólico e o político, em processos que ligam discursos e instituições.

E aqui convém citarmos nosso entendimento dos clubes enquanto um possível AIE, já que, conforme Althusser (1970, p. 84), “uma ideologia existe sempre num aparelho, e na sua prática ou suas práticas. Esta existência é material”. Assim, acreditamos que os AIE – os dois clubes futebolísticos *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil* – nas diferentes práticas que proporcionam, materializam a ideologia.

E qual ideologia? A ideologia da bola, em nossa concepção, cujos pressupostos funcionam ideologicamente nas relações de produção dos sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel, não só os sujeitos tatuados torcedores por nós entrevistados, mas os sujeitos torcedores pelotenses como um todo, em que interpelados ideologicamente se subjetivam, torcem e se relacionam cotidianamente

produzindo determinados sentidos – tal como buscamos entender no tópico 2.3 deste texto, intitulado *Ideologia da Bola*.

Aos efeitos de sentido (re)produzidos ao qual tratamos, podemos acrescentar a posição de outro sujeito tatuado torcedor rubro-negro quando questionado no *discurso sobre a sua tattoo*, sobre a existência de preconceito com relação à divisão de classes entre os dois clubes que formam o Bra-Pel. Em sua opinião,

((E... o que que tu achas (+) da... ainda existe preconceito de classe, alguma divisão de classe entre a dupla?)) *Existe, muito*. Classe social tu diz? [((É!))] *Muito*. Tanto que... é, já teve muito hã... problemas na na internet de coisas postadas que o time do Brasil é o time da... além do *racismo*, da *negrada*, *time de de pobre*, *time de pepino*, porque, realmente, a torcida do Brasil, agora não tanto, mas já foi uma época, era bem *mais humilde* do que o Pelotas, o Pelotas a gente sabe que é um pouco *mais elitizada*, o pessoal tem esse pensamento [...] eu fui num Bra-Pel lá na Boca do Lobo que eles nos jogaram cachos de banana, na torcida, sabe, além do racismo começa, ‘Vocês são pobres!’, ‘Vocês não tem estádio!’, só que o estádio do Brasil foi construído pela própria torcida na primeira vez, tanto que o meu pai ajudou a construir [grifos nossos] (SUJEITO B. 05M, 2016).

Como podemos perceber a torcida rubro-negra não fica imune aos pressupostos ideológicos que constituem a FD na qual se inscrevem, assim como a torcida áureo-cerúlea também não é poupada. Sobre isso, outro sujeito tatuado torcedor se posiciona ressaltando que “a essência ainda é a mesma” (SUJEITO B. 06M, 2016)⁸⁵.

Em síntese, ambos os clubes trazem consigo marcas de um passado que os constituem e que perpassa os dizeres dos sujeitos tatuados torcedores, são sentidos que guardam uma memória: “é sempre assim, o Brasil o time do povão, e o Pelotas da elite” (SUJEITO B. 08M, 2017)⁸⁶, ressaltou outro sujeito tatuado torcedor. Dessa forma, não podemos negligenciar, enquanto analistas de discurso, que a historicidade produz sentidos, e nessas (re)produções, no âmbito futebolístico, agitam-se as relações de produção da cidade onde circulam efeitos de sentido que recuperam a raça e a classe social de cada clube.

⁸⁵ A entrevista completa está no anexo 14 deste trabalho.

⁸⁶ A entrevista completa está no anexo 15 deste trabalho.

Podemos observar nossa proposição a partir da sequência: “E a minha opinião sobre o outro time, *lá debaixo*, que está sem estádio por enquanto [...] bah, eu não tenho o que falar agora porque eles estão muito bem mas, eu não gosto deles” (SUJEITO P. 02H, 2016, grifo nosso)⁸⁷, enunciada por um sujeito tatuado torcedor áureo cerúleo. A nosso ver, esse sujeito ao se identificar à FD Áureo-cerúlea (re)produz no fio de seu discurso sentidos provenientes dessa região de saber.

Em outras palavras, o interdiscurso determina a identificação do sujeito P. 02H com a FD Áureo-cerúlea, onde a evidência do sentido *Ihe* é fornecida, produzindo efeitos relacionados ao imaginário que constitui os dois clubes, novamente, não se tratando só daquele ao qual se identifica, mas também, do adversário.

No funcionamento dessa FD, na modalidade subjetiva de identificação apresentada, o sujeito ao tomar uma posição assume os saberes da FD em que está inscrito. Nessa direção, atentando ao pressuposto pecheuxiano de que as expressões recebem seus sentidos da FD à qual pertencem, podemos escrever que ao utilizar a expressão “*lá debaixo*” quando se posicionava quanto ao time adversário, no *discurso sobre* a sua tatuagem, o sujeito P. 02H (re)produz sentidos relacionados à questão econômica e social relativos ao *Grêmio Esportivo Brasil*, que se localiza(va), nos diferentes espaços que teve sua sede, numa área não central da cidade de Pelotas, e que, também, traz na representatividade de sua torcida, uma parcela da sociedade considerada socialmente inferior no sistema de produção.

Nesse sentido, de acordo com o nosso gesto interpretativo, ao utilizar um dêitico, “*lá*”, mais um advérbio de lugar, “*debaixo*”, entendemos que o sujeito se refere não só ao lugar geográfico em que o clube se localiza, mas ao clube e aos torcedores que julga estar em posição inferior a sua. E nesse funcionamento de atribuição de sentido, em consonância à FD, está implicada a imagem que o sujeito torcedor do *Pelotas* tem de si mesmo e do outro, do *Brasil de Pelotas*, bem como do lugar que ocupam.

Desenvolvendo um exercício parafrástico, podemos pensar que os sintagmas “*ralé*”, “*plebe*”, “*escória*”, “*gentalha*”, “*populacho*” seriam produções

⁸⁷ A entrevista completa está no anexo 16 do trabalho.

possíveis na FD Áureo-cerúlea já que tais sentidos são admitidos em seu interior, de acordo com a configuração dos saberes próprios a ela que propomos ao longo deste texto. Tratam-se também de sentidos de desafeto que colocam em causa a simpatia por outrem, em que não se goza de afeto ou afeição pelo adversário.

Tratamos, então, de duas formações discursivas distintas, mas cujo funcionamento é equivalente, visto que em qualquer uma há uma forma-sujeito que regula e determina o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve ser dito. A delimitação que fizemos vem ao encontro do que escreve Cazarin (2010), em relação ao processo de configuração de uma FD. Para ela,

uma FD existe historicamente no interior de determinadas relações de classe e deriva de condições de produção específicas; uma FD [...] identifica um domínio de saber e dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao interdiscurso das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas (CAZARIN, 2010, p. 06).

Continuando, precisamos ressaltar que as FDs são fortemente heterogêneas, tendo, portanto, lugar para a diferença. Isso porque a tomada de posição do sujeito pode ser entendida através de diferentes posições-sujeito no interior da FD em que estão inscritas, cada uma delas assumindo uma maneira distinta de se relacionar com a forma-sujeito.

Tal ponto relaciona-se com a segunda sequência discursiva por nós selecionada para análise:

Eu creio que divisão de classes não existe, existe muito preconceito, mas existe pelas duas partes pelo que eu posso observar. Mas divisão de classes? *Dizer que a parte mais rica é Pelotas e que a classe mais baixa torce pelo Brasil, isso é totalmente, não existe, para mim, não existe.* Existe preconceito, já vi, muitas vezes (SUJEITO P. 06H, 2017, grifos nossos).

posto que, a nosso entender, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo P. 06H ao tomar uma posição no seio da FD na qual se inscreve, se contraindidentifica aos saberes preponderantes de dualidade social ao qual tratávamos.

Essa modalidade de subjetivação do sujeito constitui um trabalho de transformação das fronteiras da FD Áureo-cerúlea, mas não de anulação da forma-sujeito. Isto porque o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo reconhece os sentidos que funcionam como a matriz de sentido de estigmas e preconceitos, mas não concorda com eles, contraidentificando-se, possibilitando que os sentidos se movimentem.

Assim, no momento em que se institui no interior da FD uma nova posição-sujeito, essa nova forma de se posicionar reorganiza os saberes que nela circulam, ao mesmo tempo em que abre espaço para a convivência do diferente no interior da mesma FD, com outra posição-sujeito que vai se relacionar com a forma-sujeito de maneira distinta daquela pretensamente hegemônica.

Ao formular no nível intradiscursivo “não existe”, “isso é totalmente, não existe, para mim, não existe” quando interrogado sobre a divisão de classes entre os dois clubes *Esporte Clube Pelotas* e *Grêmio Esportivo Brasil*, no discurso sobre a sua *tattoo*, o sujeito P. 06H volta-se contra, como entende Pêcheux (2009 [1988]), a forma-sujeito da FD Áureo-cerúlea, que regula por meio de uma tomada de posição de distanciamento da evidência dos sentidos com respeito ao que lhe dão a pensar.

Seu dizer, a vista disso, caracteriza o discurso do “mau sujeito”, aquele que se contraidentifica com os saberes que a FD lhe determina, com o que pode e deve ser dito, ou seja, sentidos que se relacionam ao entendimento de que torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros são diferentes, não possuem os mesmos privilégios sociais, tampouco desfrutam da mesma posição no sistema de produção.

O uso das negações pelo sujeito tatuado torcedor P. 06H, em nosso ponto de vista, pode estar associado ao funcionamento discursivo da denegação conforme o trabalho de Indursky (1990). Na explicação da autora, ancorada na teoria psicanalítica,

através da negação, o sujeito pode mascarar aquilo que, por ter sido censurado pelo superego e recalado no inconsciente, não lhe é facultado dizer. Ou, se preferirmos, através da denegação, o sujeito diz, sem de fato, dizer, apresentando-se dividido entre seu desejo de dizer e sua necessidade de recalcar. E a denegação possibilita a verbalização dessa divisão, pois o sujeito, ao formular o recalado negativamente, pode expressá-lo se, contudo, admiti-lo (INDURSKY, 1990, p. 118).

Nesse entendimento, compreendemos que o sujeito P. 06H nega um saber regularizado e naturalizado em sua FD (da existência de divisão de classes), pois não o admite. No entanto, os enunciados negativos que utiliza, na verdade, podem ser a manifestação de outro, afirmativo, quer seja: “eu creio que a divisão de classes existe”. Inclusive, podemos observar esse efeito de sentido quando o sujeito continua a sua formulação materializando que “existe muito preconceito”, “existe preconceito”, então que preconceito seria esse? A utilização desse sintagma “preconceito” permite-nos relacionar às questões sociais de classe econômica também, por mais que o sujeito retome o seu dizer atestando o reconhecimento da existência de preconceito racial dentro dos estádios de ambos os clubes – chamamos atenção para a tatuagem desse sujeito tatuado torcedor, sequência que analisamos posteriormente.

A essa tomada de posição na FD Áureo-cerúlea, podemos incluir as palavras do sujeito tatuado torcedor P. 02M (2016):

((E como tu me falaste que tu vai ao estádio desde pequena, então tu deve ser da minha idade, já tem alguns anos assim sabendo da história, da história de Pelotas, da história dos clubes...)) Sei! ((... tu achas que ainda existe uma divisão de classes entre os dois clubes ou que a gente ainda pode falar que o Pelotas é o time dos ricos e o Xavante é o dos pobres?)) *Eu acho que hoje em dia não, hoje não tem essa diferença, tanto porque eu convivo nos jogos e vejo que o Pelotas não é um time de gente rica, talvez hã há tempos atrás, talvez antes de eu ter nascido ou quando eu era muito pequena, talvez realmente tenha havido, é uma questão histórica já né que foi contado, mas eu acredito que não, que hoje em dia não seja dessa forma, assim como também no Brasil não existe, não é só torcida de pobre lá e rica no Pelotas, eu acho que é muito mista, e eu acho isso importante também, porque tem que existir todas as classes possíveis dentro dos dois, tinha que parar com essa coisa de ‘Ah! Pelotas é de rico, Xavante é dos pobres!’, não, isso não é mais, eu não acredito que possa existir isso ainda* (SUJEITO P. 02M, 2016, grifos nossos).

Da mesma forma, na FD Rubro-negra também existe espaço para o diferente, para a contraidentificação do sujeito, atestando a heterogeneidade que lhe é própria, basta observarmos as considerações do sujeito tatuado torcedor B. 03M (2016),

(([...] como a gente está conversando, sobre o preconceito assim da torcida do Brasil, tu tens alguma coisa para me falar?)) Não. *Eu acho que não não tem isso.* Eu me sinto muito acolhida sabe [...] Mas assim, a cidade de Pelotas com relação ao Xavante, ao estigma que o Xavante tinha antigamente, de ser um time mais...) Não. *Acho que não tem mais [((Não existe?!))] porque eu acho que isso é bem antigamente mesmo. Agora eu acho que realmente isso não existe.* Claro, tem o quê, é que nem eu te disse assim né, fora da cidade [((Uhum))] é que nem em relação ao preconceito com a mulher, é fora da cidade isso, mas eu acho que é muito, é mais o... a falaçada assim sabe, do que ah tu o outro me contou que antes era assim, do que ser. Tu entendes? *Eu acho que já passou, já foi, já foi bastante, mas nos dias de hoje eu acho que não tem mais* (SUJEITO B. 03, 2016, grifos nossos)⁸⁸.

Sob o nosso ponto de vista, para finalizarmos, essas duas possibilidades subjetivas de identificação com a FD podem ser observadas pelo viés da memória histórica e discursiva visto a formação/configuração de cada FD por nós citada, sendo ela reconfigurada ao longo do tempo com relação as suas próprias fronteiras externas entre diferentes FDs, mas também, em relação às diferenças internas a ela mesma, isto é, no que diz respeito às diferentes posições-sujeito que nela se inscrevem e que se relacionam com a forma-sujeito que regula seus saberes.

Em suma, a FD própria dos saberes áureo-cerúleos e a FD própria dos saberes rubro-negros é marcada pela não homogeneidade. Isso demonstra que, em uma nova condição de produção, outros sentidos vêm agregar-se à rede de formulações, inscrevendo-se em ambas as FDs, e concomitantemente, instaurando uma nova posição-sujeito. Dito diferentemente, esse sentido outro que se inscreve no interior das FDs, delimita uma nova região de saber representativa dos saberes e das demandas dessa nova tomada de posição, seja a de sujeito tatuado torcedor que não admite, tampouco incentiva a dualidade social tratando-se da dupla Bra-Pel.

Nesse caminho que percorremos, entendemos que o presente exercício analítico foi construído de acordo com os pressupostos pecheuxtianos de que todo sentido pode ser outro e, por isso, não está preso nas palavras e não é transparente, mas possui historicidade. Assim sendo, levamos em consideração que a compreensão de qualquer discurso nos defronta com uma rede invisível de sentidos que se constituem na tensão entre o mesmo e o diferente.

⁸⁸ A entrevista completa está no anexo 17 desta tese.

- Funcionamento de sobredeterminação

Na continuidade de nossas reflexões, nosso interesse é, nesse momento, refletir a respeito do funcionamento de sobredeterminação dos sentidos e dos sujeitos pelo futebol em um processo discursivo atravessado pela ideologia, que denominamos ideologia da bola, e pelo inconsciente.

Partimos, para isso, da questão colocada por Leandro-Ferreira (2010, p. 12):

Na AD, o discurso é visto como atravessado pelo discurso do Outro e por outros discursos, sendo a alteridade entendida como condição constitutiva. O sujeito desse discurso, mesmo não sendo a fonte de seu dizer, tem a necessidade da ilusão de sê-lo. Volta aqui uma questão que está sempre presente e que incomoda: *como conciliar a figura de um sujeito assujeitado, determinado pelas relações sociais, produto da luta de classes, com um sujeito do inconsciente, movido pelo desejo, marcado por uma falta e submetido ao discurso do Outro?* (LEANDRO-FERREIRA, 2010, p. 12, grifo nosso).

Em sua opinião, a partir de seu entendimento teórico, a conciliação desse par conceitual, sujeito assujeitado pela ideologia/sujeito atravessado pelo inconsciente, dá-se pela compreensão do analista de que a tensão entre a sobredeterminação e o desejo não tem como se dissipar.

Nesse viés, buscamos compreender, por meio desse recorte que operamos, como o sujeito tatuado torcedor, posiciona-se a partir de certa sobredeterminação ideológica e inconsciente, e inscrito nessa posição-sujeito em dada formação discursiva subjetiva-se na/pela língua, quando no *discurso sobre* a sua tatuagem, produzindo determinados sentidos.

Propomos, ao pensar o/no conceito de sobredeterminação, no imaginário que vai sendo determinado pelas injunções sociais e pela historicidade das formações discursivas em questão nesta tese. Considerando que não existe o lado de fora da ideologia, entendemos a sobredeterminação como sendo o mecanismo de determinar sujeitos e sentidos em determinada condição de produção.

Nesse ponto, convém retomarmos o que desenvolvemos no capítulo 2 desta tese, especificamente no tópico 2.3 intitulado *Ideologia da bola*, onde pensamos como o futebol, entendido, por nós, enquanto um Aparelho Ideológico de Estado, sobredetermina os sujeitos torcedores no contexto futebolístico da cidade de Pelotas, o próprio espaço social e os sentidos que estão aqui autorizados a circular.

Já que, de acordo com o que propõe Ramos (1984), o futebol assume um caráter ideológico extremamente exagerado em qualquer contexto social brasileiro. E desse modo entendido, para ele, o esporte funcionando ideologicamente “inverte as relações entre as causas e os efeitos. Abstrai os fatos do seu contexto social e histórico. É uma visão distorcida, falsa da realidade. Isso não acontece por descuido, mas por objetivos bem específicos da classe dominante” (RAMOS, 1984, p. 19).

Nesse caso, a mistificação das relações de produção da sociedade está no interior da economia e estende as suas ilusões à vida social. No capitalismo, o sistema de produção em que estamos inscritos, as relações de produção estão organizadas para não serem percebidas e, assim sendo, os trabalhadores que representam a classe mais explorada pelo sistema, são levados ao desconhecimento de sua própria condição. E aí que o futebol entra com um de seus papéis fundamentais, o de despolitização, fazendo com que os sujeitos trabalhadores investidos na posição de sujeitos torcedores sintam-se parte da sociedade tanto quanto qualquer outro sujeito, sem distinção, apagando as dissimetrias sociais.

Entretanto, como bem afirma o autor, isso é “um grotesco disfarce” (RAMOS, 1984, p. 23), pois o futebol enquanto um AIE, nos moldes althusserianos, reproduz as condições econômicas, políticas e sociais capitalistas, trabalhando silenciosamente com pretensa neutralidade. Por isso, nossa inquietação e nosso desejo de encontrar o ausente no evidente, os sentidos que não estão autorizados a serem referidos em nossa sociedade, tratando-se principalmente da cidade que optamos por analisar.

Há, por assim tratar, conforme desenvolvemos anteriormente, um discurso dominante em circulação, considerando a formação ideológica do futebol, que prescreve esse esporte como condição da própria subjetividade do sujeito torcedor,

e que sobredetermina os saberes produzidos sobre ele, sobre os clubes futebolísticos e sobre os sujeitos torcedores de cada clube.

Tais saberes são reforçados, pela nossa ótica, pelos próprios clubes esportivos, enquanto instituições que dão forma material à ideologia da bola, nas suas diferentes práticas que oferecem aos sujeitos torcedores, intervindo nas relações jurídicas e na produção econômica e social pelotense, portanto, no próprio interior das relações de produção capitalistas.

Ao lado dos AIE clubísticos, como o *Esporte Clube Pelotas* e o *Grêmio Esportivo Brasil*, encontra-se também o AIE familiar desempenhando um forte papel no incentivo às preferências e identificações clubísticas. Nesse viés, ambos os aparelhos citados, asseguram, ao mesmo tempo, a reprodução das relações de produção e a reprodução de sentidos x ou y em relação ao futebol, visto que a ideologia é materializada em práticas.

Compreender o futebol dessa perspectiva é considerar, então, que os modos de subjetivação dos sujeitos torcedores são sempre sobredeterminados pela ideologia da bola e pelo desejo de pertencimento, ou melhor, que os modos do sujeito se subjetivar são constituídos por processos em que interferem a ideologia e o inconsciente. Dito ainda de outra maneira, há sempre o já-lá, o interdiscurso que marca a sobredeterminação dos sentidos e dos sujeitos pelo futebol como efeito ideológico elementar.

Em outras palavras, como já referido outrora, a ideologia da bola trabalha como mecanismos estruturantes do/no processo de significação, e sobre tal proposição Orlandi (2012a, p. 10) considera que se apagam “os efeitos da história, da ideologia, mas nem por isso elas estão menos presentes”. Dessa forma, examinamos os sentidos que são (re)produzidos acerca do futebol e da dupla Bra-Pel, sentidos esses que circulam na cidade de Pelotas, em sua forma sobredeterminada pelos AIE, que passam a compor um universo de evidências que naturalizam certas significações a partir da FI.

Ao tratar do universo logicamente estabilizado, Pêcheux (2012 [2002]) cita o grande número de técnicas materiais que visa à instrumentalização e o

encaminhamento dos sentidos e dos sujeitos em direção aos efeitos procurados por certa instância. Em suas palavras:

A esta série vem se juntar a multiplicidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos... Este espaço administrativo (jurídico, econômico e político) apresenta ele também as aparências da coerção lógico disjuntiva: é “impossível” que tal pessoa seja solteira e casada, que tenha diploma e que não o tenha, que esteja trabalhando e que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês e que ganhe mais, que seja civil e que seja militar, que tenha sido eleito para tal função e que não o tenha sido etc... (PÊCHEUX, 2012 [2002], p. 30, grifos do autor).

Tais espaços administrativos bem explicitados pelo autor, aos quais se encontram estabelecidos os sentidos e os sujeitos, implicam o uso regulado de proposições lógicas de verdadeiro e falso, de ser x ou y, aqui relacionados ao *Esporte Clube Pelotas* e ao *Grêmio Esportivo Brasil*. Nesses espaços supõe-se, conforme Pêcheux (2012 [1983]), que todo sujeito “sabe” do que se fala porque todas as formulações produzidas se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo unificado por uma série de evidências lógico-práticas.

De nada serve negar esse desejo de aparência, veículo de disjunções e categorizações, afirma Pêcheux (2012 [1983], p. 34, grifo do autor), pois existe uma “necessidade universal de um ‘mundo semanticamente normal’, isto é, normatizado”, que inicia com a relação de cada sujeito com seu próprio corpo. E de nada serve também, em sua opinião, negar que essa necessidade de fronteiras coincide com a construção de laços de dependência face a tudo o que arrisca faltar a sua felicidade.

Existe, portanto, o princípio da determinação constituído pelas relações de produção que, por sua vez, se estruturam de uma forma que independe de consciência ou vontade do sujeito. Numa perspectiva marxista, os sujeitos estabelecem socialmente entre si relações determinadas, necessárias, em dadas relações de produção. O conjunto dessas relações de produção constitui, assim, a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma

superestrutura jurídica e política que produz uma lógica, um conjunto de instâncias e de contradições que lhe são próprias.

O modo de produção da vida material, nessa concepção, condiciona o desenvolvimento da vida social e política dos sujeitos. Tratando-se, em especial, da nossa formação social, a cidade pelotense, no âmbito futebolístico, interessa-nos entender o modo de produção e sua ligação com a superestrutura ideológica.

Isto considerando que a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção, consiste na sobredeterminação dos sentidos e dos sujeitos torcedores, ou seja, no funcionamento que faz com que cada um seja “conduzido”, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar no controle de sua vontade, a “ocupar o seu lugar” em um dos dois clubes de futebol antagonistas no modo de produção.

Nesse caminho, o que buscamos refletir nesse funcionamento em questão, de sobredeterminação, refere-se aos efeitos de sentido que emergem do modo de subjetivação na/pela língua dos sujeitos tatuados torcedores, quando entrevistados no *discurso sobre* a sua *tattoo*, expondo o “olhar leitor” à opacidade da contradição da formação social que é a luta de classes.

Para tanto, observamos as formações discursivas áureo-cerúlea e rubro-negra onde sentidos e sujeitos recebem determinados sentidos e (se)significam, a partir de um imaginário construído e perpassado ao longo dos anos acerca dos dois clubes que compõem o clássico Bra-Pel, sobredeterminados pelos pressupostos futebolísticos de uma ideologia da bola, que encobrem ou apagam o político das relações sociais.

Entretanto, cabe lembrarmos que essa sobredeterminação nunca se efetiva completamente, visto a incompletude constitutiva dos sentidos e dos sujeitos e a possibilidade da falha no ritual ideológico, pois nas discursividades presentes no espaço do futebol, outras significações também são possíveis.

Nessa direção que nos conduz, analisamos a sequência discursiva 3, representativa, a nosso entender, desse funcionamento que abordamos:

Figura 27 – SD representativa do funcionamento de sobreterminação

SD 3: “[...] foi uma decisão minha [fazer a tatuagem], para provar para todo mundo que realmente **eu sou Pelotas**” [explicação nossa] [grifo nosso] (SUJEITO, P. 05H, 2016)⁸⁹.

Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

De acordo com o nosso gesto analítico, dado o que apresentamos, pensamos que na sequência discursiva 3 o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, denominado P. 05H, ao enunciar “eu sou Pelotas”, materializa no nível intradiscursivo, ou seja, na linearidade da língua, a sua preferência clubística, precisamente a sua identificação ao *Esporte Clube Pelotas*, designando o lugar que imaginariamente ocupa no espaço social em que vive.

Esse lugar não significa um feixe de traços objetivos, e sim funciona, nos processos discursivos, como uma série de formações imaginárias que designam o lugar que atribui a si e ao outro. Daí o questionamento: “quem sou eu para lhe falar assim?” (PÊCHEUX, 2010 [1990], p. 82), é logo respondido: “eu sou Pelotas”. Essa imagem que o sujeito tem de si mesmo e do lugar que ocupa, como vimos no funcionamento discursivo anterior, é fundamental no processo de atribuição de sentidos na medida em que ao se investir da posição-sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo inscrito na FD Áureo-cerúlea, ele mobiliza um dizer que remete a alguns sentidos.

Reconhecida a identificação do sujeito P. 05H à FD Áureo-Cerúlea, por conseguinte ao *Esporte Clube Pelotas*, podemos continuar a escrita salientando que a *Boca do Lobo* (estádio), nessa linha de pensamento, desempenha o papel de um AIE, sendo o espaço que possibilita o vínculo entre o sujeito de direito, seja ele, na explicação de Pêcheux (2009 [1988], p. 140, grifo do autor), “aquele que entra em relação contratual com outros sujeitos de direito; seus iguais”, e o sujeito ideológico, “aquele que diz ao falar de si mesmo: ‘Sou eu!’”.

⁸⁹ A entrevista completa está no anexo 18 desta tese.

Nesse caso, a figura da interpelação ideológica torna tangível a ligação entre o sujeito de direito e o sujeito ideológico e tem o mérito de

mostrar esse vínculo de uma maneira tal que o teatro da consciência (eu vejo, eu penso, eu falo, eu te vejo, eu te falo etc.) é observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que se fala *do* sujeito, que se fala *ao* sujeito, *antes de* que o sujeito possa dizer: “Eu falo” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 140, grifos do autor).

Ou “eu sou”, tratando-se da SD 3. E é por tal razão que o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo é sobredeterminado pela ideologia da bola e pelo inconsciente, na medida em que ambos dissimulam sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um efeito de “evidências subjetivas” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 139).

O emprego do verbo ser no presente do indicativo evidencia, então, a nosso ver, a identificação do sujeito P. 05H à determinada FD, ao mesmo tempo em que encobre o processo de interpelação ideológica. Para Pêcheux (2009 [1988], p. 142, grifos do autor), é exatamente disso que se trata: “a ‘evidência’ da identidade oculta que esta resulta de uma identificação-interpelação do sujeito, cuja origem estranha é, contudo, ‘estranhamente familiar’”.

Pensando, assim, “a língua está necessariamente em relação com o ‘não está’, o ‘não está mais’ e o ‘nunca estará’ da percepção imediata” (PÊCHEUX, 1990, p. 08, grifos do autor), e, ao produzir “eu sou x”, o sujeito posiciona-se politicamente deixando de produzir “eu sou y”. Ou seja, com base no universo logicamente estabilizado, ao produzir “eu sou *Pelotas*”, na materialidade da língua, quando questionado sobre o seu clube de preferência no *discurso sobre* a sua *tattoo*, o sujeito tatuado torcedor não produz “eu sou *Brasil de Pelotas*”, visto que é “impossível” que esse sujeito seja *Pelotas e Brasil de Pelotas* ao mesmo tempo devida à rivalidade construída historicamente e à imagem que tem/faz do outro.

Logo, a sua identificação produz efeitos de sentido de afeto com relação ao *Esporte Clube Pelotas*. Em suas palavras:

então, o Pelotas está numa fase bem ruim, e isso foi uma decisão minha, para provar para todo mundo que realmente eu sou Pelotas, e nas como diria parte da nossa música *“nas boas e nas más”, então a gente está na má e eu fui tatuar para provar que realmente eu sou Pelotas* ((Então tu tatuou agora pouco?)) Faz uns 7 meses ((É bem recente)) Isso [(chegada de outras pessoas no local)] ((Tu terias então um significado específico?)) Sim, é, na verdade, é um significado específico, seria *o amor pelo clube né, e pela torcida que eu também faço parte da liderança*, que é a Unidos por uma Paixão ((Além dessa prova de que sempre estarás com o teu time!)) Sempre. *Isso vai na pele para dentro do caixão* (SUJEITO P. 05H, 2016, grifos nossos).

Esse efeito de sentido de amor ao *Pelotas*, produzido pelo sujeito P. 05H, é ainda ressaltado quando ele nos explica como ocorreu a sua ligação ao clube:

É (+) aprendi a ser Pelotas com o meu pai, fui um dos sócios mais novos do Pelotas, eu tinha 1 mês e meio de idade e meu pai me associou no clube [((muito barulho))], eu tenho a carteirinha até hoje. Então, eu aprendi né, *aprendi a amar o Pelotas como uma família*. Então, *tem duas coisas que eu amo demais, a minha família e o Pelotas*, fora isso é... é o lucro na vida (SUJEITO P. 05H, 2016, grifos nossos).

Esse processo de atribuição de sentidos nos faz pensar sobre o papel da memória, em especial, da “memória afetivo-discursiva”, como conceitua Silva, R. (2010, p. 42), em que “já-ditos e distintas emoções estão emaranhadas”. Reproduzindo a autora, “pressupor a afetividade é pressupor a dinâmica pulsional e, conseqüentemente, a constante mudança subjetiva” (SILVA, R., 2010, p. 43). Nesse caso, acreditamos que seja possível vincularmos o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor a sua memória afetivo-discursiva, na lembrança de seu pai, na relação com sua família.

Também, pensamos, a partir de nosso estranhamento (cf. ERNST, 2009), na repetição produzida por ele quando enuncia que precisava “provar para todo mundo que realmente eu sou Pelotas [...]”, por isso, “eu fui tatuar para provar que realmente eu sou Pelotas”. A nosso ver, suas palavras, a sua posição marcada pelo enunciado “Eu sou Pelotas”, parece não ser suficiente na demonstração de sua posição de sujeito torcedor em dada condição de produção. Por isso, precisa de algo a mais, algo que “prove realmente” sua filiação na FD Áureo-Cerúlea, então, tatua, como um excesso que se materializa no corpo.

Além do que tratamos, entendemos que a sua identificação ao *Pelotas* marca a sua diferença ao *Brasil de Pelotas*, e esse posicionamento não é, pois, aleatório, trata-se de uma interpretação no nível do simbólico que produz um efeito de sentido de oposição, de desafio, que nem precisa ser materializado em palavras para produzir sentidos – já lembrando que seu corpo-tatuado significa.

Dessa forma, ao posicionar-se enquanto torcedor do *Pelotas* e não enquanto torcedor do *Brasil de Pelotas*, esse processo subjetivo de identificação põe em funcionamento na atualidade os embates político e sócio-histórico do passado – radicados na língua e organizados enquanto memória – ou seja, a distinção social, como também as disputas futebolísticas, as imposições, os silenciamentos, existentes entre as duas formações discursivas em questão nesta tese, que não estão autorizados a serem referidos no nosso social.

Na continuidade de nossa análise, observamos que ao dizer, o sujeito P. 05H assume a responsabilidade de seu gesto de torcedor, de sua identificação. Mas essa responsabilidade por aquilo que o sujeito é ou faz, não é do Estado ou do clube de futebol ao qual se identifica, mas do próprio sujeito, e tais instituições (AIE) atuam ativamente no processo de individualização desse sujeito na sua tentativa de se identificar com a forma-sujeito de direito, livre e responsável.

Essa proposição respalda-se no que propõe Ernst (1991), Haroche (1992) e Orlandi (2012b) – tratado no início desse capítulo –, quando refletem acerca da individualização do sujeito em sujeito-de-direito que o responsabiliza pelo que diz e faz, transformado pelo Estado em um indivíduo individualizado, corporificado, e aqui acrescentamos, sobredeterminado.

Todavia, ter consciência de sua identificação é acreditar que os sentidos têm origem em si mesmo, trazendo a tona o esquecimento número 1 que, diz respeito a uma zona inacessível ao sujeito, de natureza inconsciente, conforme Pêcheux (2010 [1990]). Ao produzir tal sequência, o sujeito mobiliza, no interior da FD na qual se inscreve, a FD Áureo-cerúlea, um enunciado dizível, cujo sentido é autorizado a ser dito. Esse espaço da zona do dizível (do repetível, do formulável, do reformulável) refere-se ao esquecimento número 2 em que ele tem a ilusão de saber o que diz.

Essa relação entre os dois esquecimentos liga-se estreitamente com a questão da representação do sujeito tatuado torcedor em análise que, ao se representar através do “eu”, produz um efeito de sentido como se ele não fosse afetado pelo esquecimento número 1, pois enuncia com essa ilusão de que eu sei o que digo, eu sei o que eu penso, eu sei o que sou, como se fosse possível mover-se apenas na ordem do esquecimento número 2.

O que implica pensarmos que ao se identificar linguisticamente ao *Pelotas* e ao se opor ao *Brasil de Pelotas*, o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo constrói, como trabalha Arantes (2000), fronteiras simbólicas delimitando o seu espaço e o espaço do outro. Todavia, como o espaço social é comum aos dois, esse sujeito (con)vive com o diferente, seu adversário, reconhecendo que a rivalidade, “é um tema que consome muito” (SUJEITO P. 05H, 2016), utilizando-nos de suas palavras.

Nesse caso, que efeitos de sentido esse discurso produz, quando o sujeito P. 05H, através da primeira pessoa do singular, enuncia na ilusão de não ser afetado nem pelo esquecimento número 1, nem pela ideologia da bola, nem pela história, nem pelo inconsciente? A nosso ver, podemos responder ao nosso próprio questionamento assumindo que ao produzir “eu sou Pelotas”, o sujeito marca a sua posição no espaço social em que vive, recuperando sentidos relacionados ao seu clube de preferência, mas também, sentidos relacionados ao clube adversário, pois ambos sobrevivem na memória da cidade pela rivalidade que movimentam.

O funcionamento de sobredeterminação, em síntese, faz com que o sujeito tatuado torcedor, ao desejar pertencer a um grupo, esqueça que a FD Áureo-cerúlea com a qual se identifica é fortemente marcada por relações de poder, e que ao produzir seu discurso, o faz a partir de uma posição-sujeito que é determinada ideologicamente por pressupostos ideológicos da bola que dissimula as dissimetrias sociais.

Diante do que foi visto, concluímos as reflexões desse recorte intitulado *O discurso materializado na/pela língua*, salientando o modo como concebemos a língua enquanto base material para que o discurso ocorra, sendo ela heterogênea, não estável, não transparente, não previsível e não fechada em si mesma. Portanto,

passível de rupturas e de falhas, perpassada pela ideologia e pelo inconsciente, que possibilita, a nós analistas, compreender o funcionamento do discurso e seus efeitos de sentido.

Nessa vertente a qual fazemos parte, o objeto teórico da Análise de Discurso é o discurso conceituado por Pêcheux (2010 [1990]) como efeito de sentido entre locutores, e que inicialmente tinha como objeto de análise a língua, mas graças a reflexões desenvolvidas principalmente em nosso país, e graças à abertura e ao próprio movimento da teoria, podemos acrescentar o estudo de outros objetos. Posto isso, tratamos no prosseguimento desta tese do estudo das tatuagens.

4.1.2 Recorte 2: O discurso materializado na/pela tatuagem

[tatuagem] uma *materialidade discursiva* na qual o sentido não é dado de antemão. Ao contrário, podemos entender que a tatuagem se constitui como um gesto em que se articulam corpo, linguagem, desejo, falta e excesso, processo esse relacionado à ideologia, [ao inconsciente] ao imaginário, às formas de representação e às condições de produção que afetam os sujeitos (SILVA, N., 2014, p. 128, explicação nossa, acréscimo nosso).

A tatuagem, seguindo a posição teórica que temos construído ao longo dos últimos anos – em trabalhos como os seguintes: (cf. SILVA, N., 2014), (cf. SILVA, N.; CAZARIN, 2015a), (cf. SILVA, N.; CAZARIN, 2015b), (cf. SILVA, N.; LIMA, 2016), (cf. SILVA, N.; LIMA, 2017a), (cf. SILVA, N.; LIMA, 2017b), (cf. SILVA, N., 2017), (cf. SILVA, N.; CAZARIN, 2018), (cf. SILVA, N., 2018a) e (cf. SILVA, N., 2018b) –, é entendida enquanto texto, uma forma material de subjetivação e de textualização/circulação de discurso.

Em Silva, N. (2014), considerado o trabalho que marca o início de nossa trajetória, desenvolvemos uma pesquisa sobre a tatuagem a fim de compreendermos como foi sua (re)significação, no tempo, até aquele momento. Nesse empreendimento histórico, tomamos como efeito-fundador a tatuagem no Brasil primitivo, uma vez que os índios se utilizavam de pinturas corporais como uma prática de escrita no corpo.

Com a mudança dos contextos sócio-históricos, diante do percurso que realizamos, alteraram-se também as condições de produção da tatuagem, o que ocasionou novos sentidos sobre o gesto de se tatuar. Traçando uma linha imaginária, podemos retomar que a tatuagem representou um modo de marcação corporal, depois representou um estigma social e, posteriormente, uma forma de demarcação estilístico-artística⁹⁰. Tal percurso por nós elaborado teve como objetivo a contextualização do objeto em análise e, assim sendo, enfatizamos que o que estava em pauta era a interpretação do sentido da tatuagem, seu processo de significação, de formulação e de circulação.

No trabalho em questão, pudemos compreender que através da tatuagem se materializavam discursos, cujos sentidos produziam diferentes efeitos, ou seja, a *tattoo* como uma materialidade discursiva textualizava-se no próprio corpo do sujeito quando no gesto de se tatuar. Do exposto, as tatuagens, tomadas como textos a ler, foram concebidas como produtoras de diferentes sentidos porque poderiam produzir diversos efeitos a partir da interpretação que era desenvolvida sobre ela, lembrando sempre de que não se tratava de qualquer interpretação de acordo com os pressupostos pecheuxtianos acerca da leitura.

Consideramos, dessa forma, que através da tatuagem, num processo de textualização do corpo, os sujeitos gravavam no tecido da pele o seu desejo, a sua interpretação e a sua interpelação, tal como escreve Abreu (2006). Na opinião da autora, os desejos do sujeito se dão a (re)conhecer também em seu corpo, pois nele se inscrevem e nele são escritos, e assim, o corpo transforma-se em letras, em imagens, em texto, em discurso. É a “pele que se transforma em texto. Pele que se dá a ler em forma de texto em uma junção de linguagens – palavras, imagens, cores, que ganham estatuto na história. A tatuagem é, portanto, uma textualização do corpo” (ABREU, 2006, p. 03).

Nesse caminho, ao tratar da tatuagem nos trabalhos citados, observamos outro modo de materialização do discurso, bem como de circulação dos sentidos. Isto porque se tratam de sentidos que ficam visíveis (ou não) na pele do sujeito e que colocam em pauta a sua própria constituição, sua formulação e modo como

⁹⁰ Aqui, não detalhamos o percurso histórico construído na pesquisa. Mas, se o leitor acreditar necessária a leitura pode retomá-la em Silva, N. (2014).

circulam socialmente, o que, a nosso ver, é um processo de significação importante e necessário aos estudos sobre o corpo e sobre o sujeito.

Levando tais considerações em conta, para tratarmos agora, especialmente, da tatuagem futebolística foco desta tese, estabelecemos, então, uma interlocução com o trabalho de Vitor Ferreira (2007), quando o autor configura a *tattoo* como uma forma de demarcação estilística através da qual algumas pessoas constroem e dão a (re)conhecer não só a sua identidade pessoal, mas também o modo como percebem e se relacionam com o mundo. Na sua proposição,

marcar extensivamente o corpo representa, assim, uma tomada de posse sobre a construção da sua identidade e biografia pessoal, celebrando de forma simbólica, perante si próprio e os outros, o poder de (auto)determinação e (auto)controle sobre a sua própria acção (FERREIRA, V., 2007, p. 304).

A respeito, Deborah Ferreira (2012) defende que a tatuagem exerce um papel importante na construção do sujeito, constituindo signos identitários, cuja finalidade expressa socialmente singularidade, partindo de uma ilusória escolha pessoal. Segundo ela, mesmo que ainda sejam atribuídos sentidos à tatuagem com certa conotação de exotismo e de transgressão, fruto de um passado preconceituoso, atualmente, ela reflete características biográficas do sujeito que pratica o gesto de se tatuar e que textualiza, de fato, algum texto em sua pele.

Para Deborah Ferreira (2012, p. 139), a *tattoo* representa um “instrumento de classificação dos componentes de determinado grupo social”. Se em época passada, a tatuagem significava uma prova de coragem e de fidelidade, na sociedade atual, em sua opinião, ela perde parcialmente essa funcionalidade, mas exerce um papel indicativo na construção do indivíduo.

Orlandi (2012b) sobre esse ponto, escreve, como já referido nos capítulos anteriores, que a tatuagem funciona como um gesto de individua(liza)ção do sujeito. Ou seja, no seu entendimento, o sujeito, ao significar, deseja individualizar seu corpo no/do corpo social por meio do gesto simbólico-histórico de inscrever a letra na pele. Em sua concepção, há um imaginário que rege o funcionamento do gesto de se tatuar que nos permite pensar sobre o vínculo do indivíduo com a sociedade.

Nesse sentido, existe, segundo ela, uma necessidade do sujeito de estabelecer vínculos com o outro, principalmente com aquele que representa as comunidades segundas – sendo elas “as que temos vontade de eleger, em que nossos desejos podem ser satisfeitos” (ORLANDI, 2012a, p. 190)⁹¹ –, pois é para elas que se dirige seu imaginário, em que cada sujeito pode desempenhar seu desejo de reconhecimento.

Assim, na construção de pontos de referência, a aspiração ao laço, à sustentação, à proteção, são funcionamentos do imaginário grupal que levam à afirmação de si e se fazem importantes, pois,

Vivemos em uma sociedade da indiferença, da concentração e do excesso. Desse modo as características individuais tornam-se indiscerníveis. [...] Na ausência de laços que unem os sujeitos de forma menos impessoal, ele busca nos símbolos incrustados em sua pele um vínculo que o ate ao “seu” mundo. Buscando assim pertencimento e sentido (ORLANDI, 2012a, p. 193, grifo da autora).

Logo, o sujeito textualiza o próprio corpo, e o que está em causa para Orlandi (2012b, p. 195, grifo da autora) é a autoria, a assinatura, que nem sempre é individualizada, mas vinculada ao grupo, porque há o desejo de pertencimento tanto a ele, quanto à cidade e à sociedade, como uma forma de “apropriação de ‘seu’ espaço, no espaço público, publicizando sua presença”.

Isso se representa, em sua opinião, como um trabalho do excesso que se exhibe no sujeito, no corpo do sujeito, que necessita de marcas visíveis em si mesmo. É por esse motivo, de acordo com ela, que se faz preciso pensar no corpo que simboliza configurando uma posição de sujeito em determinadas condições de produção.

Nessa forma material de subjetivação, o sujeito “mexe com a memória constitutiva dos sentidos que o determinam em seu processo de significação assim como se coloca em um modo específico da circulação da escrita: a que fala (em) seu próprio corpo” (ORLANDI, 2012a, p. 196). Na relação com a sociedade em que circula, nesse viés, o sujeito apresenta sua textualidade, visível em sua pele,

⁹¹ As comunidades primeiras, para Orlandi (2012a), referem-se à família, à igreja, a empresa etc.

individualizando-se pelo gesto da escritura de si, porém, esse gesto “à flor da pele” como denomina a autora, guarda em si a ambiguidade e o equívoco que mantém a tensa relação entre o dentro e o fora, entre o corpo do sujeito e o corpo social.

Baldini e Leonel de Souza (2012) ao refletirem acerca do que Orlandi (2012b) propõe nesse texto, relacionam a *tattoo* com o que se diz do totem, do talismã e do amuleto, um símbolo sagrado de um grupo social. Para eles,

a tatuagem visa marcar de modo indelével a pertença a um grupo, fazendo a própria pele funcionar como as ranhuras de um totem, tanto no sentido de reconhecimento a um certo segmento da formação social, quanto no sentido de marcar limites [...] O corpo funciona como totem e amuleto ao mesmo tempo. Dito de modo mais preciso ainda, o tatuado totemiza-se, demarcando seus limites, mas também “sendo” e veiculando sua “mensagem”. A demarcação é feita também de fora para dentro: o tatuado espera ser reconhecido, mas também respeitado, temido (BALDINI; LEONEL DE SOUZA, 2012, p. 93, grifos dos autores).

É uma trama, em seu entendimento, entre o próprio o corpo tatuado funcionar como um protetor do sujeito e seu próprio “eu” ser protegido por si mesmo, isto é, uma relação entre a tatuagem ser inscrita no corpo como protetora, talismã, e também, sinalizar pertencimento a determinado grupo, sendo o sujeito individualizado pelo Estado ou pelo aparelho ideológico de estado ao qual faz parte como é o caso do futebol.

Ainda para Baldini e Leonel Souza (2012), a tatuagem visa o olhar do outro e empreende um trabalho de construção de fronteiras, de cercas, que tanto protegem o sujeito quanto o aprisionam, nos possíveis sentidos do significante. Em síntese, para os autores, enquanto escritura de si (cf. ORLANDI, 2004), a *tattoo* enquanto gesto de inscrição em determinado espaço ou a determinado grupo busca marcar a diferença, numa autoria de si contra todas as tecnologias que ameaçam o sujeito à pasteurização, sendo uma marca visível na própria pele como assinatura.

E é por todas as considerações dispostas até o presente que trabalhamos com a noção de corpo-tatuado, na medida em que é necessário levarmos em conta o sujeito na sua ordem individual e social da maneira como explicou Vinhas (2014): em que o corpo constitui a subjetividade do sujeito, individualmente enquanto

sintoma e socialmente enquanto desejo. Dessa forma, conseguimos diante de uma perspectiva discursiva na qual não se trabalha o sujeito empiricamente, trabalhar o sujeito como individual e social ao mesmo tempo, em que seu corpo é atravessado pela linguagem que torna possível a relação entre a ideologia e o inconsciente.

Azevedo, A. (2011), por sua vez, ao estudar a tatuagem entende que a marca corporal é uma forma de trabalhar as relações de sentido de identificação e de individuação – pelas instituições e pelos discursos –, sendo representativa de que o sujeito não para de explorar-se simbolicamente, independente das questões subjetivas que versam sobre os motivos e as razões de se fazer uma tatuagem. Assim, de acordo com suas primeiras formulações, ela escreve que “a tatuagem, em sua forma material, é a inscrição de um sujeito que busca preencher (seus) vazios que, não obstante, são constitutivos de sua condição de ser sujeito” (AZEVEDO, A., 2011, p. 03).

A identificação, para a autora, é um aspecto importante em relação à tatuagem que precisa ser analisado, na medida em que não se trata de desvendar um sentido para cada tatuagem, mas observar os modos como, ao marcar a própria carne, o sujeito se singulariza, produzindo sentidos sobre si mesmo e identificando-se ou não com a forma-sujeito de dada FD. Pois, em suas palavras, “as marcações corporais metaforizam sentidos que rememoram a relação com a tribo, sentidos que vão além do puramente estético uma vez que abrigam a diferença” (AZEVEDO, A., 2011, p. 05). E nesse viés, Azevedo A. (2011) entende que a tatuagem é um gesto que significa social e politicamente.

Em texto distinto, aprofundando seu estudo, Azevedo A. (2013) acrescenta que a tatuagem pode ser compreendida como mais um sintoma da forma como a ideologia fica marcada no corpo do sujeito. Em suas palavras,

A marca corporal como marca de pertencimento, que inscreve o sujeito em uma libido de pertencer é abordada a seguir: a tatuagem como traço do social na carne do sujeito, que o mantém em relação com o outro através do traço na pele. Nesses termos, o corpo do sujeito é vivido como a diferença que marca sua singularidade (AZEVEDO, A., 2013, p. 28).

Nessa perspectiva, a tatuagem pode ser interpretada como possibilidade do sujeito de inscrever-se em uma formação discursiva, estabelecendo um jogo entre dentro e fora, interioridade e exterioridade, no qual os dois lados se misturam, se integram e se separam. Em sua posição teórica, trata-se de “um processo de subjetivação que fica marcado na carne, por ranhuras de sentido. E é também um corpo que deseja ser transparente, deixar-se ver por inteiro, corpo que pulsa pelo olhar do outro, desejante por sua contemplação” (AZEVEDO, A., 2013, p. 114).

A esse funcionamento, lembramo-nos das palavras do sujeito P. 04M (2017)⁹² quando rememorava seu gesto de fazer a tatuagem. Em suas palavras,

Eu tenho... [(barulhos externos)] é o símbolo, o distintivo do Pelotas, no ombro direito, né, (+) e *eu fiz o desenho porque eu queria que todo mundo soubesse o time que eu torcia*, porque para mim né, eu sou Pelotas, eu sempre criei, me criei desde pequena no Pelotas, o meu pai vinha, me trazia no campo, eu me lembro que quando era pequena ainda dormia – tom de ênfase – na arquibancada, e eu pedia que o meu pai para me trazer no campo, porque eu sempre gostei de vir para o campo, aí foi uma coisa que foi passando o tempo né, e eu disse ‘*Ah, agora eu quero tatuar o símbolo do Pelotas!*’, quando eu vi ‘*Não, eu quero isso para mim!*’, e *eu queria que todo mundo soubesse a minha tatuagem porque eu torcia pelo Pelotas, que eu era torcedora do Pelotas, que ninguém chegasse em mim e pudesse, precisasse perguntar qual time que eu torcia né, todo mundo já olhasse para minha cara e ‘Ah, essa é Pelotas!’*, né, e o motivo de eu tatuar é esse também, é... para mim saber, para todo mundo saber que eu torço para o Pelotas (SUJEITO P. 04M, 2017).

Figura 28 – Tatuagem do Pelotas do sujeito P. 04M

⁹² A entrevista na íntegra encontra-se no anexo 20 desta tese.



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Pela nossa leitura, o desejo é algo constitutivo desse sujeito tatuado torcedor que deseja ser visto, ser notado, ser reparado, no contexto social em que vive. E tal proposição pode ser observada nos enunciados “e eu fiz o desenho porque eu queria que todo mundo soubesse o time que eu torcia”, “Ah, agora eu quero tatuar o símbolo do Pelotas!”, “eu quero isso para mim!” e “eu queria que todo mundo soubesse a minha tatuagem porque eu torcia pelo Pelotas” (SUJEITO, P. 04M, 2017), precisamente nas pistas linguísticas recorrentes dos verbos “querer”, “saber”.

Trata-se, a nosso ver, de um excesso que se materializa no corpo do sujeito. Ernst (2009, p. 04, grifo da autora) quando teoriza essa noção, relaciona-a a língua, e, nós, aqui, pensamos com relação ao corpo, na medida em que o sujeito utiliza-se da tatuagem como “um ‘acréscimo necessário’ [...] que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido”. Ou seja, se bem podemos fazer essa relação, a tatuagem, faz-se necessária no corpo do sujeito, que entende o seu dizer insuficiente para expressar sua identificação clubística.

Nas palavras desse sujeito em questão: “ninguém me vê, estou na rua ninguém me vê, todo mundo olha a tatuagem” (SUJEITO, P. 04M, 2017). Assim, como um excesso no corpo, a tatuagem materializa seu discurso, identificando sua filiação à FD Áureo-Cerúlea e produzindo efeitos de sentido de afeto ao clube.

Retomando Orlandi (2012b), nesse caso, podemos relacionar o desejo desse sujeito ao imaginário que rege o funcionamento do gesto de se tatuar, um imaginário que se refere à modalidade de identificação, que inclui o gesto de pertencimento, em que os efeitos de sentido produzidos na textualização de discursos interferem tanto na construção da sua subjetividade quanto nos processos de individua(liza)ção do seu corpo.

Já, se utilizarmos Silva, B. (2010), podemos relacionar o desejo do sujeito P. 04M à aspiração de um diferencial em seu corpo, seja como adorno, a fim de embelezamento, correspondente ao que o afirma: “essa tatuagem é meu brilho” (SUJEITO, P. 04M, 2017), ou para expressar um sentimento, “é uma paixão” (SUJEITO, P. 04M, 2017), como pode ser observado na sequência de seu relato:

A tatuagem do Pelotas para mim ela significa, (+) ah é *uma história de vida* né, porque desde pequena aqui, *então para mim ela em um significado grande, é uma paixão*, e assim como eu tenho a dos meus filhos, do meu pai e da minha mãe, eu queria a do Pelotas, não posso ficar sem o Pelotas, né, não tem como. E aí, bah, para a sociedade, todo mundo fala assim ó: ‘lh, Pelotinhas!’, ah safadismo, mas escuto um monte, um monte assim ó, esses, *ninguém me vê, estou na rua ninguém me vê, todo mundo olha a tatuagem* – tom de ênfase –, *todo mundo, tanto do time rival, os do Pelotas ninguém me vê, todo mundo diz: ‘lh, e essa tatuagem?’*, e eu digo: ‘Ah, essa tatuagem é meu brilho!’ porque eu não *apareço!* – tom de ênfase – Se eu disser, se eu ficar que nem uma globeleza ali, tu com a tatuagem vai aparecer, vais ser a tatuagem, ninguém vai me ver, porque todo mundo mexe por causa da tatuagem (SUJEITO P. 04M, 2017, grifos nossos).

Dessa forma entendido, marcar a pele, tal como propõe Azevedo, A. (2013, p. 144), tem relação com o desejo do olhar do outro, na medida em que “ninguém faz uma tatuagem para si”. Nesse exemplo de identificação, modalidade discursiva de funcionamento subjetivo, a tatuagem do símbolo do *Pelotas* significa, também, a assinatura do grupo no corpo do sujeito em questão, que indica seu pertencimento à Formação Discursiva Áureo-Cerúlea.

Para Azevedo, A. (2013, p. 144), esse gesto, em uma dada formação social, aqui a cidade de Pelotas,

exige que o indivíduo seja, ao mesmo tempo, igual a todos os outros e absolutamente diferente de todos os outros, único. É um dilema próprio à nossa sociedade capitalista ocidental, na qual o sujeito se vê às voltas com a necessidade de constituir sua singularidade, e ao mesmo tempo sentir-se integrado ao corpo social. Nesse sentido, a tatuagem supostamente resolve esse dilema, acentuando radicalmente as igualdades entre os elementos do grupo e marcando sua absoluta diferença com relação ao restante da sociedade (AZEVEDO, A., 2013, p. 144).

Assim sendo, na concepção da autora, o sujeito na ilusão de ser livre e responsável, acredita dominar seu corpo e faz dele um emblema de si mesmo, e nesse sentido, como mestre de seu dizer, ele imprime em seu corpo um texto, acreditando moldar sua identidade. Entretanto, seguindo a opinião de Azevedo, A. (2013), essa evidência da tatuagem como emblema do sujeito mascara as ambiguidades do singular e do coletivo, e no jogo entre esconder e mostrar, ocultar e expor, é produzido o efeito de sentido de transparência de um corpo que nada nega ou oculta.

Nas palavras de Azevedo A. (2013, p. 183),

essa forma de compreender as tatuagens não as reduz a um modismo narcisista, mas as interpretam como uma prática de modificação corporal capaz de produzir estranhamento (pela diferença) e pertencimento (pela metáfora do corpo-grupo), ao imprimir na pele a marca do desejo e da ideologia (AZEVEDO, A., 2013, p. 183).

Do exposto, a autora acrescenta ainda outra ideia que nos interessa no que diz respeito aos sentidos das tatuagens, em especial quando pensamos na tatuagem futebolística. Para ela, a

tatuagem guarda em si sua diferença: elas não são iguais, visto estarem relacionadas a momentos e experiências particulares desses sujeitos. Em outras palavras, a tatuagem é a marca da contradição de um corpo que é, ao mesmo tempo, singular e grupal: preso a processos de individuação, o sujeito se tatua e modifica seu corpo num gesto que sinaliza sua necessidade de significar sua própria singularidade e, paradoxalmente, assinala sua pele identificando-se com os sentidos do grupo (AZEVEDO, A., 2013, p. 135).

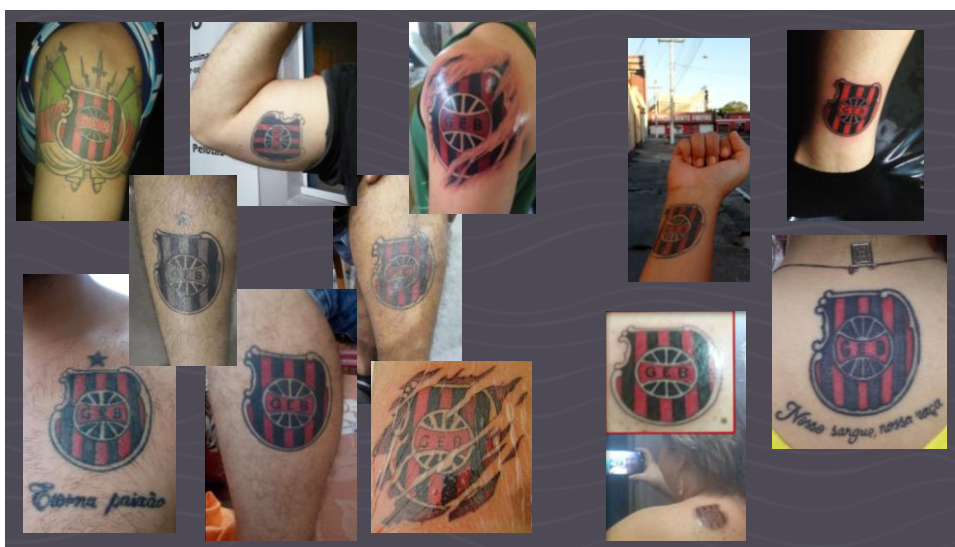
Nesse caso, de posse ao nosso arquivo da pesquisa, observamos a regularidade de tatuagens como o símbolo do clube, por exemplo, de ambos os lados, do *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil*, e de ambos os sujeitos torcedores, homens e mulheres, como podemos ver abaixo:

Figura 29 – Tatuagens do símbolo do *Pelotas* dos sujeitos torcedores áureo-cerúleos



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Figura 30 – Tatuagens do símbolo do *Brasil de Pelotas* dos sujeitos torcedores rubro-negros



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

De acordo com o nosso gesto interpretativo, como uma possibilidade, entendemos que mesmo que se apresentem várias tatuagens alusivas ao símbolo dos clubes futebolísticos pelotenses, elas não são discursivamente iguais, na medida em que cada sujeito tatuado torcedor, áureo-cerúleo e/ou rubro-negro, materializa em seu corpo sentidos constituídos por funcionamentos diferentes, que recuperam uma memória afetivo-discursiva, evidencia um sentimento, um desejo ou uma falta.

Nesse caso, com respaldo no estudo de Azevedo, A. (2013), assumimos que a tatuagem marca a contradição de um corpo que é, ao mesmo tempo, singular e grupal, e, por isso, retomamos a necessidade de trabalharmos com a noção de corpo-tatuado, pois, o sujeito torcedor se tatua e modifica seu corpo num gesto que representa simbolicamente seu desejo de significar sua própria singularidade e, paradoxalmente, assinala sua pele identificando-se com os sentidos do clube de sua preferência.

Compreendemos, diante do explicitado, que o corpo-tatuado do sujeito torcedor representa um espaço de possibilidades de sentidos escritos na pele que (re)produzem sentidos próprios a determinadas condições políticas e ideológicas. Nesse fio que nos conduz, a tatuagem futebolística produz efeitos de sentido diferentes que interferem tanto na construção da subjetividade quanto nos processos de individua(li)zação do sujeito torcedor, já que a tatuagem é um gesto que significa ideologicamente.

Dito de outra maneira, a *tattoo* é por nós entendida como um gesto de escritura de si em que o corpo-tatuado se estabelece como um campo de significação, um espaço de sentidos. Trata-se de uma textualidade visível na pele do sujeito que ao se tatuar se posiciona, individualizando-se. Sob o nosso ponto de vista, a tatuagem, em especial a que se refere ao futebol, é um gesto de significação de sentidos múltiplos que significam, configurando uma posição-sujeito em dada formação social e, por isso, não pode ser entendida como se seu sentido fosse transparente tampouco evidente na medida em que os sentidos são incompletos, assim como os sujeitos.

Isto posto, a tatuagem futebolística como forma material do discurso precisa ser analisada para que possamos compreender e expor o olhar leitor aos sentidos

que são textualizados: ditos, repetidos, apagados, silenciados ou transformados, aqueles que recuperam determinados saberes ou que rompem. Com base no que precede, ocupamo-nos de dois funcionamentos discursivos, também tratados na materialidade da língua, o funcionamento da formação discursiva e o funcionamento de sobre-determinação, que a nosso ver nos ajudam a alcançar nossos propósitos. Vejamos:

- Funcionamento da formação discursiva

Figura 31 – SDs representativas do funcionamento da formação discursiva

Funcionamento da formação discursiva
SD 5:  (SUJEITO P. 06H, 2017).
SD 6: 

(SUJEITO P. 01M, 2016).

Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Levando em consideração a maneira como propomos pensar o funcionamento da formação discursiva, acreditamos que as sequências discursivas 5 e 6 (re)produzem na sua textualização, determinados efeitos de sentido a partir da identificação dos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos à FD Áureo-cerúlea.

Ambos os sujeitos, P. 06H e P. 01M, materializam em seus corpos tatuagens, essas entendidas por nós enquanto textos constituídos discursivamente, alusivas ao seu time de preferência, seja ele, o *Esporte Clube Pelotas*, transformando seus corpos em corpos-tatuados conforme propomos pensar nesta tese.

Tratando-se da sequência discursiva 5, primeiramente, retomamos o sujeito P. 06H que, quando no *discurso sobre* a sua tatuagem, formulou no fio de seu discurso, na materialidade da língua, efeitos de sentido que discordavam da existência de divisão de classes entre os dois clubes futebolísticos que compõem o clássico pelotense, o *Pelotas* e o *Brasil de Pelotas*, embora reconheça que exista preconceito nos estádios dos dois times em questão.

Nesse caso, lembramos, pelo nosso gesto analítico, que ao se identificar à FD Áureo-cerúlea, o sujeito se contrai-identifica aos saberes preponderantes de dualidade social ao qual enfatizamos com recorrência neste trabalho. A nosso ver, ao formular no nível intradiscursivo “não existe”, “isso é totalmente, não existe, para mim, não existe” quando interrogado sobre a divisão de classes, o sujeito P. 06H volta-se contra, nos termos pecheuxianos, à forma-sujeito da FD na qual se inscreve, por meio de uma tomada de posição de distanciamento da evidência desses sentidos.

Podemos perceber por meio desse processo de subjetivação, então, que o sujeito tatuado torcedor do *Esporte Clube Pelotas* quando enuncia encontra-se em contato com a heterogeneidade de sua formação discursiva; dessa forma entendida, apesar da FD determinar o que pode e deve ser dito, há, ou pode haver, efeitos de

contradição em seu interior. E esse efeito contraditório pode ser reparado quando o sujeito tatuado torcedor textualiza em sua pele, por meio da tatuagem, a evolução humana: como dizer que não existe divisão e tatuar a evolução humana tal como foi desenhada em suas costas? Essa materialidade, assim, causou-nos estranhamento, conforme Ernst (2009), pois, parece-nos que não caberia ser feita.

Nessa direção, com base em nossa interpretação, o sentido produzido pelo sujeito P. 06H, quando no *discurso da* sua tatuagem, só é possível porque a FD (não só essa, mas todas as FDs, pois se trata de um princípio norteador dessa noção) é submetida à lei de “desigualdade-contradição-subordinação” (cf. PÊCHEUX, 2010 [1990]) que caracteriza a FI que lhe subjaz.

Em outras palavras, com respaldo na teoria da AD, entendemos que são as próprias formações discursivas que permitem o funcionamento da contradição no seio da estrutura social, pois o interdiscurso concerne também ao conjunto de saberes da FD, sentidos desiguais e contraditórios para que sejam colocados em circulação.

A partir do nosso entendimento, o sujeito tatuado torcedor do *Esporte Clube Pelotas* ao exibir a evolução humana em seu corpo-tatuado, recupera na materialização da tatuagem sentidos historicamente construídos acerca dos dois clubes futebolísticos, não só aqueles relacionados ao clube ao qual se identifica, mas também sentidos relacionados ao clube adversário, o *Grêmio Esportivo Brasil*.

No *discurso sobre* a sua tatuagem, o sujeito relata:

então, o meu desenho representa a evolução humana, e no final da evolução eu decidi tatuar um torcedor do Pelotas com um guarda-chuva que é o símbolo da UPP, nosso guarda-sol e uma baqueta na mão que é para tocar bumbo. O lugar do corpo que a minha tattoo está localizada é nas costas, toda extensão das costas, e... a minha inspiração foi realmente o meu clube né, a minha torcida, porque eu sempre estou no estádio, sempre estou junto com eles. Essa foi a minha motivação também para tatuar o... alguma coisa relacionada ao meu clube do coração que é o Pelotas [...] O significado da tatuagem então, para mim, há significa esse amor que eu tenho pelo Pelotas (+). Eu sou fanático pelo clube né, então é isso (SUJEITO P. 06H, 2017).

Como podemos observar em suas palavras, para ele, na ilusão de ser origem e fonte de seu dizer, e que os sentidos estão presos ao texto, a tatuagem representa apenas a evolução humana que significa a evolução da raça humana até o estágio de identificação ao *Pelotas*, que sinalizaria o estágio máximo de ascensão na escala evolutiva.

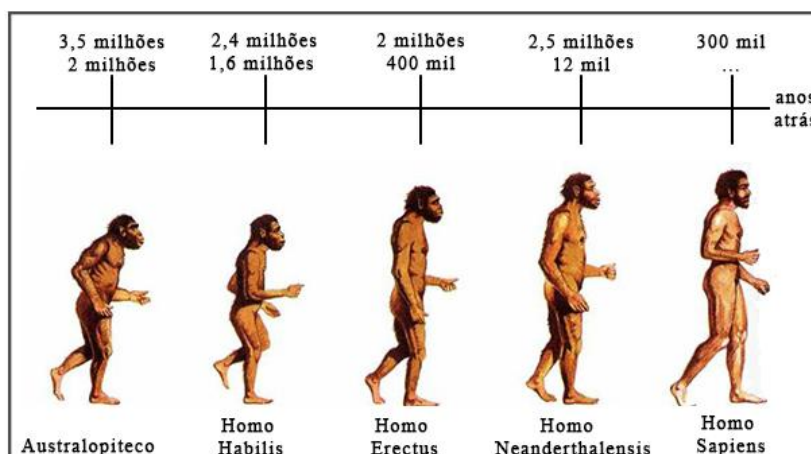
Isto é, uma desprestigiada tatuagem que aponta para o seu time de preferência, “essa foi a minha motivação também para tatuar o... alguma coisa relacionada ao meu clube do coração que é o Pelotas” (SUJEITO P. 06H, 2017). São sentimentos que, pela nossa compreensão, ganham forma material através da *tattoo*, tal como o próprio menciona: “esse amor que eu tenho pelo Pelotas” (SUJEITO P. 06H, 2017), cujos sentidos produzem efeitos de afeto em torno do clube e em torno do futebol.

Mas, filiadas na AD, pensamos: quais outros efeitos de sentido também emergem no *discurso da tatuagem* em pauta?

De acordo com estudiosos da área da biologia, por exemplo, a evolução humana é uma teoria indicativa de que o processo evolucionário se iniciou com as primeiras formas de vida até atingir o estágio atual do desenvolvimento humano, o *homo sapiens sapiens*⁹³, como uma espécie distinta das espécies anteriores, homínídeos, macacos e mamíferos placentários. Na figura abaixo, podemos ter uma ideia dessa escala:

Figura 32 – Etapas da evolução humana

⁹³ A ciência classifica o ser humano moderno como *homo sapiens sapiens* que significa “homem que sabe que sabe”, visto que o ser humano atual desenvolveu a consciência dos seus conhecimentos e aprendeu a usá-los na busca de novos (SIGNIFICADO, 2018).



Fonte: Disponível em: <<https://www.significados.com.br/evolucao-humana/>>. Acesso em: 24/01/2019.

Nesse caso, a nosso entender, no *discurso da tatuagem* do sujeito P. 06H, podemos pensar que se trata de uma escala evolutiva entre os torcedores rubro-negros e os torcedores áureo-cerúleos, visto o modo como a historicidade se inscreve nesse processo discursivo de textualização em que reafirma a relação constitutiva entre linguagem e exterioridade.

A historicidade desse discurso que está sendo por nós analisado, recupera, dessa forma, sentidos preconceituosos acerca do *Brasil de Pelotas* e, também, sentidos de superioridade do próprio *Pelotas* ao adversário. Para acentuar nossa proposição, retomamos as considerações do sujeito B. 05M (2016) quando salienta que a torcida áureo-cerúlea, num Bra-Pel realizado na *Boca do Lobo*, jogou cachos de banana neles. Ou, também, podemos retomar o que escrevem Osório e Amaral (2008, p. 51) quando repudiam os gestos dos torcedores adversários quando cantam versos racistas, jogam bananas no campo ou imitam macacos, menosprezando aqueles que não são de sua “raça superior”.

A textualização da tatuagem do sujeito torcedor P. 06H pode, assim, produzir, a nosso entender, tais efeitos de sentido de divisão social, pois no texto materializado na pele do sujeito apresenta-se a linha do tempo da escala evolutiva entre o macaco representativo do adversário e o torcedor do *Pelotas*, representado por um torcedor de uma torcida organizada.

Nessa leitura, é possível compreendermos que o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo produz efeitos semanticamente equivalentes à matriz de sentido que estabelece a divisão racial entre os dois clubes, levando em consideração o que propõe Pêcheux (2010 [1990], p. 97) quando escreve sobre a metáfora cujo efeito “é manter uma ancoragem semântica”.

Com relação a esse funcionamento metafórico, os sentidos deslizam na história, no interior da Formação Discursiva Áureo-cerúlea, mas, apesar disso, algo do mesmo emerge na tatuagem em análise. Dessa maneira entendida, não levarmos o funcionamento metafórico em conta em nosso gesto analítico, seria, como bem adverte Pêcheux (2009 [1988], p. 240, grifo do autor) “admitir que os elementos significantes já estão, enquanto tais, dotados de *sentidos*”.

Ao tatuar-se, o sujeito posiciona-se, social e politicamente, de acordo com a concepção de Azevedo, A. (2013), e enquanto corpo-tatuado, pela nossa abordagem teórica, entendemos que estamos diante de um sujeito torcedor que se individualiza e que toma corpo no social, especificamente, na cidade de Pelotas em que a rivalidade Bra-Pel é bastante cultuada. Sujeito e sentidos movimentam-se, circulam nesse espaço social, e na materialidade da tatuagem emergem discursos que o sujeito não tem controle.

A contradição materializada na tatuagem do sujeito P. 06H vai ao encontro do que propomos pensar e expor o olhar-leitor nesta tese, que existe certo efeito de obviedade ideológica, que há uma ideologia trabalhando como mecanismo estruturante do processo de significação e que existe um imaginário dualístico e discriminatório que permeia o contexto futebolístico pelotense.

E, principalmente, essa contradição atesta um dos pontos fundamentais que desenvolvemos e defendemos neste trabalho: que os pressupostos ideológicos da bola constituem os sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel da cidade de Pelotas, ou seja, podemos negligenciar e até tentar apagar os efeitos da história e da ideologia da bola nos processos discursivos dos sujeitos tatuados torcedores, mas nem por isso eles estão menos presentes.

Gadet e Pêcheux (2004, p. 64) ao tratarem da importância de se observar o real da língua e o real da história como efeitos da incompletude que constitui a

subjetividade, teorizam sobre o equívoco, explicando se tratar do “ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história”. Dito diferentemente, compreendemos que é o encontro entre o impossível linguístico e a contradição que instaura o equívoco.

Assim sendo, a diferença entre o que é dito pelo sujeito (*discurso sobre*) e o que é materializado (*discurso da*) aponta para o real da língua, para o real da história, e, também, para o real do corpo tal como trabalha Vinhas (2018). Nas palavras da autora, “ao mesmo tempo em que corpo, língua e história constituem o sujeito, os três reais deles constitutivos também se tocam em pontos de equívoco: o real do corpo, o real da língua e o real da história” (VINHAS, 2018, p. 85).

Nessa diferença examinada (*discurso sobre/discurso da*), instaura-se, portanto, o equívoco, revelando algo sobre o processo de subjetivação e sobre a constituição do sentido. A contradição determina a existência de uma tensão entre os saberes da FD Áureo-cerúlea, materializada na linguagem (na/pela língua e na/pela tatuagem) pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo. Então, torna-se importante, em nossa ótica, relacionar as noções de interdiscurso e de intradiscurso, como também de língua e de corpo-tatuado, pois a materialidade da tatuagem possibilitou a emergência de outro sentido.

Na contradição por nós apontada, podemos perceber a divisão mesma do sujeito, e a forma como o futebol, enquanto um Aparelho Ideológico de Estado, atua no processo de interpelação dos sujeitos torcedores. No que diz respeito a nossa SD em análise, a diferença que se apresenta entre o *discurso sobre* e o *discurso da tattoo* marca formas distintas do sujeito P. 06H se relacionar com a forma-sujeito da FD Áureo-cerúlea, bem como de sua concepção de atuação torcedora.

Nesse funcionamento discursivo de atribuição de sentidos, quando na tomada de posição do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, a negação produz a sua contraidentificação com a matriz de sentido de estigmas e preconceitos, ao mesmo tempo, sua tatuagem, direciona nosso olhar para os saberes que devem prevalecer, a nosso ver, como dominantes na FD em questão, visto os pressupostos ideológicos da bola que a subjaz, produzindo contraditoriamente a sua identificação aos mesmos sentidos que outrora discordara.

Nesse caso, interpretamos que a contradição constitutiva do processo de subjetivação na/pela tatuagem denuncia não só a impossibilidade de homogeneidade e de coerência interna a FD, mas, também, a falta de controle dos sentidos pelo sujeito tatuado torcedor, região de atuação do esquecimento número 2. A contradição de se posicionar linguisticamente contra a dualidade social entre os dois clubes de futebol e materializar na tatuagem tal característica simultaneamente, emerge como efeito de um processo de sujeição à ideologia da bola que o faz, investido na posição-sujeito de torcedor, reproduzir determinados saberes.

Nesse processo de produção de sentidos há o jogo entre aquilo que deve e não deve ficar ausente para que o evidente se instale, e é justamente nesse jogo entre o presente e o ausente que a memória discursiva opera. No enlace entre língua e *tattoo* que estamos buscando, trata-se também do esforço mesmo de encontramos o ausente no evidente, que não está autorizado a ser referido em dada condição de produção.

Antes de finalizarmos nossa leitura, acreditamos pertinente ainda relacionarmos essa diferença apresentada à resistência do sujeito, noção conceituada por Leandro-Ferreira (2015b). Para ela, essa resistência

Faz vir à tona os conceitos de inconsciente e novamente de ideologia. E aqui também essa resistência é da ordem da incompletude. O sujeito resiste à dominação, resiste ao enquadramento, à manipulação, nem sempre de forma consciente e nem sempre de forma exitosa, mas o faz sem cessar. Ao resistir, o sujeito deixa materializados na linguagem suas falhas, suas contradições e seus enfrentamentos, e assim, emerge no fio do discurso (LEANDRO-FERREIRA, 2015b, p. 165).

Se bem podemos fazer a relação que propomos refletir, acreditamos que ao produzir determinados sentidos no *discurso sobre* a sua tatuagem o sujeito resiste à dominação, ao enquadramento e à manipulação, mas como a ideologia da bola é tão eficaz em nosso contexto, que sua tomada de posição (contraidentificação) não ocorre de forma exitosa, deixando vestígios em seu corpo-tatuado.

Levando isso em conta, observamos que esse efeito de sentido por nós interpretado – a (re)produção de determinados sentidos que recuperam, a nosso

entender, saberes fruto de uma construção histórica de classe social sobre os dois clubes pelotenses de futebol –, é uma possibilidade que existe e que circula no nosso contexto social.

E nesse caminho, questionamos, a partir da certeza de rejeição de práticas preconceituosas no contexto futebolístico do Bra-Pel, assegurada em sua formulação:

Existe preconceito, já vi, muitas vezes, preconceito racial dentro do estádio, pelas duas partes, pelas duas partes, *já vi condenarem isso também, as duas partes condenarem*, não é uma coisa generalizada, entendeu?! Se acontece, acontece por parte individual e sempre é repudiada pelas duas partes da torcida (SUJEITO P. 06H, 2017, grifo nosso).

o que pensar de sua tatuagem?

A nosso ver, diante de nossa posição ética e teórica, não é admissível não expormos o olhar leitor aos sentidos que podem emergir e os efeitos que podem causar, pois a historicidade produz sentidos, agitando as relações de produção da cidade, recuperando saberes e fomentando a violência. Enquanto analistas de discurso, com respaldo nas noções teóricas e nos procedimentos analíticos da teoria a qual nos filiamos, encaramos, assim, o desafio de estudar o futebol empenhando-nos, como já salientado, “em descobrir o que se esconde sem cessar no que se diz” (PÊCHEUX, 2009 [1981], p. 23).

Isso nos permite pensar o discurso a partir da dialética entre o dizer e o calar, entre o repetir e o resistir pela via de sentidos estabilizados, repetidos e cristalizados pela força da repetição, ou de efeitos de ruptura, de possibilidade outra, de desarranjo do enrijecido como único. É justamente nesse lugar que a AD trabalha, configurando-se como uma teoria interpretativa, coerente e séria, visto que considera o movimento de tensão sócio-histórica, sempre levando em consideração a interpelação da ideologia e do inconsciente.

Com respeito à sequência discursiva 6: a tatuagem “Orgulho-me de ser áureo-cerúleo” materializada nas costas do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo P. 01M, podemos observar a identificação do sujeito tatuado torcedor à FD Áureo-

cerúlea a partir da textualização de parte do hino de seu clube de preferência em seu corpo, transformado nessa textualização discursiva em corpo-tatuado.

O hino oficial do *Esporte Clube Pelotas*, escrito por José Walter de Oliveira, tem a seguinte letra:

Orgulho-me de ser Áureo-Cerúleo
 Pela grandeza do ideal
 Ufano-me de ser Áureo-Cerúleo
 Pelo que tens de emocional
 Exulto ao ver as cores gloriosas
 Que lembram toda uma tradição
 Azul e amarelo são as cores
 Que moram no meu coração

Salve o Pelotas
 Salve o glorioso
 Quem não te ama
 Nunca sentiu emoção

Salve o Pelotas
 Vitorioso
 É a vitória
 O teu maior galardão⁹⁴

De acordo com Cornelsen (2014, p. 42),

Por definição, hino [...] é uma composição poético-musical de louvor ou exaltação. O hino é expressão de entusiasmo elevado, um poema ou cântico de veneração ou louvor à divindade e não segue, necessariamente,

⁹⁴ Conforme Hino (s.d.).

uma regularidade formal. Originalmente, era composto em ritmo livre e não tinha rima ou estrofação rígida. Além disso, o hino pode ser de espírito religioso, escrito especificamente para louvor ou adoração tipicamente endereçado a deuses e heróis. Esse sentido original, cujas raízes remontam à Antiguidade, se transformaria em séculos, até atingir o seu sentido na Modernidade, quando surgem, então, o hino nacional (de devoção à nação ou pátria), o hino partidário (de devoção a um partido político), o hino de organizações em geral e o hino desportivo (de devoção a um clube ou agremiação) (CORNELSEN, 2014, p. 42).

Especificamente ao campo esportivo, conforme Cornelsen (2014), os hinos clubísticos significam devoção, um gesto de o sujeito torcedor demonstrar sua identificação ao seu time, que quando entoados produzem sentidos de afinidade, de afeição, de amor, de companheirismo, de união etc., representando o elo entre o “eu” torcedor e o clube.

Na opinião de Tubino, Souza e Valladão (2009, p. 66-67),

A música e o futebol desempenham papel de extrema importância na formação da identidade do cidadão carioca. Os hinos oficiais e populares dos clubes de futebol talvez representem, na dimensão sociológica, o casamento mais bem sucedido desses universos de criação que enaltecem o cidadão brasileiro e que tão bem alicerçam o nosso sentimento de brasilidade no Brasil e no exterior (TUBINO; SOUZA; VALLADÃO, 2009, p. 66-67).

Levando sua consideração em conta, podemos escrever que, no nosso caso, assim como os outros símbolos representativos do *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil*, os hinos têm papel importante na formação da identidade clubística (representação imaginária) de cada um, fortalecendo e enaltecendo o sentimento de pertencimento dos sujeitos torcedores.

Tratando-se do sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo P. 01M, quando no gesto de tatuar o primeiro verso do hino do *Pelotas*, “Orgulho-me de ser áureo-cerúleo”, acreditamos que a relação se estende à devoção e ao sentimento de pertencimento ao clube, tal como propõem Cornelsen (2014) e Tubino, Souza e

Valladão (2009), na medida em que traz sentidos que competem à memória afetivo-discursiva do sujeito.

Nossa posição pode ser examinada nos sentidos que emergem do *discurso sobre* a sua tatuagem, quando o sujeito formula: “a segunda (+) foi o hino, e aí o hino foi uma promessa porque o Pelotas estava quase caindo para a segunda divisão e eu falei que se o Pelotas não caísse eu ia fazer uma tatuagem, e aí eu fui e fiz no dia do meu aniversário” (SUJEITO P. 01M, 2016).

Como podemos observar, é a união entre o *discurso sobre* e o *discurso da tattoo* quando por nós entrevistado, que nos permite compreender o sentido atribuído pelo sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, pois considerá-los aqui, separadamente, nos possibilitaria produzir outros sentidos, outra leitura.

Segundo o nosso gesto interpretativo, a tatuagem “Orgulho-me de ser áureo-cerúleo”, embora pudesse dizer respeito a qualquer sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo inscrito na FD Áureo-cerúlea, produz determinado sentido a partir da textualização do sujeito P. 01M que instaura um “eu” enunciador no uso do verbo “orgulhar” seguido de um pronome pessoal do caso oblíquo “me”, através do enunciado em pauta.

E nessa linha de pensamento, o sujeito, pensado em sua ordem social e individual tal como entende Vinhas (2004), “orgulha-se” de algo ou de alguém, precisamente de seu time de preferência que não foi rebaixado na competição a qual participava naquele ano. Assim, a materialização do primeiro verso do hino do *Esporte Clube Pelotas* não significa somente parte do hino, como poderia ser interpretado se considerado apenas o *discurso da* tatuagem, por meio de uma teoria objetiva.

Essa materialização significa, a nosso ver, algo mais forte para o sujeito tatuado torcedor, cujo emprego do enunciado em seu corpo originou-se nas condições de produção de sua formulação, relacionadas ao imaginário do sujeito quanto a sua posição-sujeito de torcedor e, também, quanto ao seu clube, ao lado de sua memória afetivo-discursiva em que lembranças e emoções estão emaranhadas, parafraseando as palavras de Silva, R. (2010), e de uma promessa.

A promessa num sentido social pode ser entendida como um voto feito a algum santo ou a Deus para obter alguma graça com a consequência de cumprir o prometido. Em síntese, essa prática é bastante utilizada com vínculo religioso em que se promete fazer orações, doações e/ou sacrifícios, e no nosso caso, a tatuagem aparece como um gesto importante nesse conjunto de ações. Para o sujeito tatuado torcedor em questão, que promete tatuar-se caso seu clube não fosse rebaixado, o sentido de sua *tattoo* recupera, também, tal promessa que advém do campo religioso, numa graça obtida, evidenciada a partir da mobilização de uma memória.

Com respeito a essa noção de memória afetivo-discursiva proposta por Silva, R. (2010), convocada por ela em virtude da rememoração dos sentimentos e dos acontecimentos no ritual de interpelação ideológica da FD que analisava, gostaríamos de acrescentar que compreendemos essa expressão relacionada à afetividade do sujeito.

Explicamos nossa leitura esclarecendo que, para nós, tratando-se do contexto futebolístico e do processo de subjetivação na/pela tatuagem nesse meio, o discurso é produzido material e efetivamente no corpo do sujeito, configurando um lugar de fala relativa ao afeto e ao desafeto, ao amor e ao rancor, à identificação e ao antagonismo, ou seja, a sentimentos recuperados pelo viés da memória discursivo-afetiva que se caracteriza na/pela exposição de sua interioridade, de sua afetividade.

Nesse viés, é coerente afirmarmos juntamente com Silva, R. (2010), que a delimitação de fronteiras entre FDs distintas é feita também com recurso a essa memória. No que compete ao sujeito tatuado torcedor P. 01M, imaginariamente inscrito na FD Áureo-cerúlea, ao produzir parte do hino clubístico em seu corpo-tatuado posiciona-se social e politicamente, delimitando o seu espaço, demarcando fronteiras com o outro e produzindo sentidos específicos.

A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso materializado na/pela tatuagem efetua-se, então, pela identificação com a FD que o afeta, e essa identificação apoia-se no fato de que os elementos do interdiscurso, que constituem em seu discurso os traços daquilo que o determina, são reinscritos no próprio

discurso desse sujeito. Por isso a proposição de que, ainda que não se dê conta, o sujeito é assujeitado à FD a qual se inscreve.

Uma vez identificado, cujo discurso é caracterizado como o discurso do bom-sujeito da FD em questão, o sujeito (re)produz sentidos de fidelidade e de amor, de ufanismo ao seu clube do coração, conforme a continuidade da letra “Ufano-me de ser Áureo-Cerúleo”, “Exulto ao ver as cores gloriosas”. Sentidos que são naturalizados e estabilizados, ao mesmo tempo em que apagam efeitos que remetem à derrota, a frustrações e a situações negativas, já que o *Pelotas* é vitorioso, e a vitória é “O teu maior galardão”.

Na textualização discursiva de sua tatuagem, assim, o sujeito materializa sentidos que significam em relação à memória afetivo-discursiva e à história, unindo-se aos seus semelhantes na prática torcedora de devoção, de veneração e de apoio ao seu time de preferência, fomentando a prática torcedora da cidade de Pelotas, em que tais sentidos circulam e produzem efeitos.

Posto isso, ao analisarmos as duas sequências discursivas desse item, podemos compreender as tomadas de posição dos sujeitos tatuados torcedores, enquanto gestos de interpretação, por sua vez já marcados pela ideologia, pela história e pelo inconsciente, que nos permitem entender como eles constroem seu processo de identificação com as FDs constituídas por relações de poder, ou seja, atravessadas pelo político, não como lugar de consenso.

- Funcionamento de sobre-determinação

Figura 33 – SD representativa do funcionamento de sobre-determinação

SD 7:



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Retomando o funcionamento de sobredeterminação, conforme o compreendemos nesta tese, enquanto um funcionamento que une a ideologia e o inconsciente, a determinação e o desejo, acreditamos que a sequência discursiva 7 é representativa.

Pensamos isso, na medida em que essa sequência permite-nos pensar sobre os pressupostos ideológicos da bola que constituem o sujeito tatuado torcedor rubro-negro B. 01M e, também, sobre o desejo desse sujeito em individualizar seu corpo através de uma tatuagem alusiva a um time de futebol, ao mesmo tempo em que deseja pertencer a um grupo.

Com respeito a esse funcionamento em questão, materializado no corpo, buscamos amparo no estudo de Azevedo, A. (2013) quando a autora se dedica a pensar a sobredeterminação do sujeito e de seu corpo pela tecnologia, em especial, no espaço da festa *rave* em que a sobredeterminação da corporalidade pela tecnologia aparece como um efeito de memória, pela música, que não cessa de repetir sua condição digital.

Segundo a autora,

A produção discursiva de um objeto ideológico como o corpo, por exemplo, é politicamente sobredeterminada, ou seja, diante de uma ampla gama de

⁹⁵ A entrevista na íntegra encontra-se no anexo 22 desta tese.

sentidos possíveis para o corpo, posto que se trata de um objeto dividido, é a inscrição em uma ou outra formação discursiva que irá determinar seu sentido, que todavia jamais será completo. A formação discursiva dissimula sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante”, submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que caracteriza o complexo das formações ideológicas (AZEVEDO, A., 2013, p. 124, grifo da autora).

Nesses termos, as inscrições na pele, em seu entendimento, são o lugar do interdiscurso mostrando que, pela memória, algo fala antes e em outro lugar, independentemente, ou seja, à semelhança do processo de constituição dos sentidos e do sujeito, o corpo é duplamente afetado (pela ideologia e pelo inconsciente), sobredeterminado, e sofre processos de individuação pelo Estado e pelos discursos através de mecanismos de imposição e de exclusão.

Este processo de sobredeterminação dos sentidos do corpo pela tecnologia está relacionado ao conceito de tecnologia corporal. Há, em nossa formação social, um investimento relacionado ao modo de produção do corpo como objeto simbólico, especialmente da formulação e circulação de um discurso sobre/do corpo como prática atravessada por um processo informático-midiático-tecnológico de produção de sentidos (AZEVEDO, A., 2013, p. 80-81).

Tratando-se da nossa SD em análise, interessa-nos refletir acerca dos efeitos de sentido que emergem quando o sujeito se posiciona materializando em seu corpo uma *tattoo* que marca a sua identificação a uma FD clubística, e coloca em pauta um dos clubes futebolísticos rivais da cidade de Pelotas, pois essa posição por ele investida é sobredeterminada, a nosso ver, pela ideologia e pelo inconsciente.

Conforme se refere Azevedo, A. (2013), o Estado individualiza o corpo, e sobre isso, considerando a FI do futebol e o clube futebolístico como um AIE, que intervêm no interior das relações de produção aqui da cidade, observamos que ao se subjetivar na/pela tatuagem, assim como na/pela língua, os sujeitos torcedores não escapam à sobredeterminação.

No caso específico que recortamos para leitura, levando em consideração o que já trabalhamos, buscamos compreender como o sujeito tatuado torcedor rubro-

negro posiciona-se a partir de certa sobredeterminação ideológica e inconsciente, e inscrito nessa posição-sujeito subjetiva-se na/pela *tattoo* indicativa do *Grêmio Esportivo Brasil*, produzindo sentidos.

Na materialização de sua tatuagem, então, o sujeito B. 01M textualiza em sua pele o seu time de preferência, marcando a sua identificação ao *Xavante*, designando o lugar que imaginariamente ocupa em nossa formação social. Lembramos, dessa forma, que esse lugar não significa um feixe de traços objetivos, tal como também reparamos na materialidade da língua, e sim funciona, nos processos discursivos, como uma série de formações imaginárias que designam o lugar que o sujeito atribui a si, seja ele, o lugar de torcedor rubro-negro.

A *Baixada*, à vista disso, enquanto parte da superestrutura jurídico-política, desempenha o papel de um AIE, podendo ser considerada o espaço que possibilita o vínculo entre o sujeito de direito, “aquele que entra em relação contratual com outros sujeitos de direito; seus iguais” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 140, grifo do autor), e o sujeito ideológico, “aquele que diz ao falar de si mesmo: ‘Sou eu!’”. Por isso, retomamos a importância de tomarmos o corpo-tatuado como forma material do sujeito que circula socialmente nos espaços pelotenses, espaços em que o sujeito (con)vive com seus semelhantes, mas também, com o outro, aqueles torcedores do time adversário.

A posição assumida e não negada do sujeito B. 01M, textualizada na sua pele, carrega em si sentidos historicamente construídos acerca do clube e do próprio torcedor que se identifica a ele e, assim pensado, o sujeito tatuado torcedor rubro-negro é sobredeterminado pela ideologia e pelo inconsciente, na medida em que ambos dissimulam sua própria existência no interior mesmo de seu funcionamento, produzindo um efeito de “evidências subjetivas” (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 139).

A textualização do emblema clubístico, então, que representa o sujeito torcedor enquanto “eu sou *Xavante*”, materializa na pele a sua interpelação e o seu desejo, como uma marca a mais em seu corpo, um excesso utilizando-nos do conceito de Ernst (2009). Em estudo que aborda a importância dos símbolos no futebol, Andrade (2008) escreve que a produção e a afirmação dos símbolos no meio futebolístico são construídas e perpassadas pela memória de determinado clube, e as histórias que são associadas às trajetórias de elaboração de cores, de

uniformes, de distintivos, de escudos e de mascotes, por exemplo, possuem singularidades marcantes tanto para ele quanto para seus torcedores.

Em suas palavras,

A partir dos usos e apropriações do discurso memorial reforçamos características de identidades sociais, patrimônios culturais materiais ou imateriais, e reafirmamos ideologias. A finalidade de aliar a memória à história para uso social é despertar, no imaginário social, o sentimento de pertencimento, o nacionalismo ou qualquer outro sentimento que nos possibilite reconhecimento como parte de um grupo, torcida ou nação (ANDRADE, 2008, p. 55-56).

Nessa perspectiva,

As escolhas das cores e da identidade visual de uma equipe possuem muitas particularidades, que são significativas para a história do time ou da seleção, que vão desde a formação histórica, a representação de um grupo distinto, até relações místicas ou religiosas. Outros times marcam a sua identidade através dos mascotes, que geralmente são personagens que simbolizam o clube (ANDRADE, 2008, p. 56).

Para uma torcida, de acordo com o que Andrade (2008) propõe, os símbolos do seu clube são sagrados, e nesse sentido, estudá-los permite observar as formas de representação e de sociabilidade entre os sujeitos de dada sociedade. Sobre essa dimensão sagrada da iconografia do futebol, Rocha (2008) também se posiciona, salientando que, comumente, os símbolos das agremiações são usados como veículos para consagração da fé, manifestada de diferentes formas. De acordo com ela, o processo de construção social expresso através de cores, bandeiras e símbolos gráficos dos clubes futebolísticos produz um sistema de imagens identitárias que se perpetuam e significam ao longo do tempo.

Do exposto, seguindo a concepção dos autores, os símbolos de uma torcida de futebol representam a sua marca identitária, e ao serem escolhidos transformam-se em um sinal coletivo. Desse modo, os símbolos são significativos para as torcidas, partilhados pelo grupo como sinais de semelhança e distinção concomitantemente. Portanto, os símbolos são capazes de evocar sentimentos e

valores que alimentam o imaginário dos torcedores, reafirmando a convergência coletiva dos sujeitos de um mesmo clube ou a divergência entre os diferentes.

No caso específico da SD 7, que efeitos de sentido o discurso textualizado na tatuagem produz, tendo em mente que quando o sujeito B. 01M se tatua, o faz na ilusão de não ser afetado pelos esquecimentos 1 e 2? Pela nossa leitura, podemos responder a tal questão, expondo que ao textualizar o símbolo do clube em sua tatuagem, o sujeito tatuado torcedor marca a sua posição no espaço social em que vive, recuperando sentidos relacionados ao seu clube de preferência, mas também, sentidos relacionados ao clube adversário, pois ambos sobrevivem na memória da cidade pela rivalidade que movimentam – tratamos desses sentidos no tópico 2.2 desta tese.

Para nós, a historicidade de ambos os clubes se retroalimenta mutuamente visto a impossibilidade do sujeito ser *Pelotas* e *Brasil de Pelotas* ao mesmo tempo, em função da coerção lógica a qual trata Pêcheux (2012 [2002]), de que não se pode ser x e y simultaneamente num universo logicamente estabilizado. Assim, ao inscrever-se ilusoriamente a determinada FD o sujeito tatuado torcedor também marca o seu antagonismo a outra FD existente, recuperando sentidos vinculados a elas. Além do mais, como bem lembrado pelo sujeito tatuado torcedor P. 05H (2016), essa rivalidade “é uma coisa que deixa o futebol e Pelotas bem vivo. [...] rivalidade sempre vai existir. Enquanto existir rivalidade, existirá o futebol em Pelotas”.

Em síntese, o funcionamento de sobredeterminação, faz com que o sujeito desejante a pertencer a um grupo, esqueça que a FD Rubro-negra com a qual se identifica é fortemente marcada pelo político, e que ao produzir seu discurso, como um excesso no seu corpo, o faz a partir de uma posição-sujeito que é determinada ideologicamente.

A tatuagem futebolística do sujeito tatuado torcedor B.01M ao marcar a sua identificação a determinado clube, a partir da sua tomada de posição, pode ser caracterizada como o discurso do bom sujeito da FD a qual imaginariamente se inscreve. Dito de outra maneira, o sujeito ao se identificar com certos saberes de uma formação discursiva, (re)produz em seu discurso materializado na/pela tatuagem sentidos que podem e devem ser ditos nessa região de saber.

Para o sujeito quando no *discurso sobre a sua tattoo*,

E o significado da tatuagem para mim é tudo né, não tem nem como, não dá nem para explicar assim, colocar e palavras, é até meio clichê que a gente diz que o amor pelo Brasil a gente não consegue explicar né, a gente só sente. Então eu eu mostro para todo mundo, quando eu fiz, na primeira semana, 'Ah, olha a minha tatuagem!', ia levantando a perna e tal – voz empolgada (SUJEITO B. 01M, 2016).

São sentidos de afeto, de amor, que emergem das palavras do sujeito tatuado torcedor rubro-negro ao tratar de seu clube de preferência, próprios de um sujeito interpelado ideologicamente pela ideologia da bola. De um lado, então, temos essa determinação ideológica, e de outro, temos o desejo de pertencimento e de reconhecimento, “Ah, olha a minha tatuagem!” – não que sejam processos separados, pois ambos constituem o sujeito.

Pensando nas palavras de outro sujeito torcedor quando no *discurso sobre a sua tatuagem*, podemos também expressar o efeito desse funcionamento, para finalizarmos nossa reflexão: “isso aqui não é uma tatuagem, isso aqui é um sinal de nascimento, veio em mim, entendeu, e está aí para sempre” (SUJEITO P. 04H, 2016).

Do exposto, analisar as tatuagens, a nosso entender, é importante quando na pretensão de estudar a nossa sociedade, já que elas fazem parte do nosso espaço enquanto um modo do sujeito subjetivar-se. Essa particularidade do corpo-tatuado, tal como a concebemos, torna o corpo peculiar, conferindo-lhe, no caso da *tattoo* futebolística, seus pontos fortes e seus pontos fracos que não são irrelevantes, pois colocam em pauta o político.

Do ponto de vista de Análise de Discurso, que é a nossa proposta teórico-metodológica, estamos analisando que sentidos podem ser mobilizados quando tomamos para análise as tatuagens futebolísticas dos sujeitos torcedores da dupla Bra-Pel, que se coloca como um elemento de identificação e de distinção no/do espaço urbano e nas/das relações sociais que aí se dão.

Lembrando o que ressalta o sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, P. 03H (2016), “porque que a gente colocar no corpo algo é é mais do que a gente conseguir falar né, as palavras não... parecem que não dizem, então a gente precisa colocar”, podemos realçar a importância que essa forma material de textualização do discurso toma na constituição do sujeito. Logo, o excesso do/no corpo.

Para outro sujeito tatuado torcedor áureo-cerúleo, denominado como P. 05H (2016), a dimensão que a tatuagem assume na sua constituição enquanto sujeito torcedor está além de sua identificação ao seu clube de preferência, pois é essencial também ser visto/notado/destacado no meio em que vive. Em suas palavras,

a primeira coisa que a gente faz hoje em dia é expor né, fazer a exposição da imagem no *Facebook* e digo assim ó, nos últimos anos foi uma das mais comentadas e curtidas na minha página, então, foi uma coisa bem legal [...] sempre todo mundo falou muito bem, minha mãe que não curte tatuagem, meu pai que também não curte tatuagem viram e o pai se emocionou porque ele é Pelotas também. Então é uma coisa que levanta o astral, entendeu (SUJEITO P. 05H, 2016).

Nesse sentido, concluindo as reflexões desse recorte intitulado *O discurso materializado na/pela tatuagem*, retomamos que concebemos a tatuagem futebolística como discurso materializado na pele, no corpo-tatuado, passível de rupturas e de falhas, constituída por processos em que interferem a ideologia da bola e o inconsciente tal como buscamos exemplificar. E por meio de sua leitura, podemos, também, compreender o funcionamento do discurso e seus efeitos de sentido.

Palavras finais

Entendendo que a interpretação e o sentido sempre podem ser outros, sei que as análises que apresento se constituem em uma das leituras possíveis. O desafio é, segundo Pêcheux, *trabalhar as problemáticas e procedimentos internos à própria teoria, procurando construir interpretações, sem jamais neutralizá-las, nem no 'qualquer coisa' de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal* (op. cit., 55) (CAZARIN, 2005, p. 51, grifos da autora).

Como se fosse possível concluir, chega o momento de conferir um efeito de encerramento ao presente estudo como o apito final de um jogo de futebol. Tratamos dessa maneira essa última parte necessária ao formalismo de um trabalho científico, porque a perspectiva teórica basilar que sustenta esta tese, a Análise de Discurso cuja filiação é em Michel Pêcheux, sinaliza para o fato de que a conclusão de um texto é da ordem simbólica, parte de uma ilusão necessária, para nós autores, de que o texto está pronto. A conclusão, assim, significa produzir um efeito de fechamento do texto. E nesse fio que nos conduz, esta tese não foge à regra, ela resulta num efeito-texto, já que os sentidos não iniciam nas primeiras palavras de nossa escrita tampouco são concluídos no ponto final por nós colocado simbolicamente como fechamento.

Nesse viés, acreditamos que por ter sido uma pesquisa realizada a partir de um horizonte epistemológico que nos permitiu observar os discursos dos sujeitos tatuados torcedores do *Esporte Clube Pelotas* e do *Grêmio Esportivo Brasil* a partir de dois processos de subjetivação, na/pela língua e na/pela tatuagem, o funcionamento ideológico do futebol, na cidade de Pelotas principalmente, pôde ser posto em análise de forma contundente.

Com base nos princípios teóricos pecheuxtianos, podemos defender que há uma ideologia da bola trabalhando como um mecanismo estruturante dos processos de significação em torno do futebol, já que é o funcionamento ideológico que fornece as evidências de sentido. Enfatizamos no decorrer deste texto que podemos negligenciar, silenciar e/ou apagar os efeitos da ideologia e da história no contexto futebolístico, mas nem por isso eles estão menos presentes nos processos

discursivos e nas práticas cotidianas dos sujeitos tatuados torcedores. Por isso, a nossa insistência: a ideologia está em frente de nossos olhos, naturalizada, precisamos olhar!

Nosso desejo, em virtude de nossos interesses, tratava-se de encontrar o ausente no evidente, com respeito aos sentidos (re)produzidos em torno do esporte em questão e da dupla futebolística Bra-Pel, que não está autorizado a ser mobilizado na nossa formação social. Ou seja, buscando atender ao nosso objetivo de analisar os discursos (re)produzidos por sujeitos tatuados torcedores do *Pelotas* e do *Brasil de Pelotas*, procuramos compreender os sentidos de afetos que são legitimados e naturalizados em nossa sociedade, e os de desafetos que são, a nosso ver, silenciados.

Diante do trabalho analítico que desenvolvemos, podemos escrever que se nós iniciamos a escrita com a afirmação do Marciano Hipotético, de Veríssimo (2010), que insinua que o futebol, no Brasil, é um mau negócio, finalizamos nossa reflexão também com essa ideia, pois não há como negar os sentidos de ambas cargas semânticas mobilizados pelos sujeitos tatuados torcedores áureo-cerúleos e rubro-negros e os efeitos das discursividades produzidas quando se subjetivam, sentidos esses que circulam na cidade através da língua e do corpo-tatuado.

Sobre isso, retomamos nossa angústia precedente em refletir sobre o futebol, um tema bastante defendido e cultuado em nosso país, e pensamos nas palavras de Veríssimo (2010), apresentadas em outra crônica intitulada *Sem bola*, quando o autor acentua essa característica. Para ele:

Nada melhor para discutir futebol do que a ausência do futebol. Isto é, do que aqueles períodos em que tudo é preparação e expectativa, tudo é especulação, e portanto tudo é teoria. Quando começa o futebol, as especulações passam a correr o risco da desmoralização instantânea, e nenhuma tese definitiva está livre de ser destruída por uma bola espirrada (VERÍSSIMO, 2010, p. 29).

Todavia, mesmo constatando o desafio que nos espera após o efeito de fechamento deste texto, não poderíamos enquanto analistas de discurso, como já escrito diversas vezes, permanecer alheias ao estudo do futebol. Fazemos isso,

conforme bem destaca Cazarin (2005), ancoradas no pressuposto de que a interpretação e os sentidos sempre podem ser outros, e assim entendidos, registramos que as análises que aqui apresentamos referem-se a uma das leituras possíveis.

Reconhecido o nosso desafio, procuramos não trabalhar apenas com as evidências, mas com a sua própria produção, buscando através da prática de leitura empreendida, entender e explicitar como se constrói o arranjo ideológico capaz de ofuscar determinados saberes, por meio de mecanismos estruturantes na (re)produção de sentidos a respeito do futebol, e também dos próprios clubes e dos sujeitos torcedores.

O futebol em Pelotas, de acordo com a nossa opinião, constitui as subjetividades dos sujeitos torcedores pelotenses e assume um papel fundamental na história dessa cidade gaúcha. Arantes (2000) ao focalizar em seu estudo os aspectos políticos e culturais da produção social do espaço público, lembra-nos que as paisagens são criadas pelos sujeitos e, ao se tornarem referências simbólicas de tempo, de espaço e de identificação para as experiências compartilhadas socialmente, realimentam o processo histórico.

Tendo isso em mente, ao caminhar pelas ruas de nossa cidade, podemos verificar a paisagem urbana repleta de materialidades significantes que dizem respeito à dupla Bra-Pel, basta repararmos:

Figura 34 – Formas materiais de significação futebolística

Cazarin (2005) afirma que o político é a instância que fixa um estatuto da realidade a qual os sujeitos ilusoriamente vivem, uma realidade da qual não se pode escapar sem violência, visto o conflito de posições determinadas cujo alicerce está no imaginário construído que estabelece as representações. Dessa forma, foi imprescindível trazermos o político para o âmago de nossa discussão porque nos permitiu investigar as práticas discursivas dos sujeitos tatuados torcedores, a partir de uma posição crítica que assumimos, na qual não minimizamos a importância do trabalho intelectual sobre a temática.

No que compete ao nosso estudo, então, o embate das diferenças clubísticas que recupera as desigualdades sociais, de raça e de base econômica, construídas historicamente, confere, para nós, uma característica especial ao nosso espaço público que precisa ser estudada, devido esse caráter político que movimenta. Com respeito, vejamos, abaixo, duas imagens veiculadas recentemente em um dos jornais da cidade:

Figura 35 – Imagem do *Diário Popular* relacionada à violência



Fonte: Disponível em: Arquivo da pesquisa.

Figura 36 – Imagem do *Diário Popular* relacionada à paz

Pela nossa interpretação, diante de nosso estranhamento, ancoradas no estudo de Ernst (2009), as duas capas jornalísticas simbolizam o que estamos tratando na medida em que recuperam pelo viés da memória do sujeito leitor pelotense, o futebol citadino representado nas cores das matérias que sinalizam a presença do esporte, precisamente da dupla Bra-Pel, mesmo que indiretamente visto que as reportagens não se referem a esse assunto.

Na primeira imagem (Figura 35), temos a matéria *Entre a legalidade e a violência*, destacando-se o sintagma violência pelo uso das cores vermelho e preto. Já na segunda imagem (Figura 36), temos a matéria *Os primeiros resultados do Pacto pela Paz*, numa página colorida de azul e amarelo. Com elas em mãos, questionamo-nos: que efeitos de sentido emergem dessas materialidades tratando-se da cidade de Pelotas em que as cores vermelho e preto representam a torcida rubro-negra, e, as cores azul e amarelo representam a torcida áureo-cerúlea?

Essa historicidade dos sentidos relacionados às cores dos dois times tem como efeito-fundador, conforme relatado nas páginas que se dedicaram a retomar a edificação de cada clube que contribuiu na consolidação do imaginário que perpassa as suas representações, a escolha das que representariam o *Grêmio Esportivo Brasil* quando fundado em 1911.

Éder (2010) recupera na história da fundação desse clube, que a ideia primeira dos responsáveis era estabelecer as cores verde e amarelo para representá-lo já que seu nome e sua data de fundação faziam menção e homenageavam o nosso país, por outro lado, o amarelo fazia alusão ao *Esporte Clube Pelotas*, e esse processo de decisão, foi o pontapé inicial da rivalidade entre as duas equipes.

Dessa forma, reconhecendo a importância simbólica das cores no interior das duas formações discursivas, FD Áureo-cerúlea e FD Rubro-negra, estranhemos as duas matérias apresentadas que relacionam a violência ao *Brasil* e a paz ao *Pelotas*. Nesse aspecto, não se trata aqui de perguntarmo-nos o que tais materialidades queriam dizer, mas, sim, o que de fato dizem, sem dizer, ou seja, os sentidos que produzem nos não-ditos que significam.

Acreditamos nesse caminho, conforme temos enfatizado ao longo desta tese, que o futebol nos fornece subsídios para que possamos compreender o imaginário, as formas de organização e as relações que permeiam a nossa sociedade. Com a sustentação teórica nos pressupostos da AD, buscamos entender, por meio do percurso que realizamos, os efeitos de sentido que decorrem desse jogo de forças entre a dualidade futebolística do clássico Bra-Pel, em que nos perguntamos o *porquê* e *como* existe essa relação entre futebol e ideologia, posto que o discurso em torno desse esporte procura invisibilizar os processos discursivos que permitiram a sua realização.

Mesmo depois de anos, tratando-se de outras condições de produção, podemos observar que ainda circulam na cidade sentidos que recuperam os paradigmas preconceituosos entre os dois clubes que compõem o clássico futebolístico. Ao trazer na materialidade jornalística as cores vermelho e preto para abordar o tema violência, o jornal produz no fio de seu discurso sentidos que relacionam o clube (*Brasil de Pelotas*), o time e os sujeitos torcedores à marginalidade, ao passo que ao trazer as cores azul e amarelo com respeito à temática paz, produz sentidos que ligam o clube (*Pelotas*), o time e os sujeitos torcedores à honestidade.

Por isso, concordamos e retomamos que o futebol é um “mau negócio”, pois a ideologia da bola, cujos mecanismos são estruturantes na (re)produção de

sentidos a respeito do esporte em questão, e também dos próprios clubes e torcedores, produz e mantém as diferenças necessárias entre os sujeitos, incitando a luta de classes num espaço social comum a eles.

Dessa forma, entendemos que nosso questionamento inicial sobre o funcionamento do futebol em nossa sociedade, seus mecanismos ideológicos, seu papel na (re)produção de determinados sentidos e estereótipos, bem como o modo como ele interpela os sujeitos tatuados torcedores, foi sendo, pouco a pouco, atendido face nossa conduta exploratória aqui adotada.

E na continuidade de nossa conclusão, retomamos também, nossa posição do futebol enquanto metáfora, assumida a partir de Veríssimo (2010), Foer (2005) e Franco Júnior (2007). Em resumo, Veríssimo (2010), por exemplo, através do MH, afirmou que a função do futebol é ser metáfora, pois o esporte representa o desperdício nacional. Foer (2005) escreve que o esporte é uma metáfora da nova ordem mundial em que os clubes futebolísticos espalham classes sociais e ideologias políticas. E Franco Júnior (2007), por sua vez, trabalha o futebol como metáfora religiosa na medida em que o clube é uma “divindade”, os jogadores “deuses”, a camisa e a bandeira “mantos sagrados”, os gols “espíritos”, as defesas “milagrosas”, seus autores “santos” e o estádio um “templo sagrado”, e, também, como metáfora psicológica do viver em que se projetam sonhos e frustrações e como metáfora linguística graças ao fato de ele ser uma linguagem.

Cada um a seu modo, então, possibilitou-nos compreender a metaforização do esporte em nosso país, ou seja, sua representação, até que pudéssemos adentrar no espaço específico da cidade de Pelotas, em que ele assume tamanha relevância. Utilizando-nos das palavras de Franco Júnior (2007, p. 394), podemos retratar que “o futebol expressa, repensa e reconstrói idealmente a sociedade, ainda que à sua maneira, em outro registro, com instrumentos próprios”.

Por canalizar com eficácia as esperanças e as frustrações da sociedade, o futebol desperta emoção, sentimentos tão envolventes de afetos e desafetos, de identificação e de antagonismo, que o fazem se destacar de qualquer outra manifestação cultural contemporânea, e é por tal característica que julgamos pertinente concordarmos com Ramos (1984) e tratá-lo enquanto um Aparelho Ideológico de Estado seguindo os preceitos althusserianos.

Foi o que tentamos mostrar ao longo deste texto, estabelecendo relações entre o futebol e a ideologia, sem desconsiderarmos as outras reflexões que poderiam ser realizadas a partir de outras posturas teóricas e de outros campos do saber que estudam essa temática. De qualquer forma, chamamos atenção à complexidade desse esporte que contrasta com sua simplicidade aparente.

Wisnik (2008, p. 12) salienta que todos os caminhos possíveis de estudos possibilitam um belo assunto, na medida em que ele considera o futebol como um nó cego, “em que a cultura e a sociedade se expõem no seu ponto ao mesmo tempo mais visível e invisível”. Para além do bem e do mal, como trata o autor, o futebol brasileiro é uma das maiores propostas do esboço da civilização.

E levando isso em consideração, é necessário que se atente à preocupação de Arantes (2000, p. 151) quanto ao espaço público que, segundo ele,

está sendo reconfigurado por novas linguagens de diferença e desigualdade, como lugar político que passa a se estruturar mais a partir de enfrentamentos e de pactos *na diferença* (aqui pensada *lato sensu*, em suas variantes étnicas, regionais, raciais, de classe etc.) (ARANTES, 2000, p. 151, grifos do autor).

Por tal razão, a fragmentação da sociedade e os infortúnios que daí decorrem não podem mais ser assuntos banais na universidade, pois ao lado dos problemas e dos aspectos negativos considerados há, também, possíveis soluções. A vista disso, salientamos que o nosso anseio não é desaparecer com os sujeitos torcedores, tampouco com o futebol, mas destacar que ao compreender os sentidos que circulam em nossa sociedade, podemos ter a possibilidade de redirecionar e transformar o funcionamento desse esporte.

Sobre tal ponto, Pêcheux (2009 [1988]) já nos alertava sobre a possibilidade mesma de transformação no sistema de produção, em que nesse “mundo semanticamente normal”, logicamente estabilizado de evidências subjetivas, há espaço para a resistência do sujeito, para a transformação das relações sociais, sendo a condição nossa postura de discussão.

E é essa a contribuição do nosso trabalho, a nosso ver, pois acreditamos despertar interesse na temática que propomos, provocando concomitantemente a reflexão, a discussão. O que julgamos ser importante já que, como salienta DaMatta (1982, p. 16), “cada sociedade tem o futebol que merece”. Do exposto, faz-se necessário pensarmos teoricamente a relação entre futebol e ideologia e as implicações que dessa relação decorrem, para que possamos, a partir do espaço acadêmico, buscar por uma sociedade melhor, menos preconceituosa.

Arantes (2000, p. 163) escreve, ao concluir seu trabalho, que “é tão difícil quanto urgente lutar para que prevaleçam, na construção do espaço público, o respeito e o sentimento de responsabilidade pelo semelhante e pelo diferente”. E, diante dessa orientação, tendo em mente essa perspectiva, que possamos como analistas de discurso seguir o alerta pecheuxiano e quebrarmos os espelhos da cegueira quanto à história, como também da surdez quanto à língua, intervindo no real que lhe é próprio, pois é por aí que podemos combater a cegueira e a surdez referidas, ao invés de cairmos “na tentação da pior das complacências narcísicas” (PÊCHEUX, 2009 [1981], p. 26).

Assim, ao mesmo tempo em que atentamos à língua, que possamos reparar outras materialidades significantes como no nosso caso, em que o corpo-tatuado ganha ênfase e as tatuagens são entendidas para além de seu desenho, possibilitando que sentidos possam ser interpretados através de uma leitura sustentada teoricamente.

E que a bola possa continuar rolando!

Referências

ABREU, Ana Sílvia. Corpo e linguagem – uma relação constitutiva. **Revista Movimento e Percepção**. Espírito Santo do Pinhal, SP. v. 6, n. 9. 2006. p. 01-05.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença, 1970.

ALVES, Eliseu de Mello. **O futebol em Pelotas**: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941). Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

AMANDA. Pra frente Brasil (Copa de 1970). Hinos de Futebol. **Letras**. s.d. Fonte: Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/hinos-de-futebol/394819/>>. Acesso em: 31/08/2018.

ANDRADE, Homero. A princesa e os touros: futebol, signos, símbolos e identidades culturais. **Revista Homem, Espaço e Tempo**. Universidade Estadual Vale do Acaraú. v. 2, n. 2. 2008. p. 55-73.

APOIADO por Marco Polo Del Nero, Caboclo é eleito presidente da CBF. **Gazeta**. Fonte: Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/futebol/apoiado-por-marco-polo-del-nero-caboclo-e-eleito-presidente-da-cbf/>>. Acesso em: 10/07/2018.

ARANTES, Antônio. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2000.

AZEVEDO, Aline. A escrita na carne e a metáfora da coesão. V Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD): O acontecimento do discurso: filiações e rupturas. **Anais do V SEAD**. Porto Alegre, 2011. p. 01-05.

_____. **Cartografias do corpo**: metáforas contemporâneas da sutura e da cicatriz. 2013. 191f. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2013.

BALDINI, Lauro José; LEONEL DE SOUZA, Levi. Os sentidos tomando o corpo. In: **Sujeito, Corpo, Sentidos**. Organização de Aline Fernandes de Azevedo. Curitiba: PR. 2012. p. 69-88.

BARRETO, Túlio Velho. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**. Dossiê Cosmologia. Universidade de São Paulo. n. 62. 2004. p. 233-238.

BECK, Maurício; ESTEVES, Phellipe. O sujeito e seus modos – identificação, contraidentificação, desidentificação e superidentificação. **Leitura**. v. 2, n. 50. 2012. p. 135-162.

_____. Sobre a reprodução/transformação: o (dis)funcionamento ideológico e seus efeitos políticos. In: **Análise do Discurso**: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Organização de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Solange Mittmann. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 67-79.

BRAGA, Diego. **Excesso e produção de instabilidade**: uma análise do discurso da organização dos Jogos do Rio 2016. 2017. Tese de Doutorado. 130f. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2017.

CAZARIN, Ercília Ana. **Identificação e representação política**: uma análise do discurso de Lula. Ijuí: Unijuí, 2005.

_____. Gestos interpretativos na configuração metodológica de uma FD. **Organon**. Porto Alegre. n. 48. 2010. p. 01-11.

_____. Enunciados em rede na tessitura do discurso. In: **Discurso em Rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Organização de Evandra Grigoletto, Fabiele Stockmans e Carme Schons. Recife: Ed. Universitária – UFPE, 2011. p. 01-14.

_____. Os fundamentos da Análise de Discurso: a permanência e novos rumos. **IV Seminário Fios ao tear**: conversas com a Análise de Discurso sobre... memória e esquecimento. 23 de mai., 2014. Pelotas. Mesa-redonda, 2014.

CHADE, Jamil. **Política, propina e futebol**: Como o “Padrão Fifa” ameaça o esporte mais popular do planeta. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COPA do Mundo FIFA. **Wikipedia**. 2018. Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_FIFA>. Acesso em: 13/09/2018.

CORNELSEN, Elcio. Futebol, música e literatura: uma análise dos hinos dos clubes esportivos brasileiros. **Ciência e Cultura**. v. 66, n. 2. 2014. p. 42-46).

COSTA, Ana Maria. “Se fazer” tatuar: traço e escrita das bordas corporais. **Estilos da Clínica**. n. 12, 2002. p. 56-63.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAMATTA, Roberto. **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**. Dossiê Futebol. Universidade de São Paulo, n. 22. 1994. p. 10-17.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura**: educação física e futebol. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

DIAS, Elder Pereira. A Formação Discursiva do jogador de futebol em entrevistas para tv. II Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD). O campo da análise de discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. **Anais do II SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 01-09.

ÉDER, José. **BRAPEL**: A rivalidade no sul do Rio Grande. Pelotas, RS: Editora Livraria Mundial, 2010.

ERNST, Aracy. Uma introdução à Análise de Discurso. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. v. 26, n. 2. 1991. p. 07-20.

_____. Corpo e Sujeito: “efeitos” dos cosméticos. Seminário Internacional Fazendo Gênero. n. 6, 10 a 13 de ago., 2004. Santa Catarina. **Anais do evento**, 2004. p. 01-07.

_____. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. IV Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD): 1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso. **Anais do IV SEAD**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 01-06.

FERREIRA, Deborah. O corpo como texto: análise discursiva da escrita no corpo. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 3, n. 1. especial. 2012. p. 138-146.

FERREIRA, Vitor. Política do corpo e política de vida: a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. **Etnográfica**. v. 11, n. 2. 2007. p. 291- 326.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FONSECA, Rodrigo. O marxismo de Pêcheux. **VII Colóquio Internacional Marx e Engels**. 2012. p. 01-09.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1972.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Gilberto Freire. **Ebiografia**. 2017. Fonte: Disponível em: <https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/>. Acesso em: 03/07/2017.

FUTEBOL: agressividade e paixão em busca de representação. **Psicologia Ribeiro Preto**. 2018. Fonte: Disponível em: <<http://www.ribeiraopretopsicoologia.com.br/futebol-agressividade-paixao-busca-representacao/>>. Acesso em: 12/07/2018.

GADET, Françoise. Prefácio a PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990]. p. 07-10.

_____; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Tradução de Bethânia Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.

GRIGOLETTO, Evandra. A língua além do sistema e da norma. In: **Ensino e Aprendizagens de línguas**: língua portuguesa. Organização de Ercília Ana Cazarin e Gesualda dos Santos Rasia. Ijuí: Editora Unijuí, 2007. p. 27-36.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. Prefácio a RAMOS, Roberto. **Futebol**: Ideologia do Poder. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.

_____. **Sociologia crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre, RS: Mundo Jovem, 1986.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso. **Language**. n. 24. 1971. p. 01-06.

_____. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. São Paulo: Hucitec, 1992.

HELPER, Inácio. O jogo de futebol como uma contradição. In: **Filosofia e futebol**: troca de passes. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 80-94.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: **Por uma análise automática do discurso**. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990]. p. 11-38.

_____. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito, discurso**. Campinas: UNICAMP, 1992.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Revista Rua**. Campinas. v. 1. 1995 [1967]. p. 63-89.

HINO oficial do Esporte Clube Pelotas. **ECPelotas**. s.d. Fonte: Disponível em: <<http://ecpelotas.com.br/hino-oficial/>>. Acesso em: 20/02/2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INDURSKY, Freda. Polêmica e Denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. **Caderno de Estudos Linguísticos**. n. 19. 1990. p. 117-122

_____. O sujeito e as feridas narcísicas dos linguistas. **Gragoatá**. n. 5. Niterói, RJ: EdUFF, 1998. p. 111-120.

_____. A memória na cena do discurso. In: **Memória na/da análise do discurso**. Organização de Freda Indursky, Solange Mittmann e Maria Cristina Leandro Ferreira. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 69-89.

_____. Políticas do esquecimento x políticas de resgate da memória. In: **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Organização de Giovanna Flores, Nádia Neckel e Solange Gallo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 11-28.

JAHNECKA, Luciano; RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Méri Rosane. Olhando futebol: jeitos xavantes de torcer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis. v. 35, n. 1. 2010. p. 195-210.

JR-FREITAS. Miguel Archanjo de. O futebol como objeto de estudo das ciências sociais: a urgência de novas abordagens. **Revista Digital**. Buenos Aires. Ano 10, n. 94. 2006. p. 01-05.

LEANDRO-FERREIRA. Maria Cristina. Análise do Discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. **Organon**. Instituto de Letra da UFRGS. v. 24, n. 48. 2010. p. 01-12.

_____. O discurso do corpo. In: **Trilhas de investigação**: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva. Organização de Solange Mittmann e Antônio Marcos Vieira Sanseverino. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2011a. p. 89-105.

_____. Discurso, arquivo e corpo. In: **Discurso, arquivo e...** Organização de Bethânia Mariani, Vanise Medeiros e Silmara Dela-Silva. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011b. p. 174-185.

_____. Pensando a arte como discurso. In: **Análise do Discurso**: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Organização de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro-Ferreira e Solange Mittmann. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015a. p. 263-274.

_____. Resistir, resistir, resistir... primado prático discursivo! In: **Discurso, resistência e...** Organização de Alexandre Soares et al. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2015. p.159-169.

LÉON, Zênia de. **Pelotas**: sua História e sua Gente para 1. e 2. graus. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1996.

LOBATO, Monteiro. O 22 da “Marajó”. In: **A onda verde**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1921.

MAGALHÃES, Mário Osório. **História e Tradições da Cidade de Pelotas**. 6. ed. Porto Alegre: Ardotempo, 2011.

MALDIDIER, Denise. **A inquietação do discurso** – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. Organização de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2011. p. 39-62.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 4. ed. Pelotas, RS: Editora Ática, Série Princípios, 1998.

MARIANI, Bethania. Ideologia e inconsciente na constituição do sujeito. **Gragoatá**, Niterói: RJ, n. 1. 1998. p. 87-95.

_____. Textos e conceitos fundadores de Michel Pêcheux: uma Retomada em Althusser e Lacan. **Alfa**, São Paulo. v. 1, n. 5. 2010. p. 113-127.

MARQUES, Marcos Wilson. **Tatuagem**: expressão cultural a arte através da pele. 2007. 43 f. Monografia. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Brasília, 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989 [1845].

_____; _____. **O manifesto Comunista**. Tradução de Ridendo Castigat Moraes. Fonte Digital. 2009 [1848].

_____. **O Capital**. Tradução de Ruben s Enderle. Boitempo Editorial. 2013 [1967].

MELO, Mariana. O futebol e o surgimento dos mitos: a mídia e a análise dos discursos. 6. Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. **Anais do evento**. Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2008. p. 01-14.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista Em Aberto**. Brasília, Ano 14, n. 61. 1994, p. 53-59.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. Seminário de Estudos em Análise de Discurso – Michel Pêcheux e a Análise de Discurso: uma relação de nunca acabar. **Conferência**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2003. p. 01-18.

_____. Textualização do Corpo: A escritura de si. In: **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004. p. 119-128.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a.

_____. À flor da pele: indivíduo e sociedade. In: **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b. p. 187-197.

_____. Processos de significação, corpo e sujeito. In: **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c. p. 83-96.

_____. **Discurso e Texto**: formulação e circulação de sentidos. Capinas, SP: Pontes Editores, 2012d.

OSÓRIO, Sérgio Augusto; AMARAL, Mário Gayer. **A história dos Bra-Péis**. Pelotas: Editora Signus, 2008.

PAVEAU, Marie-Anne. Uma enunciação sem comunicação: As tatuagens escriturais. **Revista Rua** [online]. Campinas, SP. v. 1, n. 16. 2010. p. 05-41.

PÊCHEUX, Michel. O estranho espelho da Análise de Discurso. Prefácio a COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck et al. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009 [1981]. p. 21-26.

_____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009 [1988].

_____. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, SP, n. 19. jul./dez., 1990 [1982], p. 7-24.

_____. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethania Mariani et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 [1990].

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 6. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012 [1983].

_____. Sobre os Conceitos Epistemológicos da Análise de Discurso. In: **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014 [1998]. p. 283-294.

PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. Introdução à obra. In: **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em Análise de Discurso. Organização de Carlos Piovezani e Vanice Sargentini. São Paulo: Contexto, 2011. p. 07-38.

QUEVEDO, Marchiori Quadrado de. **Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos** – Um exercício de análise da imagem com base na análise de discurso. 2012. 253 p. Dissertação, Mestrado em Letras: Linguística Aplicada, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Pelotas, 2012.

RAMOS, Roberto. **Futebol**: Ideologia do Poder. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.

RIBEIRO, Mariângela et al. A agenda do futebol no Governo Lula: ações rumo à Copa do Mundo FIFA 2014. **Motrivivência**. v. 29, n. 50. 2017. p. 90-103.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

_____. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 29, n. 3. 2008. p. 173-188.

_____. Cantera e categorias de bases: considerações sobre a formação, o pertencimento clubístico e a circulação de jogadores espanhóis e brasileiros. In: **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Organização de Elcio Cornelsen, Günther Augustin e Silvio da Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguaratirica, 2015. p. 123-133.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual do Maringá, v. 11, n. 1. 2000. p. 167-172.

ROCHA, Eliane Correa. **O aspecto social da iconografia do futebol e estudo de caso das agremiações desportivas cariocas**. 2008. 155 f. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

ROHDEN, Luiz; AZEVEDO, Marco; AZAMBUJA, Celso. Aquecimento: a Filosofia Aplicada ao Futebol. In: **Filosofia e futebol**: troca de passes. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 07-23.

SÁ, Ariane Boaventura da Silva; SÁ, Roberto Boaventura da Silva; NATALI, Paula Marçal. Futebol e mídia: discurso da publicidade durante a copa na África do Sul. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 36, n. 2, abr./jun., 2014. p. 140-155.

SCHLEE, Aldyr Garcia. 1983. Prefácio a ALVES, Eliseu de Mello. **O futebol em Pelotas**: subsídios para a história do futebol em Pelotas (1901-1941). Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

SEBENELO, Sonia Martins. Futebol e subjetividade. In: **Filosofia e futebol**: troca de passes. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 235-248.

SIGNIFICADO de evolução humana. **Significados**. 2018. Fonte: Disponível em: <<https://www.significados.com.br/evolucao-humana/>>. Acesso em: 24/01/2019.

SIMSON, Olga Rodrigues. Apresentação. In: RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004. p. 15-20.

SILVA, Antônio Soares. Poesia Princesa do Sul. In: LÉON, Zênia de. **Pelotas: sua História e sua Gente** para 1. e 2. graus. Pelotas: Editora Universitária/ UFPEL, 1996.

SILVA, Bruna. **A tatuagem na contemporaneidade**. 2010. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2010.

SILVA, Renata. **O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT**. 2010. 199 f. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, 2010.

SILVA, Marcelino. Futebol brasileiro, invenção modernista. In: **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer**. Organização de Elcio Cornelsen, Günther Augustin e Silvio da Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguaratirica, 2015. p. 135-147.

SILVA, Naiara Souza da. **Tatuagens: sujeitos e sentidos**. 2014. 153f. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2014.

_____; CAZARIN, Ercília Ana. A produção de diferentes sentidos para a tatuagem denominada índia. **Revista Línguas e Letras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. v. 16, n. 34. 2015a. p. 139-157.

_____; _____. Demônio da tasmânia: diferentes leituras dessa tatuagem. In: **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**. Organização de Giovanna Flores, Nádia Neckel e Solange Gallo. Campinas, SP: Pontes Editores. 2015b. p. 73-94.

_____; _____. A textualização da resistência por meio da tatuagem “Demônio”. **Revista Linguagem e Ensino**. Universidade Católica de Pelotas: UCPEL. v. 21, n. especial. 2018. p. 431- 448.

_____; LIMA, Stella Aparecida. Discurso Ufanista materializado no corpo. XII Encontro do CELSUL – 100 anos do Curso de Linguística Geral: desdobramentos e perspectivas. **Anais do XII CELSUL**. Santa Maria: UFSM, 2016. p. 01-12.

_____; _____. O discurso ufanista materializado no corpo. **Revista Rua** [online]. Campinas. v.1, n. 23. 2017a. p. 49-61.

_____. Tatuagem da bandeira Farroupilha: a mobilização da memória na produção de sentidos. **Revista Re-Unir**. Universidade Federal de Rondônia. v. 4, n. 1. 2017b. p. 106-122.

_____. O político na produção de sentidos. VIII Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD) – 2017: O político na Análise do Discurso. **Anais do VIII SEAD**. Universidade Federal de Pernambuco: UFPE. 2017. p. 01-04.

_____. Precisamos falar sobre o futebol, precisamos falar sobre a mulher nesse espaço esportivo! 3 Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol – Políticas, Diversidade e Intolerâncias. **Anais do evento**. Museu do Futebol, São Paulo: SP. 2018a. p. 01-09.

_____. Uma leitura política do futebol. **Caderno de Letras**. Universidade Federal de Pelotas: UFPEL. n. 32. 2018b. p. 151-170.

SOUZA, JESSÉ. **A Radiografia do Golpe**: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.

SUJEITO B. 01H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. [set., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (04:08). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 01M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. [set., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (09:19). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 02M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. [set., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (09:19). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 03M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time**. [out., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (06:57). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 04H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [dez., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (07:20). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 05M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [nov., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (17:27). 1 fotografia das tatuagens.

SUJEITO B. 06M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [dez., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (20:09). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 07M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [fev., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (26:06). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 08M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [fev., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (03:12). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO B. 10H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [mar., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (24:08). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 01M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [nov., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (15:55). 1 fotografia das tatuagens.

SUJEITO P. 02H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [out., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (04:03). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 02M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [dez., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (07:48). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 03H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [nov., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (06:59). 1 fotografia das tatuagens.

SUJEITO P. 04H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [nov., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (02:06). 1 fotografia das tatuagens.

SUJEITO P. 04M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [mar., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (07:08). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 05H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [nov., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (05:06). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 05M. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [mar., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (03:48). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 06H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [fev., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (04:02). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 08H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [mar., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (16:18). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 12H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [mar., 2017]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2017. 1 arquivo mp3 (02:52). 1 fotografia da tatuagem.

SUJEITO P. 13H. **Entrevista sobre a tatuagem de seu time.** [dez., 2016]. Entrevistador: Naiara Souza da Silva. Pelotas, 2016. 1 arquivo mp3 (04:25). 1 fotografia da tatuagem.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Transgressão e violência entre os torcedores de futebol. **Revista USP**. Dossiê Futebol. Universidade de São Paulo, n. 22. 1994. p. 92-101.

_____. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**. São Paulo. n. 163. 2010. p. 175-189.

TUBINO, Manoel José; SOUZA, Bruno Castro; VALLADÃO, Rafael. Uma análise acerca do conteúdo dos hinos oficiais e populares dos principais clubes cariocas de futebol da Primeira República ao Estado Novo. **Fitness & Performance**. n. 1. 2009. p. 56-67.

VALLS, Álvaro. No futebol, a gente ganha, empata ou perde. Possibilidade versus probabilidade. **Filosofia e futebol**: troca de passes. Organização de Luiz Rohden, Marco Antônio Azevedo e Celso Cândido de Azambuja. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 51-67.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Infantilidades. In: **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010. p. 25-26.

_____. Para que serve o futebol. In: **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010. p. 19-20.

_____. Sem bola. In: **Time dos sonhos**: paixão, poesia e futebol. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2010. p. 29-30.

VILELA-ARDEBGHI, Ana Carolina. O “verdadeiro” futebol brasileiro: estereótipo e discurso. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 44, n. 3, 2015. p. 918-927.

VINHAS, Luciana Iost. **Discurso, corpo e linguagem**: processos de subjetivação no cárcere feminino. 2014. 303f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

_____. De aranha a borboleta: processos de subjetivação e um corpo preso. In: **Análise do Discurso**: dos fundamentos aos desdobramentos (30 anos de Michel Pêcheux). Organização de Freda Indursky, Maria Cristina Leandro Ferreira e Solange Mittmann. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015. p. 223-234.

_____. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Revista Linguagem e Ensino**. Pelotas, v. 21, n. 2. 2018. p. 78-87.

_____. Precisamos falar sobre Temer: o estranhamento na voz. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. especial. 2017. p. 2482-2491.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 05M

Transcrição

[(Muitos barulhos externos)] ((Podemos começar, então!)) Tá. (+) Sobre... a tatuagem, o desenho, o que é, né?! Eu tenho o distintivo, tenho uma frase do hino embaixo ‘Nosso sangue é a nossa raça’ e tenho tatuagem do técnico Rogério Zimmermann na... no tornozelo. São 3, consideradas 3, mas eu considero 2 porque tem uma embaixo da outra. Tá, lugar do corpo? Tá! Eu tenho na nuca, na parte da nuca, e no tornozelo, são os lugares que eu tenho. ((No pé direito ou esquerdo?)) No... esquerdo. [((Esquerdo!))] Esquerdo. Essa é bem pequenininha assim, bem pequenininha. A inspiração para o desenho? – voz sussurrada – Bom, o símbolo, primeiro, foi uma promessa em 2009, que eu fiz quando o Brasil ia subir para a série D contra o América... América Mineiro. Eu marquei a tatuagem porque eu estava confiante que o Brasil ia subir, marquei a tatuagem. O jogo foi num domingo e nós perdemos, e eu marquei a tatuagem para a segunda e era promessa. Aí eu disse, não, já está marcado, não interfere em nada no amor que eu sinto pelo clube, não interfere, aí eu fui lá e fiz a tatuagem, aí eu acabei... acabei fazendo, foi em 2009 isso, foi a minha primeira tatuagem que eu não tinha nenhuma, agora eu estou com 10, eu não tinha nenhuma na época, aí foi a minha primeira, eu tinha 19 anos. E depois eu fui, quando eu fui retocar ela, que ela desbotou, faz 2 anos atrás, foi que eu escrevi o hino embaixo porque ficou só o símbolo solto nas costas, aí eu quis colocar o hino embaixo para não ficar o símbolo voando e essa é a parte do hino que eu mais gosto. E a do Rogério é porque eu sou fã dele desde 2004, desde 2004, no primeiro jogo dele há... aqui no Brasil foi contra a Ulbra, foi fora, a gente ganhou por 3 a 2, meu pai era vivo, ele que me incentivou a torcer pelo Brasil e já... já nesse ano, no caso, ele, foi em 2004, nós estávamos na segunda divisão e ele já nos subiu para a primeira divisão, nós fomos Campeões Citadino, foi aquele Bra-Pel dos 9 que nós ganhamos do Pelotas, na casa do Pelotas com 2 jogadores a menos, o Milar era vivo na época, e aí foi por isso mesmo que eu fiz, o Rogério é, o Rogério é o meu ídolo. O Milar foi meu ídolo, foi, só que o Milar, eu via jogos com o meu pai com ele e o meu pai faleceu, então muitas coisas eu não gosto de lembrar do Milar, não que ele não seja o meu ídolo, porque uma coisa junta a outra, eu acabo sentindo falta, tanto é que eu perdi meu pai, meu pai morreu 6 meses depois do acidente que o Milar morreu. Então eu não gosto muito de pensar no... no Milar assim, não porque eu não tenha prestígio dele como jogador, ele foi fundamental no Brasil, mas eu procuro não associar uma coisa à outra porque me bate uma saudade de ambos, de ambos [((Claro! Com certeza!))] aí o Rogério assim para mim, é, eu estou só pela renovação dele agora – risos – estou louca que ele renove de uma vez. (+) ((E a do pé? É, a do pé tu já falou também.)) É, a motivação. A época em que se tatuou? Foi em 2009 que eu fiz a minha, foi dia 15 de dezembro, o retoque eu não me lembro, foi há 2 anos atrás, e a do Rogério foi promessa que se subisse da série D para a série C, lá em Brasília, eu fui no jogo lá em Brasília, e subiu e eu fiz, foi dia 17 (+) de outubro, se eu não me engano, a do Rogério foi promessa também. É o autógrafo dele que eu tenho, ele autografou uma camisa e eu peguei o desenho e o tatuador fez, foi o autógrafo. Aí eu fui até Brasília de ônibus, foram... 86 horas de viagem [((Nossa!))] aí eu fui até Brasília, tiveram pênaltis, eu não vi os pênaltis, eu fui até lá e não vi os pênaltis – risos – aí depois que terminaram os pênaltis, foi que... porque eu estava... passei... eu tenho pressão baixa, tenho asma, tenho tudo, me deu um revertério, imagina, adrenalina pura, viajei até lá, um calorão, porque lá em Brasília é mais quente do que aqui, um calorão absurdo e eu disse assim ‘Não tenho coração para ver os pênaltis’, não tenho, aí quando eu vi que o pessoal, eu me virei de costas, o pessoal tudo no chão jogado, eu disse ‘Tá, subiu’, aí eu vi todo mundo na na torcida, veio na tela os jogadores, subiram, aí eu pensei, é teu nome que eu vou tatuar, é teu nome porque tu merece, que era o do Rogério. ((Eu imagino a euforia!)) Eu pensei porque ele foi para a tela e começou a chorar e eu chorava mais ainda né, e eu dizia para ele é... dizia para ele, claro que ele não escutou né, mas eu dizia, ‘É tu’, ‘É tu’, não não tem outro, ‘É tu’, claro que envolve todo um grupo de jogadores né, é todo

um grupo, não é só mérito do Rogério o acesso [((sim, mas precisa de alguém que faça a frente))] precisava de alguém que faça a frente, e para mim ele é assim ó, fantástico, até como pessoa, ele sempre, eu já encontrei ele, ele como pessoa é muito... ele não aprovou a minha tatuagem – risos – ele não aprovou, ele disse que eu sou louca de fazer a tatuagem com o nome dele, e ‘Não, mas é pequena, depois dá para ti... para ti... apagar’ dizia ele. Aí é isso! – risos – ((Muito legal!)) Foi isso a motivação! ((E o que as pessoas te falam assim quando veem?)) Tem... no caso, o pessoal do Brasil e do Pelotas, que eu tenho amigos do Pelotas, que ama o futebol, que gosta de futebol, não acha loucura, acha uma coisa... normal, uma coisa de quem é fanático mesmo, mas quem não me conhece acha bobagem, acha aí, que é bobagem ter uma tatuagem de um time de futebol, o time não te dá nada, esses jogadores estão lá recebendo e tu não ganha nada, só coloca dinheiro fora com futebol, isso é coisa que todo mundo ouve né. A do Rogério todo mundo me criticou [(barulhos externos)] a do Rogério todo mundo me criticou, ‘Ah e se ele for para o Pelotas’, ‘Se amanhã ou depois ele for para o Pelotas’, se ele for para o Pelotas, o que ele fez aqui não vai ser apagado, não vai ser apagado, então, independente do time que ele for, eu vou torcer para ele, eu torço por ele como profissional, como profissional, para mim, ele é perfeito, para mim ele é um dos melhores treinadores que já teve no Brasil, e a torcida do Brasil há muitos anos, desde os meus 8 anos de idade eu vou no estádio, então eu já vi vários treinadores, e... e para mim, ele é o melhor, ele foi o melhor. E se ele for para o Pelotas, óbvio que eu não vou torcer para o Pelotas, a favor que o Pelotas ganhe, não quero – risos – mas eu vou torcer por ele, pelo mérito dele, que ele seja um bom profissional, que ele tenha... que seja prestigiado pela torcida sempre. ((Tu falaste em fanático, o que é ser fanático?)) (+) Olha... eu... eu não era tão fanática assim, eu quando eu era pequena, eu acompanhava, eu sempre gostei de futebol na verdade, futebol em si, qualquer time de futebol que estivesse jogando eu estava vendo, eu gosto de futebol, mas no Brasil eu comecei no fanatismo mesmo a partir de 2004, foi quando o Rogério assumiu. Hã... assim, eu comecei a respirar o Brasil, tudo era Brasil, tudo... eu queria, eu quis comprar camiseta, comprar mais camisetas, eu ia a todos os jogos, sou sócia desde os 8 anos de idade, sócia do clube (+) e a minha prioridade começou a ser camisa de futebol ao invés de uma blusinha normal de menina, hã... comprar meia, calção, uniforme do Brasil, tudo o que saía, ir a treino, começou a me despertar uma vontade louca de estar sempre vivendo em torno do Brasil, e eu trabalhei na loja do Brasil, na época para mim era um sonho aquilo, trabalhei 4 anos na loja do Brasil, para mim eu não considerava um trabalho, para mim era... maravilhoso estar ali dentro, estar vivendo aquilo, chegar e ter, dar de cara com os símbolos do Brasil ou conversar com pessoas, clientes minhas, que falavam histórias antigas, que nem pessoas mais velhas, ‘Ah eu fui numa excursão em 60 e poucos... 70 e poucos’, era muito bom trocar experiências, sabe, com pessoas mais velhas assim, é muito bom. Então, o meu fanatismo é esse. Hoje em dia mesmo eu tenho 70 e tantas camisas do Brasil oficial, fora essas assim de malha, sabe, eu tenho, eu dou prioridade para comprar camisa, se sai uma camisa eu saio bem louca para comprar, se eu não tenho dinheiro eu dou um jeito para comprar, eu tenho camisas com etiquetas que eu não usei ainda, só pelo prazer de ter, para ajudar o clube, e sou sócia para ajudar o clube mesmo, não espero nada em troca do clube para mim, eu ganho se eu puder, se eu pudesse dava muito mais o Brasil, muito mais. ((Se fosse resumir, talvez, em palavras seria motivação?)) – balança a cabeça – ((Não?)) – balança a cabeça novamente – ((Paixão?)) – balança a cabeça outra vez – ((Também não?)) Me ajuda muito, eu tive depressão, eu tive depressão, e a minha psiquiatra, a minha psicóloga, me incentivaram a... me indicaram a me apegar a alguma coisa que eu gostasse muito, a primeira coisa que me veio na cabeça foi o Brasil, claro tem a minha mãe, mas fora assim, eu estou dizendo nesse sentido, e eu me apeguei no Brasil, eu comecei a... ir nos jogos, aquela coisa toda, eu fazia um esforcinho enorme para ir nos jogos porque lá dentro eu me sentia bem, dentro do estádio mudava o meu humor, muda o meu humor até hoje, dentro do estádio eu me sinto assim ó, em casa. ((E como que é então a mulher estar no estádio?)) Olha, já foi pior. Começou, eu acompanho o estádio desde os 8 anos de idade e teve uma época que tu não podia entrar sozinha, mulher, no no estádio, porque tu passava para entrar num lugar e os homens te jogando coisas, te chamando de palavrões né, que tu já imagina o que seja, então, eu ia muito com o meu pai, e... era meio complicado, tu não via muita mulher, mas hoje em dia, tu entra na baixada, o quadro de sócios feminino, porque quando eu trabalhava na loja, elas iam pagar a mensalidade, e eu fazia... eu recebia as mensalidades, muita

mulher, o quadro social aumentou muito muito de mulheres. E hoje tem... tem torcida, tem a Máfia Xavante tem um grupo feminino, tem a Comando... que também tem um grupo feminino e tem as gurias que a gente se juntou todas para para frequentar, para ir mais mulheres no estádio. Hoje já está mais calmo, a torcida do Brasil está um pouco mais calma, não sei até se tem a ver com a administração, com a proibição do álcool dentro do estádio, que que na época, a torcida do Brasil era bem mais... assim, eufórica, na época do álcool, de invadir o campo, brigas, cansei de sair da baixada abaixo de cavalo por cima, Brigada por cima, mas tem machismo, ainda tem, porque tu tem... porque acham que ah, seu tu estás com uma camisa nova, 'Ah, foi um jogador que te deu', sabe, se tu quer tirar uma foto com um jogador, tu tira uma foto com um jogador e posta na rede social, 'Ah, tu estás pegando', estás ficando, estás pegando o jogador, tem muito isso, mas já diminuiu bastante isso. ((É... eu estou pensando como eu vou sair dessa dessa enrascada, não sei, dessa sinuca de bico, de pensar a mulher, porque eu também acho que a mulher conquistou esse espaço também...)) Sim! ((... mas a gente não pode fechar os olhos para... que ainda há discursos machistas né?!)) Sim, muito, muito. Nós temos um grupo da torcida no caso, no *Facebook*, a torcida Xavante, hã... e todos... todos comentam de futebol, todos homens, tu vai dar um palpite... tu é errada, mesmo que seja o mesmo palpite do fulano lá de cima que tu concorda, mas eles acham que não, não não entendem, começam a retrucar contigo e aí tu começa a bater boca, tipo porque acham que tu não não entende, por isso que muitas mulheres não comentam nesse grupo, é só bobagem, é homens comentando, porque tudo o que tu escreve ali, eles te bombardeiam, porque eles acham que tu não entende, só que assim, como eu te disse, eu gosto de futebol e eu acompanho hã... hã... na televisão, qualquer jogo, Campeonato Brasileiro, série A, série B, série C, eu gosto de futebol, então eu não (+) 'O que é impedimento?' sempre eles começam, 'O que é impedimento?', 'Sabe o que é impedimento?', não é uma coisa, um bicho de 7 cabeças, se tu acompanhar o futebol, tu acaba sabendo das regras, tu acaba sabendo... e eles ficam te questionando: 'Tá, mas tu sabes o que é impedimento para estar no estádio?', 'Tu sabe o que é um pênalti para estar no estádio?', 'Tu vai só para ver jogador!', 'Tu vai para tirar foto, bater *selfie* com um jogador e colocar na rede social...', então, eles acham muito isso. ((E sobre o time rival?)) Assim... ((O que pensar, o que dizer?)) Eu tenho amigos, tenho amigos, tenho conhecidos, tenho uma amiga que é muito... muito fanática também, ela tem uma tatuagem do Pelotas, e a gente se dá desde pequena, só que a gente sempre se respeitou, nunca assim ó, como a gente já sempre uma disse para a outra 'Ó, não vamos falar de time', eu falo mal do Brasil e ela fala mal do Pelotas para mim, mas é a gente, 'Ah, hoje o Brasil jogou mal, o Brasil não jogou bem, uma porcaria....', ela também falou do Pelotas, que ela ficou indignada que o Pelotas não subiu esse ano, mas assim, eu não debocho dela e ela não debocha de mim, nós nos respeitamos, e eu penso assim também, hã... é bom pro... para a cidade ter os 3 times numa série A de Gauchão, por exemplo, não... não não seria... eu seria hipócrita até estar dizendo que eu quero ver o Pelotas numa série ruim, não quero ver o Pelotas muito bem, não quero, mas seria bom para a cidade ter os times, ter o Farroupilha e ter o Pelotas, porque valoriza também o futebol, valoriza. Mas do rival é isso, eu... eu escuto os jogos, escuto, eu seco, eu não vou te mentir – risos – eu acompanho os jogos e... eu seco bastante, mas é isso, eu não, eu não torço... torço que que que – gagueja – suba, eu quero que o Pelotas suba, não, eu estaria sendo muito idiota se eu dissesse isso, mas também se subir ou se cair para mim não faz diferença, desde que não prejudique o Brasil, por mim é indiferente, o Pelotas é indiferente. ((E... o que que tu achas (+) da... ainda existe preconceito de classe, alguma divisão de classe entre a dupla?)) Existe, muito. Classe social tu diz? [((É!))] Muito. Tanto que... é, já teve muito hã... problemas na na *internet* de coisas postadas que o time do Brasil é o time da... além do racismo, da negrada, time de de pobre, time de pepino, porque, realmente, a torcida do Brasil, agora não tanto, mas já foi uma época, era bem mais humilde do que o Pelotas, o Pelotas a gente sabe que é um pouco mais elitizada, o pessoal tem esse pensamento... / ((É, eu vou reconstruir essa história. Vou tentar né!)) / Sim. Claro, tem pessoas pobres lá, assim como em todos os lugares e tem aqui, só que no Brasil sempre foi mais, tem essa função de racismo, eu fui num Bra-Pel lá na Boca do Lobo que eles nos jogaram cachos de banana, na torcida, sabe, além do racismo começa, 'Vocês são pobres!', 'Vocês não tem estádio!', só que o estádio do Brasil foi construído pela própria torcida na primeira vez, tanto que o meu pai ajudou a construir. A arquibancada foi desmontada, eu fui lá e peguei um tijolo, até está lá na minha casa, está guardadinho de recordação – tom entusiasmado – então, é tudo

construído pela torcida, o gramado a gente trocou com a torcida, a tela a gente trocou, a drenagem a gente trocou, tudo foi a torcida do Brasil que trocou. Aí teve uma época que eles estavam usando Adidas, aí era aquela função, 'Ah, porque nós usamos Adidas e vocês usam Dresch!', que é de São Leopoldo a marca, sabe, então comprava camisa da... nem andavam com a camisa do Pelotas, mas aí porque era Adidas ficavam mexendo com a gente porque era Adidas, e agora eles estão usando a mesma marca que eles riam de nós, que era Dresch, eles estão usando agora. O mundo gira! – risos – existe isso, isso existe bastante, existe questão de racismo, mas tem racismo também no Brasil, não vou dizer que não, o racismo existe em qualquer lugar a gente sabe, racismo, machismo, existe em qualquer time de futebol, mas deles eu tenho, eu noto mais né porque como eu acompanho, eu noto mais, e tem essa diferença de classe social sim. ((Então tá, tens mais alguma consideração que tu gostarias de...)) É, seria isso. E agora... sábado é o último jogo, não não não vou ir, não vou ir, mas eu já fiz bastante loucuras pelo Brasil também, a questão de ir para Minas Gerais numa final de série D, de ônibus, eu não tinha dinheiro para ir de avião aí eu fui de ônibus, paguei uma menina para ficar no meu lugar no meu serviço, que o meu patrão também, como era da Tribo, da loja, ele foi no mesmo ônibus que eu, e ele... eu falei com ele, eu conversei, e ele disse 'Eu te dou uns diazinhos e tu paga outra menina para ficar no teu lugar', e a gente foi, foram 7 dias de viagem, eu simplesmente peguei meu salário do mês e deposei ali, passei o mês inteiro no perrengue, mas para ver e a gente perdeu, a gente perdeu, mas tudo assim ó, tudo o que eu faço, no Gauchão mesmo, o que eu puder viajar, enquanto eu não estiver trabalhando, enquanto eu não estiver estudando, eu faço técnico em veterinária, enquanto eu não estiver estudando e que eu não tiver... sempre que eu puder, eu acompanho o Brasil sempre, sempre. ((Ah, que legal! E é uma experiência e tanta...)) Para mim, sim, é uma coisa que eu guardo com muito carinho. Eu tenho, as fotos, tem vezes que eu olho as fotos, eu sou bem emotiva, eu olho as fotos e chega a ser, me passa um filme na cabeça, sabe, e eu eu choro de ver, eu construí muitos amigos, muitos amigos, pessoas assim ó, que que não são só parceiros de jogo, que acabou sendo, como eu vou dizer, desde os 8 anos eu frequento o estádio, acabaram sendo amigas e amigos assim ó de contar em tudo, o Brasil me proporcionou muita coisa boa, momentos tristes, mas me proporcionou muita coisa boa, bastante mesmo. ((Ah, que legal, eu fico... encantada com os depoimentos das pessoas, sabe?! Fico encantada mesmo. Então, tá!)) Eu acho que era isso né?!

Tatuagens



ANEXO 2 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 02M

Transcrição

((Então, pode ficar à vontade)) Hã... a tatuagem é uma índia né, fazendo a flechada, no meu pulso direito. Hã... teve a inspiração principal para eu estar fazendo essa tatuagem é o nosso eterno ídolo do Grêmio Esportivo Brasil que é o Cláudio Milar, que infelizmente a gente perdeu ele num acidente, em 2009, perdemos ele, um preparador de goleiros e um outro jogador. E ele sempre teve uma identificação muito grande com a torcida né, até hoje em dia falar sobre ele ou ouvir a voz dele em vídeos ou reportagens, emociona bastante e... e desde 2009 a gente vem sofrendo muito né, por tudo o que o Brasil passou, tanto sentimental quanto dentro das 4 linhas assim né, que eu lembro de ouvir falar devido acidente. Em 2009, o time se acidentou num preparamento, numa preparação para o Gauchão, e... e dias depois já era a estreia, e aí o Brasil tinha a opção ou de cair diretamente para a segunda divisão ou então jogar, mas com jogos de 2 dias em 2 dias. E... nós honramos a nossa camisa, aceitamos a proposta, absurda, da Federação Gaúcha de Futebol, de jogar de 2 em 2 dias, com os jogadores extremamente abalados devido ao acidente, a torcida, o estádio, enfim, tudo, um clima muito complicado e, infelizmente, a gente veio (+) a cair para a segunda divisão porque era inevitável, não tinha como se dar um outro fim, mas nós honramos até o fim e jogamos. Hã... ali, nós ficamos com um sentimento assim de de impotência porque nós não não poderia ter um outro fim a não ser esse né, e a gente não caiu por um, por uma questão de de ter jogadores ruins, mal preparados, não, justamente aquele ano, o comentário era que o Brasil ia fazer uma baita campanha, que a gente tinha grandes chances de ir para as finais e então a gente ficou com um sentimento de impotência muito grande. Caímos então em 2009, passou 2010, 2011, 2012 e, em 2013, o Brasil conseguiu acesso para a primeira divisão novamente. Então nos jogos que antecederam no caso o acesso, eu fiz a promessa que caso o Brasil subisse eu estaria fazendo a tatuagem em homenagem ao Milar e em homenagem ao time também, eu sabia que ele estava conosco em todos os momentos, em todos os jogos complicados que a gente passou e... nós subimos... hã, em 2013 né, no início de 2013 que é quando ocorre o Campeonato Gaúcho, e foi nesse primeiro trimestre após hã o acesso que eu fiz a tatuagem. Hã... muita gente me perguntou: 'Ai, tu vai te arrepender!', 'Tu vai, ai, por um time de futebol', só que o Brasil é a minha vida né, eu devo tudo, todos os momentos de alegria da minha vida 99% tem o Brasil no meio, e... e nada mais justo do que uma pessoa que nos fez sorrir demais, que nos deu muitas alegrias e o grande sonho dele era, assim que ele se aposentasse, ir né para para a direção do Brasil, ele queria encerrar a carreira no Brasil e continuar lá (+) então nada mais justo, e e me perguntaram também por que uma índia, e não hã... a imagem dele fazendo a flechada né, que era o símbolo que ele sempre que fazia os gols, ele ia até a torcida e fazia a flechada, hã... porque teve uma festa, que também no ano de 2013 que eu fui, era uma festa a fantasia e eu fui fantasiada de índia, e a festa caía bem no dia 7, e era a camisa dele, e aí eu disse 'Ah, vou fazer uma foto fazendo a flechada em homenagem a ele também', e a foto meio que vi viralizou assim na internet na época, aí pediram, algumas torcidas organizadas do Brasil, alguns grupos usaram essa foto para fazer o símbolo né, da da torcida. E aí eu achei bacana fazer a índia, né, que no caso remete a um momento que eu passei também, hã fazendo a flechada que ele fazia para agradar a torcida. Não sei se tens mais alguma pergunta? ((Eu tenho. É algo que não está aí, desse último ponto a gente não falou, mas assim, hã, por tu ser mulher e fazer uma tatuagem de time de futebol, já viste alguma relação de preconceito?)) Sim. Hã... na verdade, a cada dia é um pouco menos né, ainda bem, a gente tem uma luta diária para a aceitação da mulher, não só no âmbito do futebol, mas na sociedade como um todo né, e... mas no futebol principalmente, por ser um meio com uma predominância masculina né, e... mas eu sempre, sempre fui ao estádio, desde pequena, e posso garantir que quanto mais o tempo passa, mais a presença feminina... né, se encontra assim, e... e enfrentei algumas coisas tanto da torcida do Pelotas quanto do Brasil, sempre tem, mas

também tem muito respeito sabe, ao mesmo tempo que tem algumas pessoas com preconceito, 'Ah, o lugar de mulher não é aqui', 'O que mulher quer?', "Mulher está aqui porque... para ver jogador!", 'Mulher está aqui, mas não entende!', ao mesmo tempo que tem esses comentários, tem muita tem muita muito comentário assim de de pessoa que admira sabe, já fiz parte de alguns grupos assim de de meninas torcedoras que a gente conseguiu movimentar bastante né, a a ida das mulheres no estádio, porque muitas ficavam assim 'Ah, mas eu não tenho com quem ir...', e a gente levou muitas meninas para o estádio, muitas meninas se associaram no Brasil sabe devido a isso, e... e isso sim, várias pessoas vieram nos dar os parabéns, nos parabenizar pelo... por ter essa iniciativa sabe, de levar mulher sim, se mulher gosta de futebol, se a mulher entende, se a mulher tem essa paixão, por que não? O estádio também é lugar de mulher né, tanto quanto do homem, então o preconceito existe, mas eu acho que a força que a gente tem de de mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser é mais forte, é maior do que tudo isso, prevalece! ((Concordo!)) – risos – ((E, o último ponto?)) Sobre o rival... (+) olha, rival é rival né – risos – hã... mas o que eu tenho para falar assim, na na atual fase mesmo que a gente, que os dois times pelotenses, no caso o Brasil e o Pelotas, o Farroupilha eu eu gosto muito mas infelizmente.. né – risos –, mas falando do Pelotas que é nosso maior rival assim, hã... infelizmente, a gente não está tendo confronto direto né, porque o Brasil, ele se encontra na elite do Campeonato Gaúcho, na série B do Campeonato Brasileiro, fazendo uma campanha muito boa né, então a série B de 2017 está já garantida, com um possível acesso a série A, quem sabe né, e... e o Pelotas, hã, não não disputa o Campeonato Brasileiro na atualidade e encontra, encontra-se na segunda divisão do Campeonato Gaúcho, então a rivalidade um pouco fica adormecida por não ter esse confronto direto né. Claro que falando do grupo rival, por um lado, 'Ah que bom que o Pelotas não está na mesma divisão!', mas falando do meu lado torcedora assim, na importância do Bra-Pel para a cidade de Pelotas, o que movimenta de renda, o que movimenta de... de de próprio sentimento mesmo, de paixão assim, tanto a torcida deles que é uma torcida apaixonada tanto quanto a nossa, hã... seria, seria interessante eles conseguirem um acesso né, para a primeira divisão do Campeonato Gaúcho, porque o Bra-Pel movimenta, o Bra-Pel é... [(interrupção externa)] o Bra-Pel é a movimentação, é a paixão, é a rivalidade, é... é... um jogo único né que, infelizmente, por enquanto, a gente não está tendo, mas... mas quem sabe, nos próximos anos a gente consegue se encontrar novamente – risos – ((Então tá, obrigada!)).

Observação:

Esta torcedora quando relatava a sua história chorou de emoção pelas lembranças que veio a retornar.

Tatuagem



ANEXO 3 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 08H

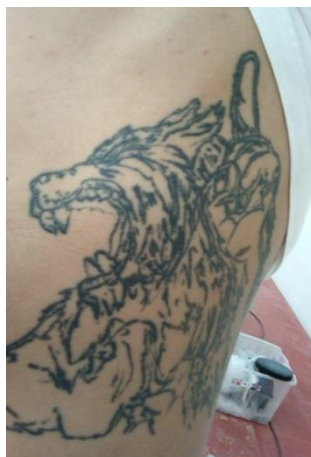
Transcrição

((A gente pode!)) É... o meu nome é Rodrigo (+), eu tenho 30 anos e sou torcedor do Esporte Clube Pelotas na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Hã... (+) hã... eu tenho uma tatuagem expressando o meu amor pelo Pelotas, hã... o meu desenho é um lobão, um lobo, que é o sím... o mascote do clube. (+) É, e ele... ela é tatuada na costela, no lado direito, e (+) a inspiração para o desenho, ela foi... hã... após o retorno do Pelotas à primeira divisão do gauchão né, do Campeonato Gaúcho. A gente vinha amargurando uma segunda divisão há anos e... naquele ano, naquela data que eu fiz a tatuagem, eu (+) nós hã tivemos um acesso e levantamos um título, então foi uma data especial para todo o torcedor áureo-cerúleo. Então, acho que... eu acho que no outro dia já fui fazer né, e essa foi a inspiração né, foi o nosso acesso, foi a data especial mesmo e uma promessa também né, e... ((E é por isso que teu lobo tem o número 1 apontado?)) É... meu lobo tem o número 1 porque a gente subiu, e nesse mesmo ano que a gente subiu a gente levantou, nós levantamos um título que foi a Lupi Martins que foi em 2008, 2008 o o ano do centenário do Pelotas. E então, pô, foi meu primeiro título expressivo né, do Rio Grande do Sul né, eu eu eu acompanhei o acesso do meu clube, então eu botei o número 1 né, aí junto com o lobo. E... não me arrependo, hã... pretendo fazer mais outras, hã (+) a data que eu me tatuei foi em 2008 [(conversa alheia no local)], 2009, e... o significado dela para mim (+) é de muita importância porque foi uma data especial, então eu olho para ela e eu me lembro exatamente o dia que eu fiz, o porquê que eu fiz e me lembro de tudo assim, então é uma tatuagem especial né. Hã (+) o significado dela para a sociedade ((É, o que as pessoas acham quando tu diz: ah eu tenho uma tatuagem que é do meu time?)) É, as pessoas, elas não entendem né, porque é uma paixão, acima de tudo é uma paixão, e então, acho que existe um preconceito né de ser tatuado e ter uma tatuagem grande no no corpo e... né [(conversa alta no local)] mas, eu não dou bola, muito pelo contrário, eu na Boca do Lobo eu já entro sem camisa para mostrá-la e tenho o maior orgulho de de ser lobão e tatuaria de novo, vou fazer outras, e... as pessoas ficam meio que né, pensando né, mas que cara louco, tatuou um lobo na costela, né, mas é amor é amor incondicional. Eu amo o Pelotas, eu vou para sempre amar o Pelotas e vou fazer outras e vou em tudo que é jogo, então é uma coisa que, para mim, é é da minha vida, é do meu cotidiano, então, tatuar eu acho que só foi... algo há mais que eu fiz pelo Pelotas porque eu já fiz muita coisa pelo Pelotas, sempre faço, organizo excursão, hã... a gente faz as barras da torcida, as faixas, a gente já pintou a Boca do Lobo inteira ((Estão pintando de novo, né?)) A gente está pintando de novo, só que dessa vez a gente eu não estou organizando, organizei da da passada né, essa – tosse – o trabalho me ocupou e eu não pude – tosse – organizar, mas estou sempre envolvido né, eu tenho um irmão também que tem o símbolo do Pelotas no braço e ele fez primeiro, meus amigos todos têm tatuagem do Pelotas, eu acho que sou o único que tem uma só né, porque o resto tem várias. ((E...)) E... ((É familiar, então?)) Sim, eu fui criado dentro da Boca do Lobo né, eu tenho 30 anos, hã eu com 1 aninho, eu tenho uma foto na na social do Pelotas né com o meu vô. Meu vô me (+) apresentou o Pelotas e... a época que ele me apresentou, a gente ganhava do Brasil direto, e então a gente, e... eu era pequeno e via aquela torcida do Brasil calada e a nossa fazendo a festa, e aquilo ali foi criando uma paixão, e aí fui acostumado a ganhar de Inter e de Grêmio também, então foi uma paixão criada desde pequeno e eu nunca abandonei sabe, nunca abandonei nunca nunca. Sempre Pelotas, na primeira divisão, na segunda, pode estar jogando o que tiver que jogar, eu vou estar sempre lá apoiando e... é isso aí, a aí do meu avô passou para o meu pai né, o meu pai é Pelotas também, aí o meu pai me levava mais, a minha tia também é áureo-cerúleo, a minha tia mora em Porto Alegre, então eu sempre fui criado dentro da Boca do Lobo, né; agora em 2008, o meu vô, aí antes de conquistar o primeiro título que foi um dos motivos que fiz a minha tatuagem, o meu vô ele faleceu né, e aí a gente, e o sonho dele era ser crema cremado e... e ser colocado na Boca do Lobo né, e a direção do Pelotas, ela apoiou, ela

autorizou e a gente fez uma cerimônia dentro da Boca do Lobo e o meu vô está lá né, e... depois que meu vô foi para lá, a gente nós levantamos a Lupi Martins em 2008, 2009 a gente subiu e começou a acontecer muita coisa sabe ((Claro!)) e... então, assim, é muito marcante assim, é uma coisa, para mim, que é a minha vida, é eu... é corre na minha veia o azul e o amarelo, então, aí a minha vó por último faleceu também e ela está lá junto com meu vô, então além de ser um lugar para que eu vou para me desestressar, relaxar, para torcer pelo meu clube, é um lugar que para mim é... é... como se fosse [((Acolhedor?))] com certeza, eu vou ali no cantinho assim onde está o meu vô, eu rezo, eu peço para ele para a gente se, eu tenho certeza que ele sabe disso, que ele me sente [((Claro!))] e... então, é um lugar muito especial para mim né, a Boca do Lobo para mim é um lugar muito especial, já vivi muita história boa e muita história triste e... e... jamais vou abandonar né, agora a semana que vem começa [((É!))] e... é isso aí. Vamos estar lá na arquibancada, no mesmo lugar, apoiando o Pelotas né. A minha opinião sobre o clube rival... eu... acho que... eles ele o Brasil tem que existir né, hã... primeiro que é um dos maiores clássicos do país né, não é nem do Rio Grande do Sul, é do país, então tem que existir e... é bom ganhar do Brasil, dentro da Baixada ou dentro da Boca do Lobo, eu já ganhei de 3 a 0 do Brasil lá dentro, já levantei taça dentro da Baixada, já levantei taça dentro da Boca do Lobo e... as minhas filhas já viram o Bra o Pelotas ser campeão lá dentro, a minha filha tem 7 anos e foi comigo num Bra-Pel dentro da Baixada e era a final das Fronteira e a gente ganhou: 3 a 0, Lobo campeão, né, eu vi ela chorando, 7 aninhos, então eu acho que eles têm que existir porque é o que move o clássico né, é é a a existência dos dois, não pode fechar de jeito nenhum e essa rivalidade é é o que move né, e (+) acho que eles são inferiores, hã... não gosto muito deles [(celular toca)] ((Ah que pecado, mas acho que não... podemos continuar. Tá. Continuando!)) É, eu não gosto muito deles, na verdade eu não gosto nenhum pouco e... mas não sou aquele torcedor violento sabe, brigão assim, eu sou bem tranquilo né, a minha rivalidade é no Facebook, é... é xingar, mas do outro lado da tela; a minha namorada é Brasil, então a gente tem uma rivalidade até dentro de casa, mas... eu acho que eles têm que existir porque é um clássico lindo das duas torcidas né, infelizmente quando um está bom bem, o outro está mau né, poucas vezes a gente se enfrenta bem assim os dois, mas quando a gente se enfrenta bem os dois é lindo de ver, é um clássico que pára o estado, e pena que tem essa violência né que é uma... uma forma errada, o pessoal vai para brigar e eu não aceito, eu não concordo, mas acho que o Brasil tem que existir né; e a melhor coisa que tem é quando o Brasil perde e ou é eliminado ou bah, aí é diversão, é corneta, é brincadeira em Facebook, rede social, e é tanto deles lá quanto da gente né, e é musiquinha e é enterro né, o Pelotas perde, eles fazem o enterro lá dentro, o Brasil perde, a gente faz o enterro também na avenida ali; então, é uma paixão que corre que move as duas, as duas torcidas, as duas cores né, o vermelho e preto e o azul e amarelo; e eu graças a Deus eu nasci Pelotas né, eu não me imagino sendo Brasil e... mas, não tenho nada contra com nenhuma nenhum torcedor ou a entidade, eu respeito ((Claro!)), hã... eu não tenho nada contra mesmo, até quando aconteceu esse essa tragédia aí com o Brasil aí, eu fique bastante comovido e... procurei, sei lá (+) é... confortar / ((Tiveram brincadeiras maldosas nesse período né?)) / É, teve muita coisa né, a torcida do Pelotas criou música porque teve um Bra-Pel naquela época que foi um Bra-Pel que a gente a gente nunca mais tinha se enfrentado, então era um Bra-Pel com muita expectativa, tanto tanto da torcida a parte do Pelotas quanto da parte do Brasil, aí o Brasil ganhou esse Bra-Pel lá na Baixada, 1 a 0, gol do Athos, [(conversa alta no local)] e a gente entrou cantando uma musiquinha para o da hora do acidente, isso aí é uma coisa que, na hora ali é um... é é uma forma que tu a gente tem de provocar né, mas... eu não concordo, sempre sempre / ((É que pegou um pouco mal né!)) / sempre quando tem esse essa musiquinha, sempre, porque até hoje se canta, tem torcedores assim que não tem o mesmo pensamento que o meu né, mas eu não canto, eu respeito né, a família de jogadores e família de funcionários enfim, [(conversa alta no local)] mas, é uma rivalidade que que ela é no limite assim, ela é no limite mesmo, ela é uma rivalidade máxima né, é como se fosse um Gre-Nal né, pra cá, então tem briga na rua... né, hã... dentro do estádio também tem briga, dentro do campo tem briga, né na imprensa depois, os diretores hã também é uma... né, mas acho que é uma coisa que faz parte né, só que tem que ter um limite né, e de acordo com o tempo passando a gente vai as pessoas vão ficando mais conscientes eu acho né, antes era muito pior ((Espero!)) eu também espero mesmo, eu acho que as pessoas, elas vão se conscientizando mais, eu acho, tem e deve deve, é tanta coisa que

acontece aí, mas é uma rivalidade que tem que existir, sempre, não pode um fechar, o outro desistir, não, tem que seguir, o Brasil já fechou né, aí o Pelotas foi lá e fez um Bra-Pel para juntar a renda para abrir o Brasil de novo, né, então isso aí é uma coisa que já é já é da história, de não deixar um fechar; agora teve o aluguel né que o Pelotas não alugou a Boca, isso é rivalidade né, cem por cento, é dinheiro que se precisa, mas, então eu acho que... hã eu não gosto deles lá, dos xavantinhos né – tom irônico – mas, respeito e... assim como tenho vários amigos que são Brasil, minha namorada é Brasil, mas é uma paixão acima de tudo e (+) – tosse – nunca vou deixar de torcer pelo meu Pelotas, nunca vou deixar de ir ao estádio [(conversa alta no local)], vou estar velho, vou estar lá, tomando a minha gelada e alentando para o lobo e... é isso aí, é uma paixão sem divisão, uma paixão que não... tipo, pode estar mal pode estar bem a gente vai estar apoiando né, sou sócio e... vou continuar sendo e o que o Pelotas precisar de mim, eu vou estar aqui né porque é um amor verdadeiro, um amor fiel e... essa fidelidade está na pele, e não vai ser a primeira né, tem outras... mas, como eu já tatuei o lobo com um 1 né, do acesso, do meu primeiro título – voz entusiasmada – enfim, hã agora os próximos vão ser só estrelas – risos – hã, porque, infelizmente, a gente está na divisão de acesso de novo né, andamos se atrapalhando, mas agora o próximo vai ter uma estrelinha né, e quero desenhar quero tatuar a Boca do Lobo (+) que eu acho legal, acho que ela tem uma um desenho bonito, a arquitetura dela ali do da social vou tatuar, vou tatuar o símbolo do Pelotas também e vou tatuar uma frase, acho que a frase que eu vou tatuar (+) hã (+) não pensei ainda, mas (+) é, vai ser com certeza, vai ser uma frase de uma letra de uma música ou o hino, enfim, mas é isso aí: está está registrado na pele e, independente do que as pessoas pensam, hã, eu nunca vou deixar de de de torcer pelo Pelotas e eu nunca vou deixar de de me, nunca vou ter vergonha de mostrar meu lobo porque eu sou Pelotas, porque ah é bobagem é um time de futebol, não, a gente é é uma história que tem, são 108 anos de vida, então bah é muita história, então é isso aí. ((Ótimo!)).

Tatuagem



ANEXO 4 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 10H

Transcrição

((Pode iniciar então)) Tá. (+) Então com relação ao desenho, o meu desenho da minha tatuagem (+), o desenho da minha tatuagem é o distintivo do Grêmio Esportivo Brasil [((Uhum))] só que com ele rasgando na pele (+) porque... porque ele rasgando na pele? Quando eu decidi que queria, há muito tempo eu queria fazer uma tatuagem do Brasil, então eu sempre prometia que dependendo de um acesso, eu ia fazer a tatuagem. Na verdade tenho vontade, eu já tinha vontade de fazer uma tatuagem há mais tempo, só que tinha que ter um significado, eu não acho legal a gente tatuar uma coisa por tatuar / ((E tu não tinha nenhuma tatuagem, né?)) / Eu não tinha nenhuma tatuagem, só que eu sempre tive muito medo de agulha e dessas coisas assim, eu não gosto, então eu sempre fui protelando protelando e aí, bom, também pela questão de grana assim, eu queria fazer algo legal e é um investimento que não é assim tão barato, pelo menos se tu for fazer assim alguma coisa mais elaborada [((Sim. E num lugar seguro))] Então, eu encontrei a pessoa certa para fazer, expliquei para ele, pedi para que ele desenhasse, então teve também esse significado. Então, esse desenho, na verdade, ele surgiu a partir de um desenho de uma outra tatuagem de um... do Corinthians que eu encontrei na internet e eu achei interessante, só que o o o rasgar, para mim, tem um significado que remete também a minha a minha infância assim, a minha relação com o meu pai, porque o meu pai faleceu muito cedo e ele que me levou para o estádio, que sempre me acompanhava, e que, vamos dizer assim, passou a paixão dele para mim e ele sofreu um primeiro infarto há... quando ele era bem novo, em torno de 40 e poucos anos, e depois ele sofreu um segundo infarto, quando ele estava com 57 anos e aí nesse segundo infarto, ele veio a falecer e durante todo esse tempo, todo mundo dizia para ele que ele não podia... que ele não podia é... se estressar, que ele não podia ir a futebol [((ter emoções fortes))] ter emoções fortes, e eu era, eu estava ali numa idade pré e depois adolescência, e mesmo assim ele sempre foi meu companheiro de ir a jogo. Eu lembro que ele sempre me dizia que quando ele teve o o infarto, quando ele sentia muita emoção, ele sentia como se tivesse rasgando assim a pele dele e aí, foi foi uma tentativa também de fazer uma homenagem para ele né, o o local, à princípio seria no peito, mas... aí depois passou, eu eu resolvi fazer no ombro mesmo há... por uma, por uma escolha minha assim, não teve um motivo, por que ser no ombro? Mas, a ideia original era ser no peito até por essas características, do lado esquerdo, já que era para ser do lado do coração, essa coisa do peito, aí e fiz no ombro, eu achei, eu achei que ia ficar esteticamente mais legal assim, e até por sugestão do próprio tatuador, aí resolvi fazer. Mas a... o... o desenho é isso e o lugar é o lado esquerdo, é o ombro do lado esquerdo. Há... a inspiração, então, eu já disse. A motivação, e... a data, não não chegou, não não teve nada significativo porque, na verdade, assim, eu estava procurando, estava esperando um momento que ele pudesse me tatuar, então demorou assim mais de 1 mês até, depois que eu tinha decidido, pensei até. ((Tá, mas teve algo que tu me disse já, e eu acho que seria interessante tu falar, que tu me falaste assim, ah que tem gente que espera um acesso e tal, e eu vou tatuar agora justamente porque... como é que tu me falaste? 'Porque não tem nada, eu estou com ele nas horas boas e nas más', alguma coisa assim)) Ah, sim, sim, tem isso aí. ((Tu me falaste isso já, em algum momento)). É que até agora o Brasil não estava numa situação muito boa né, então se fosse pesar assim, está está ameaçado inclusive de de rebaixamento, dependendo da situação, se perder o próximo jogo, por exemplo, que é domingo agora, pode até correr o risco seriamente de ser rebaixado, é que para mim isso é indiferente porque, na verdade, eu não... eu não... eu eu, o pessoal diz 'ai, eu torço para o Brasil', eu não, eu sou Brasil, eu... eu... o Brasil pode estar jogando a primeira, segunda, terceira divisão, pode até nem estar jogando, é para mim tem... é... é... algo... que... por ser tão significativo em relação a forma que eu comecei a torcer para o Brasil, da relação com o meu pai, de ir no estádio desde pequeno, para mim extrapola um pouco a questão só do futebol assim, eu me,

eu me sinto, quando eu estou na baixada, quando eu estou com os meus amigos, com as pessoas da minha família, inclusive tem pessoas da minha família que também são Brasil, eu sinto como se fosse parte da minha família, parte é... faz parte da minha vida mesmo assim, e tem um significado político também. O fato de de torcer pelo Brasil, hã... com o passar do tempo, quando eu era mais novo eu não tinha, mas eu comecei a entender como é que funciona o futebol e a questão de de que o futebol se transformou e fato numa mercadoria né, que tem um apelo muito mais fortes para times da da capital dos estados, não só aqui, mas de outros estados do Brasil, e principalmente o eixo Rio/São Paulo são times com maior poder aquisitivo né, os times do interior têm menos poder hã... de de investimento e são re... eles são... colocados assim a a margem desse futebol que está no centro do país. Então tem uma situação também de resistência né, eu sou um admirador do futebol do futebol que não é moderno, do futebol artesanal, essa coisa artesanal, dos torcedores irem para o estádio e vibrar e não ficar sentado, não ficar como se estivesse no teatro, eu gosto dessa emoção toda de de torcedor mesmo, de estar ali, de estar acompanhando. Então, hã... independente se o Brasil cair ou não, não é o motivo, não vou nunca me arrepender de ter tatuado a tatuagem do Brasil, até eu disse quando eu me tatuei né, que se rasgasse toda a minha pele só ia aparecer o distintivo do Brasil porque é o único time que eu torço. Então não tem, é... pode estar ganhando, pode estar perdendo, eu não vou nunca me arrepender de ter tatuado a tatuagem do Brasil. (+) ((Certo!)) Para a sociedade o significado? ((Isso! O que que já te falaram nesse tempinho que tu te tatuou?)) É, à princípio assim, ainda é, como ainda é muito recente e... eu tenho evitado pegar sol porque algumas pessoas, como tu, me disseram para que tenha cuidado hã... não, na verdade assim, eu fui em dois jogos, um de noite e o outro à tardinha contra o Grêmio, e aí nesse jogo à tardinha eu estava com a tatuagem a mostra assim, e muita muita gente veio para a minha volta e gostou da tatuagem, e comentavam, perguntavam quem é que tinha feito o desenho e tal, hã, porque, geralmente, o pessoal tatua só o distintivo né [((É!))] e ela, essa essa diferença dele vir com esse, com essa marca de estar rasgando a minha pele e tal, acho que chamou bastante atenção. (+) Do pessoal que torce para o Brasil, já tenho os dois casos, o pessoal que torce para o Brasil adorou e quer informação de onde é que foi e está até meio tentando que se inspirar para, acho que vai bombar assim, vou até distribuir os cartõezinhos dele. Mas aí uma questão bem estética, as pessoas que não gostam de futebol, que são meus amigos também ou que torcem para outros times ou que não entendem muito bem essa relação com o time de futebol para quem é de fato apaixonado por futebol [((Sim))] elas ficam assustadas e 'é para sempre?' [(celular toca)] já me perguntaram se era para sempre, já me perguntaram se eu não ia me arrepender, pelo amor de Deus como é que eu fiz isso, e... professores lá da UFPel quando fui para banca e tal, e aí, é... eu percebo assim que para a sociedade de modo geral, não pensando especificamente para quem torce para o clube né [((Aham))] que tu torce, não tem uma compreensão, hã... do do do simbolismo [((Do gesto))] é do gesto, não tem. Para eles, a leitura que eles fazem, aí falando como que eu me identifico, é uma leitura que [((É!))] tu tu está fazendo algo absurdo assim né, e e e sempre a pergunta que vem posterior é se tu vai te arrepender ou se doeu muito, sempre as duas relações. ((Tá, e me diz uma coisa, não teve, nunca pensou assim, nos riscos de ter uma tatuagem de time de futebol?)) (+) ((Porque é diferente, é diferente tu ter uma, sei lá, um tribal, uma flor, e tu ter algo que te identifique numa cidade que a rivalidade é bem aguçada)) É, eu... na verdade, eu não... eu não tenho, se é questão de medo ou coisa assim? ((É, algum receio, se tu...)) / Não. ((... porventura pensaste nisso?)) / Não, porque, na verdade assim, não. Hã... já já me falaram isso, e por terem me falado já, eu cheguei a pensar, como tu está me questionando agora. Na verdade não porque todo mundo sabe que eu sou Brasil, aqui na cidade, as pessoas me conhecem, e os que não me conhecem vai ficar claro por algum... em algum momento, entendesse?! Eu não provoço ninguém, eu não tenho, hã, não sou... tá, baixinho é invocado sim, mas eu não sou de ser um provocador tá. Agora se eu estou andando na rua, se eu tenho, se eu vejo alguém com uma camiseta do Pelotas ou outro time rival eu vou te dizer que até acho saudável assim para a cidade ter rivalidade, entrando nessa discussão política né. Eu não tenho medo. ((É que uma coisa, eu não sei se tu concordas comigo, mas uma coisa é tu ter uma camiseta ou tu ter um adesivo num carro e isso te identificar, né, ou tuas palavras, não sei. Outra coisa, é tu ter uma marca no corpo e que até tu pode esconder pelo lugar do corpo, mas que dependendo do lugar tu não tens como esconder, na praia tu não vai esconder!)) Meu objetivo nem é esconder também, eu eu quero é

mostrar, e e até fiquei de cara que ela... depois pensei, pô fiz no ombro, no ombro não é assim, não é sempre que vai estar a mostra, só de... quando eu estiver de regata por exemplo assim [((É))] mas de qualquer forma assim, Naiara, hã... se alguém pegar, se se um grupo de torcedores rivais ou ou alguém que tenha preconceito me fizesse uma abordagem obrigado etc. pelo fato de ser tatuado e quisesse me torturar, me agredir por causa disso, hã (+) como que eu posso te dizer assim, hã, tá, eu ia tentar resistir tudo o que eu pudesse em primeiro lugar, mas eu não... eu não teria, eu não teria hã... não deixaria de fazer por causa desse risco [((Por causa do risco))] entendesse?! Pelo contrário [((Tá!))] não é uma coisa que me assusta assim. ((Tá, então agora, o que tu tens para me dizer, primeiro, antes disso, então, se tu tivesse que resumir em uma palavra a tua tatuagem, o significado dela?)) Família. [((Família))] (+) ((E... me falando agora dessa rivalidade, me conta o que tu achas dessa rivalidade, o que tu achas do Pelotas, hã... vamos começar por aí.)) Tá! Eu eu... sempre tive um amor pelo Brasil que é que é inversamente proporcional ao sentimento pelo Pelotas (+) bem sincero, sendo bem sincero. Só que com o passar do tempo, da mesma forma que eu vinha te dizendo, com relação à questão política, eu comecei a perceber, isso em em vários momentos, porque o Brasil e o Pelotas eles seguem uma gangorra né, às vezes um está lá em cima o outro está lá embaixo [((Uhum))], então com a questão da da dupla Gre-Nal começar a aparecer bastante, se tornar, para mim, algo, uma espécie de colonização dos times do interior assim, os times da capital, eles têm consulados no interior e muitas vezes as pessoas acabam torcendo para os times hã... da capital e menosprezando os times da cidade assim. Quando o Pelotas jogou contra o Internacional, essas copas do segundo semestre que ficam mais na mídia assim, o Pelotas contra os times da capital, eu obviamente não consigo torcer pelo Pelotas, mas eu não consigo torcer contra também o Pelotas, e aí eu comecei a me dar por conta que eu acho, que nem eu tinha dito antes, eu acho saudável que os dois clubes estejam bem. Claro que eu nunca vou torcer para que o Pelotas esteja melhor do que o Brasil [((Claro!))] mas que estejam bem porque eu acho... [((Isso para a cidade é bom!))] Eu acho legal, para a cidade é bom e para, inclusive, para para reforçar esse sentimento que e tenho pelo Brasil (+) que meu filho possa ter esse sentimento, que o filho do meu filho, possa continuar existindo assim essa coisa, uma paixão por um time que é da tua cidade, que tu tem uma relação de ir ao estádio, não é só ficar sentado na frente da tv assistindo, que tu vai lá, tu tem uma troca, tem uma relação de família como eu te disse [((Uhum))] conhecer as pessoas que trabalham, que estão no entorno, que vivem o clube no dia a dia assim sabe e que que pode te trazer alegrias às vezes por por uma vitória num jogo, não é nem a conquista de um grande título assim, para nós nem precisa ser um grande jogo assim, simplesmente ganhar um jogo, por quê? Porque tu estás diante de um time que tem muito mais pressão, quando o Brasil ganhou do Vasco da Gama por exemplo, que é um time que a folha de pagamento deles faz 30, 40, 50 vezes a folha do Brasil né, então, tem toda essa essa relação assim que para mim extrapola o futebol, é... quase que uma uma – guagueja – relação mesmo política assim, de torcer pelo Brasil. Não tenho, eu não tenho, hoje, não tenho uma... não é ódio do Pelotas, não quero que o Pelotas hã, que acabe, que feche, não, pelo contrário, eu quero que ele continue existindo, sempre, é claro, nunca superior que o Brasil. [((Num nível inferior!))] (+) ((Tá, me diz outra coisa, hã, o que que tu achas que eu posso dizer com relação à divisão de classes entre os clubes?)) (+) É, eu acho que antigamente era mais forte assim, era era mais clara a divisão de classes entre os clubes porque é só tu pegar a história do Brasil e a do Pelotas que tu vai ver, o Pelotas por muito tempo, assim como o Grêmio, eles não aceitavam negros, hã, a torcida, o time se situava no centro da cidade, no espaço onde tem, onde circula... / ((Segundo eles isso acabou em 1960 e poucos)) / É... hoje a gente tem dentro do Pelotas, e aí eu vou continuar te respondendo qual é a minha opinião sobre o time rival, eu tenho um...um..., e aí sim, aí eu tenho uma... uma diferença muito grande que chega até ser um sentimento de repulsa mesmo assim, contra a maior torcida organizada que eles têm que é a Unidos por uma Paixão (+) eu acho que eles são extremamente babacas, os torcedores dessa... tem um cara que é o líder deles que ele acha que bate em todo mundo, que ele é o (+) machão, anda andava armado e batia só em criança, se provalecendo de criança assim, ele é um idiota, e ele ainda vai acabar encontrando o caminho dele, ou ele vai acabar sendo... levando um tiro e sendo morto ou vai ser preso, mas ele tem o pai dele pelas costas, então é um mariquinha, filhinho de papai, eu sei quem ele é, só que ele se provalece por isso, porque o pai é pelas costas dele, acho que até, me disseram que ele faz Direito aqui na

universidade agora, então ele é... ele é um abobado, mas ele simboliza, para mim, ele simboliza essa torcida né, claro que nem todo mundo é babaca que nem ele, mas eles têm essa coisa de bater em criança e eles não são mais tão crianças assim, ele sempre fez isso, se provalecer, de querer... de de ter atitudes racistas com relação a nossa torcida, é de fazer deboche em relação a morte do do torcedor ídolo que para nós foi o Milar, de ficar imitando flecha, de cantar a musiquinha 'Uh uh morreu em Canguçu', é de colocarem, hã hã de generalizarem a torcida do Brasil e é isso que eu não faço com a deles né, de generalizarem a torcida do Brasil com um episódio isolado que aconteceu com o senhor Bonow que foi assassinado depois de um Bra-Pel e que até hoje, todo mundo identifica o assassino como um torcedor do Brasil, mas parece que a história não é tão assim também né, foi um torcedor do Brasil (+) e e e – gagueja – não tem nada que justifique o que ele fez, como se fosse em outra circunstância poderia ter sido um jogador do Pelotas né, então é alguém que se esconde atrás da do do – guagueja – da ideia de torcedor, mas que, na verdade, o cara é um um assassino, um bandido, então, eles eles têm inveja, digamos assim, do que tem de pior na imagem da nossa torcida, que a nossa torcida conseguiu evoluir muito daquela época para cá e que eles parecem que querem hã... ter essa fama, ter alguma coisa de... coisa de guri de apartamento mesmo, moleque assim, que não sabe o que está fazendo e que quer ser bandidão, quer pousar de bandidão, fica se inspirando nos caras que eles veem na tv ((É, alguém me... alguém me relatou esse episódio de um jogo de que foram lá e que a torcida começou a gritar e não era bem isso, essa música, só que na na nesse testemunho, ele me fala: 'a gente' é 'foi cantada uma música' e eu pergunto qual é a música e ele não...)) / Até hoje eles cantam, até hoje eles cantam 'pau no cú do Milar', até hoje eles cantam é... é... eles têm várias musiquinhas assim que tentam, que... que... na verdade, brincam com a morte de uma pessoa né, a nossa torcida na época que faleceu o... o senhor esse Bonow, também tinha uma parte da torcida que cantava para eles que 'vai morrer mais um, vai morrer mais um', mas eu acho isso um absurdo né. Então essa parte para mim extrapola a rivalidade, são pessoas que se escondem através da imagem de torcedor e que para, mas que para cometer... para para cometer atos que são são a violência, esse tipo de torcedor do Pelotas, para mim, é esse grupo específico, eu tenho um verdadeiro nojo / ((É, mas tem outras torcidas né?!)) / Tem, tem. Tem a Torcida Jovem deles que fazem um trabalho social legal assim, e é por isso que eu digo que eu não generalizo [((Aham))] eu não tenho ódio do Pelotas instituição, eu tenho uma diferença muito grande com esse tipo de torcedor [((Tá!))] do Pelotas. ((Mas eu posso dizer que lá ainda é ainda uma elite e que aqui na baixada é uma classe inferior?)) Ah, eu acho que não dá mais para chamar isso tão categoricamente porque o próprio Brasil de uns tempos para cá está elitizando a torcida, o que eu sou contra. O Brasil cobra o preço dos ingressos a 60 reais / ((Eu posso dizer que é uma nova posição-sujeito?)) / Pode ser que haja uma nova posição-sujeito no sentido do futebol de modo geral tanto deles quanto... sabe o que que eu acho que tem aí? É que não dá mais para pensar mais numa posição-sujeito em cada... até para pensar que existem as duas posições-sujeito nos dois clubes. Mas se fosse pensar em termos quantitativos ainda, certamente a torcida do Brasil tem uma população muito maior, a maior parte da torcida do Brasil é de classe baixa (+) e a do Pelotas ainda é, na grande maioria, elite. ((E tu não achas que a mídia reforça isso? Muito mais do que a a própria existência como tu estás me falando que a gente não pode dizer que é assim, mas tu não achas que a mídia reforça isso?)) Eu acho que a mídia não reforça [((É que eu venho observando...))] tanto nem os times daqui, Naiara. ((Tá, é que eu não cheguei ainda hoje, na atualidade, mas eu venho acompanhando as notícias do Diário Popular de muitos e muitos anos atrás, como eles, como eles falam até de de... por exemplo, eles não falavam em disputa, eles falaram, falavam sempre em encontro, nunca era... os jogos não eram essa rivalidade, tu entendes, começou a ter muito isso a partir de 50 talvez, tá. Isso é algo que eu venho construindo e que eu venho pensando. E... hoje eu não sei (+) mas naquela época, pelo que eu estou percebendo que quem reforçava era a mídia...)) / Pode ser! / ((... essa dualidade)) / Pode ser! / ((Então é algo que eu quero, que eu quero ver e como tu trabalha né...)) Eu acho que sim. Aí, aí tu pegou um ponto... hoje, já não mais tanto porque os dois estão... [((Tem uma discrepância né))] ... é, o Brasil dentro de campo cresceu muito né, e está começando a crescer fora de campo também. Então, a tendência é o Brasil acabar se tornando também um time hã... mais, cada vez mais elitizado. Vou te dizer bem pelo contexto de hoje, hoje eu vou estádio, aquele aquela espaço humilde assim, ela está se modificando sabe e isso é interessante

de pensar, e com a duplicação da Juscelino, hã os módulos e as arquibancadas ficando prontos, isso vai mudar completamente a cara não só do estádio, mas da própria região ali né, então tem assim muito... [((Aham!))] antigamente, aquela região ali, Naiara, não tinha aqueles prédios que tem hoje [((Sim!))] hoje tu vê assim, eu morei em Porto Alegre e quando eu voltei para cá, o engarrafamento que tem ali naquela região é bem o caminho para a zona nobre da cidade, para a Dom Joaquim né [((Sim!))] e hoje eu olho para dentro do estádio, tem muita gente de classe média, aqueles que vão, que são sócios, que se equiparam em termos de classe social com os sócios do Pelotas, digamos assim [((Sim!))] esses que frequentam mais assiduamente, mas o povão é mais Brasil! ((O pessoal acabou me dizendo que... que eles estão num, não sei dizer como é, não sei como posso te dizer, num processo que estão pedindo que pelo menos tenha um, alguns ingressos mais baratos, né, porque os jogos estão muito caros...)) Sim, sim. (... então, está uma união de alguns torcedores...)) No Facebook (... de alguns sócios, que estão nesse pedido assim para que se pudesse voltar as raízes, foi isso que me disseram)) Exatamente! Está acontecendo isso. ((Então tá, eu não sei se tem mais alguma coisa que tu gostarias de falar sobre o clube?)) Não. Eu... eu... eu – gagueja – é isso sim, das perguntas todas que tu me fez aqui o que me chamou mais atenção foi essa em relação a... a... se eu teria medo ou receio que fosse acontecer alguma coisa em função de estar identificado com o Brasil né, eu vejo, eu vejo assim ó, que... a rivalidade é muito forte entre o Brasil e o Pelotas, que existem pessoas ignorantes dos dois lados né, e que de fato a gente está sujeito, a gente está sujeito por tudo aquilo que a gente significa né, eu... eu tenho identificado o corpo com isso né, agora eu voltei para a capoeira que é uma coisa que eu gosto de fazer, faz pouco tempo eu estou voltando assim, e eu já estou decidindo que eu vou fazer uma tatuagem também relacionada a capoeira. Então o que que eu posso te dizer para tentar talvez [((E tu vai tapando os furos...))] te ajudar, tentar te te ajudar assim, de repente, até assim, para para te mostrar mais o que significa, o que está significando para mim assim, eu (+) eu quero hã... eu, as pessoas sabem qual é a minha posição política, a grande maioria das pessoas sabem, até quem não me conhece quando leem meus textos enfim, ou quando teve aula comigo e tal, ou que foi meu colega, as pessoas sabem qual é o meu clube de futebol, as pessoas sabem que eu, hã... as pessoas que me conhecem, que eu, qual é outro esporte que eu goste, eu gosto de capoeira, enfim, e tem um significado também que tem a ver com uma história familiar assim, então as pessoas sabem (+) disso. Hã, e eu sempre deixo isso claro da forma como eu me posiciono, que eu me coloco nas discussões, seja sobre futebol, seja sobre religião, seja sobre política etc., então eu acho que o corpo mais do que nunca agora, tem tem (+) ba bateu assim, uma coisa assim, tem que... ele tem que deixar essas marcas, eu acho que é legal ele deixar essas marcas, não como um álbum de figurinhas sabe, eu eu não faria várias tatuagens de urso, cachorro, gato, tribal, eu não acho legal, eu não acho legal, eu eu acho legal deixar registrado para... para para sempre aquilo ali, marcando na tua pele um registro de quem tu és, entendesse, que signifique, que simbolize... [((A identificação!))] é. Sabe o que eu fazia quando eu era pequenininho? Eu andava, eu tinha uma corrente que era um berimbau assim, aí na época eu tinha uma pulseira que dizia... / ((Sempre algum artefato?)) / Sim, usava alguma coisa, e eu já fazia isso então. Só que agora eu cheguei numa fase que eu pago as minhas contas, que eu tenho uma relação com o meu corpo que ele não é mais do meu pai e da minha mãe, para eles se se... na verdade, eles nem estão mais aqui, então, eu identifico o corpo como esse espaço de significação né, e acho que a gente tem que cuidar do corpo como a gente cuida da mente e tem que deixar gravado nele aquilo que de fato a gente é (+) acho que isso é mais do que simplesmente, ‘ai eu quero, quero mostrar para os outros’, não, eu quero que os outros saibam de fato já, de antemão, quem eu sou, então se eu tenho mais duas ou três tatuagens boladas na minha cabeça, são justamente todas elas relacionadas a situações que remetem quem de verdade eu sou e até para que eu nunca esqueça assim, para que eu nunca esqueça, para que eu quando eu me olhar e ver aquilo ali, eu lembre do meu pai, lembre da minha mãe, eu lembre da onde eu vim, de quem eu sou e o que eu quero deixar para o meu filho, o que eu quero deixar para a sociedade. E é isso! ((Ótimo!)).

Tatuagem



ANEXO 5 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 04H

Transcrição

((Então, pronto. Pode começar a me falar)) A minha tatuagem é o símbolo do Pelotas. (+) Ela está localizada no braço / ((Direito ou esquerdo?)) / No esquerdo, eu acho – risos – Inspiração para o desenho, ah é mostrar o meu amor que eu tenho pelo Pelotas, poder sair do Estado, como também parque-aquático, essas coisas, e se alguém vê, já sabe o time que eu torço, o Esporte Clube Pelotas. A motivação é essa. Eu tatuei foi em fevereiro, 7 dias antes do meu aniversário, dia 10 de fevereiro ((Desse ano?)) do ano passado ((do ano passado, de 2015, então)) Isto. Significado da tatuagem para mim? Ah, é pode que nem eu falei, é mostrar o amor que eu sinto pelo Esporte Clube Pelotas. (+) Olha, tem muita gente que me, sobre o significado da tatuagem, se alguém... tem muita gente que acha legal, como tem uns espertinhos que ficam falando bobagem, mas isso eu não ligo / ((Que tipo de bobagem?)) 'Ah, tu é louco, botar essa tatuagem'. Aí eu falo, não mas isso aqui não é uma tatuagem, isso aqui é um sinal de nascimento, veio em mim entendeu, e está aí para sempre. E sobre – risos debochados – a minha opinião sobre o meu rival? Bah, louco! Eu tenho nojo do Brasil de Pelotas, nojo, odeio o Brasil de Pelotas, odeio, odeio mesmo, para mim, eles na deles e eu, na minha. (+) ((Algo... alguma consideração a mais sobre a tatuagem?)) (+) Olha, é a única coisa que eu posso te dizer é que essa não é a única, eu vou, pretendo neste ano ainda, agora em dezembro, vou fazer mais uma do Pelotas, e pretendo ter um monte. Tenho ideia de ter um monte de tatuagem do Esporte Clube Pelotas no meu corpo ((Como um sinal de identificação? [Isso!] de de reconhecimento? [Claro!] Eu acho muito legal. Então, tá.

Observações:

i. após desligar o gravador ocorreu um episódio que me marcou bastante. Dito que iria entrevistar outro rapaz do time adversário que trabalhava num posto de gasolina da cidade, fui surpreendida com a resposta: “Para ser frentista, só podia ser xavante!”.

ii. no dia 26/06/2017, o sujeito enviou-me, via *Facebook*, a imagem de sua nova tatuagem.



Tatuagem



ANEXO 6 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 02M

Transcrição

Eu consigo responder melhor se tipo, tu me pergunta uma coisa e eu responder, entende?! ((Tá bem!)) Não sei como, por onde começar... ((Então vamos começar pela tua tatuagem, qual é o desenho?)) O desenho é o brasão do time. ((De qual é o time?)) O Pelotas, o Esporte Clube Pelotas, ele está localizado nas costas tá, hã, eu fiz essa tatuagem quando o Pelotas caiu para a segunda divisão. Eu sempre tive muita vontade de fazer uma tatuagem do Pelotas, eu sempre tive muito amor pelo time hã... e eu achei que era uma... eu tive a oportunidade de fazer e eu achei que era uma ótima oportunidade também para mostrar que eu não estou com o Pelotas, que eu não estou com o meu time só nas horas boas, então eu... eu resolvi fazer a tatuagem logo quando o Pelotas caiu, em seguida assim, um pouquinho depois que eu fiz essa tatuagem. ((No lado direito ou no lado esquerdo?)) Lado esquerdo. ((E tu te lembras do ano?)) 2014. [((2014))] É, faz 2 anos. ((Hã, então a tua inspiração e a tua motivação...)) É o amor pelo... que eu tenho pelo clube, pelo time e pelo Pelotas, aí já é geral sabe, desde pequena eu vou ao estádio, meu pai sempre me levou e... eu criei esse amor sabe, hã... eu gosto de estar na torcida, eu gosto de estar na arquibancada, eu sou sócia, eu não falto um jogo, então... eu acho que é isso. ((E o fato, é... as primeiras palavras, as tuas primeiras considerações hã foram de que tu gostarias de mostrar que tu estás com o teu time sempre né?! Independente...)) É, nas horas boas e nas ruins, é, sim. ((Se a gente pudesse resumir e tu já falaste, seria amor!)) Sim, é, amor pelo Pelotas, bastante, tanto que amanhã eu vou fazer uma outra tatuagem é (+) não é... igual ao Pelotas, não tem as cores, mas é referente, vou fazer um lobo no braço. ((É mesmo?)) É! ((A gente podia ter marcado para a semana que vem!)) – risos – Mas se tu quiser tirar uma foto semana que vem ou eu te mandar... e falar algumas coisas sobre... ((Ah, então tá!)) Não tem problema, é que acabou ficando para amanhã, eu marquei de última hora, e eu já tinha marcado contigo. ((Nossa, que legal, assim, é marcar no corpo esse amor!)) Eu eu gosto! Tudo o que remete ao Pelotas eu acho legal, dificilmente tu via me ver com uma roupa vermelha e preto – risos – É! ((E... bom, então, tu já me falaste do significado, a motivação, e o que assim, o que tu já ouviste falar sobre a tua tatuagem ou pelo fato de tu ter tatuado algo relacionado ao time de futebol?)) Espanto das pessoas, tipo (+) a primeira coisa ‘Ah, tu tatuou um símbolo do teu time! Que estranho, ainda mais para uma mulher!’ – tom pejorativo – E eu falei que eu sou apaixonada pelo clube e para mim tem um significado, então seria melhor do que eu tatuar uma flor que para mim não teria significado algum, então foi sempre esse significado... [(som alto)] as pessoas no geral falam ‘Ai que legal!’, ‘Ah, tu teve coragem de fazer isso, porque eu não tenho!’, ah alguns falam ‘Ah, eu sou Xavante roxo, mas eu não tenho coragem de tatuar ah o símbolo do Xavante’, então é isso. ((E (+) o que tu achas assim sobre (+) o Xavante, sobre a rivalidade entre os dois times, sobre a história que esses dois times têm?)) Assim, eu jamais vou gostar do Brasil né – risos – eu jamais vou gostar do meu rival, mas eu acho que é um mal necessário digamos assim, eu acho essa rivalidade maravilhosa quando ela é de certa forma respeitosa né, hã quando não tem essa coisa de briga entre as torcidas, eu acho uma questão mais saudável, uma rivalidade dentro do campo é bem, é bem melhor, claro que isso não acontece por parte de todo mundo porque nem todo mundo pensa igual né, mas... eu acho isso, eu acho a rivalidade, esse... eu amo o Bra-Pel, eu adoro (+) ((E como tu me falaste que tu vai ao estádio desde pequena, então tu deve ser da minha idade, já tem alguns anos assim sabendo da história, da história de Pelotas, da história dos clubes...)) Sei! ((... tu achas que ainda existe uma divisão de classes entre os dois clubes ou que a gente ainda pode falar que o Pelotas é o time dos ricos e o Xavante é o dos pobres?)) Eu acho que hoje em dia não, hoje não tem essa diferença, tanto porque eu convivo nos jogos e vejo que o Pelotas não é um time de gente rica, talvez hã há tempos atrás, talvez antes de eu ter nascido ou quando eu era muito pequena, talvez realmente tenha havido, é uma questão histórica já né que foi contado, mas eu acredito que não, que

hoje em dia não seja dessa forma, assim como também no Brasil não existe, não é só torcida de pobre lá e rica no Pelotas, eu acho que é muito mista, e eu acho isso importante também, porque tem que existir todas as classes possíveis dentro dos dois, tinha que parar com essa coisa de 'Ah! Pelotas é de rico, Xavante é dos pobres!', não, isso não é mais, eu não acredito que possa existir isso ainda, até porque o Xavante está num patamar diferente do Pelotas, claro (+) se mostrou dentro do campo melhor, mas tem mais patrocínio, envolve mais dinheiro, tem mais sócios, bem mais, então (+) eu acho que isso já já fugiu já da (+) da realidade. ((E... e com relação assim a tu ser mulher (+), tu já sofreste algum preconceito? Como que tu achas que está a relação da mulher e do futebol?)) Não, eu nunca sofri nenhum preconceito, acredito – tom de ênfase – que ainda possa ter aí para fora algum tipo de preconceito contra a mulher no futebol, é, eu acho que vai muito da cabeça de cada pessoa que comete também atos né, desse tipo, mas (+) eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito, eu sempre fui muito bem tratada dentro do do estádio, nunca me diferenciaram por eu ser mulher ou por ser isso ou aquilo, não... sempre igual. ((É, eu escutei de alguma menina, mas não lembro quem e de qual time foi...)) Sim! ((... que quando vai ao estádio ou que quando ia há alguns anos tinha que escolher a roupa, que não podia ir com uma roupa tipo short ou com roupas muito curtas, né?!)) Sim! ((E aí eu acho que essa pessoa também me disse que hoje em dia isso já não é mais, que hoje em dia é...)) / Está mais natural! ((É!)) É que hoje em dia está tão natural as pessoas andarem também com short curto na rua o tempo todo que eu que meio já ficou de lado essa parte aí [(muito vento)], a menina chegar de short ou com uma legging que marca bastante o corpo porque antes eu acredito que tivesse esse preconceito e talvez isso ainda exista um pouco na cabeça de alguns, mas eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito. (+) Que bom né?! ((É! Então tá, não sei se tens alguma outra consideração que tu gostarias de me falar ou sobre a tua tatuagem ou sobre o teu clube?)) Não, à princípio não – risos – Eu disse que tem que me perguntar que eu não sou muito boa ((Então tá, obrigada!)) Desculpa qualquer coisa, se eu não consegui falar direito também. ((Capaz!)).

Tatuagem



ANEXO 7 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 12H

Transcrição

((Podemos começar)) A tatuagem, o desenho, o que é? É um lobo em maori ((No braço?)) Esquerdo, no antebraço ((No antebraço, certo)) (+) A inspiração para o desenho é... foi o primeiro ano que o Pelotas caiu, no ano seguinte eu falei que se subisse eu ia tatuar, mas não subiu e eu tatuei mesmo assim. A motivação para a tatuagem é a minha paixão pelo Pelotas ((Foi uma promessa que mesmo não se cumprindo...)) ... que não se cumpriu eu tatuei. A motivação eu já falei. A data foi em 2015, foi em julho, assim que o Pelotas foi eliminado da segunda divisão. O significado para a tatuagem é a minha paixão pelo Pelotas (+) ((E o que tu já ouviu falar assim sobre ela?)) (+) Quem olha de primeiro não... não vê um lobo do Pelotas né, então por isso que eu... se essa ano subir, eu quero fazer o símbolo na costela porque eu já tenho uma e quero tapar ((Para ficar bem identificado?)) Para, de primeira, a pessoa já enxergar e ver ((Conseguir te identificar?)) É. A minha opinião pelo rival é que (+) é que mesmo a gente nessa situação aí, nessa má fase, a gente bota mais pessoas no estádio do que ele e a nossa paixão não tem explicação né ((É, mas fale-me mais! O que que tu acha, cada um no seu canto? Como é essa rivalidade?)) É, eu acho que a rivalidade é muito forte e está faltando um Bra-Pel agora para / ((Para acirrar?)) / acirrar essa pergunta aí ((É, eu acho também que está meio apagado)) / É, já está já está 3 anos sem Bra-Pel e as coisas estão meio já estão morrendo já assim a rivalidade ((É, eu não sei se morrendo, mas ela está meio adormecida , né)) / Sim / ((porque o pessoal tem me dito: 'ah, que bom, é bom para a cidade, que bom que eles estão... que eles estão fazendo a... é... o reconhecimento de Pelotas em outros lugares e tal', mas aí, eu acho que se vocês estivessem os dois juntos aí)) / na série A / ((seria mais... então tá, é isso)) É. Afinal, é que eles estão torcendo para a gente subir né, para ter Bra-Pel – risos – sem Bra-Pel a cidade não tem graça, a cidade está morta, é um num canto, o outro no outro, a rivalidade está está decaindo (+) ((Então tá, não sei se tem mais alguma consideração sobre a tua tatuagem ou sobre o clube que tu gostaria de fazer?)) A próxima que eu vou fazer vai ser na costela ((Vai ser o símbolo?)) Sim, vai ser o símbolo, se ele subir esse ano, eu vou fazer ((Então nos falamos de novo)).

Tatuagem



ANEXO 8 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 04H

Transcrição

((Ótimo, vamos começar então!)) Certo. Bom, eu tenho uma tatuagem, certo. (+) Que ela... tem que ser na ordem? ((Não, não, não, não)) Certo, a minha tatuagem é no braço direito, certo, na parte superior do braço. A minha tatuagem, ela é a tatuagem que ela remete ao Grêmio Esportivo Brasil, é a logomarca da Xavabanda, certo. Instituição essa que representa a torcida do Brasil no carnaval. Eu fiz a tatuagem porque na verdade, eu sou um dos fundadores dessa instituição, certo. É uma instituição a qual a gente se dedica há 9 anos (+) certo, é... já faz parte do nosso dia-a-dia, já faz parte da nossa rotina, da nossa vida, então ela tem um significado muito muito importante, certo. Eu eu tenho apenas 2 tatuagens, uma que é o nome do meu filho e a outra que é a tatuagem da Xavabanda (+) por ter uma... uma expressão bem significativa para mim, entendeu?! Acho que... eu eu sou defensor defensor das tatuagens, mas... que as tatuagens tenham um significado importante, entendeu?! Porque é uma marca que nunca mais vai sair, então eu acho que quando (+) se resolve fazer tatuagem tem que ser algo que sig que signifique algo para para a pessoa, certo, isso é o que penso. (+) A minha motivação né, acho que, na verdade, ela se se auto motivou, desde a fundação da própria Xavabanda, no próximo, foi 1 ano de Xavabanda, no segundo ano eu já fiz a tatuagem, hoje já tenho essa tatuagem há 7 anos (+) e... não não tenho arrependimento nenhum de ter feito, hã faria faria outra vez. O local que eu fiz, eu... eu só fiz porque uma vez eu ouvi falar que tatuagem não é bom tu ficar olhando muito tempo para ela porque é como se fosse uma roupa que tu enjoa, então eu fiz num local o qual eu não visualize (+) todo dia ou eu só só vejo vejo ela quando quero olhar né, na verdade, então, eu fico bem tranquilo quanto a isso / ((Pelo lado de dentro do braço, né?!)) / É... pelo lado de dentro do braço. (+) É, poxa, acho que o significado acho que até meio que que já resumi, sabe, né, ela é o o (gagueija) um coração né, com as cores do Grêmio Esportivo Brasil, com com grande menção ao ao distintivo do Brasil também, tá, ela tem uma frase em volta 'Sou xava banda. Hoje o bixo vai pegar' que é uma frase do samba, do do hino da Xavabanda (+) então (+) é... o significado da minha tatuagem é... é... paixão mesmo, sabe?! É... é... sentimento, é sentimento. E quanto ao time, ao clube rival, a minha opinião é... eu acho que é das melhores, sabe?! Acho que não não existiria um um Xavante sem um lobo, entendeu?! E não não teria a mesma graça torcer para o Brasil, se não pudesse tirar o sarro do Pelotas, então, eu acho que é... bem tranquilo. Torço muito: para que o Pelotas continue na segunda divisão – risos – certo, mas que continue sempre existindo, entendeu?! Não não desejo o fim do do do rival não. Acho que é, acho que é isso. Não sei se tu ficou com alguma dúvida? ((Não. Só fiquei com curiosidade assim, porque é... tu és o primeiro membro da Xavabanda que eu estou entrevistando, se tu podia me contar mais sobre ela.)) Claro! Claro que sim! A Xavabanda é uma uma entidade carnavalesca, certo, que existe há 9 anos. Foi fundada, foi fundada em Pelotas (+) porque... foi fundada, na verdade, a Xavabanda porque não existia nenhuma entidade carnavalesca em Pelotas com as cores vermelho e preto (+), certo. A gente, um grupo de amigos, torcedores do Brasil, sentados nas arquibancadas do Bento Freitas, num dia de jogo (+) resolvemos compor, conversamos e... já naquele clima do jogo mesmo, até porque no estádio tem a bateria aquela que alegra o jogo e tal, então já é um clima meio carnavalesco e... dentro do estádio, resolvemos fundar a Xavabanda, foi a primeira conversa sobre o assunto, depois (+) ah... se reunimos mais uma vez, e aí sim, fomos para a parte burocrática né, ata de fundação, CNPJ, e todas essas formalidades, depois inscrevemos a Xavabanda para concorrer no carnaval de Pelotas. No primeiro ano da Xavabanda, a gente ficou em 3º lugar, no próximo, a gente foi campeão (+) no ano consecutivo, campeão de novo e no último ano, fomos vice-campeões. Então eu acho que é uma uma história que é curta né, 9 anos, é... para para uma entidade carnavalesca é bem pouco, é recente, mas já é uma história bem vitoriosa, entendeu?! Todas a vezes que a gente participou do carnaval de Pelotas e fomos a concurso, a gente nunca ficou fora do pódio, como a gente costuma

dizer. Então, eu acho que... pô, a Xavabanda veio num momento que o carnaval de Pelotas precisava, veio num momento que o Brasil precisava muito ter seu nome relacionado ao a uma entidade que se tornasse vitoriosa, porque quando nós formamos a Xavabanda o Brasil disputava a segunda divisão e nem... e não não vinha bem na segunda divisão, a torcida do Brasil estava bem desmotivada com a situação do do futebol do clube, porque os resultados não eram bons, e no primeiro ano, a gente já atingimos um 3º lugar e no ano consecutivo a gente foi campeão, então... acho que a gente conseguiu preencher um pouco aquela lacuna que a torcida vinha naquele momento, o qual o time não não vinha de bons resultados, e a Xavabanda conseguiu dar uma uma alegria para para a torcida. E depois disso, o clube começou também a melhorar e hoje, graças a Deus, a gente tem essas duas instituições né, que são que são, na verdade, são são ligadas uma a outra, mas atuam atuam de forma separada, mas acho que as duas estão num bom momento, eu acho que é a torcida que ganha com isso, o torcedor do Brasil, o torcedor da Xavabanda, o carnaval de Pelotas ganha, o futebol de Pelotas ganha também. Acho que é isso! ((E o pelotense também!)) Exatamente. Com certeza, eu acho que o público pelotense também, e até já aproveitando a oportunidade vou te dizer que lá na Xavabanda tem mais gente com tatuagem da Xavabanda também, deve ter mais umas 5 pessoas que têm tatuagem da Xavabanda e algumas têm da Xavabanda e do Brasil também, aí eu posso te passar os contatos. ((Ah! Claro, sim!)) Se tu quiser procurar esse pessoal aí, tranquilo. ((Não sei se tem mais algum ponto que não tem aí na lista e que tu gostarias de falar ou sobre a tua tatuagem ou sobre é... sobre a Xavabanda tu já me contou, mas sobre o time, sobre o clube...)) Ah, não, acho que é que é isso aí mesmo, sabe, eu não tatuei o distintivo do Brasil porque o, para mim, a Xavabanda e o Brasil são... são a mesma coisa, a paixão, tanto por um quanto pelo outro, é é igual, é como né, Xavabanda é como se fosse um filho porque eu sou fundador, mas o Grêmio Esportivo Brasil é... foi o time o qual eu tive oportunidade de ir com o meu pai quando criança, então é de geração para geração, mas acho que é isso, eu acho que... é difícil tu falar quando é... envolve sentimento né. / ((É!)) / Então é isso aí mesmo, a minha tatuagem é é sentimento, entendeu?! ((Então, obrigada!)).

Tatuagem



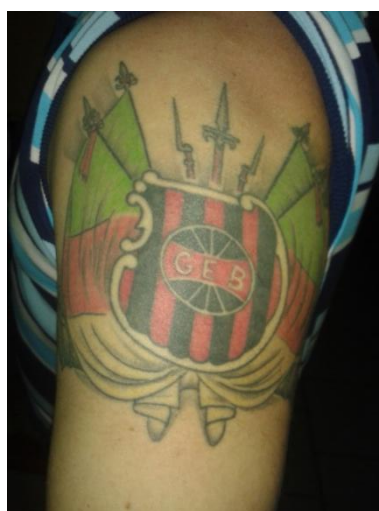
ANEXO 9 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 01H

Transcrição

[(Conversa de criança ao fundo)] Bom, a... a tatuagem, o desenho o que é? Seria o brasão do Rio Grande do Sul, certo? No centro do brasão, é se encontra o escudo do do time né, do Grêmio Esportivo Brasil. É... o lugar onde foi feita a tatuagem? Foi feita no (+) no braço esquerdo, certo? É a inspiração para o desenho? É... é uma paixão, na qual eu tenho pelo clube. A minha motivação (+) seria (+) é... desde pequeno (+) frequentar o jogos e... e fazer em fazer a tatuagem e ficou uma coisa marcada. É... a data que eu fiz a tatuagem foi em 2000... e... 14. (+) O significado da tatuagem para você, para mim no caso (+) seria... amar o clube né (+) e o significado da tatuagem para a sociedade? (+) É, sabemos que (+) a sociedade às vezes julga... é... o que está sendo muito falado na mídia né, e a minha opinião sobre o time rival é que se não existisse (+) o então Esporte Clube Pelotas, o Brasil não não estaria na na posição que se encontra hoje né, num Campeonato Brasileiro na série B, e vice-versa né, eu acho importante né, e o bom seria se o time rival também se... se encontrasse na na primeira divisão do gauchão que isso... só tem a crescer o nosso futebol e a a cidade também. ((Tu tem uma filhinha né, tu passa esse amor que tu tens para ela? Tu...)) É, assim ó, eu... eu... criança é, muitas vezes, não não tem um um uma escolha, uma opinião formada pela idade assim é, mas é, já levei ela (+) aos jogos / ((Tu vai aos jogos com frequência?)) / Quando eu posso sim, é... é já fui, já fui bem mais aos jogos né, mas hoje, devido ao meu trabalho, a ter que pegar a minha filha na escolinha também, dias de chuva, dias de de de muito frio, e aí a gente abre mão de de ir no estádio, e mas a gente tem a opção, pô, graças a Deus, de poder assistir na na tv, acompanhando, acompanho o time também pela pela tv, tanto fora de casa quando joga, em outros estados né, do Brasil, como até mesmo em casa né, jogando em casa, jogando em Pelotas, mas eu digo eu assistindo em casa onde eu tenho o conforto, a segurança / ((É uma relação bem estreita né, que vai se formando conforme...)) Sim ((... o tempo entre o torcedor e o time né?)) / Sim sim, mas ela já tem, ela, eu procurei dar uma camisa para ela (+) ela tem 5 anos hoje, 5 aninhos, e... ontem foi engraçado, no qual ontem, vou falar a data é, ontem foi 16 né, de setembro de 2016, e eu convidei ela para ir ao jogo comigo, Brasil e Criciúma, e ela disse que não queria ir: 'Não, eu não quero ir, pai', então, eu optei, claro, em deixar ela com a vó dela e... e eu ir ao jogo / ((E o jogo foi emocionante?)) / Foi foi, foi foi emocionante. (x) É, apesar da derrota é ((É, mas na posição que se encontra...)) É é na posição que se encontra, com certeza, não tem porque ficar... se abalar... ((O que eu ia te perguntar também, e a tua relação, como é que tu te defines enquanto torcedor?)) (+) – respira fundo – já foi mais (+) já foi mais forte, mas é (0:06) mais forte no sentido de ser mais fanático (+) mas é – gagueja – os anos vão se passando ah-gagueja – a gente (+) a gente se torna, vai ficando mais com a cabeça mais madura, a gente vai deixando de fazer algumas bobagens no qual o clube, no caso, o clube não né, o clube não é responsável pelos atos dos torcedores é, mas a gente vai deixando de de fazer certas bobagens no qual... quando a gente é mais novo, quando a gente é guri, quando a gente não tem responsabilidade, quando a gente não tem família, quando a gente não tem obrigação de no outro dia ter que trabalhar e tudo mais, mas ah – gagueja – o amor, no caso... ao clube, isso aí sempre sempre per... vai permanecer, na série A, na série B, independente da divisão, da onde... ((Deixa eu te perguntar mais uma coisa, só para não te atrapalhar mais...)) Capaz! ((... com relação à tatuagem, então, tu disse que é uma marca da da tua paixão né, do do teu gosto, então, tu achou assim que só o fato de torcer, de de ter objetos, de ter a camisa, de ir ao clube não não demonstrava, tu precisou colocar na pele, assim, por quê?)) Hã, assim ó, é... a tatuagem (+) é uma coisa que tu faz (+) para o resto da tua vida, tem a opção, muitas vezes as pessoas, fazem um nome de um namorado, de uma namorada, e essa pessoa, muitas vezes essas pessoas não vão viverem juntas para o resto da vida, acabam se separando, a pessoa acaba fazendo uma outra tatuagem em cima, ou até mesmo fazendo um processo, dizem que que tira a tatuagem, um laser e tudo mais, hã...

então... na da primeira vez que eu fiz a tatuagem, uma das minhas tatuagens no qual eu tenho outras, essa não foi a primeira e não será a última (+) é... eu pensei, bom, eu tinha a tatuagem, a minha primeira tatuagem foi nas costas é, eu coloquei um versículo da Bíblia no qual eu gosto também, acho legal, e aí depois a minha segunda, a minha a segunda tatuagem foi pensando no que, o que eu poderia fazer (+) aí eu, bom, desde já eu pensei eu vou fazer uma tatuagem do time né, no qual eu torço, aí eu fui pesquisando na internet, fui vendo fotos, apareceu também que eu poderia fazer um índio, “n” tatuagens né, aí é, primeiro eu fiz o brasão no qual... eu acho, apenas o brasão feio (+) apenas o brasão feio, e eu queria completar o... o... o... distintivo, o brasão do clube, com uma outra coisa ao redor, aí eu logo vi um adesivo tá, no próprio clube, o brasão do Rio Grande do Sul, dentro dele, no qual eu tenho a tatuagem, é o distintivo do clube. Então foi assim, foi amor a primeira vista, bom é aqui que eu vou completar a minha tatuagem, e aí, levei para o tatuador e tal, aí ele fez é, mas mas também já penso em fazer algo em torno ou alguma coisa escrita, é (+) ao redor da mesma, da tatuagem é (+); no qual eu tenho o meu segundo time... tá, no braço direito, que eu também não terminei, que é o clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro ((Aaaaah – espanto – tu vê!)) – risos – ((É... é o amor né, é a paixão, a identificação)) Sim e... aí, no no (+) no roteiro até se, tem uma questão ali é (0:06) que eu poderia, ah o significado da tatuagem para a sociedade, tal, tudo bem, é... alguma opinião já ouvida? ‘Tá, mas para que tu faz essa tatuagem (+) do de dois times, ainda mais um time tão longe, um outro estado?’, Cara, o amor, não tem não tem distância, não tem fronteiras e tudo mais e... e... o meu sonho era poder (+) é... no meu segundo time, ir no Rio de Janeiro ver o Flamengo jogar também, e eu tive o privilégio e (+) de poder ver os meus dois times jogar né no Maracanã, que foi pela Copa do Brasil, é a primeira partida aqui em Pelotas é, no Bento Freitas, e a segunda no Maracanã é, então foi algo assim... é... fenomenal [(barulhos de criança)], sem sem sem palavras é, para descrever assim a felicidade é ((É o que eu tenho ouvido, que o futebol não tem, o amor não tem explicação)) é, não se tem é, é claro que... o meu primeiro time no qual eu torci pelo resultado foi, sem dúvida nenhuma (+) o Xavante é, mas... aconteceu as duas derrotas, foi, apesar das duas derrotas foi inacreditável poder ir no Rio de Janeiro e conhecer também a cidade, conhecer o Maracanã e ver os meus dois times jogar. (+) ((Então muito obrigada)).

Tatuagem



ANEXO 10 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 05M

Transcrição

((Está valendo, então! (+) Qual é a tua tatuagem?)) É uma loba com o escudo, 'Nas Boas e nas más!', e não importa se perder ou se ganhar, vai ser sempre a minha paixão. [(muito barulho externo e a voz do sujeito está bastante baixa)] ((E então é esse o significado, né?! Tu frequentas o estádio há bastante tempo?)) Faz 3 anos já! ((3 anos! (+) E tu veio, quem que te trouxe assim, foi motivação de quem?)) Não, na minha família, meu primo desde... ele tem 21 anos, desde os 10 anos ele vem, e aí, mas eu nunca vim com ele, é... achavam muito perigoso eu vim, até que eu conheci o Nataniel que é da UPP e aí eu comecei a vim com ele. ((Ótimo! Eu já falei com alguns meninos da UPP, é bem legal! E assim, o que já te falaram por tu ter uma tatuagem de time de futebol e tu ser uma menina, mulher?)) Ah, que o que eu quero com uma tatuagem de time que não é para a vida toda, que eu posso trocar de time amanhã, que... (+) é feio uma mulher com tatuagem de time, hã, ah várias coisas já me disseram, criticando ou falando mais, mas em nenhum momento eu me arrependo de ter feito a tatuagem. ((E trocar de time nem pensar?!)) Nunca! Jamais! – risos – Pelotas para a vida toda! ((É a tua paixão?!)) É! ((Se tu pudesse resumir em uma palavra seria isso?)) Paixão, amor, amizade, estar aqui no Esporte Clube Pelotas me deu muita amizade, me mostrou muita coisa. ((É, eu tenho ouvido isso, me deixa bastante feliz!)) (x) Não tem briga no estádio, é uma, é umcarinho e amor entre a torcida sabe, eu já recebi várias propostas para até para ser musa ou coisa do Xavante, para participar do Xavante, mas nem me pagando – risos – nunca, eu não troco o meu time. ((E o que tu achas do Xavante? O que tu achas dessa rivalidade?)) (+) Bom, é um time que está jogando bem né, não vou falar que eles não estão bem porque eles estão na série né, qual é? ((B!)) Série B, e tudo mais... mas um dia a gente chega lá se Deus quiser, né. ((Eu também acho!)) Hoje, hoje é eles, amanhã pode ser a gente! ((Claro!)) E aí... mas acho que eles... ((A rivalidade é muito forte, né?)) Sim, eles têm muito preconceito, geralmente eu não posso andar com nada do Pelotas na rua que vem alguém e já quer te bater, te agredir, eu mesmo já fui quase agredida por uma guria do Xavante. ((E me diz uma coisa, tu não teve medo para tatuar então?)) Não! Não que... muitas gurias já me ameaçaram dizendo que vão arrancar essa tatuagem da minha perna, isso e aquilo, mas (+) não tive medo. Todo mundo fala 'Esconde! Esconde!', eu não escondo, eu ando, mostrando, isso que eu moro perto do estádio do Xavante e eu passo lá, carregado, e eu não tenho vergonha de ser Pelotas, eu não gosto de me esconder. ((É não, eu acho também que vergonha não, mas medo de repente!)) Ah, medo, não vou dizer que eu não tenha medo, medo até tenho, né, tu sabe como são! Mas eu acho que qualquer coisa pode acontecer em qualquer lugar! ((Então tá, não sei se tens mais alguma coisa sobre a tua tatuagem ou sobre o teu clube que tu gostarias de falar?)) Só que é um amor para toda a vida, o Esporte Clube Pelotas, e é isso! ((Então tá, muito obrigada!)).

Tatuagem



ANEXO 11 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), intitulada “Tatuagens: identificação e/ou resistência?”, elaborada pela doutoranda Naiara Souza da Silva – CPF: 005.605.510-29; telefone: (53) 8101.0411.

O tema da Tese refere-se ao estudo de tatuagens feitas por torcedores dos dois times que compõem o principal clássico de futebol da cidade de Pelotas, o *Grêmio Esportivo Brasil* e o *Esporte Clube Pelotas*, visando observar como as tatuagens indicam adesão a um time e oposição ao outro time.

Assim, temos por objetivo geral do estudo, observar os funcionamentos discursivos – de identificação e/ou de resistência – de tatuagens dos dois times de futebol, compreender como o político se materializa nestas *tattoos* e, que efeitos de sentidos são produzidos nesse processo.

Os procedimentos para formar o arquivo documental serão através de uma entrevista oral com sujeitos que possuem tatuagens dos times mencionados e de fotos das respectivas *tattoos* para, após, formar o *corpus* da pesquisa que será estudado.

Nome do(a) participante

Assinatura

Data:

Nome da pesquisadora

Assinatura

Data:

Nome do aplicador da pesquisa

Assinatura

Data:

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. O trabalho final de Tese de Doutorado será publicado no site da instituição, e outros trabalhos podem ser apresentados em eventos da área ou publicados em livros e revistas – todavia salientamos que você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento será arquivada no Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas e outra, será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu, _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e negar minha participação se assim o desejar. Fui certificado(a) de que meus dados na pesquisa (como nome e endereço) serão confidenciais, mas a transcrição da entrevista que fiz e a foto da tatuagem que tenho no meu corpo podem ser utilizadas no trabalho que me foi apresentado e em outros da mesma espécie.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome do(a) participante

Assinatura

Data:

Nome da pesquisadora

Assinatura

Data:

Nome do aplicador da pesquisa

Assinatura

Data:

ANEXO 12 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 07M

Transcrição

((Então, podemos começar!)) Então, na verdade, a minha tatuagem não é um desenho, é uma parte do hino 'Nosso sangue, nossa raça', e... (+) é tatuada no meu pé direito. (+) E eu decidi fazer ela em agosto de 2012, eu lembro, quando eu decidi fazer a minha primeira, eu casei no dia 12/12/12 né, e eu queria muito ter uma tatuagem para o casamento (+) que fosse no pescoço, e era um rabo de baleia que é sorte e... e eu tenho ela em pingente, ando sempre, não tiro nunca e tal, e queria o meu rabo de baleia tatuado (x), sempre falei isso e não tinha coragem, aí eu disse 'Ah, no vestido de noiva ia ficar bonito, cabelo levantado...' eu queria colocar flor natural no cabelo e tal, então aí eu marquei para agosto de 2012 e... morri de medo, enquanto o Batcat fazia a minha tatuagem eu disse para ele: 'Ah, vontade mesmo eu tinha de fazer alguma do Brasil!', mas eu acho feio particularmente mulher tatuar o símbolo do clube e... aí ele disse: 'Ué, vamos fazer o hino!', e aí na hora ele fazendo eu disse 'Ah, achei que doía muito mais... eu faço mesmo o hino' não sei o quê, 'Então tá, combinado, quando que nós vamos fazer?', aí eu disse: 'O dia que o Brasil subir para a série (+) A do Gauchão a gente a gente faz então uma parte do hino', e ele 'É vamos começar a escolher enquanto tu estás aqui', ele estava tatuando, eu abri o hino no celular e fiquei falando tal parte, tal parte, não sei o quê, e ele disse: 'Não, essa parte 'Nosso sangue, nossa raça' a gente tatua em vermelho e preto e vai ficar muito legal!', eu disse: 'Tá! Fechou! É... é isso aí'. Hã... em 2012 a gente já não tinha subido, não deu, 2013 então, começamos a perder a segundona e... e na hora de subir não deu, contra o São Paulo, aí eu disse: 'Ah, não vai ser esse ano a tatuagem', ainda tinha todo o segundo turno e veio a tatuagem com louvor com o título da segundona né de de campeão que a gente conseguiu ir ainda em Novo Hamburgo, eu casei em dezembro e comecei a trabalhar como professora da Universidade Católica em... abril de 2015, eu, a gente ia para a lua de mel em março porque porque para o meu marido era melhor nessa época, e eu era professora temporária da Federal e... então era março que a gente ia, nisso abriu a seleção para professora da Católica e eu tive que adiar para o meio do ano a a a viagem e... aí eu lembro que a nossa lua de mel iniciava numa terça-feira e a final do Brasil foi num sábado, em... São Leopoldo, contra o Aimoré. Batia muita muita muita muita água, e eu só tinha roupa de verão porque a gente ia para o nordeste, e tinha uma roupinha de inverno que era para ir e voltar, e ir ao jogo, e eu lembro que choveu muito muito muito, embarrou, eu tive que comprar tênis porque eu não tinha como lavar no hotel para o final de semana, foi foimuito legal. E ali, foi, na verdade a gente já tinha subido né, mas a gente ficava naquela coisa 'Ah, pode ser o terceiro melhor...', '... vá que não suba!', sobe e não sobe, então, hã naquele momento ali que a gente ficou em primeiro lugar... da chave, tinha subido, aí então eu mandei uma mensagem para o Batcat 'Óh quando eu voltar vamos fazer a tatuagem!' e ele disse 'Não, estou te esperando!'. E aí quando eu voltei, foi em agosto mais ou menos de 2013, eu não lembro o dia exato que eu que eu me tatuei e eu lembro muito de dizer 'Ah, eu vou tatuar no pé!' então 'O nosso sangue é a nossa raça', e aí eu tive uma reunião, hã, meu marido não estava em Pelotas, ele tinha ido viajar e eu tive uma reunião na Reitoria e... o coordenador de pós-graduação entrou na sala da pró-reitora e disse 'Ah, está indo tatuar o hino do xavante!' e tipo, eu nem sabia se a pró-reitora era xavante ou não, aí eu disse 'Isso, isso mesmo...' – tom tímido – '... para que contar né', depois que já tivesse tatuado azar, aí ela disse: 'Aonde?', e eu: 'No pé!', e ela disse: 'Vai doer muito!', aí me mostrou que ela tinha uma tatuagem e tal, disse que achava o máximo e tal, eu estar indo tatuar o (+) o hino do clube e aí eu pensava 'Bah, não pode doer tanto, se a do pescoço não doeu a do pé não vai doer', só que depois na foto tu vai ver que que tem uns arabescos que chega bem pertinho do dos dedos, e eu lembro que quando ele começou a fazer realmente, doía muito mais do que no pescoço, que o 'Nosso sangue' é em vermelho, e aí o 'nossa raça', quando ele terminou o 'Nosso sangue' eu disse para ele: 'Quem sabe a gente deixa só no nosso sangue?' – risos – e ele disse: 'Não, agora vai ter que ter raça!' – risos –

‘Vamos lá que tu prometeu!’ – risos – Então, acabamos terminando, perto do dedinho doi, doi muito, hã... (+) eu escuto muito as pessoas dizer que não parece hã... de time de futebol, ‘Ah deixa eu ver?!’, aí eu mostro e eles olham, ‘Ah, o que que é?’ – tom sarcástico – ‘Ah é um hino do do meu time!’, ‘Mas nem parece ser de futebol!’, tipo... é... o traço dela ficou muito – ênfase – delicado assim, então... nem sempre passa, mas é... é legal que tipo, eu agora parece que ela já faz parte de mim de mim há muito tempo, eu nem enxergo que tenho uma tatuagem ali, mas eu vejo seguido os alunos sabe, tipo, ‘Ah, a senhora é a que tem a tatuagem no pé, o hino no pé?’ e tal... – voz entusiasmada – Eu acho muito legal assim, tipo (+) hã... as pessoas, algumas pessoas que eu nem imagino que sabem que ela que ela existe / ((Já foi uma forma de identificação!)) / De identificação, é é! – tom eufórico – e (+) sei lá o significado dela para mim é, eu sei que foi quando a gente subiu e eu espero que a gente nunca mais a gente precise disso né, que a gente nunca mais volte para para a segundona, para precisar de outra tatuagem. Eu lembro do meu marido debochando muito porque ele tem, eu costumo dizer que ele tem ciúmes do Brasil, eu não vejo ele ter ciúmes de nada, mas do Brasil ele, ele sempre tem e... (+) eu lembro o dia que eu cheguei em casa e disse, mostrei, eu tinha mandado foto e tal, e ele disse ‘Tá, agora o pé esquerdo vai ser ‘Eu amo meu marido Mauro’, é o mínimo que eu espero’ – risos – Aí eu brinquei com ele ‘Tchê, não é a minha intenção, mas tu sabe que marido a gente pode trocar né... time não!’ – risos – ‘Então, deixa só o hino e não vamos mexer em nada!’. Hã... (+) eu nunca vi tipo preconceito com a tatuagem de ser de time de futebol, o Brasil é uma coisa que está muito no meu dia-a-dia, eu não te mostrei quando tu entrou ali na frente, ah... os tijolinhos que tem ali na porta são são da baixada, a porta é vermelha, o lavabo é vermelho e preto, hã... no meu casamento eu tenho uma foto que eu já ganhei hã... prêmios em em concursos de fotografia, foto que todo mundo fala que eu morro de vontade ampliar e colocar ela aqui na parede do escritório que era eu decidindo se eu ia colocar o vestido de noiva ou a camiseta – risos – hã do clube. Hã (+) é uma coisa que é muito muito enraizada, tipo, as pessoas, inclusive, fora de Pelotas, conhecem, eu viajo de camiseta do Brasil, eu nunca viajo com outra roupa, eu lembro que eu estava em Lisboa uma vez e... veio um cara correndo ‘Eu sou de Pelotas’, então... a gente foi na Sapucaí assistir, a primeira vez que a gente foi juntos assistir ao carnaval, um menino correu e dizia ‘Meu vô jogou no GEB’, GEB? (+) Que bom que o vô jogou no GEB, na hora... eu nunca chamei o o Brasil de GEB, chamo de Xavante, de de Brasil, de Brasil de Pelotas mas... / ((É, tu sabes que essa designação eu não vi nada sobre ainda!)) / É, é Grêmio Esportivo Brasil, é é no meio do símbolo tem [((Ah! Claro!))] só que claro, o menino não mora em Pelotas né, o vô jogou [((Sim!))] então, eu acho que ele olha o símbolo e diz ‘Ai, meu vô jogou no GEB!’, ‘Meu vô jogou no GEB!’ [((E eu não tinha me dado conta!))]. É, o pessoal que mora fora daqui fala, eu tenho um amigo que depois morou em... no Espírito Santo, e lá todo mundo chamava de GEB também, acho que olham no símbolo, na camiseta e... e aí, tipo, eu lá na Sapucaí, o pessoal veio, hã... uma vez no Cristo Redentor quando a gente foi juntos também, o Mauro foi com a camiseta do do Brasil e... tinha um menino lá com a camiseta é... é legal, a gente (+) usando a camiseta fora de Pelotas tu encontra muito muito Xavante e... eu tenho uma identificação com o clube também de fazer ações para... para ajudar o clube né. A gente tem um grupo que que faz ações e que a gente já conseguiu (+) hã ajudar na obra para fazer a sondagem do solo, hã... a gente fez... hã... ações para pagar o alvará, é, eu faço muita (+) hã ação, que que eu sempre acho que deveria ser coisa da torcida organizada, mas a gente fica esperando e acaba não acontecendo que é para juntar balão, juntar dinheiro para foguete, para fumaça, o que tu te lembrar e tal, e é legal porque as pessoas vão te identificando né, com o tempo as pessoas dizem ‘Ah, tu é a Jana!’, tipo eu não sei nem quem quem é, mas... eu lembro que eu tenho uma camiseta que eu troquei na rua com um um cara, uma muito antiga, e o Mauro chama ela de o pano de chão, de tão velhinha que ela está, e eu digo que para mim ela dá sorte, ‘Essa aqui tem que guardar só para jogo decisivo’, e tipo, às vezes, está muito quente, mas hoje tem que colocar o pano de chão, ‘Tchê, mas está quente, ela é de lã!’, ‘Não, hoje é dia do pano de chão!’, aí eu acabo não indo com ela, eu levo ela, vou com outra, e na hora eu coloco ela. Eu lembro de um jogo que eu... eu fui lá no meio da da Garra, não tinha caído ainda a arquibancada, e eu estava lá lá no meio da da torcida distribuindo os balões, já estava com ela de lãzinha e a outra pendurada na cintura. E... tá, distribui, vai... a primeira vez que a gente juntou balões, distribui e voltei, quando eu estava voltando para o meu lugar veio um guri correndo atrás de mim ‘Jana, Jana, tu perdeu tua camiseta!’, e tipo me alcançou a camiseta, tipo Jana, não... então,

hã... eu me identifico muito com o Brasil, não e... sempre parece que é a primeira vez que eu vejo as coisas, tudo é muito novo assim, tipo, hoje, o Mauro me pegou na Católica, a gente já estava vindo e... pela Juscelino e o ônibus estava parado ali, e eu... 'Olha o ônibus!' – tom entusiasmado – e 'Tchê, parece que é a primeira vez que tu vê o ônibus do Brasil!' – risos – 'Sim, isso para mim sempre, tudo parece a primeira vez!'. Eu pisar na baixada é é sempre... é diferente, eu acho que eu, eu uso uma expressão sempre, em todos os jogos do Brasil eu faço check-in nas redes sociais e... teve uma campanha né da construtora em que 3 torcedores falaram sobre o clube e eu fui a primeira do vídeo e eles usaram esse, hã... eu sempre coloco essa frase: 'No meu lugar com seres de luz que só aqui... tem' né, tipo, para mim a baixada é o meu lugar, eu nasci aí e tem muito ser de luz aí, tipo é a energia do lugar é diferente e... tu te identificar com o clube eu acho, eu acho muito legal assim de estar ali, e... (+) vou te contar duas coisas de Xavante, uma que esses dias eu cheguei lá (+) e acho que foi a vez que a gente fez a campanha para juntar alimentos, quando teve a... a enchente (+) aqui na praia [((Uhum!))] e a gente fez uma campanha que sorteava camisetas e tal e eu fui lá e propor para o Boa Nova o que ele achava da gente fazer isso [((Uhum!))], só que quando eu cheguei, a menina da secretaria me disse, e eu 'Ah eu sou a Janaina, queria falar com o Boa Nova e a Luana', aí ela 'Janaina da onde?', aí eu comecei a rir, acho que ela não gostou muito, era uma menina nova, aí eu disse 'Ai moça assim tu me atrapalha porque em qualquer lugar que eu chego eu sou a Jana da baixada – risos – aqui eu não faço a mínima ideia da onde eu sou'. E a outra que fala a minha opinião sobre o time rival, hã... nós fomos para Maceió em 2000 e... 14, eu acho que foi, e... a moça viu a gente tomando chimarrão e disse 'Grêmio ou Inter?', aí eu disse 'Nem um, nem outro!', 'Não, mas tem que torcer para um dos dois!', 'Não!', 'Mas qual que tu prefere?', tipo – riso – para mim, eu quero que os dois se explodam! 'Eu sou Brasil de Pelotas!', ela estava vendendo umas taças que tinham o símbolo do clube, aí eu disse 'Eu sou Brasil de Pelotas, se tu tivesse aí, eu te comprava todas que tu tinha', aí ela disse... 'Se tu tivesse aí, eu comprava, certo', eu disse para ela, aí ela disse 'Ah, mas Brasil de Pelotas eu tenho!', aí eu disse 'Ah, se tu tiver... é minha!', aí ela parou, procurou ali e me alcançou e tinha, aí ela tinha 3 do Brasil, aí eu comprei 1 e disse para ela 'Te compro todas as outras se tu procurar por aí e não encontrar a do Pelotas', e ela 'Sim, mas é o Brasil de Pelotas! É esse aí!', aí eu 'Não, não, querida! Esse é o Brasil de Pelotas, agora, a gente vai procurar a do Pelotas!', 'Não do Rio Grande do Sul só tem esse!', tem o Brasil, o Grêmio, o Inter, tinha o do Juventude, tinha o do Caxias, ah... tinha um pocado de times, mas o do Pelotas não tinha! E... – risos – (+) muitas pessoas costumam dizer isso, eu torço enlouquecida para o Brasil, dia que tem jogo não marca nada comigo, ninguém combina nada comigo, hã cedo eu tenho que ir para a baixada, hã... tem todo o meu ritual, a roupa tem que ser a mesma que está ganhando, quando perde eu vou trocando, hã... tem a catraca que eu entro sempre, é sempre a mesma, o caminho que eu faço, o lugar que a gente pára o carro tem que ser o mesmo, hã... comprar uma cerveja no Bar do Zé, se ganhou a gente tem que comprar no Bar do Zé de novo, senão eu páro de tomar cerveja até o Brasil ganhar de novo, e... (+) me perdi! ((No teu ritual!)) Tá. No meu ritual? Mas tinha outra coisa, a gente estava falando do meu ritual? ((É!)) Do meu fanatismo, que o Brasil é muito, mas muito importante, mas há quem diga que uma derrota do rival – risos – me deixa tão feliz quanto o – risos mais altos – uma... uma vitória do Brasil, tanto que (+) na esquina ali do do rival, eles tinham uma plaquinha que era uma... uma seta que dizia 'Primeira divisão só aqui', em amarela coma letra azul eu acho, ou azul coma letra amarela, e o Brasil, no dia que o Brasil subiu, apesar de ficarem naquela coisa que 'Ah, está em terceiro, pode ser que não suba, não sei o quê...', mas a gente acreditava que o Brasil tinha subido né, naquele jogo, hã... foi todo mundo para a baixada no final do jogo, foi em Santo Ângelo, e... (+) estava todo mundo lá na frente da baixada e daqui a pouquinho um grito 'Vamos para a avenida arrancar a plaquinha!', esse cara achava, eu tinha uma raiva – ênfase/tom sarcástico – daquela plaquinha, eu odiava passar naquela esquina, e eu achava que aquilo era uma coisa só minha porque às vezes eu acho que eu sou um pouco doente com essa coisa do Brasil. Eu disse, eu nem comentava, achava que aquilo era uma coisa muito idiota e... aí o cara gritou aquilo e foi todo mundo em direção à avenida, e aí quando chegou, tipo, o guri subiu aquilo ali, ele ele escalou aquele – tom eufórico – poste – risos – até hoje eu não sei como, e era difícil, não saía, eu acho que estava muito bem preso porque já deviam imaginar que (+) alguém ia arrancar, então estava muito bem preso, tipo (+) a hora que o guri conseguiu arrancar a plaquinha parecia um gol – tom eufórico ainda – sei lá, de final de

Copa do Mundo, era todo mundo comemorando e ele fincou depois a cami... a bandeira do Brasil que ficou ali uns 2 dias ainda pendurada, tipo parecia que ele pisou na lua e colocou a bandeira ali. Eu, para mim, aquilo ali é pra mim uma das... das melhores e maiores imagens que eu tenho do Brasil e e olha que eu já vivi um pocado de coisas – risos – arrancar aquela plaquinha... agora... segunda divisão do Gauchão só lá. (+) Primeira divisão (+) é lá no pepino. ((E... deixa eu te perguntar uma coisa, com relação a tu ser mulher, eu sei que tu tens uma participação bem ativa como estavas me falando, no clube, mas no início, de repente, que tu não tinhas essa participação tão ativa...)) Então, hã... a gente fala muito, eu sempre conto essa história, porque a minha mãe... eu fui criada só pela minha mãe e pela minha avó, então não não tem ninguém na minha família que tenha essa paixão, ela é minha tá, e até os meus 15 anos, eu me lembro que eu pedia para ir no jogo porque eu sempre morei ali na volta, sempre via a torcida passar, ao lado da minha casa tinha a torcida jovem e eu via eles passando, eu ia para frente para ver e pedia muito, desde criança, para ir num jogo, e a minha mãe sempre dizia que ‘Não era lugar de mulher, não era lugar de mulher’, e eu debutei, fui rainha de clube, e o presidente do clube era muito fanático pelo Brasil, eu lembro que nos meus 15 anos ele perguntou ‘O que que tu quer de presente?’, ‘Eu quero ir num jogo do Brasil!’, eu estava com a minha mãe e ela disse: ‘Não, nem pensar!’, aí... quando eu entreguei o título de rainha em novembro de 96, ele perguntou de novo ‘O que tu quer de presente para guardar de recordação desse ano?’, ‘Eu quero ir no jogo do Brasil!’, ‘Ah, mas a tua mãe não deixa!’, ‘Ah, mas é o que eu quero de presente!’, aí eu lembro que ele conversou com ela (+), e ‘Olha, eu sei que eu não tenho que me meter, a filha é tua, as escolhas são tuas, mas eu acho melhor tu deixar ela ir comigo do que em alguns das ela acabar indo... escondida... e daqui a pouco ela vai e não gosta, é só para ir uma vez e nunca mais te incomoda!’, (+) aí eu me lembro que a gente marcou de ir Brasil e Juventude em 97, no dia que a gente, que era o jogo batia água, mas assim ó, tirava de balde do céu, aí ele bateu ali em casa na ida para o jogo que era bem ali pertinho e disse ‘Tchê, tu quer mesmo ir, agora que ela já deixou vai num jogo seco, vamos num outro jogo’, ‘E se ela desiste! Não! Vamos nesse!’, e... e aí a gente foi, lembro que foi 0 a 0, não, muito difícil o jogo, assim feio, muita água, o campo não era o que é hoje, e... foi numa falta do Luizinho, e gol do Brasil 1 a 0, para mim uma baita estreia, um jogo, até hoje a gente fala nisso, nesse jogo, e foi a minha primeira ida, foi em 97, não é uma coisa tão antiga assim, eu vou fazer 20 anos de baixada nesse ano. Hã... eu não sentia preconceito, nunca senti, talvez porque eu ia com um senhor, eu me lembro que depois eu tinha um um namoradinho, toda a adolescência, que o pai dele era fanático – ênfase – também no Brasil e a gente ia nos jogos, eu, ele e o pai dele, e quando eles iam me buscar lá em casa ele dizia para a minha mãe: ‘Quem está levando é meu pai, não sou eu’, e aí a gente sentava no jogo, o pai dele no meio e nós, um de cada lado, que ele achava horrível, muito feio, também, mulher ir para jogo, mas ser xingada, essas coisas que as pessoas falavam que que acontecia (+) eu também nunca ia perto da Garra, que para mim era um lugar meio... eu falo na Garra, mas ali onde ficam as torcidas organizadas, eu sempre ficava ali no placar, ali era... o meu lugarzinho de sentar, então talvez ali já fosse um lugar mais tranquilo né, ali onde sempre ficou mais famílias, hã... em 2004, depois, lá lá em 2004, eu comecei a ir aos jogos com uma amiga que... (+) a família toda sempre foi, ela foi desde criança, e eles me levavam e eu costumo dizer que hoje eu vou sozinha para baixada, hoje, há muito tempo, sei lá, desde 2006, 7, talvez 2004 já, eu já ia... bem bem sozinha e eu não sofri nunca nenhum preconceito, não, hã... vejo coisas engraçadas, próprio 2004, eu me lembro que a gente foi no Otto, eu e a minha mãe, e a minha mãe já essa coisa de sentir vergonha que a filha dela ia a jogo, e... no mesmo dia, a gente foi no Otto fazer um lanche e estava todos os garçons, os garçons tudo conversando assim atrás do balcão e aí um deles veio na mesa e disse: ‘Tchê, a gente fez uma aposta... agora tu que vai decidir quem vai ganhar!’, ‘Tá mais o que que foi?’, ‘Ah, a gente apostou que metade está dizendo que é tu que a gente vê em tudo que é jogo do Brasil e a outra metade está dizendo que é claro que não. É tu ou não é?’, e eu disse ‘Sou, sou eu!’ tipo toda orgulhosa, e aí quando o guri saiu, a minha mãe disse: ‘Que vergonha, olha aí, as pessoas sabem que que é tu, é porque tu chama a atenção estando no jogo’, tipo ‘O que que eu posso fazer?’ né?! Aí, isso era, também, era agosto (+), aí a gente saiu do Otto e foi na Hercílio Homem, bem na frente ali, que eu me lembro que tinha tido um... o Milar cansado de errar pênalti, e desde 2004 eu não assisto pênalti, eu viro sempre de costas até hoje, porque eu sentia que esse castelhano vai errar, eu sempre virava de costas porque eu não queria

ver, e eu me lembro que era um jogo, um pênalti, o Milar pegou a bola e eu disse: 'Tchê, esse castelhano vai errar', aí tipo 'Ah, vira essa boca para lá! Claro que não', não sei o quê, eu disse: 'Tá, se ele não errar eu vou comprar a camiseta nova então', 'Se ele, se ele acertar eu compro a camiseta nova!', e aí ficou, ele bateu, ele acertou, e todo mundo 'Ah, vais ter que comprar a camiseta!', aí então nesse dia a gente saiu do Otto e eu entrei na... na... Hercílio e pedi a camiseta 'Ah, eu quero a camiseta de sócio patrocinador' e tal, era época do dia dos pais, aí o menino disse para mim 'Ele é grande ou ele é pequeno?', aí eu disse: 'Ele quem?', 'Ué, teu pai!', e eu disse: 'Não, mas é para mim!', aí o guri disse: 'Tá, mas tu vai em tudo que é jogo e não tem camiseta!', aí a minha mãe disse: 'Tu estás vendo o quanto tu chama a atenção nos jogos?!' – risos – 'Tá, é a vida, acontece oras!' – risos – ((Que bom ouvir teus relatos porque eu já ouvi alguns de... de se sentir um pouco acuada, não sei se é essa a palavra que eu poderia usar... é, de estar, mas não assim acuada de estar, porque ali, já me relataram que é um grupo é... familiar, que é todo mundo amigo, mas assim, tem aquela olhadinha sobre o short, tem aquela olhadinha que eu estou com uma blusa mais decotada)) Ah... – suspiro – é que é difícil eu eu ir (+) acho que desde sempre é meio difícil eu ter ido de short ou uma blusa mais decotada, sempre eu vou de camiseta do Brasil e... eu acho que eu estou tão nervosa, tão ansiosa na hora do jogo que se se acontece não (+) hã... eu acho que eu sofro muito mais preconceito, agora a gente está indo para o pavilhão, mas quando a arquibancada estava do lado de onde a arquibancada cedeu e... naquela função de não ter arquibancada até colocarem as móveis, eu não enxergava o jogo nunca né, porque eu tenho 1, 53, então (+) o meu marido estava viajando também, não foi ao jogo aquele do do Londrina e teve 3 gols nossos, pênalti que o Lena perdeu e mais gol deles e... quando ele chegou, ele disse: 'Tá, e aí como é que estava o jogo?', eu disse: 'Não faço a mínima ideia porque eu não vi nada! Não enxerguei! A gente vai ter que ir para as cadeiras', e eu nunca gostei de ir para as cadeiras, e... ele disse: 'Ah, eu não acredito, é porque está muito tenso para tu querer ir para as cadeiras, deve ser porque tu não enxergou nada mesmo!', e eu acho que eu sinto mais preconceito nessa coisa de (+) dos homens mais velhos 'Que que essa pirralha está querendo se meter nas nas nossas coisas?!' tipo querendo dar opinião, querendo hã fazer ação ações e tal, eu acho que eu sinto muito mais preconceito na função de idade do que de ser mulher. Não, nunca percebi mesmo assim, em todos esses anos, quando a gente vai viajar talvez né, porque talvez não conheçam a gente, mas... aqui, ali na baixada nunca! ((Então, me define um sentimento!)) Do Brasil? Paixão, a minha maior paixão. ((Entendi! Então tá, tens mais algum relato, algum ponto?)) – risos – Não, da tatuagem acho que a gente já... e só sei que desde que ele fez, ele me disse que eu tinha que retocar ela (+) e... isso aí tu viu que eu não criei coragem porque doeu, a minha mãe disse... ((Eu já retoquei a minha e é a mesma dor...)) E a tua é? ((A minha é pequenininha, umas florzinhas, foi a primeira que eu fiz, foi algo bem bobinho ó!)) Bem legal! ((Mas agora eu tenho uma nas costas que eu estou fazendo, já é a terceira sessão e eu estou quase morta!)) Eu, é, a minha mãe seguido olha e diz: 'Está desbotando né?!' – risos – 'Deixa ela desbotada! Não te metel!' – risos – ((Então, tá, obrigada!)).

Tatuagem



ANEXO 13 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 06H

Transcrição

((Pronto, podemos começar)) Tá bom. É, então, o meu desenho representa a evolução humana, e no final da evolução eu decidi tatuar um torcedor do Pelotas com um guarda-chuva que é o símbolo da UPP, nosso guarda-sol e uma baqueta na mão que é para tocar bumbo. O lugar do corpo que a minha tattoo está localizada é nas costas, toda extensão das costas, e... a minha inspiração foi realmente o meu clube né, a minha torcida, porque eu sempre estou no estádio, sempre estou junto com eles. Essa foi a minha motivação também para tatuar o... alguma coisa relacionada ao meu clube do coração que é o Pelotas, desde criança eu torço para o Pelotas. Eu me tatuei em 2000 e... 13, 2000 e... 12, no finalzinho de 2012, mas eu tive que arrumar ela, e eu vim arrumar ela em 2015 porque ela estava meio mal, os traços dela estavam meio mal tatuados. O significado da tatuagem então, para mim, há significa esse amor que eu tenho pelo Pelotas (+). Eu sou fanático pelo clube né, então é isso. E o significado para a sociedade da tatuagem é meio estranho porque todo mundo me chama de louco quando vê a tatuagem – risos – é o que a maioria das pessoas pensam, principalmente as pessoas que não são ligadas ao Pelotas, porque as pessoas daqui de dentro gostaram muito, as pessoas de fora, principalmente a minha família, pessoas que... ((não se identificaram – risos –)) não se identificaram né. Hã, a minha opinião sobre o time rival é o..., olha, eu sou totalmente anti-Brasil, contra o Brasil, todo o time que vai jogar contra o Brasil, eu torço para o time rival. Então... mas essa rivalidade sempre existe em todos os times, aqui, em Porto Alegre, em Caxias, sempre vai existir, em todo o lugar do mundo, é uma coisa totalmente sadia, eu sou totalmente contra brigas, hã, brigas de torcida, briga dentro do estádio, eu sou totalmente a favor, briga não, briga de... física, de agressão física, mas briga assim, de querer mostrar quem é o melhor, essa essa competição tem que existir sempre para sempre ser um... sempre acontecer um jogo bom, e ser sempre melhor – risos – ((Posso te perguntar duas coisas?)) Sim ((Hã... tu veio para o estádio com a tua família, hã... é tradição?)) A primeira... é... a... a minha família é meio dividida assim, ah: tem parte da família que é torcedora do Pelotas e tem parte que é torcedora do Brasil, e meu tio decidiu me trazer no estádio quando eu era bem pequenininho e aí, eu não parei mais de vim. Aí ele já foi sempre me incentivando a vir, quando ele não podia eu vinha sozinho e fui arrumando amigos aqui dentro e fui ficando. ((E outra coisa, se tu não quiseres me responder não precisa tá? [Tá!] Mas como eu vi que tu é super comunicativo é... o que tu acha ainda, existe divisão de classes entre os dois clubes?)) (+) Eu creio que divisão de classes não existe, existe muito preconceito, mas existe pelas duas partes pelo que eu posso observar. Mas divisão de classes? Dizer que a parte mais rica é Pelotas e que a classe mais baixa torce pelo Brasil, isso é totalmente, não existe, para mim, não existe. Existe preconceito, já vi, muitas vezes, preconceito racial dentro do estádio, pelas duas partes, pelas duas partes, já vi condenarem isso também, as duas partes condenarem, não é uma coisa generalizada, entendeu?! Se acontece, acontece por parte individual e sempre é repudiada pelas duas partes da torcida. ((Tá. Então, tá, obrigada, não sei se tens mais alguma consideração que tu queira falar sobre o teu clube ou sobre a tua tatuagem?)) Quero dizer que esse ano a gente vai subir, vai, e o Brasil vai descer!

Tatuagem



ANEXO 14 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 06M

Transcrição

((Podemos começar!)) [(muito vento no local)] Bom, a minha tatuagem, o meu desenho que eu tenho na pele é simplesmente o símbolo do Brasil, né, num tamanho considerado assim, para o local que eu fiz, grande, né, ele está bem visível assim, foi o que eu me preocupei em fazer quando eu resolvi tatuar. Eu pretendo fazer umas modificações, fazer né, restaurar a tatuagem, dar uma... uma intensificada nas cores porque já faz um certo tempo que eu me tatuei, já está dando uma desbotadinha, e eu pretendo há incluir uns louros e o ano de fundação do clube, e o local do corpo há que está tatuado é o meu punho direito né, que é a mão (+) o braço que eu mais utilizo por eu ser destra, porque então fica mais evidente o desenho. Eu escolhi o punho porque... o o movimento da... o gesto, o punho fechado quando a gente está no estádio, geralmente, esse gesto é bastante repetido, que a gente mostra para os jogadores para... para terem raça né, terem força, a gente bate no braço bem... bem na veia assim e fecha o punho assim, é mais ou menos nesse local que está há... o... que está o... bem evidente o desenho. Então, há... a inspiração para o desenho foi justamente homenagear e uma certa forma me ligar... há... mais ainda ao clube né, que eu já me sinto ligada desde sempre, mas eu queria ter uma ligação mais que especial. Há... (+) pensei em fazer bem grande mesmo, há a primeira coisa que pensei era o símbolo do Brasil bem grande né, ainda pensei nos trechos do do hino assim, mas à princípio, a primeira coisa que me veio em mente foi o símbolo do Brasil, que até agora ele foi redemolado, rede... redesenhado né, há... o símbolo, mas é o penúltimo símbolo do... que o Brasil fez. ((Existe diferença de símbolo e distintivo?)) (+) Olha! (+) ((É, não, é porque tu me dissesse...)) – as vozes se misturam – Distintivo eu acredito... eu uso, uso mais a palavra símbolo. Uso também bastante distintivo, mas eu uso mais a palavra símbolo, que o distintivo me remete mais, eu não tenho né, há uma opinião técnica do assunto, mas distintivo me remete mais a uma instituição né, e, para mim, o Brasil está acima de uma instituição, ele é, o símbolo é mais geral assim, ele significa mais do que apenas uma instituição, mais do que apenas um clube, um time, então, o símbolo é mais algo assim... [((Afetivo?))] ... é! Afetivo, emocional, e... tanto que a gente usa a palavra simbólico para coisas de carga emocional bem grande né?! Há... a motivação para tatuar, eu sempre tive vontade tatuar só que eu era menor de idade então, eu não tinha autorização dos meus pais, a minha mãe era bem contrária a ideia da minha tatuagem, há, ela sabia que a primeira tatuagem que eu queria fazer era do Brasil, então, eu esperei completar os 18 anos e aí, eu estava naquela coisa que eu queria fazer e acabei deixando para depois, e aí quando chegou no ano de 2009 que teve o acidente, eu pensei assim, é agora ou nunca né, esse é o momento que parecia que estava sendo aguardado para eu fazer, um momento especial, tipo, para eu demonstrar a minha devoção ao clube né, e... foi – risos – bem simbólico porque foi depois, foi num ano terrível para a história do clube, para a história dos torcedores também e foi... eu fiz a a tatuagem e decidi assim, amanhã eu vou fazer, no dia em que o Brasil perdeu, foi uma derrota fora de casa – risos – foi uma... uma excursão bem odiada assim, sabe, que teve bastante confusão, que teve o ônibus preso, teve gente há que machucada, então eu pensei assim, é... o pior cenário possível, e é do pior cenário possível que a gente tem que mostrar a força e a devoção para o clube né. Então essa foi a minha motivação maior para fazer a tatuagem, apesar de eu ter decidido bem antes que eu queria fazer. A data que eu me tatuei foi dia 13 de julho de 2009, foi após uma derrota para o Criciúma, lá em Criciúma, né, pela série C. Há... o significado da tatuagem para mim como eu já falei, é uma ligação maior com o clube né, é... tentar é... me ligar mais ainda do que eu já estava com a, com o Brasil. (+) Eu acredito que o significado para a sociedade, agora está ficando mais comum, a gente vê mais gente com tatuagem de time, na época em 2009 eu era bem nova, mulher eu não conhecia nenhuma com tatuagem, principalmente do Brasil que é um clube do interior e um clube menor né, (+) tive bastante assim... a minha mãe foi saber 1 mês depois que eu fiz a tatuagem

– risos – eu escondi dela que era inverno, eu escondi dela, aí 1 mês depois ela descobriu por acaso que eu tinha feito a tatuagem, ficou meio chocada no início, mas ela (+) viu que não tinha o que fazer né – risos – já estava feito. E... ah, eu esqueci de falar do significado da tatuagem para mim que é essa ligação do... do clube que eu já sei que ela vai ser eterna, eu eternizei na pele né, as pessoas agora, elas sabem, eu já sabia, eu já sabia, agora as pessoas sabem que ela vai ser, é uma ligação com o clube eterna, eu vou morrer e vou ser enterrada com o símbolo do Brasil na minha pele né. E... voltando ao significado da tatuagem para a sociedade (+) várias amigas minhas que não gostam de futebol, não tem essa ligação assim, não entendem né porque tanta loucura, por um clube que elas acham que é só futebol, assim só, ‘Ah, é só um jogo!’, e... depois de um tempo elas começaram a entender melhor né, mas quando eu era muito nova, tinha bastante crítica assim, ‘Ah, por que tu fez? Agora para arranjar emprego?’, é a primeira coisa que as pessoas falam ‘E agora para arranjar emprego... para fazer concurso’, e aí tu vai... ‘ainda mais mulher... com o símbolo do Brasil’, tem bastante essa resistência com a mulher no futebol né, principalmente com uma mulher tatuada e com uma tatuagem do clube, né, isso aí é que as pessoas têm dificuldade de entender que a mulher gosta também de futebol né, e a mulher entende também de futebol, eu acredito nessa questão de gênero, que a mulher, ela gosta menos, tem menos mulheres no estádio, hoje nem tanto, quanto há tempos atrás, hoje as mulheres não começaram a gostar mais de futebol, elas começaram a serem estimuladas porque elas começaram a ser mais respeitadas no espaço do futebol né, no momento em que elas são mais aceitas e mais no local, elas começam a participar né, de forma mais ativa, e elas começam a estimular mais as novas gerações, começa a ser uma coisa mais comum. Na época que eu comecei a vir no estádio, eu tinha que vir praticamente vestida como homem né, mesmo... sendo bem nova assim, tendo um corpo de menina assim né, que... mas todo mundo dizia, leggings nem pensar, era calça jeans, era moletom na cintura, era camiseta larga, camiseta masculina, a gente também não encontrava camiseta feminina, a gente não tinha essa identificação também por parte dos fornecedores de material esportivo, né, e... também os clubes acho que não se preocupavam muito, ah, a mulher está comprando a de futebol, a mulher que vem no estádio ela está comprando a de... a de homem, então, vai comprar igual. Hoje, tem mais material voltado para a mulher, bem pouco né, mas tem mais, é que para clube do interior menos ainda né. (+) E... hã... eu acho que as mulheres, elas gostam tanto e entendem tanto de futebol, quando uma mulher ela entende e gosta de futebol, ela, eu acredito que ela goste (+) e ame mais do que o homem né, de uma forma mais não assim de tamanho, mas de uma forma mais intensa, mais devota assim, religiosamente em relação ao clube dela, que as mulheres são pouco estimuladas, eu tive bastante resistência, ninguém queria me trazer a jogo, eu ia vir sozinha num ambiente completamente hostil né, para o meu gênero, e eu mesmo assim finquei o pé aqui – risos – até hoje, trago o meu filho, se eu tiver um filha mulher um dia, eu vou trazer, vou estimular tanto quando eu estimei e estimo o meu filho né, eu acho que é falta de estímulo mesmo, falta de (+) desse entendimento. ((Mas será que... tu me falaste que hoje mulher consegue estar neste espaço, mas ainda há preconceito?)) Ah, muito! Muito! Agora (+) em comparação com o que era antes né, mas ainda é muito pouco, muito pouco, ainda é um ambiente bem hostil. Em comparação ah... quando eu iniciei assim... no estádio né, quando eu comecei a vir no estádio, é... evoluiu bastante, mas ainda tem muito muito muito o que evoluir né, ainda é muito um ambiente bem hostil com a mulher, ainda a mulher tem que praticamente, tem que provar que gosta, que é devota ao clube [((E que não está ali pelos jogadores!))] ... ainda não é algo que é cobrado do do homem, do homem não é cobrado assim, ‘Ah, tu é Xavante? Tu sabe o que que é um impedimento?’, ninguém cobra isso de um homem sabe?! Eu conheço vários homens que se dizem fanáticos por futebol, fanáticos pelos clubes, que... que torcem, mas que... ninguém chega para eles e pergunta o que que é um impedimento, o que que é um escanteio, não é cobrado deles como é da mulher, se a mulher está nesse espaço, ela praticamente tem que provar que ela ama o clube, tem que provar que ela ama o futebol, tem que provar que ela sabe, entende e fala sobre o futebol, eu acho que é bem constrangedor esse tipo de coisa que... que a mulher ainda tem que passar nesse meio. (+) ((É. E... Hã... sobre (+) o time rival? O que tu tens para me falar?)) É bastante clichê quando perguntam do time rival – tom irônico – e a gente fala mal né – risos – a primeira coisa que vem pela cabeça é que... é que a gente tem que falar mal – risos – eu acho que... que o que torna o Brasil tão – ênfase – grande né, além do Brasil, também é a existência do rival né. Hã.... claro, que se perguntar,

o que eu mais quero é que o Pelotas feche – risos – e que nunca mais abra as portas – risos – quanto quanto pior eles estiverem melhor para mim, assim né, não não torço, não sou tão cabeça quanto outros torcedores que dizem ‘Ai, eu quero os dois clubes num patamar maior...’, assim, ‘para valorizar o clássico...’ [((Valoriza a cidade!))] É, valoriza a cidade. É para mim, assim, a cidade e o estado, para mim, é o Brasil né, eu não torço para nenhum outro clube do estado, hã... reconheço a grandeza dos dois clubes da capital, reconheço a grandeza de de outros clubes do interior como o Juventude né, mas não acredito que exista algo como o Brasil assim né, para mim no Rio Grande do Sul é o Brasil e nada mais né, não tem aquela coisa ‘Ah, agora, no Rio Grande do Sul é o Juventude’ quando estava na Copa do Brasil, ‘Agora no Rio Grande do Sul é o Ipiranga’, ah... eu até não... não não... não penso assim, que ‘Ai que é um time ruim... é um time pequeno’, eu reconheço os feitos de cada clube, hã... mas... não consigo ter alguma admiração assim como (+) nenhuma admiração pelos clubes, tenho por alguns clubes hã de fora do estado, de fora do do país, mas nada mais do que uma pequena admiração de quem gosta bastante de futebol né, e sabe a dificuldade que é fazer futebol, mas... em relação ao rival, eu quero que que o Pelotas – risos – esteja na pior assim, mas eu... reconheço que a rivalidade hã engrandece o Brasil né, é, coloca um do lado do outro e isso engrandece muito o Brasil, das torcidas também (+) no clássico, que é aquele clássico que eu amo e odeio ao mesmo tempo – risos – fico esperando ter um, mas eu odeio quando tem, é um sentimento ambíguo assim. ((É, deixa eu te perguntar mais uma coisa, mas fica bem à vontade se tu não quiser responder. É... com relação a a algo que foi construído historicamente sobre é... a divisão de classes entre os dois times, isso ainda existe?)) (+) Ainda existe da parte cultural assim das duas torcidas se colocarem sabendo que tem essa divisão, acredito que tenha muita gente de de classe social assim inferior no Pelotas, e muita gente de classe média, alta, de grande hã poder assim financeiro, no Brasil, mas eu acho que a essência é... a essência ainda é a mesma, assim, time do povão ser do Brasil, time... principalmente, agora, não tanto né porque o o futebol, ele é caro e o Brasil a gente sabe que ele evoluiu no (+) como clube né, e dentro de campo, então a gente sabe que os valores também (+) eles estão na na... não é abusivo né, mas eles estão altos, e não estão estão acessíveis mais a parte, a camada mais pobre da cidade né, a gente vê muita gente, tem jogo e a gente vê muita gente na porta, que vem para cá para o portão do estádio só pelo clima do jogo, muita gente que há 5, 10 anos atrás vinha a todos os jogos, estaria lá dentro né, e a questão... acredito cultural da cerveja também, muda bastante né, que proibiram a cerveja no estádio (+) hã... eu acho de forma injusta né, quem quer beber bebe, quem não quer não bebe, ninguém é obrigado a beber, e a parte de confusões, ela sempre vai acontecer, tendo ou não tendo bebida envolvida. Grandes eventos não são banidos hã... não é banido a bebida, a bebida alcoólica, não sei porque em jogo de futebol tem esse preconceito né, de que o futebol, ele é aliado à violência. Não! A a violência é ligada ao ser humano, onde ele estiver ela vai estar, de qualquer forma tem que manter a segurança, eu acho que é um pouco de de relaxamento da segurança pública né, com o futebol, e também o preconceito da sociedade que que vai lá e... e adoça né, essa essa posição, e aí... aqui era era um ambiente assim muito muito mais alegre do que é hoje em dia, mesmo com todas as glórias que o Brasil teve né, nesses nesses últimos anos, as pessoas vinham e... e vinha família assim, vinha menos mulher como eu disse, mas vinha família, vinham, bebiam, se divertiam, ainda fazem os churrascos né, mas durante o jogo também, muita gente foi excluída né dessa festa, muita gente está sendo barrada por questões do do dos preços, mas não acredito que seja uma culpa do clube né, o clube tem que, tem que dar esse espaço e precisa, ainda mais clube de interior, ele não... [((Ele precisa se manter...))] o principal patrocinador do Brasil mesmo que tenha patrocinador máster, o principal patrocinador do Brasil ele continua ainda sendo torcedor né, que é o que motiva, se não estaria sendo toda essa reestruturação do estádio e todos esses esses acessos, se não tivesse essa campanha de sócios boa, se não tivesse essa presença significativa de de torcedor no estádio né, eu acredito que ainda tem e, por isso, tem que olhar por esse torcedor né, tem que colocar a cabeça pra pensar uma forma de colocar o torcedor mais carente para dentro do estádio, que que eles estavam na pior fase do do clube, eles estavam aí, e agora na melhor fase estão de fora né, não que seja culpa culpa do clube, mas... tem que ter algum bom senso né [((Algum meio!))] É ... algum meio de de incluir, de incluir né, é inclusão social, todos os clubes têm essa parte social né ((Mas o imaginário é muito forte né, esse imaginário de que aqui seria povão e lá seria elite né)) Uhum, e a gente vê que, como eu costumo

dizer, que embranqueceu a torcida do Brasil né, ela era assim, de forma maciça (+) hã composta por negros, e agora, ainda vem muitos negros ao estádio, ainda a maioria assim agora, se não 50%, como a população é, Pelotas como sendo com uma das cidades mais negras do sul do do país né ((Sim, e pelo fato desses... desses ingressos terem aumentado o valor e terem de certa forma, excluído uma parcela, será que isso também não motivou uma outra parcela aparecer? E hoje a gente pensar que não existe mais essa divisão de classes? Assim, de que hoje em dia é... uma classe social mais elevada, eu não sei como eu posso explicar para ti, mas... que hoje vem...)) É, no estádio hoje não tem mais muito essa divisão assim, até o acesso ao estádio é caro, as camisetas estão caras / ((Mas será que eles não apareceram em função da outra parcela ter sido excluída?)) / É, que eram bem... ((Que tipo, 'Eu não me misturo!')) Exatamente isso. Isso me incomoda um pouco no futebol assim, a gente gosta hã que o clube evolua, que o clube cresça né, que caminhe nos passos assim em direção a um clube como da capital, mas a gente não quer que o clube... perca a essência original né, o título como clube do povo. ((Porque isso eu estou me perguntando bastante sabe, se essa parcela acabou não sendo silenciada ou... eu não diria excluída, porque ela se sente incluída ainda, apesar de não estar dentro do estádio, ela se sente incluída porque ela vai ser sempre xavante né...)) Sim. ((... mas de ter sido silenciada, afastada)) / Sim, todo o carisma do clube, tem todo, que era a questão assim hã... [((É a cara do povo!))] É a cara do povo, o estado parava para ver a torcida do Brasil entrando, eram pessoas assim, como tem uma crônica até que se eu não me engano saiu no na Zero Hora, saiu uma crônica que que dizia que tinha pobres, negros, aposentados, desdentados, professores, só a camada mais excluída da sociedade que se sentia incluída porque eles eram a maioria absoluta num num determinado local, era deles aquele local e parece que eles foram assim... colocados de lado, e foram empurrados, e foram substituídos né, não (+) de forma proposital, de forma... [((É o sistema capitalista...))] É! [((... que a gente vive né!))] Exatamente! Então por isso que eu acho que ainda o o clube tem que fazer essa, por questão de inclusão social, por questão de resgate da essência dele né, da origem, que o clube, ele foi... ele foi fundado em cima disso né ((E que não é feia essa conotação, esse sentido)) Sim (+) é mais do que simbólico! ((Não sei se tem mais alguma questão que queiras abordar aqui, que não esteja?)) Não, eu acho acho que eu consegui contemplar todas... ((Claro que sim!)) Não sei se tu queres que eu fale mais alguma coisa? ((Não, não! É que às vezes, as pessoas querem falar mais sobre algum ponto, então eu deixo esse tempinho assim para para saber se tem mais alguma consideração)) – risos – O que eu gostaria de falar era isso mesmo da da questão de gênero e da parte social.

Tatuagem

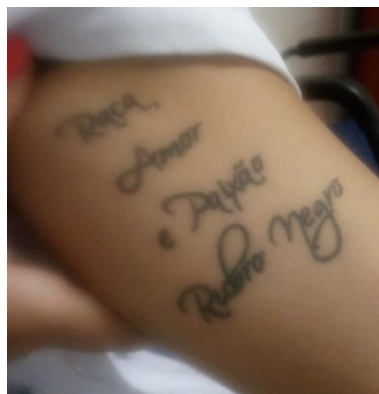


ANEXO 15 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 08M

Transcrição

((A gente pode começar!)) Tá. Hã, a tatuagem é uma parte de uma música, aqui na parte de dentro do braço e... a inspiração, é porque não é desenho, é que eu gostava dessa parte da música. ((Que tem a ver com o clube?)) Isso! ((E qual é o clube?)) O Brasil. (+) Hã... a minha motivação é que eu amo muito o clube. (+) A data que eu me tatuei foi em dezembro de 2013, eu não lembro direito a data. ((E teve alguma relação com algum algum jogo... alguma vitória...)) É, é porque o Brasil, foi na época que o Brasil subiu para a primeira divisão. (+) O significado? Significa muito, é muito amor pelo clube! ((E tu foste para o estádio com a tua família ou com amigos?)) Com o meu pai. O significado da tatuagem para a sociedade? Todo mundo diz que eu sou louca porque eu fiz tatuagem de clube, ainda mais porque eu quero ser árbitra. ((É verdade?)) Aham. ((E tu não acha que mulher ainda sofre muito preconceito no estádio?)) Muito. Bastante! ((Tu já sofresse?)) Sim, tipo, de acharem que tu vai só por causa de algum guri ou alguma coisa assim, que nunca acreditam que é porque realmente a gente gosta. ((E... mas tu acha que sofreu modificação com o tempo, hoje a mulher é mais aceita?)) Sim, bastante, bastante, muito. Até no início quando eu comecei a frequentar, quando eu comecei a ir em excursões, todas as excursões que eu ia era só eu de mulher sempre, aí depois começou a entrar mais mais mulheres, agora já tem bastante. ((E... qual é a tua opinião sobre o time rival?)) A pior! – risos – não, até, eu gosto, tipo eu gosto dessa rivalidade sadia sabe, eu tenho bastante amigos do do time rival, mas... não – risos – / ((Cada um no seu lugar!)) / É! Cada um no seu lugar! ((E deixa eu te perguntar só mais uma coisa: tu achas, se não quiseses me responder não tem problema, fica a vontade, tu achas que ainda existe, é... que historicamente foi construído, não sei, sobre um time ser de determinada classe e o outro ser de outra...)) Sim! ((Tu acha que existe esse pré-conceito ainda?)) Sim. Aham! Bastante! E... não sei por que, eu nunca li nada sobre, mas não sei, é sempre assim, o Brasil o time do povão, e o Pelotas da elite. ((É, eu estou pensando ainda como eu vou lidar com essa dualidade)). É, de repente pela localidade que o Brasil é aqui no Porto, no meio de várias, de bairros, e o Pelotas na avenida. ((É, tem um sentido sim desde a constituição dos dois clubes, mas eu tenho perguntado isso para as pessoas, o que as pessoas acham hoje, se é assim, e algumas pessoas dizem que sim, outras dizem que não)) É, eu acho que é pouco, é pouca coisa, mas... ((Então tá, não sei se tens mais alguma consideração para fazer!)) Não! Quer tirar uma foto? ((Quero!))

Tatuagem



ANEXO 16 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 02H

Transcrição

((Então, pode começar)) Tu... tu não quer ir para alguma sala? ((Não, fica a vontade, não)) Bom, a minha tatuagem é o emblema do, é o distintivo do Pelotas, e embaixo está escrito UPP que simboliza, o nome da torcida, não organizada, mas a Barra Brava que é uma um outro tipo de torcida. Hã... eu tatuei ela no meu braço esquerdo, hã... entre o ombro e o cotovelo. Hã... a inspiração para o desenho é que eu sou Pelotas antes mesmo de nascer, porque no meu quarto de... quando quando eu estava nascendo a... já tinha uma camiseta do Pelotas na porta – risos – então não teria... e é uma... e e eu tenho um um motivo para mim que uma tatuagem tem que significar uma coisa muito grande, então eu tenho apenas duas e não poderia deixar de tatuar a tatuagem do Pelotas. Eu tatuei ela em 2012, eu tinha 15 anos eu acho, não, é 16 anos mais ou menos ((precisou de uma autorização)) Não, eu fui com a minha mãe até – risos – lá em casa é tranquilo assim para, a minha mãe tem duas tatuagens. O significado da tatuagem para mim é... é a coisa mais importante assim da minha vida, tirando a família assim, porque o Pelotas faz parte do meu dia-a-dia, faz parte da minha vida, por mais que esteja de férias agora, mas... é tudo na minha vida. Hã (+) tchê, sobre alguém falando de mim, da tatuagem, muitos já falaram que eu sou doente, que eu sou louco da cabeça, muitos gostaram, já fizeram também parecida, e... não me arrependo de ter feito porque é uma tatuagem para mim, não para os outros assim, sabe. E a minha opinião sobre o time rival, agora é meio complicado de falar porque eles estão numa baita boa, mas eu, por exemplo, eu peguei uma característica do meu pai, hã... eu não uso vermelho tá, isso aqui é vinho – risos – eu estou, eu sou meio maníaco com isso, eu não uso vermelho e preto, eu uso preto ou vermelho, nunca uso as duas cores. E a minha opinião sobre o outro time, lá debaixo, que está sem estádio por enquanto – risos – bah, eu não tenho o que falar agora porque eles estão muito bem mas, eu não gosto deles – risos – mas respeito quem é ((Claro)) Eu não sei se tem mais alguma coisa? ((Hã, a sigla UPP, tu podes me explicar?)) A UPP significa Unidos Por uma Paixão, que é o nome da torcida ((Uhum... que tu participava / Participava / Ainda existe essa torcida?)) Existe, existe, esse ano vai completar 10 anos ((Hum)) Foi bem na época que deu um estouro da Geral do Grêmio que foi a primeira torcida Barra Brava, não sei se tu já ouviu falar? ((Não, eu quero que tu me expliques)) Aham, isso é, a torcida Barra Brava, Barra Brava, tem origem argentina e mais o Uruguai, todo o... todo o... a América do Sul tem esse estilo de torcer, menos o Brasil que agora aos poucos está se introduzindo, começou com a Geral do Grêmio, depois teve a Guarda Popular, e aí foi indo para outros times assim, tipo Pelotas também adquiriu, a maioria das torcidas do Rio Grande do Sul são Barra Brava também. No Brasil, tirando o Rio Grande do Sul, tem pouquíssimas, no Rio de Janeiro, em São Paulo não tem, no Pará tem, mas assim, muito poucos lugares do Brasil, e aqui no no Pelotas tem a UPP e uma torcida organizada também, mas quem é a principal do torcida do time é a UPP ((Então tá, muito obrigada!)) – risos.

Tatuagem



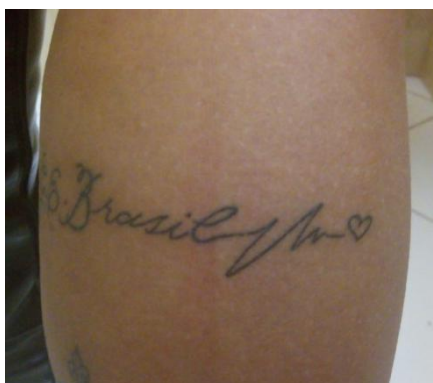
ANEXO 17 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 03M

Transcrição

Bom, a minha tatuagem (+) ela é o batimento do coração, aí diz: 'Grêmio Esportivo Brasil' e, no final, um coração. O lugar do corpo que eu fiz foi abaixo do joelho pelo lado de trás assim, pega um pouco da panturrilha, sabe?! (+) Humm... a minha inspiração no desenho, (+) eu acho que o desenho por si só já diz né, é o batimento do coração, só em eu falar assim, é emoção né, eu fico arrepiada, sabe?! (+) Humm... o motivo (+) para me tatuar? (+) O que eu sempre digo que a tatuagem é um momento da tua vida né, é uma coisa que tu não pode te arrepender, e o Brasil é uma parte da minha vida, é um momento que eu não quero fazer questão nunca de esquecer, porque (+) ali eu criei mais do que uma afinidade sabe, é amor, é paixão, é família, é amizade (+) é uma coisa que só tu sentindo mesmo, só tu tu amando muito, é um amor como, eu posso comparar o amor (+) conforme eu comparo o amor que eu tenho pelo meu pai e pela minha mãe que também é tatuado no meu corpo, se não fosse um amor muito forte, eu não tatuaria. Humm (0,6) eu me tatuei há uns 2 meses atrás também, porque eu sempre quis me tatuar e não sabia o que me tatuar, aí a minha chefe se tatuou e eu tomei coragem e disse assim: 'Quer saber, também vai ser agora que eu vou fazer a minha!', aí fiz. (+) Bom, acho que eu já te falei o significado da tatuagem, o que que é. ((E as pessoas, assim, quando... é não tiveram muito contato por causa do inverno né...)) Não! Mas eu falo bastante. Aí assim ó, o pessoal que não tem tatuagem nenhuma diz assim: 'Tu é louca né!', 'Como é que tu vai fazer a tatuagem de um time?', mas eu digo assim: 'É amor!', mas tirando isso assim, do pessoal que não tem tatuagem, que acha, 'Ah não, uma tatuagem de time de futebol...', eu já tenho várias outras tatuagens, então eu acho que o pessoal vai... de repente, nem vai notar se eu não disser: 'Ai, é uma tatuagem do Brasil!', porque eu tenho outras tatuagens. (+) A minha opinião sobre o time rival? – tom sarcástico – Eu acho que (+) cada um tem a segundona que merece – risos – mas, tirando a brincadeira, hã, eu queria que tivesse num patamar mais ou menos igual, mas com certeza sempre abaixo do Brasil, mas... eu não tenho nenhuma rivalidade assim até porque eu cresci lá em casa tendo um Bra-Pel né, a minha mãe é Pelotas e o meu pai é Brasil. Eu até (+) já tentei torcer para o Pelotas, já fui ao estádio para agradecer a mãe, mas quando o meu pai me liberou para ir aos jogos do Xavante, não teve condições, é um amor que explode, é um amor que tu fala e te arrepia, é uma sensação inexplicável, não não tem como não. Então eu posso te dizer assim ó, como eu já tentei, que não tem, que não tem explicação e é um amor [((indescritível. É só sentimento!))] indescritível, só sentimento, exatamente. ((E com relação a tu ser mulher, a tua posição de mulher assim, tu já (+) sofreu algum tipo de preconceito ou tu tu já ouviu alguma piadinha sem graça?)) (+) Eu já viajei muito também com o Brasil, assim ó, a gente escuta piadinha a quê, em casa, na baixada, é raro, raro mesmo, raríssimo, agora, fora daqui a gente escuta mais sabe, porque é rivalidade, não porque eu acho 'Ah não, porque tu é mulher', é porque tem a rivalidade, mas aqui não. Aqui o pessoal daqui também que é conhecido assim, dessas torcidas organizadas, mexem e dizem ah o lugar... a gente fez o grupo das rubro-negras né, que é um grupo de mulher só para se juntar e ir no estádio, por quê? Ah, porque a gente gosta, porque tem amor. E aí os guris, quando a gente começou a brincar, viu que a gente colocava a nossa frase 'lugar de mulher é na baixada, lugar de mulher é no estádio, lugar de mulher é onde ela quiser', os guris dizem: 'Não! Lugar de mulher é lavando louça!', mas tudo na brincadeira, aqui não. Não sofri nenhum preconceito. ((Que coisa boa ouvir isso! E... assim, eu não perguntei isso para ninguém ainda, mas como a gente está conversando, sobre o preconceito assim da torcida do Brasil, tu tens alguma coisa para me falar?)) Não. Eu acho que não não tem isso. Eu me sinto muito acolhida sabe. / ((Na cidade de Pelotas?)) / É. Eu me sinto muito acolhida na torcida porque eu comecei a ir muito nos jogos com um ex-namorado [((Uhum))] e... depois assim ó, eu só ia quanto tinha, ah, alguém para ir. Hoje não, sabe, hoje não, se eu tiver que ir sozinha eu vou, eu não acho eles preconceituosos com nada assim / ((Não não, não com relação a mulher. Mas assim, a

cidade de Pelotas com relação ao Xavante, ao estigma que o Xavante tinha antigamente, de ser um time mais...) Não. Acho que não tem mais [((Não existe?!))] porque eu acho que isso é bem antigamente mesmo. Agora eu acho que realmente isso não existe. Claro, tem o quê, é que nem eu te disse assim né, fora da cidade [((Uhum))] é que nem em relação ao preconceito com a mulher, é fora da cidade isso, mas eu acho que é muito, é mais o... a falaçada assim sabe, do que ah tu o outro me contou que antes era assim, do que ser. Tu entendes? Eu acho que já passou, já foi, já foi bastante, mas nos dias de hoje eu acho que não tem mais. ((Então tá!)).

Tatuagem

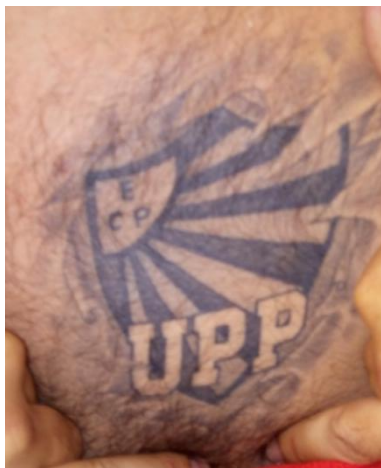


ANEXO 18 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 05H

Transcrição

((Pronto. Então vamos lá)) [[gritos de crianças]] ((Qual é a tua tatuagem?)) Eu tenho o símbolo do Pelotas com o logo da UPP junto, que é nossa torcida, Unidos por uma Paixão, nossa principal torcida (+) ((E qual seria, qual é o lugar do corpo?)) No peito ((Direito? Esquerdo?)) Esquerdo, lado do coração ((E por que tu tatuou?)) É, isso, torcedores né, têm muitos torcedores que só apoiam o time quando estão, quando o time está numa fase boa [[gritos de crianças]] tá; então, o Pelotas está numa fase bem ruim, e isso foi uma decisão minha, para provar para todo mundo que realmente eu sou Pelotas, e nas como diria parte da nossa música “nas boas e nas más”, então a gente está na má e eu fui tatuar para provar que realmente eu sou Pelotas ((Então tu tatuou agora pouco?)) Faz uns 7 meses ((É bem recente)) Isso [[chegada de outras pessoas no local]] ((Tu terias então um significado específico?)) Sim, é, na verdade, é um significado específico, seria o amor pelo clube né, e pela torcida que eu também faço parte da liderança, que é a Unidos por uma Paixão ((Além dessa prova de que sempre estarás com o teu time!)) Sempre. Isso vai na pele para dentro do caixão [((É))] Não tem, está comigo e está sempre colado em mim ((É)) [((muito barulho))] ((E desde que tu te tatuou, tu já ouviu o quê, assim, o que as pessoas falam? [Cara!] Ou tu pegou uma parte do inverno, de repente não)) / Não não não, peguei já, a primeira coisa que a gente faz hoje em dia é expor né, fazer a exposição da imagem no Facebook e digo assim ó, nos últimos anos foi uma das mais comentadas e curtidas na minha página, então, foi uma coisa bem legal que, na verdade acaba incentivando muitos torcedores rivais, mas ‘bah, que legal! Tu és corajoso’, e sempre tem aquele deboche da rivalidade, normal, mas, cara, [((muito barulho))] sempre todo mundo falou muito bem, minha mãe que não curte tatuagem, meu pai que também não curte tatuagem viram e o pai se emocionou porque ele é Pelotas também. Então é uma coisa que levanta o astral, entendeu. Isso foi uma das partes piores que o clube estava, na função de aluguel do clube, eu estava na reunião do conselho, e falei ‘se não alugarem, eu tatuo o símbolo do Pelotas no peito, não foi alugado e eu fiz ((Uma promessa também?!)) Também, é. Tudo é, uma coisa leva a outra, né [[gritos de crianças]] ((É (+) e a tua opinião então sobre o time rival?)) Hum... rivalidade. [((É!))] Isso é um tema que consome muito, consome, na verdade, não é a palavra certa né, é uma coisa que deixa o futebol e Pelotas bem vivo. Então essa parte da rivalidade tem os prós e os contras, né. Prós é que para eles, graças a Deus, eles estão bem, para eles, para nós não. Para nós isso é coisa do futebol né, dias está bem, dias está mal, então não tem muito o que falar sobre elas – risos – (+) ((É?)) Exato, não tem. Isso é rivalidade né, rivalidade sempre vai existir. Enquanto existir rivalidade, existirá o futebol em Pelotas, acabou isso, acabou a o triângulo que nós temos aqui que é o Pelotas, o Farroupilha e o Brasil né. ((Então tá, terias mais alguma consideração que eu não abordei?)) Na verdade a consideração principal é, foi abordada até, já foi dito aqui, que é o amor pelo clube, né. Antes de qualquer torcida interna que nós temos lá dentro, é... vem o Pelotas né, o Esporte Clube Pelotas [[gritos de crianças]] passado de glória, hoje, um presente complicado, mas tudo se ergue com o decorrer do tempo, não tem muita... muita frescura para falar, que o Pelotas está mal, o Brasil está bem, então eu não vou torcer para o Pelotas. Não, isso é uma coisa que nunca vai existir, né. É (+) aprendi a ser Pelotas com o meu pai, fui um dos sócios mais novos do Pelotas, eu tinha 1 mês e meio de idade e meu pai me associou no clube [((muito barulho))], eu tenho a carteirinha até hoje. Então, eu aprendi né, aprendi a amar o Pelotas como uma família. Então, tem duas coisas que eu amo demais, a minha família e o Pelotas, fora isso é... é o lucro na vida ((Com certeza. Obrigada, então. (+) Muito legal te ouvir)).

Tatuagem



ANEXO 19 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 03H

Transcrição

((Eu já ouvi várias coisas (+) então vamos lá. Quais são as tuas tatuagens?)) Hã... eu tenho uma tatuagem no peito, do lado do coração, que é o símbolo do Pelotas. Aí eu tenho, também no peito, só que do outro lado, o nome da torcida Unidos por uma Paixão, hã, vulgo UPP. No braço aqui em cima, eu tenho duas frases, tenho uma em cima e outra embaixo, em cima é espanhol “Si no entiendes no entiendes”, e eu fiz com um amigo meu, ele era muito louco e ele até escreveu errado: “se no sientes no endendes”, ao invés dele botar um “t” ele colocou um “d”, e no final um “ds”; e embaixo, diz “nas boas e nas más sempre Lobão” ((Muito bem. E as datas foram consecutivas ou demorou?)) Hã (+) a do peito foi uma semana antes, não me recordo exatamente a data [((Huhum))] mas se precisar depois eu posso te mandar, hã... foi no verão de 2010, foi uma semana antes do Pelotas começar a jogar a primeira divisão, ele tinha passado 5 anos na segunda divisão, em quarto, estava indo para o quinto, e aí ele subiu; e aí eu fiz a tatuagem porque, sei lá, já precisa falar o porquê agora? ((Pode ser! Pode ser!)) Sei lá. Hã (+) como eu posso te explicar, na minha vida, no colégio por exemplo, eu gostava de estar sempre com meus amigos, mas como eu era mais novo, meus pais não deixavam eu ficar até tarde na rua, ir para festa, lógico todo mundo vai para festa, mas eu não ia, então, quando eu cheguei no Pelotas, eu conheci outra outro jeito, sabe, de de viver de... de ter amizade, de dar valor para as pessoas e tal, e aí eu (+) sei lá, conheci vários amigos que (+) fariam o mesmo por mim, sabe, o que eu faria por eles, tipo, qualquer coisa, dar carona, ajudar, defender, dar conselho, e todo mundo se ajudava e sabe, era, aquilo ali foi essencial para a minha vida, sei lá, me mostrou que (+) sei lá, que uma amizade, às vezes, pode ser tudo [((claro))] meus amigos (e, então, isto te inspira tanto nas tatuagens quanto para torcer pelo time?)) Sim. Muito. É como se fosse uma família, né. Só que ao mesmo tempo que é uma família tem várias pessoas contra ti, então, isso também te ajuda a ser mais forte, a tu dar mais valor, hã... e também, como jogo de futebol, às vezes tu está lá, triste e tal, e quando vê tu vai num jogo e tudo muda, tu sai, te diverte, tu torce, às vezes parece que uma simples coisa que tu faça muda todo o jogo, sabe, cantar numa hora, xingar numa hora, aí sai um gol ((e tu precisava colocar no teu corpo tudo isso, todas essas palavras?)) Eu... foi saindo. Desculpa te interromper ((não não, era isso. Sim. Porque que a gente colocar no corpo algo é é mais do que a gente conseguir falar né, as palavras não... parecem que não dizem, então a gente precisa colocar [É verdade] Seria isso?)) Mew, foi muito espontâneo, assim, foi algo do nada, sabe, eu comecei a sentir sentir sentir aquilo e um dia eu acordei e falei: mew, vou me tatuar, vou me tatuar; podia ser um pouco de fanatismo também, mas era algo que para mim, tipo, não ia intervir em nada, futuramente, tipo eu me arrepender, sabe, é algo que eu não arrependeria nunca ((Tá. E tu falarias em sentimento? Tu colocarias o time assim, numa relação sentimental?)) Como assim? ((Eu não sei. Eu tenho escutado, hã (+) por por tu colocares no teu corpo um time que tu torces né, eu tenho escutado assim: ‘ah, porque o time é a minha vida, porque é tudo para mim, porque (+) é é sentimento, é amor, é paixão, é é isso assim?)) Com certeza. Significa muito. Hã, não ao radical de tu querer matar alguém ou não aceitar ouvir nada contra, eu, hoje em dia, porque porque as pessoas falam das outras né, então quando muitas pessoas falam, as coisas começam a chegar em ti, aquilo e, por um lado, tu tenta (+) sei lá, tu tenta mostrar que não é aquilo, então tu tenta ser melhor, mesmo sendo fanático, hã, tipo um fanático que sabe, sabe diferenciar as coisas, uma brincadeira mesmo com uma pessoa que tu não conheça, fazer, sabe. Então não é algo (+) de mau gosto que tente te atingir ((Entendi. E sobre, assim, quando as pessoas te veem?)) / bah! Eu não sei se estou te explicando, eu estou nervoso e também não falo disso, eu não... / [((não, não tem importância))] / eu não pensei o que ia falar. ((Não, não era para pensar. Então, quando as pessoas veem que tu tem uma tatuagem de time, do teu time, elas acham estranho? Já te falaram alguma coisa assim, com relação a isso?)) Hoje, sei lá, na minha cabeça, ninguém da bola, mas vários amigos já... uma pessoa fala: ‘Pô! Esse aí

gosta mesmo, esse aí torce mesmo!', sabe, essas coisas assim, normal, mas ninguém me olha e sorri ou me olha e faz cara feia, as pessoas olham normal ((E agora, sobre o rival?)) Hã ((Sobre o xavante)) Sei ((O que tu tens para me dizer?)) (+) É a mesma coisa que eu ir ao banheiro e ter o coco de outra pessoa, eu só olho para aquilo e puxo a descarga [((Nossa, que comparação! – risos –)) É algo bem assim para mim, é como se não fosse nada, entende?! Tipo, rivalidade é quando tu pega alguma coisa para competir, tentar ser melhor, tentar fazer isso, aí com o tempo um atinge o outro e tal, mas para mim, eles são muito insignificantes, é como eles não existisse. Tipo, eles podem falar o que eles quiserem né (+), eles são filhos da mídia, e aí vai continuar sempre a mesma coisa, eles vão estar jogando a final do mundial e eu vou estar olhando eles como a descarga de sempre, ali ((Tá bem, muito obrigada)) Espero ter ajudado.

Tatuagens



ANEXO 20 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 04M

Transcrição

((Vamos iniciar!)) Eu tenho... [[barulhos externos]] é o símbolo, o distintivo do Pelotas, no ombro direito, né, (+) e eu fiz o desenho porque eu queria que todo mundo soubesse o time que eu torcia, porque para mim né, eu sou Pelotas, eu sempre criei, me criei desde pequena no Pelotas, o meu pai vinha, me trazia no campo, eu me lembro que quando era pequena ainda dormia – tom de ênfase – na arquibancada, e eu pedia que o meu pai para me trazer no campo, porque eu sempre gostei de vir para o campo, aí foi uma coisa que foi passando o tempo né, e eu disse ‘Ah, agora eu quero tatuar o símbolo do Pelotas!’, quando eu vi ‘Não, eu quero isso para mim!’, e eu queria que todo mundo soubesse a minha tatuagem porque eu torcia pelo Pelotas, que eu era torcedora do Pelotas, que ninguém chegasse em mim e pudesse, precisasse perguntar qual time que eu torcia né, todo mundo já olhasse para minha cara e ‘Ah, essa é Pelotas!’, né, e o motivo de eu tatuar é esse também, é... para mim saber, para todo mundo saber que eu torço para o Pelotas [[muito barulho ao redor]] e eu tatuei ela faz uns 6 anos mais ou menos, mas não foi uma data, não teve algum sentido, ‘Ai eu vou tatuar por causa disso!’, não, foi porque eu achei que seria legal e eu botei ‘Ah, eu quero fazer, quero fazer!’, então... / ((Chegou o momento!)) / chegou o momento e é agora! (+) Né?! A tatuagem do Pelotas para mim ela significa, (+) ah é uma história de vida né, porque desde pequena aqui, então para mim ela em um significado grande, é uma paixão, e assim como eu tenho a dos meus filhos, do meu pai e da minha mãe, eu queria a do Pelotas, não posso ficar sem o Pelotas, né, não tem como. E aí, bah, para a sociedade, todo mundo fala assim ó: ‘Lh, Pelotinhas!’, ah safadismo, mas escuto um monte, um monte assim ó, esses, ninguém me vê, estou na rua ninguém me vê, todo mundo olha a tatuagem – tom de ênfase –, todo mundo, tanto do time rival, os do Pelotas ninguém me vê, todo mundo diz: ‘Lh, e essa tatuagem?’, e eu digo: ‘Ah, essa tatuagem é meu brilho!’ porque eu não apareço! – tom de ênfase – Se eu disser, se eu ficar que nem uma globeleza ali, tu com a tatuagem vai aparecer, vais ser a tatuagem, ninguém vai me ver, porque todo mundo mexe por causa da tatuagem. E o time rival para mim, ah o time rival não é nada – tom de aversão – pelo amor de Deus, eu tenho nojo daquele time! – risos – não dá, eu tenho mesmo, eu tenho muitas alunas que são do time rival e coisa, e eu brinco, eu mexo, a gente tem que aprender né, eu digo que a rivalidade é dentro do campo e tudo com, tem que ser tudo saudável né, sem brigas, aquela coisa de respeito, não é porque tu é Xavante, todo mundo pergunta ‘Ah eu sou Xavante, tu não vai ser minha amiga?’, cara não tem nada a ver né, isso é uma escolha minha, um time, tu tem a tua escolha tua né, é o teu time, mas nada impede que a gente tenha uma amizade né, que é... mas é tranquilo, relação a isso é tranquilo, mas piadinha, bah isso aí é todos, quase todos dias, sai na rua alguém que vê, os amigos mesmo né, ontem até um cobrador do ônibus disse: ‘Lh, hoje tem vermelho e preto, hein! Tu não vai ir?’, e eu disse: ‘Não, eu não vou ir’, ‘Tens que ir!’, e eu ‘Ah é!’ – risos – ((É porque a tua tatuagem é bem visível né?!)) É! É! ((Principalmente nesse calor que a gente está vivendo!)) É! É! ((Então não tem como as pessoas não notarem!)) E eu escolhi esse lugar porque eu queria que todo mundo olhasse a minha [((Visibilidade!))] tatuagem, eu queria! Ah eu podia colocar nas costas, ah vai tapar, coloca na perna, ah mas se eu estou de calça? Não, vai ser no ombro para todo mundo ver mesmo – risos – ((E me diz uma coisa, e algo que não está aqui, fica a vontade se tu não quiseres me responder...)) Tá! ((... hã, como é a tua relação de mulher e futebol? Tu acha que a mulher sempre teve é, esse espaço, ou é nesses últimos anos que ela (+) está conseguindo ter um acesso maior, com mais tranquilidade...)) É! ((... ou ainda é difícil?)) É, ainda é difícil, ainda tem muitos preconceitos, hã e assim os patrocinadores, eles ninguém acredita no futebol feminino, ainda é uma questão muito (+) muito delicada né. Ah... aqui no Pelotas mesmo, tem a minha guria, ela tem 9 anos, ela joga no Pelotas, ela está na escolinha do Pelotas, foi uma escolha dela, eu não forcei. O meu sonho era ser jogadora do Pelotas – tom de ênfase –, mas quando eu ainda era nova, era muito difícil né, aí agora

já está mais tranquilo, já tem mais possibilidades, e o Pelotas criou essa possibilidade aqui na cidade e eu coloquei ela, ela que me pediu: 'Mãe, eu posso entrar?', e eu disse: 'Não, pode pode entrar!', e aí... mas é difícil assim tu manter o futebol feminino, eles assim, por causa dos patrocínios que ninguém ajuda, ninguém, todo mundo diz 'Ah, futebol feminino!' – tom de desconfiança – mas não cara, é é uma profissão como outra, e aquela coisa do preconceito né (+), muito eu escutei assim: 'Por que tu vai colocar a tua filha no futebol feminino? Vais criar uma machorra!', cara não tem nada a ver, tu pode dançar balé e ser machorra – tom de ênfase –, e o que é que tem se ela quiser ser, é a relação dela, o que ela vai querer ser, a sexualidade dela não vai interferir em nada, se ela quiser ser quem quer que seja, ela vai ser feliz, mas se ela quiser jogar futebol, ela vai jogar, se ela quiser... né, isso é bem complicado, as pessoas, a sociedade em si né. [((É!))] E aqui cara eu vejo que aqui em Pelotas é uma cidade ainda muito conservadora – tom de ênfase – entre aspas né, porque todo mundo tem os seus, tem os seus caminhos por lados, mas falam em preservar o que é aquela cultura, não, da sociedade [((Padrões!))] é, os padrões da sociedade, é! ((É, é algo que eu vou precisar tocar né (+), só que no que tange a (+) gênero é complicado né...)) É! ((... tem um grupo de meninas aí afirmando muito veemente assim que 'Não, a mulher está dentro do campo!', 'A mulher já conquistou esse espaço!', e eu ainda acho (+) que não. Ela não conquistou ainda totalmente esse espaço!)) Não! – tom afirmativo – É, tem uma (+), eu vejo assim pelo futebol feminino em Pelotas, tem muita boa vontade, mas é muito difícil ainda (+), é muito difícil, não são todos que aceitam. Tem uma parte que aceita e que luta para que isso possa mudar né, mas não é uma coisa que é aceita por todo mundo, porque se fosse uma coisa aceita por todo mundo teria a mesma visibilidade que o futebol feminino, do masculino (+), é bem... é bem complicado. ((Então muito obrigada, não sei se tens mais alguma coisa sobre a tua tatuagem ou sobre o teu clube que tu gostarias de falar?)) Não, não!

Tatuagem



ANEXO 21 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor P. 01M

((Podemos começar, então. Fica a vontade!)) Então, hã meu nome é Iândora, eu tenho 3 tatuagens do Pelotas, relacionadas ao time. (+) Eu tenho o símbolo do Pelotas, tenho (+) o início, a primeira frase do hino e um lobo mais ou menos customizado na perna. (+) Então, o símbolo é no no ombro, o início do hino nas costas e o lobo, como eu disse, na perna. ((Em qual dos lados, direito ou esquerdo?)) O lobo é no esquerdo e o... símbolo no direito. (+) A minha inspiração (+) hã, a primeira foi delas, a primeira delas é o símbolo né, porque... juro que não não é uma expressão, é que ligou os fatos né, a segunda (+) foi o hino, e aí o hino foi uma promessa porque o Pelotas estava quase caindo para a segunda divisão e eu falei que se o Pelotas não caísse eu ia fazer uma tatuagem, e aí eu fui e fiz no dia do meu aniversário, e a terceira foi quando o Pelotas ganhou 3 a 0 do Brasil no estádio Bento Freitas, final da Copinha, que aquele momento, eu não nunca tinha visto o meu time ganhar do Brasil, e para mim aquilo foi assim ó, muito marcante – tom de ênfase –, e aí eu quis fazer a tatuagem. Eu chego até me emocionar – choro – ((A coisa boa! (+) É um sentimento que (+) indescritível né?!)) É! Uhum! ((E seria por isso que a gente precisa marcar o corpo?)) Eu gosto de mostrar para todo mundo que eu sou Pelotas (+) porque a maioria aqui em Pelotas, eu admito que a maioria torce para o Brasil, de torcer, não que vá ao estádio, mas torcem, em qualquer lugar que eu vou fica todo mundo ‘Ai, olha essa guria é Pelotas!’, ‘É Pelotas!’, soa diferente porque (+) a maioria acha em qualquer lugar que eu vá ‘Ah, guria com tatuagem do Pelotas, coitada!’, então... (+). E a motivação é que como eu já disse foram momentos históricos do Pelotas, históricos para mim né, que eu quis fazer para marcar que eu não vou esquecer daquilo por nada assim. [(barulho de vento forte)] As datas que eu me tatuei, eu não tenho muita certeza, eu tenho 21, a primeira eu fiz acho que eu tinha uns 15 – tom de dúvida – 14, 15, por aí, que foi quando o Pelotas, eu acho que foi quando o Pelotas, logo depois que o Pelotas subiu para a primeira em 2009 talvez, (+) a segunda (+) talvez em 2011, e a última talvez em 2013, foram bem próximas, já prometi mais, mas não deu – risos – (+) então a minha tatuagem é como eu falei né, eu gosto de mostrar, até hoje eu nem vim com elas a mostra, me esqueci – risos – mas eu gosto de mostrar, até retoquei faz pouco tempo a minha do ombro porque eu gosto de mostrar, gosto de mostrar o meu amor, o meu time tatuado na minha pele assim, até vem de família, o meu pai é Pelotas, o meu vô era Pelotas, e o meu pai fez até uma tatuagem também do Pelotas – tom animado – quando o Pelotas subiu para a primeira divisão em 2009, ele fez, ele, logo, quando eu era pequena assim, Deus o livre eu arrumar um namorado com tatuagem – risos – tatuagem era uma coisa assim né, de coisa de gente louca, e aí até que um dia ele apareceu com a tatuagem, tatuado, é a única que ele tem, mas... apareceu tatuado! (+) E aqui, o significado da tatuagem para a sociedade (+), como eu te disse, eu vou nos lugares e as pessoas ficam assim impressionadas, (+) talvez pelo time né, mas por eu ser mulher. Hoje, eu acho que tem muito mais quantidade de gurias no, mulheres no estádio. A minha mãe não ia antes, de jeito nenhum, o meu pai ia sozinho, eu ia com ele mas a minha mãe não ia porque era uma coisa que mulher não ia antes, e hoje assim, tu vê bastante, é bem parelho, (+) e é assim eu chego nos lugares e as pessoas ficam espantadas, e aí quando eu falo que eu tenho mais de uma tatuagem do Pelotas, elas ficam ‘Ah! Como pode isso?!’ – risos – e eu não conheço só eu, tem mais gurias que tem mais de uma tatuagem do Pelotas, mas as pessoas ficam bem espantadas assim. (+) E a minha opinião sobre o time rival, deixa eu pensar, (+) hoje, eu respeito (+) hã... (+) os diretores do Brasil, os diretores do Brasil, e parabeno né por estarem onde estão, que o meu time, os presidentes do meu time mesmo, está bem difícil, não não tem aquela de matar no peito, de botar a cara a tapa para fazer e acontecer, se um pode o outro também tem condições de chegar lá onde o Brasil está. Eu respeito então, os diretores do clube, os torcedores de, que são torcedores que não são ignorantes, eu mesmo, eu mudei muito, eu passava na rua, alguém mexia comigo, eu revidava, eu era a locona, só que eu vi, me meti em algumas confusões, e eu vi que isso não leva a nada, então, não... mudei a minha opinião, porque antes ‘Ah, tu é Brasil, não gosto de ti!’ – tom de raiva – hoje, o meu namorado é Brasil – risos – por incrível que pareça! Então, tem alguns torcedores que realmente, assim ó, tu não pode conversar, tu não pode passar na rua que eles têm que mexer, (+) que eles não não, para mim são torcedores (+), é que nem tu tu querer bater numa pessoas porque está com uma camiseta do time rival, tanto do Pelotas também acontece isso, não vou dizer que é só do time rival, mas hoje então a minha opinião sobre o time rival, eu respeito (+) o presidente deles que

tem capacidade para para estar onde está, e a torcida né porque é bem apaixonada, mas acho a minha mais – risos – ((E... eu acho que tu já me falou um pouco sobre a mulher, e sobre a mulher estar no estádio (+), não sei se tens mais alguma questão assim sobre isso...)) É, foi como eu te disse né, porque quando eu era pequena era assim ó, muito pouco, hoje está bem forte assim, quando eu participava de uma torcida organizada tinha um núcleo feminino da torcida que tinha bastante mulheres, e cada vez mais cresce o número delas no estádio. ((Eu também acho que a mulher ocupou esse espaço, mas eu não consigo ainda, eu não consigo ainda pensar que não não há o preconceito...)) Uhum! ((... porque como tu me disseste né, é, que quando as pessoas veem que tu tens a tatuagem, ainda mais 3 tatuagens, que elas ficam apavoradas né?!)) Ficam! No estádio em si (+), eu particularmente, fico com receio às vezes de, está um calorão, vamos supor, quando o Pelotas estava na primeira divisão no calorão de janeiro, de botar um *short*, porque é um local, querendo ou não, tem mais homens né, até que tem bastante mulher, mas tem homens, e aí eu já não me sinto confortável para usar uma roupa mais curta assim, (+) pode ser até preconceito da minha parte, mas eu não não não me sinto a vontade porque os homens olham né. ((E deixa eu te perguntar outra coisa, que tu me falaste que tu de repente é uma minoria, será que a gente ainda pode falar que ainda existe divisão de classe assim entre as torcidas, que existe que o Pelotas seria da elite e o Brasil do povão?)) Olha, para mim hoje isso não tem mais com relação aos torcedores que vão ao estádio, porque como eu te disse, eu acho que a torcida do Brasil é a maior da cidade, mas envolve também, na minha opinião, a relação social, porque (+) tu vai nos bairros, a maioria são torcedores do Xavante pela família já ser, e... mas nunca foram no estádio, então eu acho que mais envolve (+), hoje em dia mesmo, para ti ir ao estádio está, não não é barato (+) não é barato, e... não que tu tenha que ter uma condição boa para ti, mas para ti estar presente em todos os jogos do teu time, tu tem que estar bem financeiramente porque hoje está bem caro, mas em relação assim, a meu ver, vamos supor, no meu bairro, que eu moro na Guabiroba, conheço bastante... a maioria, com certeza, é torcedor do Brasil, e conheço bastante torcedor do Pelotas também, aí vamos supor... em outro bairro, no Navegantes, tem uma tia minha que é Pelotas, mora lá, mas – tom de ênfase – assim ó, tu passa, ela tem os vizinhos, tu passa e tu vê muita bandeira do Brasil porque também é ali por perto, mas que tem mais torcedores, é a minha opinião assim. ((Então tá, não sei se tu tens mais alguma consideração que tu gostarias de me falar do teu time, da tua relação com o teu time...)) Olha, no início eu me emocionei, eu assim, eu me emociono muito fácil, mas o Pelotas, eu já tentei ver jogo de outro time e não... é uma coisa que eu não sei explicar assim, tem que sentir... se a gente não sente... / ((Não entende!)) / não entende! E é uma sensação muito boa, o Pelotas agora mesmo está numa situação bem ruim e eu não não me vejo trocar de time, eu sei que são fases, uma hora um está bom, o outro está ruim, e eu não me vejo trocando de time porque é uma sensação que eu sinto que eu gosto, que eu tenho o prazer de ir, pode estar o calorão que tiver, o frio que tiver, eu vou estar lá torcendo para ele ganhar, sempre. E sempre torcendo para o time, não para a torcida. E era isso! ((Então tá! (+) Muito obrigada!))

Segunda parte:

((Vamos continuar então, me conta!)) Então, eu me candidatei num concurso né, para ser garota lobão que eram lá nas piscinas do do parque recreativo, e aí eu ganhei. Me lembro que quando eu me inscrevi, eu me inscrevi... e o rapaz... eu fui lá me inscrever, saber informações na verdade, (+) e eu estava numa loja ali no centro e aí me ligaram, deixei os meus dados todos, me ligaram: ‘Oi, Iândora, aqui é o Adriano...’, acho que é Adriano o nome dele, ‘... eu estou te ligando que tu te inscreveu no no Garota Lobão lá das piscinas, e eu queria saber se tu não quer ser Musa do Pelotas?’, e eu ‘Ai, como assim?!’ – tom eufórico – E eu só tinha a tatuagem do símbolo do do Pelotas na época, ‘E eu aí quero!’, e ele, ‘Ai, tem como tu vim aqui agora?’, e eu: ‘Tenho!’, mais, fui correndo – tom eufórico – e eu tremia assim, ‘Ai, pai!’, meu pai estava junto comigo, ‘Ai pai, vou ser Musa do Pelotas, depois do Gauchão’ – tom eufórico – bem louca! Aí eu cheguei lá, ele me deu uma ficha de inscrição, e eu peguei a caneta, comecei a escrever a letra I, e perguntei: ‘Tá, mas pode menor?’, e ele: ‘Bah! Não me diz que tu é menor!’, e eu: ‘Bah! Sou!’ – tom de desânimo – [((Ah!))] Aí ele foi olhar o regulamento e não podia [((Nossa!))], e aí

eu fui lá... [((Que decepção!))] É! Fiquei muito chateada! Aí voltei para desfilar, aí exigiram, o biquíni tinha que ser tons azul, que não adiantava né colocar lá uma menina de biquíni rosa – risos – aí eu me lembro que eu fui, fui toda arrumada, convidei toda a minha família porque nós somos sócios, sócios de lá, mas aí eu convidei a minha irmã, uns amigos nossos, e aí mandei fazer um biquíni todo azul, todo azul, e aí tinha um uns lacinhos amarelos e na parte de baixo uma barra amarela, e aí eu me lembro que desfilei muito nervosa sempre, desfilei, e aí quando foram anunciar o resultado ‘Aaaaah ganhou a Iandóra!’ – risos – é Iandóra, e eu gritei bem louca, e aí eu me lembro que tinha umas pessoas que até gritavam que era marmelada por causa da tatuagem, e não foi, não foi, e aí eu nunca me esqueço. ((Quais eram as regras? Era só desfile?)) Só desfile! ((Só desfile?)) E desfile é um horror! – risos – De biquíni na beira da piscina. E aí quando eu ganhei, foi muito engraçado assim ó, o meu pai achou que eu tinha ganhado o Garota Verão – risos – ((Ah, mas eu imagino, se ele é Pelotas!)) Chegou em casa com o hino do Pelotas, buzinando – risos – ((Ai, que bonitinho!)) É! Eu me inscrevi também (+) num outro ano (+) que eu achei os critérios bem... bem diferentes assim, que eu fiquei em último lugar, mas não era um concurso de quem era a mais fanática, era um concurso de beleza, mas na minha opinião né, para ficar em último lugar... (+) ((No mesmo concurso?)) Não! Outro! Me candidatei em outro que daí foi o Musa do Pelotas mesmo. [((Humm))] Do time, do clube. ((Entendi! Ah da outra tu vez não pode porque tu não tinha idade!)) E aí fiz, tiveram etapas, nada de biquíni né! ((Tu me falaste uma palavra: fanático. O que é ser fanático?)) Fanático é ser bem louco, é ser doente pelo time assim, (+) fanatismo é tu... ((É porque quando eu penso em doença, eu penso em algo negativo...)) É! É que é uma palavra assim ‘Ai, ele é doente!’, ‘Meu pai é doente pelo Pelotas!’, ele fala, ele fica brabo, fica muito brabo, fica emburrado quando o Pelotas perde, fica sem falar com ninguém, hã... deixa eu pensar em outro... ((Uma palavra que tu possas substituir?)) Ao invés de ser doente? (+) Apaixonado! ((Ah... tá bom!)) – risos – ((Aceito! Para mim faz sentido!)) Ok? ((Queres me contar das tuas loucuras ou não?)) Não! – risos – ((Tá! Então tá, obrigada!)).

Tatuagens



ANEXO 22 – Entrevista do sujeito tatuado torcedor B. 01M

Transcrição

((Bom, então tu podes me contar sobre esses aspectos e fica bem à vontade!)) Tá. É, a minha tatuagem, a tatuagem que eu tenho é um distintivo né do Grêmio Esportivo Brasil, é o distintivo mesmo, só ele assim, na perna, na canela né, do lado, na parte de dentro, e eu escolhi fazer nesse lugar assim mais porque fica mais escondido. Como eu sou jornalista, e eu fico, eu puxo mesmo para o lado do esporte, bah vá que um dia eu vá trabalhar com o jornalismo esportivo e tenho uma tatuagem de time sabe!? Não não não dá para também meio que confundir as coisas. Hã... bom, a inspiração para o desenho é basicamente né, o distintivo mesmo, até pensei em fazer de repente uma índia ou um índio assim que representasse, mas acho que o distintivo estava tranquilo, mais discreto assim para para o que eu queria no momento né / ((Eu acho que tu não falaste qual era o time...)) / é... eu falei, do Grêmio Esportivo Brasil [((Ah, desculpa!))] – risos – e a motivação para tatuar foi assim, eu, faz tempo que eu estava querendo fazer uma tatuagem do Brasil, eu comentava com as pessoas: ‘Eu quero fazer uma tatuagem do Brasil’, ‘Ah não faz, tu é louca!’, né, ‘Tu vai te arrepender!’, eu dizia: ‘Não, não vou!’, aí quando o Brasil estava jogando a série C que eu vi a possibilidade da gente subir para a B mesmo, eu falei: ‘Não, se o Brasil...’, eu fiz a promessa, ‘Se o Brasil subir para a B, eu vou fazer a tatuagem!’, e o Brasil subiu, subiu em outubro do ano passado né, e aí eu disse: ‘Não, eu vou fazer!’, aí consegui fazer agora e foi essa a motivação, uma hora vou ter que fazer, subiu vou ter que fazer, promessa! Hã... eu me tatuei agora, foi em 11 de agosto, desse ano, é bem recente é, demorei [((É mesmo!))] foi quase 1 ano depois do acesso eu fiz a tatuagem, ainda demorei. E o significado da tatuagem para mim é tudo né, não tem nem como, não dá nem para explicar assim, colocar e palavras, é até meio clichê que a gente diz que o amor pelo Brasil a gente não consegue explicar né, a gente só sente. Então eu eu mostro para todo mundo, quando eu fiz, na primeira semana, ‘Ah, olha a minha tatuagem!’, ia levantando a perna e tal – voz empolgada – as pessoas falavam: ‘Ah que legal!’ e tal... Hã... o s, bom, para as pessoas, elas sempre acham estranho né, tu mostra no primeiro momento, tu mostra a tatuagem de time e as pessoas se assustam: ‘Ah que louca, tatuou o time!’ sabe, ‘E se o time fecha?’, sei lá, pára de existir, sabe, e aí as pessoas ficam meio assim, porque tatuagem é uma coisa que não sai né?! ((É! E nunca te falaram porque tu és mulher? Assim, não notasse alguma diferença?)) Humm... não. Por incrível que pareça não. Não, nesse quesito tatuagem assim não, né, mais é de ir em estádio. ‘Ah o que tu quer fazer lá no meio de um monte homem?’, essas questões assim, mas com a tatuagem eu não senti muito, as pessoas achavam até, né, algumas, ‘Ah, legal!’ e tal, mas nunca fizeram essa... por ser mulher assim, é mais pelo pelo susto de ser uma tatuagem, um negócio que não sai, vai ficar marcado na pele assim, sabe, é esse susto assim. E a opinião sobre o time rival, assim, é é uma construção né, é porque a gente acaba... claro, tem aquela rivalidade né e tal dos times obviamente, mas, eu acho que como eu escrevo para um um blog chamado Toda Chancha, eu posso? [((Claro!))] e... e a gente aprende a conviver, porque são só torcedores de times do interior, então, eu me formei com uma amiga minha, que ela é torcedora do Pelotas, então a gente acaba criando um carinho pelas pessoas que a gente convive assim, que a gente acaba tendo um limite assim sabe, de respeito, né, que a gente tem até um certo ponto, a gente tem ali, aquela corneta assim, mas a gente sabe a hora que tem que parar né, então, mas o Pelotas tem que existir né, não adianta, né, um não vive sem o outro, não não dá para não ter essa rivalidade, é uma coisa muito legal né?! Então agora a gente está meio desnivelado assim né, sem Bra-Pel, sem... – risos – ((Qual é a promessa para a série A?)) – risos – Pois é, para a série A agora estou vendo, teve uma amiga minha que já disse que se subir para a série A, ela vai tatuar o rosto do Rogério – risos – ((Ah meu Deus, será?)) É, pois é... ((É, eu vou estar na tese ainda!)) – risos – É, viu ó, já dá para incluir também! Acho que não sei se respondi tudo? ((Acho que

sim!)) Consegui! ((Obrigada!)) Capaz! Imagina! Se tu precisares de mais gente, eu tenho duas amigas também que tem tatuagens.

Tatuagem

